

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPCS

Representações sociais sobre a capoeira no Brasil

Joinville

2012

DIOGO MARINHO DE OLIVEIRA

Representações sociais sobre a capoeira no Brasil

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) como requisito para obtenção do título de mestre, sob a orientação da Professora Doutora Sandra P. L. de C. Guedes.

Joinville

2012

RESUMO

Esta dissertação procura compreender as representações sociais da capoeira em quatro capitais brasileiras, comparando duas com maior influência da cultura afro-brasileira, Salvador e Rio de Janeiro, com Curitiba e Florianópolis, onde não houve tanta influência. Para tanto, utilizou-se a teoria das representações sociais a fim de entender os mecanismos de construção do conhecimento dos indivíduos nos seus diferentes grupos sociais, destacando o senso comum, a cultura popular e as formas de comunicação da sociedade. Empregaram-se pesquisas bibliográfica e de campo, e o instrumento de coleta de dados foi um formulário com 29 questões aplicado a 340 indivíduos divididos em profissionais e alunos de capoeira das quatro capitais. Os grupos encontrados relacionam-se às três principais vertentes da capoeira: angola, regional e contemporânea. Como principais resultados, percebeu-se que, para grande parte dos entrevistados, a capoeira é uma manifestação cultural de origem afro-brasileira, que seu reconhecimento como patrimônio cultural valoriza sua identidade e que ela tem boa imagem no país, além de maior importância para a cultura local do Rio de Janeiro e de Salvador. Quanto ao seu plano de salvaguarda, predominaram entrevistados que o desconhecem. A forma de comunicação mais eficaz entre os capoeiristas é a oralidade, talvez pela falta de divulgação na mídia e pela tradição da capoeira, entretanto a internet é o meio de comunicação mais citado para se representar a capoeira à sociedade. Os participantes afirmaram que a prática da capoeira é um instrumento de educação e construção de identidade, pois modifica o jeito de ser do praticante, e possui aspectos positivos, como a promoção à saúde, amizade e cultura. A maioria dos profissionais averiguados disse atuar em escolas públicas e privadas. Assim, vê-se que a valorização da capoeira como patrimônio cultural pode ser aprofundada com mais participação sociopolítica da comunidade, no sentido de exercer direitos e deveres sobre a execução do plano de salvaguarda. Também é necessária uma melhor estruturação nas instituições de ensino, local mais mencionado para a docência, visando a ações de educação patrimonial que combatam o preconceito e valorizem a história, memória e identidade dessa manifestação cultural no país.

Palavras-chave: Representações sociais; capoeira; patrimônio cultural.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the social representations of capoeira in four capitals, comparing two of the most influential Afro-brazilian culture, Salvador e Rio de Janeiro, with Curitiba and Florianópolis, where no such influence. For this, we used the theory of social representations in order to understand the mechanisms of constructing knowledge of individuals within their social groups, emphasizing common sense, popular culture and the forms of communication in society. Were employed bibliographical and field research and data collection instrument was a form with 29 questions applied to 340 individuals divided into students and professionals of the four capitals of capoeira. The groups found are related to the three main schools of capoeira: angola, regional and contemporary. As main results, it was noticed that, for most respondents, capoeira is a cultural manifestation of Afro-brazilian origin, that its recognition as cultural heritage values his identity and that it has a good image in the country, and of greatest importance to local culture of Rio de Janeiro and Salvador. As for your plan to safeguard the predominant respondents unaware. The most effective form of communication among capoeiristas is the orality perhaps the lack of media coverage and tradition of capoeira, though the internet is the medium most often quoted to represent capoeira at society. The participants noted that the practice of capoeira is a tool for education and identity building, because it changes the way of being of the practitioner, and has positive aspects, such as health promotion, friendship and culture. Most professionals said ascertained act in public and private schools. Thus, we see that the value of capoeira as a cultural heritage can be enhanced with more social and political participation of the community in order to exercise rights and duties on the implementation of the safeguard plan. Also need a better structure in educational institutions, most mentioned place for teaching, aimed at actions heritage education to combat prejudice and appreciate the history, memory and identity of this cultural manifestation in the country.

Keywords: Social representation; capoeira; cultural heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 CAPOEIRA: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL BRASILEIRO.....	12
1.1 A CAPOEIRA NO BRASIL	23
1.2 CAPOEIRA HOJE: O PAPEL DO ESTADO NO “CAMPO DE MANDINGA”	49
2 ÁGUA DE BEBER:	63
2.1 RIO DE JANEIRO.....	64
2.2 SALVADOR.....	80
2.3 CURITIBA.....	91
2.4 FLORIANÓPOLIS.....	96
3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	100
3.1 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O SENSO COMUM	104
3.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURA E TEMPO PRESENTE	108
4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA NO BRASIL	112
4.1 ANÁLISE DOS DADOS: A CAPOEIRA EM QUATRO CAPITAIS	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS.....	203
APÊNDICES.....	212
APÊNDICE A–MODELO DO FORMULÁRIO APLICADO.....	213
APÊNDICE B–TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	214
APÊNDICE C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVILLE.....	215

INTRODUÇÃO

O documentário *Pastinha! Uma vida pela capoeira* (MURICY, 1998) cita uma frase de Vicente Ferreira Pastinha, um dos maiores expoentes da capoeira angola, conhecido como mestre Pastinha, que traduz em essência o corpo e a intenção deste trabalho: “Se as pessoas conhecessem a capoeira como eu e meus alunos a conhecemos, dariam a ela o que ela merece” (MURICY, 1998).

Meu primeiro contato com a capoeira foi com cerca de 10 anos de idade, quando ao avistar uma roda de capoeira na rua XV de Novembro, no centro da cidade de Curitiba/PR, fiquei muito empolgado e pedi à minha mãe para aprendê-la. Lembro-me muito bem das suas palavras naquele dia, representações sobre a capoeira vindas de uma mulher negra, nascida no Paraná, na época com uns 40 anos, moradora da capital paranaense desde os 18: “Capoeira é coisa de maloqueiro, preto da favela! Coisa de presidiário!”. Aquelas palavras ficaram na minha imaginação, criaram uma representação, mas ao mesmo tempo afastaram-me completamente da capoeira, pelo menos até eu completar 14 anos e me matricular numa academia perto de casa, no ano de 1997.

A influência maior para começar a treinar foi o filme *Only the strong*, título que no Brasil foi traduzido para *Esporte sangrento*. Ele conta a história de um soldado americano que, após aprender capoeira na Amazônia (norte-americanos adoram esse lugar), utiliza-a como forma de inclusão social para uma gangue de alunos adolescentes de uma cidade dos Estados Unidos. Segundo Passos Neto (2011), o longa foi um fenômeno em termos de mídia para a divulgação da capoeira naquela década. Assim como eu, muitos capoeiras de hoje iniciaram seu aprendizado por causa dele e pela representação das belas imagens dos golpes e movimentos da capoeira, item que o cinema norte-americano é especialista em explorar.

Conforme meu aprendizado avançava, o preconceito da minha mãe em relação à capoeira e às suas representações aos poucos foi sendo alterado. Após ver as aulas, rodas, apresentações e assistir ao meu batizado, ela passou a entender melhor o contexto e perceber que “maloqueiros”, “pretos da favela” e até mesmo “presidiários” podiam praticar uma atividade com *playboys*, universitários, profissionais liberais, enfim qualquer pessoa, sem preconceito de ambas as partes.

Desde o ensino médio procurei investigar a capoeira em trabalhos escolares, basicamente ligados às disciplinas de Educação Física e História. A escolha pela

licenciatura em Educação Física foi motivada pela minha ligação com a capoeira. No trabalho de conclusão de curso, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), redigi a monografia *Perfil motor de praticantes de capoeira de 6 a 10 anos de idade*, quando pesquisei a contribuição da capoeira ao desenvolvimento motor de crianças no ensino fundamental I.

Mais tarde, em 2009, fiz uma especialização *latu sensu* em Educação Infantil com ênfase em Educação Especial, realizada no Instituto de Pós-Graduação e Extensão (IPGEX), em São Francisco do Sul-SC, quando o foco do artigo final foram os resultados da inserção da capoeira como conteúdo das aulas de Educação Física do ensino fundamental I em uma escola pública municipal, na qual eu já ministrava aulas de capoeira desde 2005.

O registro da capoeira como patrimônio cultural, em 2008, despertou meu interesse em direcionar meus estudos para a ligação da referida arte com o patrimônio cultural. Logo, um dos objetivos de cursar o mestrado interdisciplinar em Patrimônio Cultural e Sociedade foi ampliar os conhecimentos sobre a capoeira como patrimônio cultural imaterial e verificar suas implicações para os próprios capoeiras, para o meio acadêmico e para as instituições de ensino.

Desse modo, procurei relacionar os conhecimentos adquiridos ao longo de 14 anos de prática de capoeira com a minha formação acadêmica – graduação em Educação Física e especialização em Educação Infantil – nesta dissertação de mestrado, visando aprofundar e socializar os conhecimentos a respeito da história recente da capoeira no Brasil diante da sua nova condição de patrimônio cultural imaterial brasileiro e tal qual objeto de estudos acadêmicos.

Como tema de estudo, a capoeira vem sendo amplamente investigada por autores de diversas áreas do conhecimento desde os anos 1980, como da Educação Física, História, Sociologia, Antropologia, entre outras. Todavia, com o recente fato do registro, faz-se necessário aumentar tais estudos sob o aspecto de patrimônio cultural, num processo de avaliar as consequências dessa ação no tempo presente e a participação da comunidade capoeirística na salvaguarda do bem cultural.

O registro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), da roda de capoeira e do ofício dos mestres, em 2008, mobilizou discussões e abriu novas possibilidades de interpretação quanto a essa manifestação antiga da cultura afro-brasileira. Suas apropriações passaram a ser tema de estudo e disputa dos

grupos que a constituem, permitindo que a pesquisa encontrasse campo para investigação.

A demanda por ações de reconhecimento das manifestações culturais populares, sobretudo de matriz africana, cresceu no Brasil e fortaleceu-se a partir do início do século XXI, revelando uma consciência de mobilização democrática na sociedade. Exemplos disso são os registros de bens culturais imateriais, a Lei n.º 10.639/03¹ e o Estatuto da Igualdade Racial². Contudo, pesquisas acadêmicas que possam apresentar dados relacionados com essa demanda são importantes ferramentas de apoio.

Culturalmente muito rica, presente no Brasil desde o século XVIII e apesar de ter recebido o título de patrimônio nacional, a capoeira expõe suas necessidades por intermédio de seus mestres e praticantes, os quais estão em constante busca de reconhecimento, como o direito de ministrar aulas de capoeira em escolas públicas e universidades sem precisar de formação em Educação Física; a valorização dos antigos mestres por meio de aposentadorias especiais e seu notório saber; o apoio definitivo a projetos sociais; o fomento para eventos; e a manutenção dos espaços específicos à prática.

Para tanto, pesquisas que possam identificar as opiniões, os discursos, as práticas e os anseios da comunidade são de extrema importância para o tempo presente da capoeira no Brasil. Por isso, este trabalho está baseado na teoria das representações sociais, desenvolvida pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici, com vistas à compreensão de quais são e como se constroem as representações sociais sobre a capoeira no Brasil.

Em revisão bibliográfica realizada para esta dissertação, há duas referências envolvendo a teoria das representações sociais e a capoeira – Silva (2006) e Melício (2009) –, porém nenhum dos dois autores enfoca a capoeira como patrimônio

¹ A lei trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira em instituições de ensino fundamental e médio, públicas e particulares, em todo o país. Ela entrou em vigor em 9 de janeiro de 2003. Seu conteúdo na íntegra pode ser acessado em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>.

² O estatuto é resultado do projeto de lei n.º 6.264 de 2005, no qual o Senado Federal estipulou o objetivo de garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnico-raciais individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnico-racial. Contudo, somente foi decretado em 20 de julho de 2010, com a Lei n.º 12.288. Pode ser consultado em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>.

cultural. Percebe-se a necessidade de se entender as alterações dessa manifestação e seus agentes perante a nova titulação da capoeira no Brasil.

Veem-se as representações sociais como uma maneira de compreender os mecanismos de construção do conhecimento dos indivíduos nos seus diferentes grupos sociais focando, especialmente, o senso comum, a cultura popular e as formas de comunicação da sociedade. Portanto, é possível pensar que o título patrimônio cultural pode ser algo não familiar para os praticantes de capoeira no país.

O recorte elaborado para a presente pesquisa é fundamentado em quatro capitais do país: Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA. Foram escolhidos os dois primeiros locais em função da distância e facilidade para a coleta de dados, pois estudo em Joinville, cidade próxima da capital de Santa Catarina, e porque nasci e iniciei meus conhecimentos sobre a capoeira em Curitiba, capital do Paraná. Ambas as cidades também têm influências da história e da cultura afro-brasileira e da capoeira, entretanto em diferentes proporções que as outras duas capitais selecionadas aqui e que não poderiam ficar de fora desta amostra. O Rio de Janeiro e Salvador são consideradas pela maioria dos praticantes as cidades símbolo da capoeira no Brasil; Salvador é tida como a capital mundial da capoeira por seus praticantes.

Para a realização do estudo, elaborou-se uma pesquisa bibliográfica envolvendo os temas capoeira, patrimônio cultural e representações sociais. Já no começo constatou-se a importância deste trabalho, em virtude da inexistência de publicações que articulem os três temas. A relação entre capoeira e história do Brasil é um dos assuntos mais recorrentes nas investigações acadêmicas no tocante à capoeira dos últimos 20 anos no país, publicadas por autores de diversas áreas do conhecimento (SOARES, 1994; 1998; PASSOS NETO, 2011). Desse modo, tais estudos serviram de base para compreender o contexto de cada capital, a influência na elaboração das representações e a relação da história com o conceito de patrimônio cultural conferido à roda de capoeira e ao saber de seus mestres. A construção do objeto de pesquisa levou em consideração sua relevância sociocultural em nosso país e sob o aspecto de tema de pesquisa acadêmica, bem como sua capacidade de gerar representações e sua resistência histórica e expansão na nossa sociedade.

Num segundo momento fez-se um formulário de pesquisa (apêndice A) com 29 questões cujos objetivos eram identificar e classificar os participantes e posteriormente levantar suas representações sobre a capoeira. A primeira versão desse formulário, em forma de pré-teste, foi aplicada em Joinville/SC após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (Univille) em 10 praticantes de capoeira, para verificar a viabilidade do formulário e possíveis alterações necessárias, o que foi bastante útil e ajudou a melhorar o instrumento de pesquisa.

Os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa foram feitos por meio de redes sociais e *sites* da internet. Depois de identificada uma grande parcela de mestres e alunos, maiores de 18 anos, praticantes de capoeira das referidas capitais, enviaram-se os formulários via *e-mail* juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (apêndice B). Feita a coleta desses dados, foi também desenvolvida uma pesquisa de campo, com o intuito de completar as respostas necessárias da amostra e visualizar melhor a formação das representações. Para tanto, visitaram-se academias e outros locais onde ocorre a prática da capoeira, assim como acompanharam-se eventos, batizados, palestras, festivais de cantigas, campeonatos, fóruns e rodas de rua nas quatro capitais, completando o total de 340 indivíduos pesquisados.

Os objetivos principais deste trabalho foram identificar as representações sociais sobre a capoeira em Florianópolis, Curitiba, Rio de Janeiro e Salvador com base na visão de seus praticantes, mestres e alunos, e sobretudo compreender como essas representações são formadas e, prioritariamente, quais ações são tomadas pelos grupos em função das suas representações.

Para demonstrar os resultados desta pesquisa, a dissertação foi dividida em quatro capítulos, nesta ordem: “Capoeira: patrimônio cultural imaterial brasileiro”; “Água de beber”; “A teoria das representações sociais”; e “Representações sociais sobre a capoeira no Brasil”.

No primeiro capítulo, procurou-se apresentar por meio de uma pesquisa bibliográfica os significados da capoeira em termos de patrimônio cultural imaterial brasileiro. Para tanto, contextualizou-se a história da capoeira e foram levantadas suas contribuições para a memória, identidade e cultura na formação da sociedade brasileira. No desenvolvimento desse capítulo, elucidaram-se os significados da

capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro, e as consequências inerentes a esse reconhecimento pelo país.

No segundo capítulo apresentam-se uma síntese da história da capoeira nas quatro capitais selecionadas, suas particularidades e seus contextos diferenciados pela presença da cultura afro-brasileira envolvendo a formação da capoeira. Também estão presentes seus principais desafios como patrimônio cultural, suas relações com as medidas adotadas pelo Estado após o registro do Iphan em 2008 e as implicações desse ato para o futuro do bem cultural no Brasil.

A teoria das representações sociais (TRS) é abordada no terceiro capítulo. Nessa parte, a meta é demonstrar como ela pode ser utilizada para serem compreendidas as opiniões dos grupos envolvidos em uma manifestação cultural, suas formas de construção do conhecimento sobre o tema e, principalmente, as ações por eles desenvolvidas relacionadas à atividade. Nesse sentido, enfocou-se a TRS sob seu aspecto de estudo do senso comum, ou seja, das opiniões, da linguagem e da visão dos seus próprios agentes, direcionando a teoria para uma manifestação cultural e suas modificações no tempo presente, tendo em vista o recente título conquistado pela capoeira.

No último capítulo, é explicitado o método de pesquisa e são apresentados e discutidos os dados obtidos com os formulários aplicados nas quatro capitais brasileiras selecionadas. Observam-se as respostas dos 340 indivíduos participantes, divididos em duas categorias: profissionais e alunos. Como discussão desse capítulo, existe uma interpretação dos dados e das representações sociais encontradas, com foco na comparação entre as categorias e as capitais, além do posicionamento do autor a respeito da capoeira como patrimônio cultural.

Portanto, pelas representações sociais sobre a capoeira nas capitais selecionadas, estima-se que será possível propor novas ações na temática do patrimônio cultural, tendo em vista que a compreensão das representações sociais dos indivíduos são formas de preparação para operações e transformações do meio social. Além disso, espera-se que essas ações possam efetivamente contribuir para a constante valorização da capoeira como patrimônio cultural por seus agentes, mestres, alunos, comunidade acadêmica e outros integrantes da sociedade brasileira em geral.

1 CAPOEIRA: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL BRASILEIRO

No dia 15 de julho de 2008, no Palácio Rio Branco, em Salvador, Bahia, integrantes do Ministério da Cultura, do Iphan e do governo da Bahia, bem como mestres, praticantes e pesquisadores brasileiros de capoeira, presenciaram a votação dos membros do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan para o reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Após aproximadamente 300 anos de história no país, o atual desfecho da relação Estado e capoeira foi uma nova forma de valorização dessa prática cultural. Do lado de fora, na Praça Tomé de Souza, os protagonistas comemoravam à sua maneira: várias rodas de capoeira reuniam ao mesmo tempo crianças, jovens, adultos, idosos, homens, mulheres, negros, brancos, pobres e ricos numa demonstração prática do valor dessa manifestação cultural afro-brasileira (LEMLE, *web*, 2008).

É possível afirmar que a capoeira consiste em uma manifestação cultural de origem afro-brasileira que se destaca por seu caráter multifacetado, englobando elementos de jogo, luta, dança, rito, folclore, ritmo, esporte, filosofia, entre outros. Ao longo da história, ela sofreu diversas transformações, seja no seu jeito de ser ensinada e praticada, ou até mesmo em sua concepção filosófica – exemplo disso são as atuais vertentes em que se divide e que nesta pesquisa ficam claras as suas particularidades e diversidades. Basicamente são três segmentos: capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea.

A capoeira regional é a vertente criada por Manoel dos Reis Machado por volta da década de 1930 em Salvador. Nasceu com o nome luta regional baiana, a fim de driblar a repressão, ainda vigente sobre a capoeira na época. Seus objetivos, segundo o mestre Bimba, eram resgatar a capoeira como luta e torná-la uma prática esportiva por meio de elementos como o método, as regras, os regulamentos, os cursos e as formaturas. Bimba modificou a postura do capoeira durante o jogo, colocando-o mais ereto; retirou os meneios, enfatizando a eficiência da técnica e a velocidade do jogo; e reduziu a intensidade dos rituais, como as transformações nas cantigas.

A denominação de capoeira angola surgiu depois da criação da capoeira regional, na década de 1930, quando seus representantes, sendo mestre Pastinha o mais conhecido, tiveram a necessidade de se diferenciar da nova maneira regional

de se praticar capoeira pelo termo angola, com o objetivo de criar identificação com os possíveis criadores da luta, os africanos de Angola escravizados no Brasil. Caracteristicamente ela apresenta elementos antigos da prática, como o lúdico, o ritual e a postura do capoeira, com um jogo menos técnico e mais instintivo.

A capoeira contemporânea é a vertente mais recente das três. Ela teve seu surgimento após a expansão da capoeira regional, em meados da década de 1970, para a Região Sudeste do Brasil e resulta numa síntese da capoeira angola e regional assumindo elementos das duas, porém sem se aprofundar na filosofia, no método ou nos rituais de ambas. Está focada nos princípios esportivos, como o treinamento físico, visando o alto rendimento, a *performance* técnica, a estética e a postura capitalista e organizacional, estando voltada à expansão dos seus respectivos grupos/escolas/associações, à realização de competições esportivas amadoras e à inserção em academias de ginástica. Também é conhecida como capoeira moderna ou técnica.

Particularmente não se concorda com a denominação capoeira contemporânea em distinção da capoeira angola ou regional, pois o termo contemporâneo refere-se a algo que existe ao mesmo tempo. Logo, as vertentes angola e regional também são contemporâneas, porque não se extinguiram para a formação de uma nova capoeira. O nome capoeira moderna pode se encaixar melhor na definição dessa vertente, segundo alguns dos próprios mestres que a defendem. A prática efetiva de todas as vertentes acontece na roda de capoeira, onde ficam dispostos os capoeiristas¹, acompanhados de instrumentos musicais de percussão, como berimbaus², pandeiros e atabaques³, podendo também haver agogô⁴ e reco-reco⁵, estes dois últimos mais comuns em grupos de capoeira angola.

¹ Denominação dada ao praticante de capoeira, idem a capoeira(s).

² Arco de madeira com um arame ou fio de aço estendido entre as duas extremidades, sobre o qual se comprime uma moeda ou dobrão e se percute uma vareta, e com uma cabaça, como dispositivo de ressonância, na base. Possivelmente foi trazido da África para o Brasil por ambulantes, que o utilizavam para atrair a atenção de fregueses, mas é um instrumento de presença registrada em várias partes do mundo. Em Cuba, era vinculado a cultos de origem africana sob o nome de *burumbumba*. No Brasil, conhecido às vezes como urucungo ou gunga, só no fim do século XIX foi incorporado à capoeira baiana (SODRÉ, 2002).

³ Instrumento de percussão de origem africana. Trata-se de uma estrutura de madeira semelhante a um cilindro, com uma tampa de couro na extremidade superior e afinação com cordas e cuias. Serve para acompanhar o berimbau durante a roda (IPHAN, 2007).

⁴ Instrumento que possui duas campândulas de ferro e deve ser percutido com uma baqueta de madeira (IPHAN, 2007).

⁵ Normalmente feito de algumas espécies de bambu, seu som é produzido quando se desliza uma baqueta de madeira por sobre uma área entrecortada de sulcos transversais (IPHAN, 2007).

Ao centro desenvolve-se o jogo, no qual dois capoeiras aplicam golpes de ataque e contra-ataque e realizam movimentos de defesa e de plasticidade corporal, sempre obedecendo ao ritmo dos diferentes toques do berimbau pela movimentação da ginga⁶ e de seus fundamentos inerentes, com cantigas e palmas, além de ainda signos e interpretações próprios da atividade, compondo os elementos necessários para ser considerado capoeirista. Sobre o jogo,

consiste em uma simulação de combate, uma espécie de balé marcial, sempre ritmado por instrumentos e cantos, em que os contendores experimentam, sem realmente bater, golpes, gingando e negaceando. De modo geral, o objetivo é desequilibrar o outro, mais por malícia ou “mandinga” do que por força física (SODRÉ, 2002, p.37).

Portanto, o jogo da capoeira está longe de ser focado pelo viés meramente competitivo da maioria dos jogos esportivos praticados no Brasil (futebol, voleibol, basquetebol, etc.), mas sim em uma perspectiva maior, na qual a cultura se entrelaça com seus símbolos e significados e permeia o jogo, sem regras rígidas. Foi pela valorização da cultura de origem popular que o processo de registro da capoeira como patrimônio cultural ocorreu.

Conforme Cuche (2002), existem duas visões históricas nas ciências sociais sobre o assunto. A primeira, de forma minimalista, considera verdadeira a cultura das elites, enquanto as culturas populares a veem como produto inacabado. A segunda, maximalista, defende a autonomia da cultura popular em relação às influências da elite e, ainda, a superioridade no seu processo de criação. Ambas as abordagens são classificadas como extremas pelo autor, que entende que a realidade é muito mais complexa e não pode ser simplesmente dividida dessa maneira.

Para Canclini (2008), as culturas são “híbridas”, fruto de interações entre o popular e o erudito. De acordo com ele, o estudo da cultura popular pelas ciências sociais encontra várias barreiras ao tentar conceituar e caracterizar o popular como tema de estudo. O autor utiliza o contexto histórico e o desenvolvimento na bibliografia sobre cultura a fim de explicar como o popular foi teatralizado, basicamente, por três forças: pelo folclore, pela indústria cultural e pelo populismo

⁶ Movimento básico que caracteriza a prática da capoeira. Trata-se de um balanço ritmado com o corpo, alternando membros inferiores e superiores em posição de preparação para ataque e defesa.

político. Assim, sobretudo na América Latina, demonstra-se a complexidade da oposição entre alta e baixa cultura, hegemônico e subalterno, tradicional e moderno; não há nada autêntico e autogerado nos grupos populares, porém uma constante reconstrução movimentada pelas necessidades de renda, pelas migrações e pela modernidade tardia em nosso continente.

Talvez a coisa mais alentadora que esteja ocorrendo com o popular é que alguns folcloristas não se preocupam só em resgatá-lo, os comunicólogos em difundir-lo e os políticos em defendê-lo, que cada especialista não escreve só para seus iguais nem para determinar o que o povo é, mas antes perguntar-nos, junto aos movimentos sociais, como reconstruí-lo (CANCLINI, 2008, p.281).

A capoeira como cultura popular foi tema de pesquisa para doutoramento em Educação de Abib (2004), o qual defende hoje em dia a necessidade de humanização e solidariedade nas sociedades modernas, sobretudo nos processos de educação. Ele acredita que as formas tradicionais da cultura popular podem oferecer esses valores, tendo em vista que são construídas numa condição comunitária coesa e atuante.

Muniz Sodré, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), importante pesquisador da capoeira e intelectual baiano, formado pelo mestre Bimba na capoeira regional, alerta:

Nos habituamos a ver cultura apenas ali onde o conceito e a letra exercem o seu mandato de onipotência. Por isso temos dificuldade em reconhecer a sabedoria do analfabeto ou do pobre, cegos para a evidência de que culto ou sábio (e não erudito letrado) é aquele que produz saber a partir da sua precariedade no mundo. Essa dificuldade sempre teve grandes consequências na hierarquização social [...] esperta e desonesta [...]. É que, com ela, o preconceito passa facilmente da ausência da letra para a presença da cor (SODRÉ, 2002, p.17).

Contudo, o Estado reconheceu como patrimônio cultural nacional uma manifestação originária da cultura popular, representativamente negra em sua origem, importante para a sociedade brasileira, estabelecendo quase que um patamar, um selo de qualidade para a capoeira, agora um bem cultural oficializado.

O conceito de patrimônio cultural está ligado às questões de identidade e memória. O termo *patrimonium*, de origem latina, significa “tudo o que pertence ao

pai”; na língua inglesa, *heritage*, remete à herança, algo passível de ser preservado e perpetuado (FUNARI; PELEGRINI, 2006). Historicamente já foi atrelado ao simbolismo religioso, aos pertences antigos, às edificações e aos monumentos, mais tarde também às instituições públicas destinadas à preservação, tais quais museus, bibliotecas, arquivos etc. No século XIX surgiu a ideia de patrimônio, juntamente com a de nação, de maneira especial na Europa, todavia os aspectos valorizados eram materiais, como monumentos e edifícios conhecidos por patrimônio de “pedra e cal” (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

No Brasil, o primeiro órgão federal de proteção ao patrimônio – a Inspetoria dos Monumentos Nacionais – foi criado em 1934, no Museu Histórico Nacional, por iniciativa de Gustavo Barroso (OLIVEIRA, 2008), culminando em 1937 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), depois denominado Iphan. Sobre essa época vale ressaltar a figura de Mário de Andrade (1893-1945)⁷, que propôs ao SPHAN a preservação do bem cultural não tangível além do material, reconhecendo sobremaneira os saberes dos indígenas e afrodescendentes e sua importância para a formação da cultura brasileira.

Em 1972 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) promoveu a primeira conferência para discutir o patrimônio cultural e natural da humanidade, de que participaram 150 países, porém o foco nessa época eram os monumentos, sítios arqueológicos e as paisagens naturais, faltando então a inclusão da face imaterial do patrimônio cultural (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

A construção de políticas públicas relacionadas ao patrimônio cultural imaterial no Brasil é relativamente recente e, por isso, ainda está em constante modificação e aperfeiçoamento. Sua oficialização se deu pelos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, mas apenas em 2000 foram instituídos pelo decreto n.º 3.551 o inventário e o registro de bens culturais de natureza imaterial pelo Iphan. Há pouco tempo essa qualificação foi anexada oficialmente à noção de patrimônio, tratando de forma específica do patrimônio imaterial. Essa vertente se preocupa em salvaguardar as manifestações da cultura presentes em festas, lugares, tradições, folclore, rituais, saberes. Enfim, houve uma ampliação do que se considerava patrimônio cultural.

⁷ Bacharel em Letras, crítico de arte, estudioso do folclore e da música brasileira.

A partir de 2002, com o registro do ofício das paneleiras de Goiabeiras, no Espírito Santo, os bens imateriais foram divididos em quatro livros: o Livro de Registro de Saberes, o Livro de Registro das Celebrações, o Livro de Registro das Formas de Expressão e o Livro de Registro de Lugares (OLIVEIRA, 2008). O Estado comprometeu-se a garantir a salvaguarda mediante a documentação, o acompanhamento e o apoio no processo de reconhecimento e registro dos bens imateriais da cultura brasileira. Portanto, é um critério-chave para a legitimidade de qualquer pleito ao registro a sua relevância para a memória, para a identidade e para a formação da sociedade brasileira (CASTRO, 2008).

A fim de compreender essas ações, é necessário perceber a capoeira como parte intrínseca da cultura afro-brasileira, o que, como objeto de estudo, possibilita uma análise interdisciplinar. Segundo Eagleton (2005, p.16), cultura é “uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do estado”. Entretanto no tempo presente o termo cultura está sendo questionado pelos antropólogos. Em virtude da velocidade de troca de informações, produto do processo de globalização, cultura pode ser entendida como “as informações e identidades disponíveis no supermercado cultural global” (MATHEWS, 2002, p.22).

Além disso, devemos considerar as forças do Estado e as forças do mercado, pois elas moldam a cultura e definem as identidades culturais. Por conseguinte cultura agrega, permite encontro, identidade, humaniza-nos, transforma e define ações em todos os aspectos da vida de cada pessoa, seja no trabalho ou no lazer, em relação à comunidade ou à nação. O escritor baiano Jorge Amado (1912-2001), amigo de mestre Pastinha e profundo conhecedor da cultura afro-brasileira, comentou: “Penso em tanta gente que nos ensinou o que é a vida, porque cultura é vida, e é com o povo que a gente aprende a vida e que a gente se faz realmente culto” (*apud* MURICY, 1998).

A capoeira, se pensada primordialmente como parte da cultura afro-brasileira, envolve elementos simbólicos importantes que superam a condição de luta, atividade física, esporte:

Capoeira não é mera disciplina esportiva, e sim uma arte mandingueira do corpo – em suma, um jogo em que passado, presente e futuro podem pôr-se juntos num movimento ou num repente. Uma cultura, portanto. Não foi o esporte, mas a maestria no jogo da capoeira, exercício simbólico de uma sabedoria ancestral do corpo, que fez mestre Bimba merecer o título de doutor *honoris causa* de uma universidade conceituada (SODRÉ, 2002, p.87).

O simbólico está fundamentalmente ligado a capoeira, como por exemplo na caracterização das vestimentas. A capoeira regional e a contemporânea utilizam roupas brancas e pés descalços, numa provável reconstrução da identidade do capoeira do período escravista; na capoeira angola alguns grupos usam roupas com cores amarelo e preto⁸ e observa-se também o uso obrigatório de calçados. Em algumas ocasiões especiais, alguns grupos de angoleiros vestem o terno branco e chapéu de Panamá em homenagem à galanteria⁹ do passado. Conforme Sodré (2002, p.16), “numerosas culturas tradicionais, como as asiáticas e africanas, são basicamente simbólicas, o que equivale a dizer ‘corporais’, pois partem do corpo para relacionar-se com o mundo”.

É no momento da roda de capoeira que os símbolos e signos se revelam mais presentes, pois uma linguagem corporal é representada durante o jogo e há uma interpretação sentimental por intermédio das cantigas e dos ritmos desenvolvidos, além dos toques de berimbau com suas variações e interpretações pelos participantes:

É a cultura do grupo que dá aos indivíduos os meios de representação do seu corpo. Este, por sua vez, seleciona e assimila os estímulos da ordem social e cultural em que está imerso o indivíduo, ensejando que a linguagem se inscreva em sua corporalidade. O corpo encarna, portanto, mediações simbólicas coletivas: as articulações flexíveis do corpo do capoeirista (as conhecidas “juntas moles”) associam-se à abertura inventiva da cultura dos negros no Brasil (SODRÉ, 2002, p.83).

Destarte, antes da prática, durante e após a ela, a cultura é transmitida, construída e compartilhada por meio da linguagem, dos símbolos, das imagens, dos hábitos, das filosofias e dos costume experimentados naquele ambiente. Esse

⁸ Rememorando o Centro Esportivo de Capoeira Angola (Ceca), do mestre Pastinha, o qual utilizava essas cores em homenagem ao Ypiranga Futebol Clube, seu time do coração (MURICY, 1998).

⁹ Mestre Totonho de Maré foi transmissor dessa expressão, referência à nobreza dos capoeiristas da Bahia antiga (ABREU, 2003).

processo é intensamente elaborado nos diferentes contextos sociais em que a capoeira está inserida; os indivíduos identificam-se e relacionam-se produzindo cultura:

Por isso é que o corpo na capoeira, assim como na dimensão sagrada e lúdica das culturas tradicionais, define-se em termos grupais (mais do que em termos individuais), ou melhor, ritualísticos. Na tradição africana, ele é considerado um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa), tanto físico como mítico, o que faz da conquista simbólica do espaço uma espécie de “tomada de posse da pessoa” (SODRÉ, 2002, p.85).

É com base nesses elementos que a capoeira constitui patrimônio cultural, construindo identidades e pertencimento na relação com seus praticantes, evocando memórias e compartilhando costumes dos antepassados, repassando ritos e aprendizados, compondo a esfera da identidade cultural, valorizando primordialmente o saber dos mestres, dos mais antigos, mais experientes, aptos a repassar a compreensão dos símbolos, dos signos e das tradições da capoeira para as gerações mais novas. Sobre a relação que ocorre entre mestres e alunos e a construção da cultura, observa-se:

A cultura dos capoeiras é uma criação continuada dos sujeitos, mestre e aprendiz, dos seus locutores que se reconhecem e são reconhecidos por outros como “autorizados” a se referir a certos *núcleos identificatórios*, a certas marcas significantes, semânticas e semióticas. Isso chama nossa atenção para os fenômenos de hibridação, ou “ciclos de hibridação”, que acontecem nas, assim chamadas, culturas (CASTRO JÚNIOR, 2010, p. 34).

Perceptível é a influência dessa relação na construção da identidade cultural dos praticantes. Para Mathews (2002, p.47), “identidade é como o eu se concebe e se rotula”. Contudo, como consequência da pós-modernidade e da multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural, Hall aponta que ocorre primeiro

uma desintegração das identidades nacionais pela tendência da homogeneização cultural da globalização; segundo, há um reforço das identidades nacionais e outras locais e particularistas em virtude da resistência ao processo de globalização e, como síntese deste choque, uma terceira consequência: as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando o seu lugar (HALL, 1992, p.72).

Segundo Canclini (2008), a expansão urbana em diversos países da América Latina no século XX foi um dos fatores que contribuíram para a transformação de muitas culturas, tidas como tradicionais e homogêneas, para culturas híbridas, mistas, num cenário dominado pelas redes de comunicação nacional e transnacional das grandes cidades e pelas forças do mercado globalizado. Para o autor, todas as culturas são de fronteira, desterritorializadas, porém ganham novas estruturas e novos conhecimentos com o apoio das modernas formas de comunicação e do processo de reterritorialização.

Inúmeros fatores são capazes de definir nossa identidade cultural, conforme expõe Mathews (2002, p. 106): “Nossas escolhas não são livres, mas condicionadas por nossa idade, classe, gênero e nível de riqueza, e pela cultura nacional à qual pertencemos, entre outros fatores”. Sobretudo o papel do Estado, pelo sistema de educação, aliado ao poder da mídia, pela programação exibida em horário “nobre” em rede de televisão aberta, entre outros fatores, influencia pesadamente as populações com o que se pretende atingir, possibilitando controle e transformações regidos por esses meios (PASSOS NETO, 2011). Sem perceber, estamos condicionados a nos moldar a essas pressões externas.

A identidade cultural pode ser compreendida também como um processo que envolve a memória dos grupos sociais, fundamental para que os indivíduos se estabeleçam no tempo e gerem processos de identificação. Por memória e sua relação com o aspecto histórico-político, utilizou-se o conceito compartilhado por Pollack (1989, p. 2):

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Desse modo, pode-se perceber a constância do termo ancestralidade, muito presente nos discursos dos praticantes de capoeira angola, que consiste em reconhecer, valorizar e evocar a conexão que todo ser tem com seus ancestrais e, possivelmente, com suas memórias.

A ancestralidade, de maneira geral, é considerada relativa aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes. Na roda de capoeira, como fora dela, a relação

do capoeirista com seus antepassados é íntima. O morto, o ancestral, está presente tanto no passado como na contemporaneidade. A essência da ancestralidade é uma relação híbrida do “velho” com o “novo”, do passado com o presente, do visível com o invisível e do imanente com o presente (CASTRO JÚNIOR, 2004, p.149).

Nesse sentido, os conceitos de ancestralidade e memória estão ligados à capoeira, pois ambos evocam o passado. A ancestralidade aqui valoriza as experiências vivenciadas pelos antigos mestres e é utilizada, em alguns grupos de capoeira angola, para buscar as raízes africanas da arte luta. Já em outros grupos, a memória remete-se às condutas da capoeira no passado. Alguns deles justificam sua identidade pela ancestralidade, optando para um trabalho voltado para a parte da luta da capoeira. Outros, por esse mesmo mecanismo, escolhem evidenciar a busca da liberdade, a “vadiação” do jogo, a ociosidade peculiar da capoeira de outros tempos. Dessa forma, preferem um trabalho voltado à parte lúdica da capoeira.

Para Magnoli (2009, p. 15), a ancestralidade também está ligada à ideia de raça:

É, precisamente, a reivindicação de um gueto. O nome desse gueto é ancestralidade. A vida de um indivíduo que define o seu lugar no mundo em termos raciais está organizada pelos laços, reais ou fictícios, que o conectam ao passado.

Logo, vários grupos de capoeira angola lutam pela representação da capoeira como manifestação cultural da matriz africana e negra, focando seu argumento em manifestações africanas similares à capoeira, como o *n'golo*¹⁰, por exemplo.

De acordo com Sodré (2002, p.102), “a memória, coletiva ou individual, é usina movida a sonhos, fantasmas e mitos”. O conceito de memória permeia a identidade cultural, tanto para o indivíduo quanto para o coletivo. A capoeira permite ao praticante uma viagem no tempo. A valorização que os antigos mestres possuem

¹⁰O *n'golo*, segundo o pintor Albano Neves e Sousa de Angola, é uma dança praticada por “rapazes nos territórios do Sul de Angola, durante o ritual da puberdade das meninas. Chamado de *mufico*, *efico* ou *efundula*, esse ritual marca a passagem da moça para a condição de mulher, apta a namorar, casar e ter filhos. É uma grande festa em que se consome muito macau, bebida feita de um cereal chamado *massambala*. O objetivo do *n'golo* é vencer o adversário atingindo seu rosto com o pé. A dança é marcada pelas palmas, e, como na roda de capoeira, não se pode pisar fora de uma área demarcada. *N'golo* significa zebra e, de fato, alguns movimentos, em particular o golpe dado pelo pé, de costas e com as duas mãos no chão, parecem mesmo com o coice de uma zebra” (ASSUNÇÃO; MANSA, 2008, p. 16).

por serem detentores dessa memória é percebida nos encontros, nas rodas e nos eventos no Brasil e pelo mundo, que estão sempre cercados de jovens capoeiras, prontos para dialogar sobre tais vivências.

A ligação com o passado, pela oralidade e pela valorização de seus ancestrais, e por conseguinte com a memória e a identidade cultural abriu as portas para o dossiê e posteriormente o registro da capoeira como patrimônio cultural, revelando sua importância como veículo de memória no processo de transmissão e salvaguarda do bem cultural.

A capoeira passou a ser considerada patrimônio cultural depois da identificação que seus praticantes começaram a manter com o passado da manifestação, a importância do saber transmitido pelos mestres e a sua contribuição para a identidade e cultura afro-brasileira, superando a condição vigente de “esporte nacional” registrada pela Federação de Pugilismo na década de 1970 (PASSOS NETO, 2001). O seu valor sob o aspecto de suporte de memória para seus praticantes foi reconhecido pelo Estado. Abreu e Chagas (2003) definem suporte de memória:

Trata-se, em verdade, de prática social que pode ser identificada nas famílias, nos grupos religiosos, nos grupos étnicos e profissionais, nos partidos políticos, nas instituições públicas e privadas e, de modo particular, nos museus. Se aquilo que preserva é concebido como suporte de informação e como alguma coisa passível de ser utilizada para transmitir (ou ensinar) algo a alguém, pode-se falar em documento e memória. Nesse caso, pode-se também falar em política de memória (ABREU; CHAGAS, 2003. p. 54).

No caso do processo de ensino-aprendizagem da capoeira, o conceito de Pollack (1989), que se remete a uma memória herdada, é perceptível tanto no âmbito motor (gestos, movimentos e golpes) quanto nas cantigas e formas rítmicas presentes na roda, que em grande parte são de autores e tempos desconhecidos, mas que operam memórias vividas por capoeiras num passado remoto. Hoje em dia há inúmeras publicações provenientes de pesquisas acadêmicas e não acadêmicas a respeito de uma intensa presença da manifestação anos a fio nas maiores cidades do Brasil durante o século XIX, com fatos e dados que são, provavelmente, desconhecidos da maioria dos brasileiros, mas cujos traços aparecem na prática da capoeira em diferentes momentos.

Em relação ao patrimônio cultural, no sentido de pertencimento, pode-se pensar como os diferentes grupos/movimentos se apropriam desses bens culturais e como a patrimonialização contribui para a busca de visibilidade de suas identidades (OLIVEIRA, 2008). Nas diferentes comunidades de capoeira no Brasil, a diversidade de formas da prática é imensa. Por isso cada grupo, associação ou escola procura representar a capoeira de modo que lhe confira identidade, favorecendo o sentido de patrimônio e de pertencimento dessa manifestação cultural.

Portanto, a capoeira sob o aspecto de patrimônio cultural imaterial possui importância singular para a cultura, identidade e memória do povo brasileiro, especialmente para os agentes mantenedores da cultura afro-brasileira. Sua transmissão, pelo saber dos seus mestres, e sua prática, por meio da roda, compõem o registro, o qual poderá iniciar um plano de ações que permita à sociedade valorizar a capoeira e suas contribuições em contextos educacionais, culturais e sociais.

1.1A CAPOEIRA NO BRASIL

Será apresentada nesta parte da dissertação uma síntese dos principais fatos sobre a história da capoeira no Brasil, num período que abrange o fim do século XVIII até o ano de 2011. O arcabouço teórico revisa autores acadêmicos considerados referência no estudo da capoeira, como Querino (1946), Rego (1968), Soares (1994; 1998), Vieira e Assunção (1998), Dias (2001), Lopes (2002), Sodré (2002) e Passos Neto (2001; 2011). Além deles, foram utilizadas obras de importantes mestres de capoeira e autores não acadêmicos que são ícone do tema, como os mestres Bimba, Pastinha e João Pequeno e pesquisadores como Abreu (2003) e Moura (2009). Os dados aqui apresentados têm a função de aprofundar as discussões quanto à memória e identidade, estabelecendo conexão entre o conhecimento transmitido oralmente pelos antigos mestres e o conhecimento científico, documentado pelos pesquisadores acadêmicos.

Os autores supracitados garantem que a história da capoeira se confunde com a própria história do país. Essa afirmação também é encontrada no discurso de alguns mestres, que confirmam que a capoeira esteve presente na história do

Quilombo dos Palmares, das invasões holandesas e de outros episódios da história do Brasil. É recorrente nos discursos de certos mestres durante suas aulas, rodas e seus eventos a referência da presença de capoeiras na Guerra do Paraguai, na Revolta dos Mercenários, na guarda pessoal do imperador Dom Pedro I e da princesa Isabel e nas eleições primárias dos políticos do império no Rio de Janeiro. São memórias que vêm sendo repetidas e, provavelmente, transformadas desde há muito tempo por pessoas que nunca frequentaram o meio acadêmico, mas que possuem, por intermédio da oralidade e do senso comum, conhecimento no tocante à história da capoeira no Brasil.

Contudo, as obras publicadas nos últimos 20 anos pela maioria dos autores acadêmicos mencionados demonstram ampla documentação referente à capoeira do fim do século XVIII e, em maior proporção, no século XIX, com grande quantidade de dados sobre a cidade do Rio de Janeiro, seguida de outras, como Salvador e Recife. Esses trabalhos apresentam dados que alternam confirmação e questionamento em relação aos conhecimentos proferidos nos discursos dos antigos mestres. A respeito da antiga presença de capoeiras em batalhas e conflitos, as obras de Querino (1946), Soares (1994; 1998) e Moura (2009) trazem muito dos conhecimentos compartilhados pelos mestres de capoeira. Já outras afirmações dos mestres, como a origem da capoeira no Quilombo dos Palmares e a ideia simplista de resistência, que opunha senhores brancos e escravos negros, são contestadas; alega-se a escassez de documentos para tais declarações (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998; SOARES, 1994; 1998; PASSOS NETO, 2011).

De acordo com Vieira e Assunção (1998) e Soares (1994), os primeiros registros oficiais de capoeira foram encontrados em documentos do início do século XIX, predominantemente em registros policiais e processos judiciais, mas também na literatura, em jornais da época e em pinturas artísticas. Os autores afirmam que ela se desenvolveu, na sua maioria, em centros urbanos como no Rio de Janeiro, em Salvador e no Recife.

Quanto à sua origem, parece estar cada vez mais claro para grande parte dos pesquisadores já citados que ocorreu uma fusão em solo brasileiro de diferentes elementos de lutas, danças, ritos e instrumentos musicais trazidos por diversas etnias e povos africanos escravizados, que se desenvolveram, em maior proporção, a partir do século XIX.

Alguns dos autores estudados apresentam como proposta de local para a gênese da capoeira tanto o meio rural, leia-se contorno das cidades e dos quilombos, quanto o urbano, tais quais espaços portuários, praças públicas, ruas, vielas e antigos sobrados. É provável que nesses espaços tenha havido a relação intercultural que a gerou. Sodré (2002, p. 36) aponta: “Foi esse tipo variado de técnica de ataque e defesa que resultou na pernada, banda ou batuque (Rio de Janeiro), na punga (Maranhão), no tombo da iúna (sertão da Bahia), no batuque baiano, que alguns vêm como matriz da capoeira”.

A capoeira era praticada, na primeira metade do século XIX, em sua maioria por africanos escravizados. Após 1850 sua prática se expandiu, passando a existir em meio aos crioulos, mestiços, portugueses e imigrantes pobres de vários países, e também entre políticos, militares e homens de letra da elite urbana. Nesse período a capoeira, no Rio de Janeiro, foi muito difundida nas maltas¹¹, e estas tiveram durante o império alianças políticas com o Partido Conservador por cerca de 20 anos (1870-1890), culminando com a chamada Guarda Negra da Corte Imperial (SOARES, 1994; 1998; MOURA, 2009).

Concorda-se com autores como Rego (1968), Soares (1994; 1998), Sodré (2002), Moura (2009) e Abreu (2003) quando se diz que a origem da capoeira, em suma, é de caráter afro-brasileiro, como aponta Moura, pesquisador de capoeira e outro aluno de meste Bimba:

No decorrer das nossas leituras, buscas, chegamos à conclusão que, as bases, as origens, os fundamentos da capoeiragem (jogo da capoeira), estão mesclados às danças guerreiras de tribos, radicadas na África, como foram observadas nos lances iniciais aqui exibidos em tempos recuados, o que constatamos, através das estampas que foram conservadas, dos ilustres viajantes que estiveram no Brasil (MOURA, 2009, p.14).

Como uma de suas conclusões de investigações sobre o assunto, o professor Carlos Eugênio Líbano Soares afirma em depoimento no documentário de Muricy (1998) que a capoeira teve uma lenta maturação no país, começando no fim do século XVIII e estendendo-se por cerca de 100 anos: “*A capoeira nasceu no Brasil,*

¹¹ Na primeira metade do século XIX pequenos grupos de capoeiras cometiam delitos e arruaças. Eles posteriormente se transformaram em grandes grupos que constituíram um fenômeno histórico, político e sociocultural no Rio de Janeiro. Esse tema será mais bem abordado no segundo capítulo (SOARES, 1994; 1998).

mas foi gerada por africanos. Então, ela é afro-brasileira. Nem africana nem brasileira: afro-brasileira”.

Pesquisadores como Vieira e Assunção (1998) apontam diversos discursos e apropriações dos diferentes grupos que compõem atualmente o universo da capoeira e seus posicionamentos com relação às representações de origem. Alguns defendem somente a raiz africana, outros apenas a brasileira. Há ainda mestres que atribuem aos indígenas a verdadeira procedência da arte.

Ao ressaltar as observações feitas por viajantes no Brasil, Moura (2009) remete-nos a tentar compreender sua origem por intermédio das artes, como por exemplo pelas imagens representadas pelo pintor alemão Johann Moritz Rugendas em 1835, que em viagem ao Brasil registrou uma demonstração da luta de capoeiragem provavelmente na cidade do Rio de Janeiro, conforme figura 1:

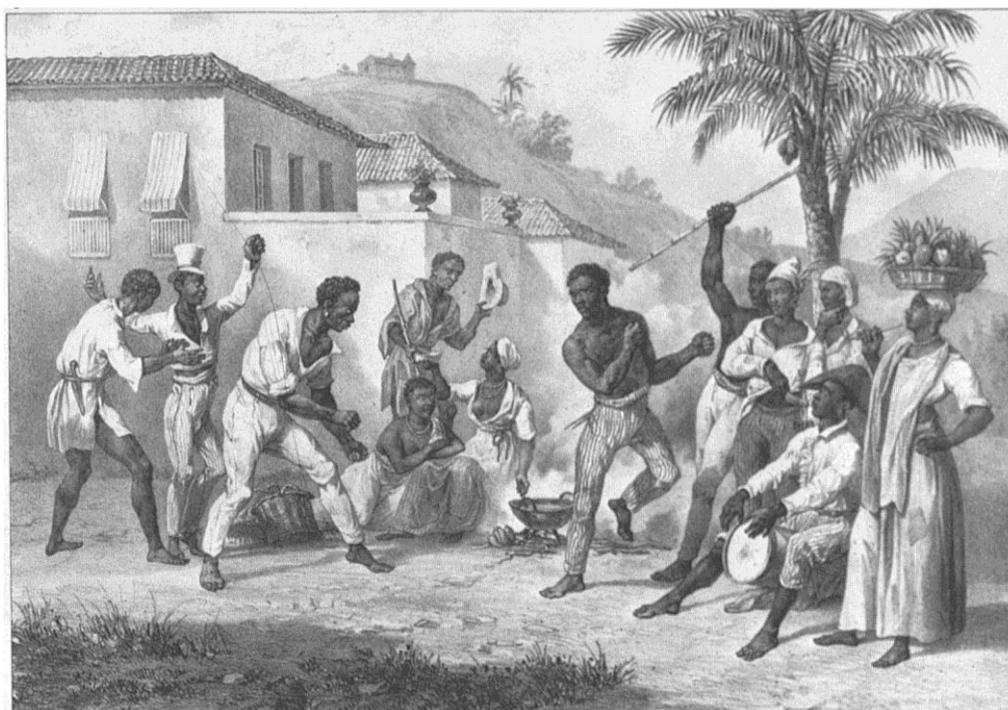


Figura 1 – *Jogar capoeira ou danse de la guerre*

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em:<<http://www.bndigital.bn.br>>.

Moura (2009) acrescenta à cena a descrição proveniente do próprio viajante observador:

Os negros têm ainda um outro folguedo guerreiro, muito mais violento, a “capoeira”: dois campeões se precipitam um contra o outro, procurando dar com a cabeça no peito do adversário que desejam derrubar. Evita-se o ataque com saltos de lado e paradas

igualmente hábeis; mas, lançando-se um contra o outro mais ou menos como bodes, acontece-lhes chocaram-se fortemente cabeça contra cabeça, o que faz com que a brincadeira não raro degenera em briga e que as facas entrem em jogo ensanguentando-a (RUGENDAS *apud* MOURA, 2009, p.14).

A capoeiragem registrada por Rugendas antecedia a capoeira tal qual é conhecida hoje, cujos elementos fundamentais são os berimbaus, o canto, a roda e o jogo. Porém observam-se algumas semelhanças com a modalidade que viria a se formar mais tarde, como a marcação do ritmo – registrada na figura 1 pela presença de um tocador de algum tipo de tambor, sentado à parte direita da imagem –, a delimitação do espaço da disputa em forma semicircular e com a participação de outras pessoas, além da corporeidade e distância dos contendores, que lembra a ginga da prática atual.

De acordo com Soares (1994; 1998), a luta denominada capoeiragem era muito violenta e se valia, basicamente, de golpes com a cabeça, com os pés e as mãos e movimentações de tronco, bem como uso de navalhas, facas e porretes introduzidos aos poucos durante o século XIX por influência dos portugueses, que também compunham o cenário das ruas das principais cidades brasileiras, caso já registrado por Rugendas por volta de 1835: “As facas entram em jogo ensanguentando-a” (*apud* MOURA, 2009). A luta foi muito utilizada nos confrontos entre os próprios capoeiras para disputas de poder, território, trabalho e resolução de desavenças e conflitos. Aproveitou-se, ainda, a força da capoeiragem em articulações políticas, operações das forças armadas e da polícia no império, assim como em trabalhos de capangagem para autoridades durante quase todo o século XIX, em maior intensidade no Rio de Janeiro (SOARES, 1994; 1998; MOURA, 2009).

Deve-se salientar, então, a característica principal, ou pelo menos a mais documentada, da capoeiragem nos séculos XVIII e XIX: sua representação como forma de luta bastante violenta, em que o capoeira se valia de golpes para agredir, ferir e até matar seus oponentes, fossem eles policiais, capatazes, burgueses e, na maioria dos casos relatados, africanos e seus descendentes também praticantes da capoeiragem (SOARES, 1994; MOURA, 2009).

O termo capoeira designa várias abordagens entre os pesquisadores. Nas obras de Querino (1946), Soares (1994; 1998), Sodré (2002) e Passos Neto (2001), aparece sinteticamente uma enorme variação sobre a etimologia da palavra. Para

Rego (1968), o vocábulo foi registrado pela primeira vez em 1712 por Rafael Bluteau no livro *Vocabulário português e latino*, e em 1813 por Antonio de Moraes Silva no livro *Diccionario da Lingua Portuguesa*, porém o autor não especifica de que forma aconteceram esses dois registros nessas obras. Ele apenas ressalta que a etimologia da palavra foi proposta a princípio por José de Alencar, no livro *Iracema*, em sua primeira edição, em 1835. Rego (1968, p.17) afirma que “propôs Alencar para o vocábulo capoeira o tupi *caa-apuam-era*, traduzido por ilha de mato já cortado”.

Os significados variam também de acordo com a sua possível origem, rural ou urbana. São exemplos: capoeira, o nome de uma pequena ave domesticável, presente nas matas e com um canto singular; tocar capoeira, o ato de assobiar imitando essa ave, praticado por caçadores e moleques nos campos; capuera, mato onde fugiam escravos e desertores; e capú, cesto em que se prendiam galinhas e outros insumos utilizados no comércio, sendo *ca* um termo indígena para indicar qualquer material que venha das matas, e *pú*, cesto, que seguido de *-eiro*, de origem portuguesa, designava capoeiro (carregador do cesto), assim como açougueiro, leiteiro e aguadeiro (SOARES, 1994). Seguindo ainda os étimos de origem nativa, temos o *co-puera*, significando roça velha, proveniente do tupi; e o *caá-puêra*, do guarani, mato que foi, ou seja, aquele que cresce após a derrubada da primeira vegetação (REGO, 1968). O interesse aqui se direciona às influências linguísticas nativas (indígenas) e portuguesas numa manifestação exercida por maioria africana.

Pode-se pensar numa construção mútua do que viria a se tornar a capoeira nos períodos posteriores, originando um vocábulo que revelaria o possível local de prática da luta e também reforçaria a ideia de sua origem afro-brasileira, em função da mistura de culturas.

Ainda, o conhecimento da etimologia da palavra capoeira foi encontrado no senso comum nas palavras de mestre Bimba¹². Para ele, o local capoeira, sinônimo de mato, instituiu o nome da luta que aprendera ainda menino, no início do século XX na Bahia.

¹² Manoel dos Reis Machado, ou mestre Bimba (1899-1974). Sua história e suas contribuições serão abordadas no segundo capítulo.

Na fala do admirado angoleiro mestre João Pequeno (1918-2011), discípulo de mestre Pastinha, outorgado doutor *honoris causa* por duas universidades¹³, o significado é similar:

Capoeira aqui no Brasil é mato e o mato era onde eles iam treinar capoeira [...]. Naturalmente isso é um raciocínio que a gente faz e eles chamarem outros companheiros para irem treinar no mato, vamos treinar na capoeira, o nome da luta ficou sendo este (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.31).

Estabelece-se, portanto, uma relação peculiar entre o saber acadêmico, letrado, e o saber popular e oral, não com o objetivo de analisar de maneira profunda as hipóteses da origem do termo, mas como meio de reconhecer uma construção comum do conhecimento sobre determinado assunto – uma representação comum, pois há similaridades nos discursos de mestres e pesquisadores a respeito de diversos aspectos do estudo da capoeira; o étimo da palavra é um dos casos que justificam essa ligação.

No Rio de Janeiro, por exemplo, tem-se o registro da Revolta dos Mercenários, em 1828. Trata-se da primeira grande participação de capoeiras de que se tem registro até o momento, num conflito envolvendo a política do império, no qual se destacou

a atuação dos capoeiras cariocas no episódio da revolta do contingente alemão que integrava as tropas da corte. São bem conhecidos os antecedentes do caso: com a carência de soldados em razão da guerra do Rio da Prata, Dom Pedro I contratou ingleses, irlandeses e alemães, aquartelados na Praia Vermelha, no Campo de Santana e no Campo de São Cristóvão, sempre descontentes com o governo, davam prova de indisciplina. Na manhã de 9 de julho de 1828, primeiro os alemães e depois os irlandeses rebelaram-se, abandonando os quartéis para matar e saquear o que encontravam pela frente. Entre os dias 9 e 13, o Rio de Janeiro viveu momentos de grande inquietação. Mas a capoeira salvou a cidade. Segundo o historiador Pereira da Silva, os revoltosos, “atacados por magotes de pretos denominados capoeiras, travam com eles combates mortíferos. Posto que armados com espingardas, não puderam resistir-lhes com êxito feliz, e a pedra, a pau, à força de braços, caíram os estrangeiros pelas ruas e praças públicas, feridos em grande parte, e bastante sem vida” (SODRÉ, 2002, p.41).

¹³ João Pereira dos Santos, ou mestre João Pequeno, recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em dezembro de 2003, e em fevereiro de 2008 pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (COSTA FILHO *et al.*, 2009).

Soares (1994) afirma que outros autores consideram esse fato como um marco na vida política da cidade, porém essas representações são pouco exploradas no cotidiano da capoeira atual pelos seus principais agentes. Pode-se dizer que se houvesse um trabalho integrando a história da capoeira na disciplina de história do Brasil, e isso fosse devidamente desenvolvido no ensino público e privado, aumentaria a possibilidade de novas representações sobre a relevância da capoeira na história do Brasil.

É no mínimo curioso que um acontecimento dessa ordem, com envolvimento de soldados estrangeiros e um implícito apelo oficial à resistência popular, bravamente atendido, não seja comentado em livros correntes de História, quando se observa que qualquer manifestação de coragem por parte de membros da elite brasileira costuma ser historiograficamente festejada. Obviamente, esse esquecimento tem a ver, primeiro, com a participação ativa de negros no episódio. Depois, com a atuação vitoriosa daqueles (os capoeiristas) que costumavam ser estigmatizados como inimigos públicos desde a chegada de Dom João VI ao Brasil em 1808 (SODRÉ, 2002, p.42).

Deve-se acrescentar às colocações de Sodré (2002) o fato de que os documentos relativos ao cotidiano do Brasil colonial e imperial são muito raros, sendo a maioria referente às ações do poder vigente. Dados referentes à população em geral são obtidos por meio de documentação indireta, como aqueles guardados pelo poder judiciário, por exemplo. Nesse sentido, os episódios da história do Brasil citados pelos antigos mestres, de forma oral ou até mesmo nas letras das cantigas, revelando a intensa participação dos capoeiras, são considerados importante fonte de informação sobre tais fases da nossa história, das quais não há registros suficientes.

O episódio mais comentado é a Guerra do Paraguai, quando foi de fundamental relevância a presença dos voluntários da pátria. Silva (1997, p.42) comenta que “muitos, mais freqüentemente nas grandes cidades, foram realmente ‘voluntários de corda’, sobretudo aquela gente tida por turbulenta, grandes mestres da pernada carioca e da capoeiragem soteropolitana”. Os “voluntários de corda”, dos quais trata Silva (1997), eram pessoas forçadas a participar como soldados da Guerra do Paraguai, já que o exército brasileiro naquela época quase não existia. Enviaram-se inúmeros escravos negros à guerra, no lugar de seus donos ou de seus filhos quando convocados (GUEDES, 2008). Percebe-se, ainda, na citação de Silva,

a participação de capoeiras oriundos do Rio de Janeiro e de Salvador na guerra mencionada. A “pernada carioca” citada era outra denominação dada à capoeiragem do Rio antigo, segundo Muricy (1998).

Há cantigas tradicionais da capoeira angola que relatam esse momento; elas são transmitidas pela oralidade entre as gerações de capoeiristas. Algumas foram gravadas e são entoadas até hoje em rodas pelo mundo:

*lê tava em casa, ô meu bem,
sem pensá sem imaginá
quando bateram na porta, ô meu bem,
Salomão mandou chamar
Para ajudar a vencer, ô meu bem,
A Guerra do Paraguá (TRAÍRA, 1963).*

Interessante é notar que existe maior quantidade de dados nas publicações a respeito dos capoeiras cariocas envolvidos em batalhas, conflitos e lutas em comparação aos capoeiras de Salvador no mesmo período. É possível explicar isso pelo fato de o Rio de Janeiro ter sido a capital do império e a cidade mais populosa do Brasil durante o século XIX, além de ter concentrado o maior número de escravos negros (ALENCASTRO, 1988). Por outro lado, a Bahia e, sobretudo, sua capital Salvador contou, na segunda metade do século XIX, com uma tropa especial formada inteiramente por negros, incluindo seus oficiais – a Companhia dos Zuavos Baianos (SILVA, 1997).

Entre 1864 e 1870, os capoeiristas eram recrutados à força para lutar na Guerra do Paraguai. Distinguiram-se sempre por bravura, em especial no Batalhão dos “Voluntários” da Pátria, onde a maioria deles se arregimentava. Na tomada de Curuzu, assim como na da Ponte de Itororó, as companhias de zuavos baianos destacaram-se pelo heroísmo. Conta-se mesmo que, em Itororó, esgotadas as munições em pleno andamento dos combates, os baianos jogaram fora as espingardas e pularam nas trincheiras paraguaias com arma branca nas mãos e a capoeira nos pés (SODRÉ, 2002, p. 34).

O período após a Guerra do Paraguai é amplamente analisado por Soares (1994), que demonstra a ascensão dos capoeiras no âmbito da corte e suas intervenções na polícia, no exército, na marinha e intensamente nas eleições e

articulações políticas, a tal ponto de o Partido Conservador ter sido comparado a um partido capoeira¹⁴.

Fred Abreu, pesquisador baiano da capoeira, afirma não ter encontrado nos documentos policiais de Salvador do século XIX o termo capoeira ou capoeiragem tão presentes em documentos semelhantes no Rio de Janeiro, no entanto o tipo social ou a identidade peculiar dos praticantes de capoeira daquele século são perceptíveis também em Salvador, como a figura dos capadócius¹⁵, muito presente nas duas cidades.

Percebe-se que, durante o império, a figura do capoeira e seus atos estavam relativamente presentes no Brasil, e a linguagem exerceu um importante papel nesse processo. No século XIX, o jornal era um dos suportes para gerar representações nos membros da elite, e, por meio dele, propagavam-se outras formas de repressão aos capoeiras, como se vê neste trecho publicado por Machado de Assis no jornal *Gazeta de Notícias*, numa seção chamada “Balas de estalo”, em 14 de março de 1885:

Trago aqui! No bolso um remédio contra os capoeiras [...]. A minha droga pode dizer-se que tem em si o sinal da imortalidade. [...] Estou em desacordo com todos os meus contemporâneos, relativamente ao motivo que leva o capoeira a plantar facadas nas nossas barrigas. [...] Capoeira é homem. Um dos característicos do homem é viver com o seu tempo. Ora, o nosso tempo (nosso e do capoeira) padece de uma coisa que poderemos chamar erotismo de publicidade. [...] O capoeira está nesta matéria como Crébillon em matéria de teatro. [...] Já o leitor adivinhou o meu medicamento. [...] Não publicar mais nada, trancar a imprensa às valentias da capoeiragem. Uma vez que se não dê mais notícia, eles recolhem-se às tendas, aborrecidos de ver que a crítica não anima os operosos. Logo depois a autoridade, tendo à mão algumas associações, becos e suspensórios ainda sem título, entra pelas tendas e oferece aos nossos Aquiles uma compensação de publicidade. Vitória completa: eles aceitam o

¹⁴ O partido capoeira, expressão pinçada do jornal *Gazeta de Notícias* de 21 de março de 1880, que se referia aos azares sofridos pelo Partido Conservador afastado do poder, designou mais do que um grupo de pessoas, mas sim um método de se fazer política naquele período, baseado em duas características: a primeira era uma política de rua, que servia para afirmação de identidades e transmissão de mensagens dos gabinetes, e a segunda era a autonomia do partido capoeira perante o poder, não havendo dependência entre malta e patrono. “Esta situação ficou clara quando da saída dos conservadores do governo, e a manutenção dos capoeiras como força política de primeira linha no tabuleiro da corte” (SOARES, 1994, p. 310).

¹⁵ Para Abreu (2011), os capadócius eram aqueles que brigavam muito bem, faziam arruaças e tumultos, mas nem todos eram capoeiras, pois na capadoçagem de rua os capoeiras simbolizavam um tipo de elite, o capadócio perfeito. Serviam para serviços “sujos” (assassinatos, vinganças, invasão de propriedades, desordens) a mando das classes dominantes e autoridades políticas em troca de dinheiro, trabalho e apadrinhamento.

derivativo, que os traz ao céu de Racine e à terra de Corneille, enquanto as navalhas, restituídas aos barbeiros, passarão a escanhoar os queixos da gente pacífica. *Ex fumo darelucem*(ASSIS *apud* NEAD, *web*, 2008).

Nesse texto é possível identificar algumas representações. Machado de Assis aponta os capoeiras do século XIX como assassinos – “o capoeira a plantar facadas nas nossas barrigas” –, inimigo da sociedade, porém também reconhece sua condição de igualdade – “capoeira é homem”. Quanto ao processo de construção da fama que tinham no período do império, o autor salienta o “erotismo de publicidade” e, em seguida, revela o “remédio” para apagar de uma vez por todas as “valentias da capoeiragem”, sugerindo que se parasse de dar publicidade a eles, suspendendo qualquer noticiário que envolvia os atos dos capoeiras.

Tais dados sobre a presença de capoeiras no passado do Brasil são importantes para se verificar as diferentes representações criadas da luta e de seus cultores. A construção do conhecimento em determinada sociedade parte de algo que se conhece, de que está visível, que é concreto e familiar. Relacionar a construção do conhecimento a dados familiares é inerente à teoria das representações sociais, ferramenta utilizada nesta pesquisa a fim de compreender como o contexto sociocultural de determinado grupo social influencia suas representações. É visível que, naquele período histórico, a imagem, a representação e as ações dos capoeiras na sociedade eram pontos a ser combatidos e extirpados.

No fim do século XIX a repressão à capoeiragem tornou-se ainda maior e, com a proclamação da república, passou a ser considerada crime:

O Código Penal de 1890 que, no capítulo 13, artigo 402, investia contra: “fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecido pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal”. O artigo prescrevia pena de prisão celular por dois a seis meses, e no parágrafo único acrescentava: “É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta” (SODRÉ, 2002, p. 52).

Após quase 200 anos de relações intrínsecas entre capoeiras e a elite dominante, o modelo de desenvolvimento proposto para a nova política no Brasil não permitiria a presença de “vadios e capoeiras”, principalmente talvez por sua

estreita ligação com a monarquia por meio do Partido Conservador. Nesse novo cenário, a repressão foi fundamental para tentar extirpar a luta. Mesmo tendo em meio a seus praticantes alguns membros da elite, a implantação da república modificaria as representações da capoeiragem já no término do século XIX, por ter tornado-a crime,

assumindo, então com freqüência, um caráter delituoso, o que motivou, desencadeou, uma implacável perseguição desde os tempos coloniais, pelas autoridades integrantes das forças mantenedoras da ordem pública, e que prosseguiu com intervalos, durante o império e ininterruptamente, na fase inicial da república (MOURA, 2009, p.15).

Essa intervenção do Estado transformou a capoeiragem, de uma forma de luta violenta e militância política, em uma prática criminosa prevista por lei a partir de 1890, chegando a praticamente desaparecer dos centros urbanos como Rio de Janeiro, Salvador e Recife no fim no século XIX por causa da repressão (SOARES, 1994).

Eficazes foram as estratégias do primeiro chefe de polícia do Rio de Janeiro, o tenente João Batista Sampaio Ferraz, o qual trabalhara como promotor público por muitos anos na Casa de Detenção, principal prisão de capoeiras da época, portanto conhecedor de líderes, padrinhos e das técnicas usadas pelos chefes das maltas, além de ele mesmo ter sido capoeira amador. Após carta branca do general presidente Deodoro da Fonseca, Ferraz desencadeou uma verdadeira caçada aos capoeiras, com prisões noturnas em domicílio aos chefes das maltas e sumárias deportações para trabalhos forçados na ilha de Fernando de Noronha/RN, sem qualquer medida judicial, evitando que “padrinhos” pudessem, como antigamente, salvar seus capangas do novo crime (SOARES, 1994).

Após o impacto inicial sofrido pela capoeiragem, por força da ação do chefe de polícia, o balanço foi-lhe bastante desfavorável. Nos primeiros 40 dias, segundo seu biógrafo, pelo menos 1.300 capoeiras foram enviados para Fernando de Noronha. Dessa forma, é difícil deixar de aceitar que as nações e maltas estivessem praticamente desbaratadas (DIAS, 2001, p.132).

De acordo com Soares (1994), aos ideais da nova elite que viria a tomar as rédeas do poder na capital, a proximidade dos capoeiras com o mundo do crime e suas articulações com a alta política da corte seria o principal argumento para a perseguição. Esse processo de repressão encontrou justificativa nas ações de intervenção das maltas em *meetings* de republicanos, ataques a jornais e membros do partido liberal, mas sobretudo na formação da Guarda Negra da Redentora, uma espécie de milícia de capoeiras criada após a abolição da escravatura em defesa da monarquia – uma demonstração clara da cooptação dos capoeiras pelos monarquistas.

O resultado do desenvolvimento dessa repressão à capoeiragem no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras promoveu um lapso das memórias dos capoeiras e de seus feitos. As maltas, a capoeiragem, os guaiamuns e nagoas são tratados de maneira superficial pela maioria dos livros de história, e poucos praticantes de capoeira em nossos dias sabem da ocorrência desses fatos.

Enquanto no império a repressão se concentrava nos delitos cometidos pelos capoeiras, no início da república o simples fato de praticar exercícios de capoeiragem caracterizava crime, o que alterou consideravelmente a dinâmica e a história dessa manifestação no país. Esse ponto é substancial para entender as alterações sobre as representações da luta, tanto para os próprios capoeiras da época, por praticarem algo proibido, considerado crime, quanto para os demais cidadãos, que, ao repudiarem aquela manifestação de origem afro-brasileira, influenciaram gerações posteriores.

A lei que proibia a capoeira vigorou entre 1890 e 1937, quando o presidente Getúlio Vargas a retirou do Código Penal, permitindo uma prática vigiada e em recinto fechado. O poder de alteração de identidades culturais estava atrelado ao poder de domínio do Estado, e a dinâmica da capoeira foi modificada por meio da intervenção das instituições do governo de outrora e mantida, de certa forma, por seus sucessores. Isso provavelmente explica a insignificante presença da capoeira nas obras didáticas a respeito da história do Brasil durante o século XX, constatada por Soares (1994) e Sodré (2002).

Nas primeiras décadas do século XX, mesmo sob a proibição por lei, houve tentativas de recuperar os exercícios de capoeiragem para auxiliar no treinamento militar brasileiro, talvez para recordar e reiterar a importante participação dos capoeiras em conflitos do século XIX (SOARES, 1994). Porém as ideologias

predominantes para a modernização da sociedade brasileira, baseadas na construção de uma identidade nacional e no processo de industrialização e urbanização, não consideraram a capoeira possível de atender a esses requisitos, talvez por se tratar de uma atividade predominantemente negra e ligada a princípio às camadas mais pobres da população (PASSOS NETO, 2001).

Silva (2001) sugere que as tentativas de recuperar a capoeiragem e adaptá-la à sociedade da época estavam atreladas às influências europeias, como o pensamento positivista, os planos higienistas, os métodos ginásticos nas forças armadas e o começo da Educação Física no país. A intenção era transformar a capoeiragem num esporte nacional, fundamentado nas influências supracitadas.

Em fins do mesmo século, com a emergência dos discursos médico-científicos a respeito da população negra, tais como os do médico legista Raimundo Nina Rodrigues, essa atividade passou a representar uma patologia numa sociedade que aspirava aos ideais de modernidade e civilização. Estas representações não foram homogêneas, mas foram muito influentes nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX (VASSALO, 2008, p.2).

O preconceito quanto à capoeiragem nesse período é capaz de ter sua base nos ideais oriundos da Europa e ter sido adaptados à sociedade brasileira da época.

No século XIX, entretanto, o racismo aparece na sua forma acabada, como um instrumento do imperialismo e como uma justificativa “natural” para a supremacia dos povos da Europa Ocidental sobre o resto do mundo. Foi esse tipo de “racismo” que a elite intelectual brasileira bebeu sofregamente, tomando-o como doutrina explicativa acabada para a realidade que existia no país (DAMATTA, 1987, p.70).

O racismo era justificado pelo discurso científico, social, político e cultural, e a capoeira, por ser praticada em grande parte por negros e mestiços, sofria muita discriminação, preconceito e perseguição por parte das autoridades, mesmo que em vários casos, como destacou Moura (2009), fosse praticada (de forma escondida) por membros das camadas mais abastadas.

A força da representação histórica da capoeira ligada ao homem negro em termos pejorativos é comumente verificada até hoje, no século XXI. Vê-se ainda a capoeira como “coisa de negro”, “macumba”. Desse modo, persiste o desafio de combater o preconceito, provando a importância de uma atividade de origem negra

que agrega culturas, etnias e diferentes pessoas pelo mundo. No início do século XX ela ainda carregava muito preconceito, e sua prática não possuía apoio do Estado, apesar de esforços de alguns parlamentares, fato documentado no Rio de Janeiro:

O preclaro Coelho Neto também abordou este assunto no seu livro *Bazar*, em 1928. No volume aludido, o consagrado escritor maranhense faz referências a um projeto que, conjuntamente com dois parlamentares, tentou encaminhar à mesa da Câmara dos Deputados, em 1910, visando à obrigatoriedade da capoeiragem ser ensinada, ministrada nos quartéis e nos institutos oficiais. Renunciaram, porém, à ideia, porque houve quem considerasse ridícula a iniciativa pelo fato de a luta ser nacional (MOURA, 2009, p.22).

O preconceito contra uma luta desenvolvida por aqui fica claro nessa citação, fundamentalmente por ter se originado entre descendentes de africanos escravizados. Mesmo havendo conhecimento da eficácia combativa da capoeiragem no século anterior, houve a implantação do jiu-jítsu, luta japonesa baseada em imobilizações, na marinha, por exemplo, numa demonstração de valorização de práticas estrangeiras, costume ainda muito comum no Brasil.

A nova elite política do país manteve a repressão contra as diversas manifestações culturais afro-brasileiras no começo do século XX. Contudo, a partir da política de Getúlio Vargas e do Estado Novo (1937-1945), na década de 1930, essa repressão tomou contornos de controle, pois nesse período o Estado se preocupou em construir uma identidade brasileira, e as manifestações culturais, desde que “vigiadas” e “civilizadas”, passariam a contribuir com tal objetivo.

Todavia os mesmos pressupostos teóricos do determinismo racial continuam atuantes, porém sob nova roupagem: se o capoeira agora passa a fazer parte integrante do “eu”, ele não o faz gratuitamente, senão limpo, civilizado e branco, ou no mínimo mestiço, já que o último é apenas um agente para o futuro nacional branco e civilizado (MELICIO, 2009, p.137).

Nos anos 1930 ocorreu em Salvador a institucionalização da capoeira sob o aspecto de manifestação da cultura popular por intermédio da criação da luta regional baiana, em seguida denominada capoeira regional, por mestre Bimba, com a abertura da primeira academia oficializada e a criação de um sistema de ensino inspirado parcialmente no sistema de ensino acadêmico. Entretanto nessa fase ela

ainda era proibida e criminalizada, o que auxilia na compreensão das estratégias aplicadas por mestre Bimba para evitar a repressão vigente e se adaptar ao momento sociopolítico:

A Consolidação das Leis Penais estipula no artigo 46:

A pena de prisão correccional será cumprida em colônias fundadas pela União ou pelos Estados para a reabilitação, pelo trabalho e instrução, dos mendigos válidos, vagabundos ou vadios, capoeiras e desordeiros (SODRÉ, 2002, p.52).

No período ocorreu uma segmentação, resultando na sua divisão em “estilos”, chamados de angola e regional, representados respectivamente por seus mestres Pastinha e Bimba. Notam-se então novas representações sobre a arte-luta (MELLO e SILVA, 2008).

A capoeira regional e a capoeira angola seguiriam caminhos distintos pelo século XX e construiriam suas representações em contextos diferentes, basicamente a capoeira regional, no imaginário dos capoeiras, correspondendo à modernidade, à luta, ao esporte. A capoeira angola corresponderia à tradição¹⁶, ao jogo e à cultura.

Considera-se muito importante também a construção que vários outros mestres da Bahia deixaram sobre o jogo/ luta/ dança. Assim sendo, essas vertentes atraíram inúmeros grupos sociais para justificá-las:

Partiram de militantes comunistas, como Jorge Amado, na década de 1930, as primeiras manifestações públicas de apoio culturalista ao jogo da capoeira; partiram também da militância política da Frente Negra Brasileira naquela época as diretivas no sentido de ações concretas por parte dos negros para que pudessem ganhar nova visibilidade e organizar territórios próprios de atuação social (SODRÉ, 2002, p.99).

Com o processo de institucionalização, a capoeira ganhou espaço e visibilidade na sociedade soteropolitana no fim da primeira metade do século XX. Nos anos seguintes, foram realizadas apresentações em festas cívicas, exposições

¹⁶ Toda tradição é inventada e pode ser entendida como “um conjunto de práticas normalmente reguladas por normas tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado [...]. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis” (HOBBSAWM, 1984, p. 23).

para políticos e aulas em instituições militares. Nesse período houve a participação de alunos das classes da elite de Salvador, como por exemplo os estudantes da Faculdade de Medicina, alunos de mestre Bimba, o que colaborou para ampliar a visibilidade da capoeira nessas classes sociais, tendo em vista que antes ela era praticada em rodas na rua, largos, cais de porto, onde havia consumo de bebidas, ócio e desordem, e em geral seus cultores estavam atrelados ao cenário da criminalidade, prostituição e boemia soteropolitanas (DIAS, 2005).

Segundo Passos Neto (2011, p.180), “a roda – em Salvador, após 1930 –, na frente da quitanda, ou venda de cachaça, vai desaguar em dois subprodutos comerciais: as aulas de capoeira em academia, e os *shows* ‘folclóricos’”. Ocorreu a difusão da capoeira baiana institucionalizada na década de 1950 e mais fortemente nos anos 1960 e 1970 para os demais estados brasileiros, essencialmente para São Paulo e Rio de Janeiro, fato que possibilitou sua expansão pelo Brasil e depois pelo mundo.

Novamente alguns mestres se destacam; uns 10 ou 12 estão em atividade até hoje. Apesar das críticas que fiz à minha geração (nascida por volta de 1945), e às que vieram depois (autoritarismo, competição excessiva, falta de “filosofia” etc.); também ressaltei que foram elas que impediram que a capoeira desaparecesse (como aconteceu com a *ladjá* da Martinica, o *moringue* das ilhas Reunião etc.); e elevaram o nível técnico dos golpes e quedas; sem falar da expansão por todo o Brasil e mais 150 outros países (PASSOS NETO, 2011, p.361).

Além disso, capoeiristas tiveram participação em filmes de longa-metragem como *Barra vento* (Glauber Rocha, 1961) e *O pagador de promessas* (Anselmo Duarte, 1962), contribuindo para a construção e propagação de novas representações sobre a capoeira (CASTRO JÚNIOR, 2010). O turismo de espetacularização das manifestações culturais na Bahia também a englobou no início da década de 1970. Rego (1968) alertou sobre as alterações pelas quais passava a capoeira com muita propriedade, tendo em vista que era funcionário de um órgão público responsável pelo turismo em Salvador:

O fato é que, quanto mais palhaçada faz a academia essa é a preferida do órgão público. [...] A certa altura da exibição, o mestre perde a sua compostura de mestre, diz piadas, conta anedotas, faz sapateado com requebros e apresenta alguém para fazer um ligeiro histórico da capoeira, onde as maiores aberrações são ditas. Depois

faz um samba de roda ao som dos instrumentos musicais da capoeira, vindo para a roda sambar, cabrochas agarradas de última hora, passista de escola de samba ou profissional amigo do mestre, que por acaso aparece no local. De certa feita, perguntei-lhe o porquê daquilo, ao que me respondeu que era pra não *ficá monoto* (ele queria dizer *monótono*) e o turista ir-se embora. A grande lástima é que essas coisas continuam a ter a cobertura oficial (REGO, 1968, p.362).

Outro processo foi a sua esportivização, mais sistêmica e organizada do que as propostas no começo do século. Dessa vez, na mesma década da expansão nacional e do turismo, surgiu basicamente como influência da exploração econômica, com o crescimento das academias fora da Bahia, de maneira especial na Região Sudeste e, por conseguinte, o aumento no número de praticantes.

O cenário da era militarista e sua visão tecnicista do esporte produziram grandes alterações na capoeira. Alguns mestres passaram a realizar competições esportivas, com regras específicas, visando torná-la socialmente mais “aceitável” à época. Esse processo está em vigor até os dias atuais e conflita com os mestres mais antigos, sobretudo da capoeira angola. Sobre esses fatos, Vassalo (2008, p. 6) aponta:

Nesse momento, o governo militar reconhece oficialmente a capoeira como esporte de competição, iniciativa que conduz à progressiva criação de federações de capoeira. O objetivo é o de normatizar, uniformizar e universalizar esta atividade. Este processo culmina com a criação de ligas municipais e regionais de capoeira, vinculadas às federações estaduais e, por fim, à Liga Nacional. Esta, por sua vez, está ligada à Federação Internacional de Capoeira.

Tal contexto produziu grande alteração no entendimento e nas representações da capoeira. Certos grupos, visando se encaixar nesse perfil, desenvolveram trabalhos voltados à competição, com treinamentos de alta intensidade. Assim, por “propagar os valores ocidentais”, conquistaram muitos adeptos, títulos, medalhas e troféus. Foi o início da fase do atleta de capoeira.

Entre 1970 e 1980 começou a implantação de núcleos de ensino principalmente em países da Europa. Esse processo difere da expansão em forma de apresentações e *shows* ocorrida durante a década de 1960 com mestre Pastinha, indo ao Senegal, na África, em 1966, e os mestres Arthur Emídio e Djalma Bandeira,

para os Estados Unidos e a Europa. Além das apresentações, passaram a surgir os primeiros núcleos de ensino fora do Brasil.

A partir da década dos 1970s, a capoeira começou a ser ensinada na Europa, inicialmente por mim (Nestor Capoeira), no *London School of Contemporary Dance*, em 1971; e poucos anos depois, em 1975, nos Estados Unidos, por Loremil e Jelon Vieira, seguidos de outros como Acordeon (1978) etc. (PASSOS NETO, 2011, p.673).

Também se deve atribuir o seu crescimento, a partir desse período, às iniciativas do movimento negro no Brasil, além de um contexto internacional pela visibilidade da cultura, do direito e da cidadania dos afrodescendentes em países como os Estados Unidos.

A partir da década de 1970, e sob o amparo de um consenso entre lideranças negras, ativaram-se os motores de programas que fazem da cor da pele o critério de distinção entre candidatos a contratos governamentais, postos no serviço público e vagas nas universidades. “Afro-americanos”: a expressão, inventada junto com o multiculturalismo, não é mais que um reflexo pós-moderno da antiga visão da África como pátria de uma raça. Foi precisamente essa visão, importada do racismo clássico, que orientou a corrente predominante do movimento negro nos EUA, antes e depois de Luther King. É ela, igualmente, que sustenta os projetos de políticas de preferências raciais no Brasil dos nossos dias (MAGNOLI, 2009, p. 14).

No Brasil essa iniciativa gerou as bases para a atual política pública de apoio às manifestações culturais de matriz africana, como ações afirmativas e o Estatuto da Igualdade Racial, por exemplo. Sua origem foi por meio das reivindicações dos grupos do movimento negro.

No auge da ditadura militar, em 1971, organizou-se em Porto Alegre o Grupo Palmares, liderado pelo professor Oliveira Ferreira da Silveira. Naquele ano, pela primeira vez, por iniciativa do grupo, celebrou-se o 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, no longínquo 1695. O Dia da Consciência Negra, idealizado por Silveira, surgia em contraposição ao 13 de maio, dia da abolição da escravatura (MAGNOLI, 2009, p.322).

Tais movimentos sociais influenciaram o crescimento da capoeira no Brasil e, provavelmente, geraram novas representações, como a afirmação de identidades e a valorização da cultura negra no país. Segundo Guedes e Moraes (2007, p.28),

a mobilização de movimentos negros e as novas visões historiográficas têm procurado mostrar a participação da população negra no processo de abolição. Assim, surgiram questionamentos com relação à Lei Áurea, chegando-se a acreditar que a Princesa Isabel tivesse sido obrigada a assiná-la. No entanto, novos documentos encontrados provam o envolvimento da princesa para com a causa abolicionista. Por outro lado, Zumbi, chefe do Quilombo dos Palmares, surge como um personagem a ser estudado e evidenciado pela historiografia nacional.

Nos anos de 1980 a 1990, com a estrutura da década anterior, houve o *boom* mercadológico da capoeira no Brasil. Com aulas em centenas de academias e milhares de alunos, surgiram os megagrupos¹⁷ e as inúmeras vertentes em termos de prática. A capoeira contemporânea, ou moderna, é a vertente majoritária quando se fala em número de praticantes no mundo todo atualmente e, nessa época, teve sua estrutura solidificada, com base em outras atividades físicas bem conhecidas na sociedade. Constatou-se também a inserção da capoeira nos ambientes de ensino, tais como escolas públicas, privadas, universidades e creches, bem como o crescimento de projetos sociais para a inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco social.

Na *visibilidade* da aula de capoeira contemporânea (*regional, angola*, e outras), fica claro que a posição do professor com relação aos seus alunos não proveio da *tradição*; mas das artes marciais orientais, da Educação Física, da ginástica praticada nas academias de “malhação”, ou do sargento à frente do pelotão de soldados do exército (PASSOS NETO, 2011, p.244).

Um fator muito relevante no processo de expansão foi a inserção da capoeira como modalidade esportiva nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), em 1985, competição já realizada desde a década de 1960 pelo governo federal, que envolvia atletas de vários estados e modalidades do país. A capoeira permaneceu nos JEBs até o ano de 1994, entre idas e vindas, como em 1991 e 1992, e o principal objetivo dos realizadores era tratá-la como esporte educacional e não descaracterizá-la de seus elementos históricos e culturais.

¹⁷ Termo proposto por Falcão e Saraiva (2007) para designar os grupos ou as instituições de capoeira que possuem milhares de integrantes e filiais pelo Brasil e pelo mundo.

Com a inclusão da capoeira nos JEBs, e a forma como transcorreu de 1987 a 1989 e em 1994, outros segmentos da comunidade esportiva, tais como a CBDU (Confederação Brasileira de Desportos Universitários), a CBC (Confederação Brasileira de Capoeira), alguns grupos e associações e academias adotaram como referencial de seus eventos esportivos (especificamente competições esportivas), a forma de 'competição de capoeira dos Jogos Estudantis Brasileiros' (BARBIERI, 1995, p.9).

Portanto, mais uma vez uma ação vinda do Estado provocaria novas representações no tocante à capoeira e influenciaria toda uma geração de mestres e praticantes, nesse período com repercussões até os nossos dias, haja vista o desenvolvimento da capoeira esportiva ou capoeira técnica, seus campeonatos e atletas. Com o fim dos JEBs, vários desses grupos e associações perceberam a valorização da capoeira pela sociedade como um esporte, sem os elementos da luta. Iniciaram-se inúmeras competições, isoladas ou envolvendo alguns grupos, visando ao crescimento da modalidade e à sua rentabilidade econômica.

No fim dos anos 1990, o governo percebeu o crescimento da capoeira como atividade física e esportiva, o que, aliás, estava muito em alta nos megagrupos e suas megacompetições. Logo, resolveu incluí-la no campo de atuação dos profissionais de Educação Física, pelo seu recém-criado Conselho Federal de Educação Física (Confef) e pelos Conselhos Regionais de Educação Física (Cref), tornando obrigatório o registro de mestres e professores de capoeira nesses órgãos para lecionar a modalidade, que ficaram denominados de provisionados.

Essa nova intervenção colocou em oposição os praticantes ligados à capoeira esportiva e os associados à capoeira cultura¹⁸, porém muitos mestres que apoiavam a vertente esportiva modificaram seus discursos no momento em que viram a dimensão do problema, pois eram comuns a fiscalização de escolas e academias de capoeira e a exigência do provisionamento perante o Cref, com o pagamento de taxas e a comprovação de capacidade de ensino da modalidade.

A representação da capoeira como cultura ganhou força no espaço deixado pela vertente esportiva, a qual teve, e ainda tem, dificuldades em se firmar perante a

¹⁸ Denominamos capoeira cultura a vertente que focou a prática procurando manter elementos tradicionais, simbólicos e ritualísticos da capoeira. Consiste em valorizar a aula e os conhecimentos do mestre, sobretudo a realização da roda e seus fundamentos. Pode ser encontrada em maior grau nos grupos de capoeira angola, porém, em função das recentes mudanças no contexto político de apoio à capoeira no Brasil, alguns mestres da capoeira regional e da contemporânea estão retornando seus discursos e suas práticas para esse meio de se praticar capoeira.

sociedade. A mobilização de alguns personagens dessa visão ampliada da capoeira foi, provavelmente, o que resultou, 10 anos depois, no seu reconhecimento como patrimônio cultural. Sobre isso, Vassalo (2008, p. 6) comenta:

Em 1998, o Estado é responsável por mais uma atitude altamente polêmica no mundo da capoeira. Neste momento é criada a Lei 9.696, que institui a exigência do diploma universitário de Educação Física para todos os profissionais dedicados ao ensino de atividades físicas, inclusive de práticas como ioga, artes marciais, dança e capoeira. Além disso, esses profissionais devem estar registrados no Conselho Federal de Educação Física. Esta lei gera fortes protestos de vários grupos e praticantes de capoeira. Estes veem esta iniciativa como uma “desvalorização do título de mestre e de toda uma tradição de transmissão do conhecimento” (jornal *Irohin*, n.º 16, s.d.), que poderia conduzir à própria extinção desta atividade.

Com o crescimento da capoeira no exterior, o processo de esportivização geraria ainda mais credibilidade e, principalmente, lucratividade para seus organizadores, tendo em vista o interesse dos estrangeiros em conhecer o Brasil e ainda competir com os brasileiros na forma esportiva da capoeira.

Ao término dos anos 1990, uma dessas associações conseguiu grande visibilidade na mídia. Transmitiu em canal de televisão a cabo uma competição de capoeira focada no jogo, com a participação de capoeiristas brasileiros e estrangeiros, o que gerou grande repercussão na comunidade da capoeira na época. Uma parcela acreditava que seria esse o caminho definitivo para os jogos olímpicos, já outros viam na competição a perda de elementos fundantes da capoeira, como a “vadiação”, a subjetividade, a harmonia e os rituais. Por causa da visibilidade galgada pela capoeira esportiva na virada do século passado, os grupos e as associações, na maioria da capoeira contemporânea/moderna, concentraram-se nesse modelo de crescimento da capoeira.

Paralelamente a esse movimento ocorreu, em maior grau, a participação de capoeiras em eventos de vale-tudo no fim dos anos 1990 e, hoje em dia, nos eventos de artes marciais mistas (MMA). O nicho de mercado para lutadores capoeiristas parece estar em franca ascensão e poderá, até o término da próxima década, alterar por meio da grande mídia as representações sobre a capoeira como luta, haja vista a visibilidade que lutadores brasileiros têm nesse tipo de competição. Mesmo com poucos adeptos, a competição de luta de capoeira persiste e espalha-

se em eventos regionais pelo Brasil, buscando espaço para a capoeira no universo midiático das lutas.

Na última década (2000-2010) houve forte expansão da capoeira em vários países. Com isso, eventos e cursos ofertados no exterior mobilizam muitos mestres do Brasil; alguns chegam a viajar para mais de 20 países por ano. A via inversa também é perceptível. O turismo promovido pela capoeira no país também constitui um fenômeno característico dessa década. Alunos estrangeiros passam temporadas essencialmente em Salvador e no Rio de Janeiro, a fim de aprimorar técnicas em aulas e oficinas, participar das rodas e dos eventos, conhecer mestres e professores de renome e vivenciar a cultura brasileira.

A característica mais marcante da vertente esportiva nessa década foi a realização de competições internacionais, seja uma vez ao ano ou em anos alternados. Elas reúnem centenas de capoeiras estrangeiros e brasileiros em algumas capitais do país, em busca de troféus, medalhas e/ou títulos. Ficaram conhecidos, até o momento, os campeões mundiais de capoeira. Mesmo que desarticulados, os títulos exerceram e exercem prestígio na vertente, pois diversos grupos e associações promoveram, na primeira década do século XXI, seus campeonatos mundiais, gerando assim o campeão mundial do grupo “X”, a campeã da associação “Y”, sem que houvesse unificação ou até mesmo disputa entre esses campeões mundiais.

Também no início do século XXI certos grupos de capoeira retomaram as competições com contato físico e com luta de capoeira, nos moldes feitos pela Confederação de Pugilismo na década de 1980. O momento é impulsionado pelo crescimento da modalidade conhecida como vale-tudo e suas megacompetições e altos investimentos, sobretudo no Japão. A justificativa dos organizadores é a realização de uma competição regrada para todos aqueles que praticam a capoeira como luta, retirando o combate direto, a violência e, fundamentalmente, a covardia das rodas de capoeira, com vistas a uma profissionalização da classe.

Muitas foram as suas variações mercadológicas no Brasil e no exterior nos últimos 20 anos, como a capoeira para o público gospel, infantil, terceira idade, o *capojitsu*, o *fight*, o *personal capoeira*, entre outras. O aumento e a diversidade de produtos também são perceptíveis. Nesse período foram produzidos e lançados filmes de longa-metragem, documentários, eventos, campeonatos e vídeo aulas em

VHS e DVD, CDs, jogos eletrônicos, jornais, revistas, livros e trabalhos acadêmicos específicos para a temática.

Com a expansão da capoeira no país, presente em todos os estados, com cerca de cinco milhões de praticantes, ou no exterior, nos cinco continentes, ocorreu a difusão do nosso idioma, dos costumes e conhecimentos, agregando diferentes faixas etárias, sexo, religião, etnias e culturas pelo mundo. Por meio desse processo, a capoeira passou a se ramificar em segmentos como produto cultural, esporte e conteúdo para a educação (GOULART, 2005).

No ano de 2004 o Ministério da Cultura (MinC), sob o comando do então ministro Gilberto Gil, promoveu um evento em Genebra, na Suíça, para homenagear o embaixador da ONU Sérgio Vieira de Mello, morto um ano antes em Bagdá, no Iraque. O ato gerou o documentário *Brasil Paz no mundo*, que contou com a presença de mestres da Bahia e capoeiristas de outros países. No discurso o ministro reconheceu seu valor de inclusão social e de instrumento de paz, agregador de tantos povos distintos pelo mundo sob a óptica da cultura brasileira. Com essa ação, o Estado iniciou o processo de reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro, assumindo um compromisso com a comunidade capoeirística e lançando as bases para um programa de apoio à manifestação cultural em âmbito nacional e internacional (VASSALO, 2008).

Vassalo (2008) sugeriu a hipótese de que o reconhecimento ofertado ao mestre João Grande, baiano discípulo de mestre Pastinha, em Nova York, em 2001, por sinal noticiado por poucos veículos da mídia de Salvador, foi um fator precursor para a mobilização do governo com relação à capoeira em 2004, antes que outro país assim o fizesse:

Mestre João Grande é o primeiro brasileiro a ser agraciado com o prêmio da *National Heritage Fellowships* (Comunidades do Patrimônio Nacional), o mais alto título concedido nos Estados Unidos para personalidades que lidam com as artes folclórica e nacional no país (IPHAN, 2007, p.50).

Em 2006 e 2007 o MinC e o Iphan promoveram ações de levantamento de dados com pesquisadores do Rio de Janeiro, de Salvador e do Recife para produzir o Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil, o qual deu base para que no ano seguinte houvesse seu reconhecimento. O contexto sociopolítico no qual ela está inserida, seja no Brasil ou fora dele, foi o

ponto principal para que o Estado tomasse essa postura “positiva”. É preciso entender toda a conjuntura que levou os representantes a tomar essa importante decisão, como declara Vassalo (2008, p. 11):

No governo Lula e em seus órgãos representantes, como o Ministério da Cultura, a capoeira se torna um dos símbolos por excelência da cultura brasileira. Ela encarna a própria possibilidade de superação das desigualdades e de convivência pacífica das diferenças, ou seja, o ideal de mestiçagem, tal como é tradicionalmente entendido na nossa sociedade. Ela se torna uma metáfora do Brasil e da nossa cultura, aquela que abarca todas as diferenças e aponta para a sua superação pacífica. É nesse contexto que, nos últimos meses, o Ministério das Relações Exteriores tem promovido a capoeira pelo mundo afora. Para tanto, dedicou um número da sua revista, intitulada “Textos do Brasil”, exclusivamente a esta atividade e promove festas de lançamento nas embaixadas brasileiras de várias cidades do mundo. Tais eventos contam com a presença de mestres de renome, que viajam a convite do próprio Itamaraty. Dentro dessa estratégia política do atual governo, o próximo passo consiste em transformar a capoeira em patrimônio da humanidade. Ela seria uma contribuição brasileira para o mundo, um exemplo de pacifismo para todos os povos.

Em julho de 2008, foram reconhecidos pelo Iphan como patrimônio cultural imaterial do Brasil a roda de capoeira, registrada no Livro das Formas de Expressão, e o ofício dos mestres de capoeira, no Livro dos Saberes. O ato simbólico foi muito importante para o começo de um processo de valorização e reconhecimento da capoeira como bem cultural e patrimônio imaterial, pois além do registro há um plano de salvaguarda com medidas e ações que o Estado pretende implementar, no sentido de assegurar que a atividade continue acontecendo por meio do fomento de suas necessidades. Inicia-se a segunda década do século XXI, e aguardam-se as medidas de apoio para efetivamente salvaguardar o bem na sua amplitude.

A partir de 2010, o MinC e o Iphan passaram a implementar o plano de salvaguarda¹⁹ para a capoeira, medida inerente aos registros de bens imateriais da cultura. Isso, como consequência, despertou grande desconfiança por parte de mestres, praticantes, pesquisadores e lideranças da capoeira no Brasil.

Essa desconfiança advém do fato de que historicamente a prática já foi perseguida e também utilizada como aliada durante o império, com a proibição e criminalização oficial pelo Código Penal na república velha, classificada como

¹⁹ As medidas que foram recomendadas para o plano de salvaguarda, com base nas pesquisas do dossiê da capoeira em 2007, estão na parte 1.2 desta dissertação.

“esporte genuinamente brasileiro”, durante o período do Estado Novo, registrada como “esporte” pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), na década 1970, em plena ditadura militar; apropriada pelo sistema Confef/Cref, como atividade de responsabilidade do profissional registrado de Educação Física, no fim dos anos 1990; e no século XXI, como patrimônio cultural, por iniciativa de integrantes da gestão cultural do governo Lula (REGO, 1968; SOARES, 1994; VASSALO, 2008). Os desdobramentos do registro da capoeira como patrimônio imaterial nacional só poderão ser verificados com o tempo, tendo em vista sua enorme expansão e diversidade no Brasil.

A capoeira esportiva, seja ela tratada como jogo ou luta, tem o seu maior desafio nos próximos anos: ser reconhecida pela sociedade e mídia como forma rentável de modalidade esportiva, tendo em vista a realização dos jogos olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, e o crescimento dos eventos internacionais de MMA no Brasil. Contudo o ato de registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial do país não foca ou compreende a capoeira como esporte, seja por meio do jogo ou da luta, mas sim em uma perspectiva cultural, mais abrangente, significativa. Isso permite dizer que a capoeira esportiva caminha em direção oposta à da capoeira patrimônio cultural e esse fator pode, num futuro próximo, gerar novas rupturas e representações na comunidade capoeirística.

Presente em cerca de 180 países, é nos dias atuais um dos maiores veículos de disseminação da língua portuguesa, da nossa cultura e identidade no mundo. Tudo isso ocorreu sem praticamente apoio oficial nenhum de instituições públicas, privadas, mídia ou organizações não-governamentais (ONGs), mas pelo esforço, pela dedicação e competência de mestres e professores, que durante anos persistiram no ensino da capoeira. Apenas na primeira década do século XXI é que o Estado resolveu começar a apoiar efetivamente a capoeira, com alguns editais específicos, seu registro como patrimônio cultural e seu plano de salvaguarda.

Mestre Nestor Capoeira, como é conhecido no meio, afirma que participou dessa expansão e que até 2011 existem 25.000 professores no Brasil e cerca de 2.000 espalhados pelo mundo (PASSOS NETO, 2011).

A capoeira está hoje, para alguns mestres, em sua fase de ouro, enquanto para outros passa por seu pior momento. Portanto, a diversidade da capoeira no país é um meio interessante de pesquisa, e entender as peculiaridades de cada região e grupo social é um desafio para aqueles que se propõem estudá-la.

Teve-se como meta demonstrar neste capítulo como a capoeira se desenvolveu em nosso país e quais foram suas principais contribuições durante a história. Conclui-se que foi um passado que misturou terror e heroísmo, no qual os capoeiras, pertencentes às mais diversas camadas sociais, demonstraram a força de uma luta na construção de uma identidade sociopolítica. As atuações em guerras, conflitos, eleições e no cotidiano das principais cidades constituem um importante conhecimento para a construção da história brasileira. As memórias e a identidade desses capoeiras do passado servem de escopo para entender as representações dos atuais capoeiras e a relevância que o bem cultural pode ter em nossa sociedade.

1.2 CAPOEIRA HOJE: O PAPEL DO ESTADO NO “CAMPO DE MANDINGA”

Após o citado evento em Genebra em 2004, no qual o MinC se comprometeu em organizar as ações para a valorização da capoeira, passaram-se dois anos, e em 2006 o MinC e o Iphan iniciaram oficialmente o processo para o possível registro da capoeira como patrimônio cultural. O documento visou expor as justificativas necessárias para o ato:

Valorização e reconhecimento de uma manifestação cultural expressiva da contribuição africana para a cultura do país, que segundo pesquisadores, desenvolveu-se no Brasil e constitui-se em referência marcante da cultura afro-brasileira, em função de sua origem e dos aspectos que a constituem, como forma de sociabilidade, saber e expressão (IPHAN, *web*, 2006).

Paralelamente a produção deste dossiê²⁰, ocorreu a primeira medida concreta de valorização pelo governo brasileiro, o programa Capoeira Viva, que consistiu numa chamada pública com o objetivo de “fomentar a implementação de políticas públicas para a valorização e promoção da capoeira como bem constituinte do

²⁰ O dossiê faz parte da política de apoio do MinC/Iphan à cultura imaterial do Brasil. No caso da capoeira, ele foi intitulado como Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro. Foi produzido com o apoio de pesquisadores renomados da capoeira e de universidades do Rio de Janeiro, de Salvador e do Recife. Seus principais objetivos foram justificar a importância da capoeira como bem cultural e propor as bases do plano de salvaguarda, o que ainda está sendo aguardado (IPHAN, *web*, 2007).

patrimônio cultural brasileiro, apoiando uma das diretrizes de política cultural da atual gestão do Ministério da Cultura” (BRASIL, *web*, 2006).

Os objetivos do edital incluíam incentivo à produção de pesquisas, inventários e documentação histórica e etnográfica; ações socioeducativas; e apoio a acervos documentais sobre o tema. Os incentivos financeiros totais para os projetos qualificados na chamada de 2006 somavam R\$930.000 e em 2007 R\$ 1,2 milhão (BRASIL, *web*, 2006; 2007).

Além das ações de incentivo financeiro, o programa previa três encontros nacionais

visando à socialização da informação sobre esta expressão cultural; articulação entre os saberes de mestres e estudiosos da capoeira; difusão dos conhecimentos produzidos nas áreas acadêmicas, educacional, patrimonial e artística; bem como a elaboração de projetos e estratégias que subsidiem as políticas públicas voltadas para a valorização e promoção da capoeira (BRASIL, *web*, 2006).

Para a seleção dos projetos contemplados em 2006, foi estabelecida uma comissão formada por especialistas e estudiosos da capoeira (BRASIL, *web*, 2006), a qual levou em consideração os seguintes itens para a qualificação das propostas:

- Importância do projeto no reconhecimento da capoeira como bem cultural;
- Efeito multiplicador da proposta;
- Capacidade de execução;
- Perspectivas de continuidade;
- Benefícios quantitativos e qualitativos para a comunidade (e/ou comunidades) onde o projeto se realiza;
- O peso da iniciativa na matriz cultural da região;
- [...] A riqueza, o volume e a disponibilidade para o acesso;
- [...] O número de indivíduos beneficiados com a experiência; a importância do projeto na qualificação dos indivíduos;
- Melhoria na qualidade de vida; instrumentação para recuperação da autoestima (BRASIL, *web*, 2006).

Pode-se perceber a partir desse momento a preocupação dos gestores em qualificar ações que valorizassem os aspectos culturais, sem destacar nenhum caráter esportivo ou competitivo. Contudo o processo de inscrição no edital de 2006 (primeira edição) e 2007 (segunda e última edição) começou a gerar descontentamento em muitos mestres e professores, afinal as fichas de inscrição foram disponibilizadas no *site* do programa, apesar de a maioria desses mestres não

dominar o uso da internet nem, predominantemente, a linguagem utilizada no edital, por estarem habituados à oralidade (CULTURAL, *web*, 2009).

Portanto, a insatisfação da grande comunidade de capoeiristas direcionou-se às formas de comunicação empregadas pelos gestores do Capoeira Viva 2006 e à divulgação oficial dos projetos contemplados (CULTURAL, *web*, 2009). Em 2007, com a troca da instituição gestora do programa, passando para a Fundação Gregório de Matos (FGM), houve a reformulação do edital e maior divulgação do prêmio, como a ampliação para 122 projetos, divididos em quatro categorias, contemplados e divulgados oficialmente em cerimônia realizada na Câmara Municipal de Salvador em abril de 2008, três meses antes do registro como patrimônio cultural pelo Iphan (CULTURAL, *web*, 2009).

Sobre o processo seletivo do Capoeira Viva de 2007, Marcelo Lucena, da comunicação social do MinC, apontou:

Foi o segundo processo de seleção pública de projetos em âmbito nacional – recebeu inscrições de 1.289 projetos de todo o país, aproximadamente o dobro em relação ao ano anterior. Em relação à distribuição por região, 60% correspondem ao Norte, Nordeste e Centro-Oeste – assim distribuído NE (44%), CO (11%) e N (5%) –, 30% ao Sudeste e 10% ao Sul. Foram classificados 747 projetos para avaliação dos pareceristas e membros da comissão de seleção, que refletiram a diversidade e o equilíbrio regional com, pelo menos, um representante de cada região brasileira. Também foram realizadas 20 oficinas de capacitação, em diversas capitais brasileiras, o que foi fundamental para o aumento qualitativo e quantitativo do montante de projetos inscritos (MINC, *web*, 2008).

Mesmo com a preocupação dos organizadores em atender à demanda e às necessidades, uma sucessão de complicações burocráticas aconteceu, o que já era esperado pelos capoeiras, como a divisão do prêmio em duas parcelas, atrasos no pagamento, dificuldades na comunicação entre os contemplados e gestores do programa e a cobrança de itens que não constavam claramente do edital do prêmio, considerando que

a 1.^a parcela foi paga somente em setembro ([...] havia uma observação no edital que o contemplado que não apresentasse sua documentação após 30 dias, perderia direito ao prêmio. [...] Mas a 1.^a parcela do prêmio só foi paga 150 dias depois); a segunda parcela, que deveria ter sido paga em janeiro (4 meses depois do início dos projetos) não ocorreu. Em janeiro, a FGM começou a enviar *e-mails* aos contemplados para que reenviassem parte da documentação.

[...] Gastos não previstos passaram a ser necessários, como recibos de ISS e de INSS, além de gasto com correio, transporte e etc.; após o que os contemplados consideraram uma “maratona burocrática”, ainda assim a 2.^a parcela não foi paga, com a exceção de 10 projetos, que receberam tal parcela (*apud* CULTURAL, *web*, 2009).

Sobre os meios de comunicação escolhidos pelos gestores do programa Capoeira Viva, o autor²¹ comenta que o Estado deveria

(re)conhecer os mecanismos desta grande rede informal, a sua linguagem, a sua realidade e, o mais importante, as suas reais necessidades. Ao menos uma equipe preparada para dialogar com essa comunidade precisa intermediar esse tipo de política. A seleção dessa equipe deveria ser feita de forma muito séria e estabelecida a partir das bases acima citadas (*apud* CULTURAL, *web*, 2009).

Ainda segundo a postagem do responsável pelo *blog* Consórcio Cultural, o pagamento da segunda parcela foi feito somente em abril de 2009, e a comunicação com o público-alvo aconteceu de forma não desejável, o que poderia ter sido assimilado pelos gestores públicos para ser corrigido nos editais que viriam na sequência, como os Encontros Pró-Capoeira, em 2010, e o prêmio Viva Meu Mestre, em 2011, ofertados pelo sistema MinC/Iphan.

Essa rede informal mencionada pelo autor sustentou e sustenta o crescimento e a divulgação da capoeira no Brasil e no mundo há décadas, e é sobre ela que os gestores culturais deveriam se atentar para de fato atingir esses agentes com políticas públicas.

Com isso, as relações históricas entre capoeiras e Estado seriam novamente alteradas. Os editais do Capoeira Viva 2006 e 2007 geraram insatisfações e satisfações em diferentes segmentos da capoeira no Brasil. O problema foi a não contemplação dos prêmios ao público e as formas de abordagem e relacionamento entre representantes do Estado e público-alvo.

Após o registro como patrimônio cultural, em 2008, o discurso de apoio e fomento foi ampliado por meio do plano de salvaguarda, que conforme o Iphan (*web*, 2010) consiste em dar continuidade ao bem cultural imaterial de forma sustentável.

²¹Esses dados foram obtidos com a publicação de um autor anônimo no *blog* Consórcio Cultural. O autor, denominado “Ação Cultural”, é representante, ao que parece, de uma entidade sergipana, sem fins lucrativos, de apoio à cultura. Esta, por sua vez, também dispõe de um *blog* com suas ações na internet. Optamos por utilizar essas informações tendo em vista a escassez de dados a respeito do processo de pagamento dos prêmios do referido edital, contudo temos ciência da vulnerabilidade dessas informações, em virtude, principalmente, do anonimato de seu autor.

Para tanto, a equipe de pesquisadores que realizou o levantamento de dados identificou quais são as principais necessidades dos agentes envolvidos com o bem cultural e propôs, “desde a ajuda financeira a detentores de saberes específicos com vistas à sua transmissão, até, por exemplo, a organização comunitária ou a facilitação de acesso a matérias-primas” (IPHAN, *web*, 2010).

As medidas foram propostas por meio da ação desses investigadores, que coletaram dados, depoimentos e apontamentos da comunidade da capoeira e publicaram as bases do plano de sua salvaguarda no Brasil. Apresentam-se cada uma das sete medidas (IPHAN, *web*, 2007):

- 1) Reconhecimento do notório saber do mestre de capoeira pelo Ministério da Educação (MEC);
- 2) Plano de previdência especial para os velhos mestres de capoeira;
- 3) Estabelecimento de um Programa de Incentivo da Capoeira no Mundo;
- 4) Criação de um Centro Nacional de Referências da Capoeira;
- 5) Plano de manejo da biriba²² e outros recursos;
- 6) Fórum da Capoeira;
- 7) Banco de Histórias de mestres de Capoeira.

A primeira proposta visa contemplar os mestres de capoeira, pois, uma vez registrados no Livro dos Saberes do Patrimônio Cultural Imaterial, estariam legitimados a lecionar capoeira em colégios, escolas e universidades sem a necessidade da formação em Educação Física, afinal seus conhecimentos são provenientes da cultura popular (IPHAN, *web*, 2007). O que acontece em nossos dias é a procura pelo curso de Educação Física por grande parte dos jovens professores de capoeira, que objetivam estabelecer relação entre os saberes acadêmicos e os culturais. Eles primam pela representação que o diploma pode lhes oferecer no momento da disputa com outros profissionais de capoeira vagas no mercado de trabalho, principalmente em escolas particulares e academias das altas classes nas grandes cidades.

A segunda medida foi uma unanimidade apontada durante os encontros, porque, conforme abordado antes, vários mestres passaram por dificuldades financeiras durante suas carreiras, e isso ainda ocorre nos dias de hoje (IPHAN,

²² Madeira proveniente da árvore biribeira (*Eschweileraovata*), muito utilizada para a confecção do berimbau. Pode ser encontrada na mata atlântica do estado da Bahia, contudo sua extinção já se tornou provável, em virtude da demanda na comunidade da capoeira (IPHAN, *web*, 2007).

web, 2007). A ideia foi propor uma parceria com a Previdência Social com vistas a uma medida de emergência para mestres acima de 60 anos. O desenvolvimento dessa sugestão gerou em 2010 o edital Viva Meu Mestre, haja vista a dificuldade burocrática em envolver outros órgãos do sistema federal, basicamente porque para haver aposentadoria é necessária a contribuição do cidadão em tempo hábil.

A terceira medida refere-se à circulação de mestres e professores pelo exterior. Ela pretendia instituir uma parceria com o Itamaraty, o qual facilitaria esse trânsito por meio dos seus programas de apoio à cultura brasileira (IPHAN, *web*, 2007). Em 2004, os mestres foram denominados embaixadores culturais do Brasil pelo então ministro da Cultura Gilberto Gil. Nada mais justo que tenham o merecido respeito em suas atividades pelo mundo, como rodas, aulas, palestras e eventos.

Essa medida, se bem estruturada e aplicada, poderia causar uma revolução na comunidade da capoeira no Brasil, afinal a quantidade de projetos que focam a inclusão social e a enorme disponibilidade de mão de obra poderiam a curto, médio e longo prazo espalhar inúmeros professores e futuros mestres de capoeira pelo mundo.

A proposta de criação de um Centro Nacional de Referências da Capoeira, relacionada à quarta medida do plano de salvaguarda, vem ao encontro dos anseios da comunidade acadêmica que pratica ou simpatiza com a capoeira, tendo em vista a dispersão das áreas de conhecimento que a pesquisam nos últimos 25 anos e suas respectivas publicações. Os pesquisadores indicaram a criação de um banco de dados virtual envolvendo as mais variadas formas de referência para a capoeira: textos, vídeos, arquivos de áudio, enfim, toda a possibilidade interdisciplinar que a capoeira permite para a construção do conhecimento (IPHAN, *web*, 2007).

A quinta medida, referente ao manejo dos recursos naturais para a capoeira, visa atender a uma demanda de mercado. Apenas no Brasil são cinco milhões de praticantes (GOULART, 2005), sem mencionar o crescimento da capoeira no exterior, porque os recursos naturais, matérias-primas para a confecção dos instrumentos da capoeira, precisam de um plano de manejo. As diferentes madeiras para a produção do berimbau, por exemplo, são espécies nativas da mata atlântica, e algumas já estão até ameaçadas de extinção, tais como o mata-mata branco, pau-d'arco, pau-pombo, açoita-cavalo, itaúba-preta, guairúba, pitomba, tatajuba, marupá, tauarí e o morototó. Desse modo, além de gerar mais postos de trabalho e renda, a

capoeira pode estar cada vez mais conectada aos conceitos de sustentabilidade e ecologia, tão debatidos na atualidade (IPHAN, *web*, 2007).

De acordo com a primeira medida proposta – reconhecimento do saber notório dos mestres – está o sexto item, o Fórum da Capoeira, com a realização de encontros periódicos entre universidades e, de maneira primordial, mestres que não possuem formação acadêmica, como meio de produção de conhecimento e troca de experiências. Isso já ocorre informalmente em muitas instituições de ensino superior, pois mestres são convidados para palestras, vivências e outras atividades do meio acadêmico, porém com o apoio do Estado essa ação seria muito mais relevante e representativa (IPHAN, *web*, 2007).

A sétima medida consiste em criar um Banco de Histórias de mestres, para que capoeiristas possam registrar as memórias e trajetórias de antigos mestres por meio de oficinas de história oral; esses dados também fariam parte do Centro Nacional de Referências da Capoeira. Passagens da vida de alguns mestres falecidos no século passado foram registradas em gravações desse tipo, realizadas por seus discípulos ou pesquisadores afins. Esses registros são importante fonte de estudo, como é o caso dos depoimentos gravados nos discos dos mestres Bimba e Pastinha, por exemplo. A última medida apresentada é relativa à produção de um inventário para a capoeira em Pernambuco (IPHAN, *web*, 2007).

Todavia o capoeirista é um sujeito desconfiado por essência, hábito que ele aprende e vivencia no cotidiano das rodas, dos eventos e das aulas. Portanto, esse ato oficial do Estado foi recebido com cautela por grande parte dos mestres e praticantes da capoeira no Brasil, já acostumados com a falta de apoio nas esferas municipal, estadual e federal ou com promessas que não saem do papel.

Na filosofia da capoeira, a malandragem e a malícia são requisitos básicos para que o indivíduo se torne de fato um capoeirista. É por meio delas que o praticante se posiciona na vida, no mundo e se relaciona com as pessoas. Segundo Passos Neto (2011), a malícia pode ser compreendida como um saber corporal que envolve a experiência de vida, o fingir, a esperteza e o reconhecimento da falsidade e maldade naturais do comportamento humano. Ela está presente em todo bom jogo de capoeira e, desse modo, ao ser assimilada pelo corpo passa para o intelecto e/ou lado espiritual do praticante; “malícia: ética e filosofia alternativa, negra, mulata, brasileira, marginal” (PASSOS NETO, 2011, p.21).

Já a malandragem é um conceito maior, que engloba entre outros elementos a malícia; é “a estratégia do mais fraco, em face de quem detém o poder” (PASSOS NETO, 2011, p.315). Pode estar aliada também ao contexto do samba e ao mundo do crime, ambientes de prostituição e jogatina. Na capoeira a malandragem mostra-se em diferentes momentos – na roda, durante o jogo e nas relações entre capoeiristas –, constituindo uma escola filosófica utilizada no dia a dia que serve para a evolução do corpo, da mente e da alma. Está presente no submundo e em toda a sociedade brasileira (PASSOS NETO, 2011).

Contudo, considerando que o capoeira utiliza a malícia e a malandragem no seu cotidiano, a intervenção do governo não poderia passar despercebida. Assim, produziu nos mais experientes líderes certo desconforto, levando-se em conta o histórico da relação Estado x capoeiras.

A posição de preocupação de alguns mestres é passível de entendimento se ponderadas todas as formas de repressão, alteração e apropriação que o Estado brasileiro já impôs à capoeira, e grande parte desses mestres acompanhou e vivenciou uma parcela desse processo pessoalmente, como a falta de apoio financeiro ou de reconhecimento (PASSOS NETO, 2011).

A relação entre lideranças capoeirísticas e governo após 2008 vem despertando posições contrárias e favoráveis às medidas do plano de salvaguarda. Sobre esse fato mestre Moraes (*web*, 2010) destaca:

Nós, capoeiristas, precisamos estar atentos para os jogos que acontecem fora da roda de capoeira, que é para não cairmos para quem nunca ouviu nem o som de um berimbau. Tenho observado que, de repente, os poderes públicos começaram a se preocupar com a capoeira e os capoeiristas, mas nada que realmente me convença.

A preocupação com aqueles que “nunca ouviram nem o som do berimbau” pode estar relacionada com as equipes que elaboram, decidem e operam as medidas oficiais do governo nesses últimos anos, tendo em vista que, mesmo com as inúmeras reclamações para o programa Capoeira Viva 2006 e 2007, ligadas, prioritariamente, a formas de comunicação entre governo e capoeiristas, mais uma vez os mestres ficaram sem um representante político nesse jogo, pois o Grupo de Trabalho Pró-Capoeira (GTPC) foi formado por representantes da Secretaria da

Identidade e da Diversidade Cultural (SID), da Secretaria de Políticas Culturais (SPC/MinC) e da Fundação Palmares, coordenada pelo Iphan (BRASIL, *web*, 2010).

Por outro lado, os responsáveis pelo processo, integrantes do MinC/Iphan, reforçam o discurso de apoio aos mestres:

Reconhecimento, valorização e divulgação dos mestres que tenham larga experiência acumulada na prática e transmissão dos saberes sobre a capoeira, desempenham ou desempenharam papel fundamental em suas comunidades e se dedicaram a manter vivo esse patrimônio nacional (BRASIL, *web*, 2011).

A concretização prática da valorização dos mestres antigos começou a sair do papel somente em 2010, dois anos após o registro como patrimônio cultural dos saberes e dos fazeres deles, com o lançamento do edital Viva Meu Mestre, o qual consistiu em premiar “mestres e mestras de capoeira, com idade igual ou superior a 55 anos, cuja trajetória de vida tenha contribuído de maneira fundamental para a transmissão e continuidade da capoeira no Brasil” (BRASIL, *web*, 2010). O prêmio foi concedido para 100 candidatos habilitados entre 178 inscritos no país, e foram pagos R\$ 10.800, com os descontos do imposto de renda. O objetivo desta ação foi

atender, em caráter de urgência, uma das principais demandas levantadas pelos mestres de capoeira durante a instrução de registro de mestre e da roda de capoeira e na “Carta Brasília” de 20 de agosto de 2009, elaborada no Encontro de Mestres de Capoeira promovido pela Fundação Palmares na ocasião do seu 21.º aniversário (IPHAN, *web*, 2011).

A intenção do prêmio foi fundamental para ações iniciais de valorização dos antigos mestres do Brasil, porém a comunidade envolvida alerta para as posições assistencialistas do Estado, as quais não resolvem as causas dos problemas para a manutenção do bem cultural, pois deve haver uma profunda revisão do papel do Estado em relação aos capoeiristas com o plano de salvaguarda.

Estudos recentes sobre a trajetória da capoeira até o seu registro como patrimônio cultural sugerem que as ações do Estado não priorizem grupos ou regiões específicas, pois a capoeira tem uma história plural em diversos contextos culturais, geográficos e sociais no Brasil (LUSSAC; TUBINO, 2009). Isso inclui desde as estratégias para a comunicação com o público já mencionadas até a elaboração dos editais para a salvaguarda do bem cultural. Conforme se constatou,

no caso do prêmio Capoeira Viva de 2006 e 2007, muitos mestres, principalmente os mais antigos, não têm domínio das novas tecnologias para a comunicação, como a utilização de correio eletrônico (*e-mail*) e *sites* na internet. Para esse público, o Estado deveria estabelecer meios alternativos, haja vista a complexidade dos editais.

A justificativa dos integrantes do governo esteve associada com a mobilização e organização de segmentos da comunidade capoeirística, que diariamente enviaram projetos de “apoio a eventos nacionais e internacionais, publicações, projetos de pesquisa e de divulgação de material histórico e cultural relacionado à capoeira” (BRASIL, *web*, 2009). Ou seja, mediante a crescente demanda dos praticantes o governo viu-se pressionado a realizar medidas efetivas para o bem cultural no país, demonstrando a necessidade de participação dos capoeiras nas questões políticas que envolvem o patrimônio cultural.

Em 2010, para a gestão administrativa e execução das tarefas do plano, foi aberto um concurso pelo MinC/Iphan selecionando uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) para tal fim. As metas iniciais do Pró-Capoeira eram realizar um cadastro nacional, uma forma de censo, para “mapear o universo da capoeira, identificando mestres, professores, instrutores, grupos, pesquisadores, instituições de pesquisa e entidades que agregam grupos de capoeira”, e três encontros com a comunidade visando estabelecer parâmetros para ações de política pública cultural, como a elaboração de editais (BRASIL, *web*, 2010).

A Oscip vencedora do concurso, juntamente com o GTPC, ficou incumbida de contratar 10 consultores especialistas em capoeira, dois para cada região do país. Esses consultores ficaram responsáveis por identificar os principais mestres, professores e pesquisadores em suas respectivas regiões, além de organizar os referidos encontros. Para a seleção deles, a equipe gestora exigiu dos candidatos curso superior em qualquer área acadêmica e comprovada experiência em pesquisas envolvendo a capoeira. Toda a entrega de documentação, *curriculum vitae* e publicações foi feita por correio eletrônico (*e-mail*) (BRASIL, *web*, 2010).

As propostas em pauta são teoricamente satisfatórias, como os objetivos específicos do Pró-Capoeira, por exemplo:

- Promover e difundir a capoeira no Brasil e no mundo com respeito à diversidade cultural presente em suas diferentes manifestações rituais, técnicas e estilísticas;
- Apoiar a transmissão dos conhecimentos tradicionais ligados à prática da capoeira;
- Estabelecer critérios para o reconhecimento do notório saber dos mestres de capoeira formados na tradição;
- Apoiar e fomentar a difusão da produção intelectual, acadêmica, cultural e audiovisual sobre a capoeira no Brasil e no mundo;
- Cadastrar mestres e estudiosos, praticantes, grupos, entidades e instituições públicas e privadas dedicadas à prática, ao estudo e ao ensino da capoeira no Brasil;
- Fomentar a criação de mecanismos de participação e de consulta às instituições e aos representantes de grupos e indivíduos praticantes de capoeira no Brasil, com vistas a organizar a regulamentação do exercício de atividades de ensino e de formação;
- Incentivar a prática da capoeira como recurso cultural, lúdico, pedagógico e como atividade física na rede pública e particular, em todos os níveis de ensino;
- Promover o intercâmbio entre praticantes e estudiosos da capoeira do Brasil e de outros países (PRÓ-CAPOEIRA, *web*, 2010).

Os objetivos apresentados pelos organizadores do Pró-Capoeira foram identificados com as propostas de uma parcela significativa de mestres, praticantes e pesquisadores, os quais justificaram as principais necessidades que a manifestação tem no país para o seu pleno desenvolvimento. Uma delas é a sua inclusão efetiva no currículo escolar nacional, pois

os mestres de capoeira vêm sendo muito influentes na difusão da cultura brasileira no exterior. No Brasil, a pedagogia oficial ainda não se deu conta inteiramente das possibilidades de aproveitamento educacional desse jogo para a formação de jovens, cada vez mais moldados pela cultura do individualismo e do isolamento, característica da atual sociedade de consumo e de comunicação cibernética (SODRÉ, 2002, p.88).

Essa participação ocorreu por meio de três encontros, um no Recife, para o público da Região Nordeste, outro em Brasília, para as Regiões Norte e Centro-Oeste, e um no Rio de Janeiro, agregando Sudeste e Sul. Os encontros contaram com a participação de diferentes segmentos do governo, como o MinC/Iphan, a Fundação Cultural Palmares, a Secretaria Executiva da Identidade e Diversidade Cultural, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Previdência Social (BRASIL, *web*, 2010).

Conforme a programação, foram ministradas palestras sobre o Programa de Educação Previdenciária do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), mesas técnicas sobre políticas públicas, apresentações culturais e grupos de trabalho (GT). Os GTs discutiram e propuseram ações para os seguintes temas: capoeira e educação; capoeira e políticas de desenvolvimento sustentável; capoeira e políticas de fomento; capoeira, esporte e lazer; capoeira, identidade e diversidade; e capoeira, profissionalização, organização social e internacionalização (PRÓ-CAPOEIRA, *web*, 2010).

A participação de membros do Ministério da Previdência Social auxiliou os participantes a compreender questões a respeito da aposentadoria, tema muito recorrente em discussões sobre o auxílio financeiro a antigos mestres. Foi por meio dessas discussões que o MinC resolveu lançar o Prêmio Viva Meu Mestre, supracitado.

Porém a morosidade de praticamente todas as ações do governo federal também atingiu os mestres. Nesse sentido, a insatisfação em relação aos encontros Pró-Capoeira realizados em 2010, sob a coordenação do Minc e Iphan, começou a se disseminar entre eles:

Precisamos continuar mobilizados, abertos ao diálogo franco, mas não permitindo, de forma alguma, que as simbologias identitárias da capoeira sejam alteradas para facilitar a concretização de um projeto histórico de intervenção nessa manifestação cultural (MORAES, *web*, 2010).

Após o encontro no Recife, a delegação que representou a Bahia reuniu-se em Salvador e divulgou um manifesto contra algumas proposições do Pró-Capoeira, exigindo um processo mais democrático e referente às diversidades da capoeira. Logo, não concordaram com os critérios para a seleção dos participantes que compunham a representação regional (Região Nordeste) ou os GTs, nem com a forma de discussão das propostas dos GTs, que segundo eles não passaram pela plenária final e algumas propostas representam apenas uma parcela da comunidade da capoeira. Reivindicaram, ainda:

Formalização de um modelo oficial da capoeira como ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO, visando a sua inclusão nas olimpíadas. Vale observar que não nos opomos a quem queira conduzir a capoeira como esporte. Nosso posicionamento é contrário à FORMALIZAÇÃO

LEGAL E OFICIAL da capoeira como esporte olímpico, o que naturalmente negaria a diversidade de suas práticas.

Regulamentação da profissão a partir da LÓGICA DO MERCADO, engessando a capoeira num modelo preestabelecido e submetendo toda a comunidade de mestres e professores a um conselho federal que será o responsável por determinar quem pode e quem não pode exercer essas funções.

Submeter a formação do capoeirista ao ensino universitário como obrigatoriedade, QUEBRANDO ASSIM AS FORMAS TRADICIONAIS de transmissão desses saberes, onde o mestre tem papel central (ABIB, *web*, 2010).

O encontro final, que estava previsto para o ano de 2011 em Salvador, não ocorreu, entretanto a participação efetiva dos mestres, praticantes e pesquisadores baianos por intermédio desse manifesto demonstra que a comunidade está se articulando para evitar novas intervenções políticas negativas sobre a capoeira, e os responsáveis pelas ações da salvaguarda dela necessitam consultar e considerar todas as partes envolvidas no processo.

O desfecho dessa nova intervenção do Estado apenas será revelado com o tempo, conforme relata Frede Abreu: “Só para o processo de registro da capoeira foram mais de cinco anos [...]. A mesma proposta foi feita também para os antigos do samba de roda do recôncavo, que, depois de ter o registro em 2004, ainda esperam a aposentadoria” (BRASIL, *web*, 2008).

A burocracia e a lentidão com que são conduzidas as medidas para o plano de salvaguarda é o que mais preocupa a comunidade, pois as necessidades são urgentes e não podem depender de recursos de difícil acesso para serem concretizadas.

No ano de 2011, faleceram somente no Rio de Janeiro os mestres Arthur Emídio, Peixinho, Nacional e Dentinho, e na Bahia, os mestres Bigodinho e João Pequeno de Pastinha. Em 2012 faleceu o mestre Decênio, discípulo de mestre Bimba. Todos foram perdas lastimáveis para a comunidade da capoeira. Isso significa que certas medidas devem ser tomadas com prioridade, pois em alguns casos há uma parcela de mestres que carecem de apoio financeiro com urgência, e muitos deles contribuíram para o desenvolvimento da capoeira no país e no mundo. Entretanto os principais financiadores da capoeira no Brasil sempre foram os próprios praticantes, que por conta do seu amor pela arte investem as quantias necessárias para a realização dos eventos, encontros e materiais, assim como para a valorização dos antigos mestres.

O professor e capoeirista Pedro Abib ressalta em suas crônicas num *site* especializado a importância sociopolítica da capoeira nesta construção:

Capoeira vem se tornando um poderoso instrumento de afirmação de identidades afrodescendentes e de recuperação da autoestima de jovens em situação de risco no Brasil e em várias partes do mundo, e essa vocação da capoeira tem que ser potencializada através de políticas públicas que possam favorecer sua expansão, porém tomando as devidas precauções contra a sua descaracterização cultural e sua transformação em mera mercadoria de consumo nessa sociedade capitalista contemporânea (ABIB, *web*, 2011).

Sobre esse tema, o autor aponta uma das funções que o bem cultural assume em nosso país, como a inclusão social, e com ela todos os seus aspectos positivos inerentes: a sociabilização; o combate à violência, às drogas e à criminalidade; a geração de renda, para aqueles que começam a lecionar, entre outros. Em função dessa responsabilidade sociopolítica intrínseca, Abib (*web*, 2011) complementa:

Todo capoeirista que preza a história dessa manifestação sabe que a capoeira tem um conteúdo político muito forte [...]. Os mestres e professores, comprometidos com essa visão crítica que a capoeira pode proporcionar aos seus praticantes, devem estar o tempo todo estimulando isso nos seus grupos, quer seja promovendo debates sobre questões sociais, históricas, étnicas, ecológicas, de gênero, etc... quer seja participando de ações diretamente envolvidas com essas questões ao lado de seus alunos em manifestações públicas, passeatas, mobilizações, ou ainda em articulação com outros movimentos sociais, pois a capoeira é também um movimento social.

A postura contemporânea do capoeirista perante a sociedade e aos problemas que o afligem é uma ação que pode ser influenciada pelas lideranças da comunidade ao perceberem que ela, como movimento social, tem um poder ainda pouco explorado no Brasil e que políticas públicas necessitam de demanda e participação popular para efetivamente serem aplicadas. Passos Neto (2011) acredita que somente os próximos 20 anos vão revelar os frutos dessa aliança entre capoeira e setores culturais do governo, podendo resultar numa outra queda ou no seu renascimento.

2 ÁGUA DE BEBER:

Água de beber é um termo utilizado nas cantigas da capoeira, principalmente na louvação¹, e significa a fonte, a referência, em geral demonstrando que o capoeira mais novo estará em desvantagem em relação ao mais antigo, pois este tem maior conhecimento sobre o jogo, tornando-se água de beber para o mais novo na roda e, por consequência, na vida. Nesta pesquisa, as quatro capitais representam a fonte de conhecimento, diversidade e desafio na construção do corpo do trabalho.

A escolha dessas quatro capitais está ligada a alguns fatores, entre eles a hipótese de as representações sociais sobre a capoeira ser influenciadas pelo contexto cultural de cada lugar, tendo em vista as diferentes influências da cultura afro-brasileira. Selecionaram-se Curitiba e Florianópolis, duas capitais da Região Sul do Brasil, por apresentarem em seus respectivos históricos de colonização e também no cotidiano atual menor presença de manifestações culturais afro-brasileiras se comparadas às outras duas capitais averiguadas.

Rio de Janeiro e Salvador foram escolhidos primeiramente por representarem no imaginário e no senso comum dos capoeiristas os locais símbolo para a prática da capoeira no país. Portanto, por se tratar de uma investigação envolvendo capoeira e representações sociais, esses espaços não poderiam faltar.

Com relação à história da capoeira nas capitais citadas, está disponível uma grande quantidade de obras a respeito de sua presença no Rio de Janeiro, seguido por Salvador, Florianópolis e Curitiba. Entendendo que o contexto histórico tem importante contribuição na elaboração de representações culturais, procurou-se conhecer a realidade da capoeira em cada uma das capitais analisadas.

¹ A louvação são versos típicos das cantigas da capoeira angola e estes antecedem a entrada dos jogadores na roda.

2.1 RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro já teve uma presença bastante intensa da capoeira no seu cotidiano. Durante todo o século XIX, os capoeiras participaram ativamente da vida social, cultural e política da corte, e esse tema vem sendo muito investigado por autores como Soares (1994; 1998), Dias (2001) e Moura (2009). Com relação ao século XX até os nossos dias, Lopes (2002) e Passos Neto (2001; 2011) são as referências utilizadas neste trabalho.

Os trabalhos citados mostram como é antiga a prática da capoeiragem no Rio de Janeiro:

No dizer do ilustrado Dr. J.M. de Macedo, já no tempo do marquês do Lavradio, em 1770, existia na pessoa de um oficial de milícias, o tenente João Moreira, por alcunha o “amotinado”, que, dotado de prodigiosa força, de ânimo inflamado, talvez fosse o mais antigo capoeira do Rio de Janeiro, porque, jogando perfeitamente a espada, a faca e o pau, dava preferência à cabeçada e aos golpes com os pés (MOURA, 2009, p.8).

Interessante é perceber a condição do capoeira citado, tenente de milícias, e a especulação sobre ser “o mais antigo capoeira” da cidade, diante da representação do capoeira escravo e rebelde mais frequente nesse período.

O documento mais antigo comprovando os atos de um capoeira no Rio de Janeiro é de 25 de abril de 1789 e foi encontrado pelo arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti (1999) no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro². O texto cita o mulato Adão, escravo de Manoel Cardoso Fontes, comprado desde menino, que, ao começar a trabalhar alugado para terceiros, se tornou mais independente e certo dia não voltou para casa. Foi encontrado na cadeia, preso com outros desordeiros por praticarem a luta, a qual nesse dia ainda resultou em uma morte. Adão foi inocentado da morte do sujeito, a pedido de seu dono, porém sua condição de capoeira lhe rendeu uma pena de 500 açoites e dois anos de trabalho nas obras públicas.

²ANRJ (Tribunal da Relação – códice 24, livro 10).

Seu senhor, após Adão cumprir alguns meses de trabalho e ter sido castigado no pelourinho, solicitou ao rei, em nome da paixão de Cristo, perdão do resto da pena argumentando ser um homem pobre e, portanto, muito dependente da renda que seu escravo lhe dava. Comprometeu-se a cuidar para que Adão não mais voltasse a conviver com os capoeiras (CAVALCANTI, 1999, p.2).

Pode-se intuir pelo texto a preocupação das autoridades já no fim do século XVIII com a capoeira, entretanto deve-se considerar o pedido do seu senhor, o qual não queria ter mais perdas financeiras com a prisão de seu escravo. Conforme Soares (1998), o Rio de Janeiro do início do século XIX era uma cidade repleta de africanos, com instrumentos de tortura e castigos de escravos espalhados pelas praças públicas, como os pelourinhos, “onde por muitos anos os capoeiras sofreram o flagelo do açoite, do vergalho, cercado de quitandeiras e negros de ganho, moradores de zungus³” (SOARES, 1998, p.7).

A imagem de uma cidade com muitos negros naquela época ficou registrada também sob o olhar de estrangeiros:

Encontra-se no Rio de Janeiro muito mais gente de cor, maltrapilha, ou seminua, do que gente branca em trajes convenientes. [...] À noite, quando já bem escuro, a cidade parece então completamente vazia de qualquer habitante decente. Nas esquinas e nas ruas veem-se somente negros e também brancos de ambos os sexos, cujo aspecto jamais poderia atrair ou divertir o transeunte (BURMEISTER, 1952, p.45 *apud* DIAS, 2001, p.54).

A principal representação da capoeira no Rio de Janeiro no século XIX passada nos documentos encontrados pelos pesquisadores consultados sera uma forma de luta violentíssima. Por isso, as autoridades concentravam-se em reprimi-la com penas severas, tentando evitar o seu crescimento para manter a ordem, numa cidade com a maioria dos habitantes africanos ou descendentes, escravizados ou livres. A possibilidade de uma rebelião assustava as classes dominantes.

Nas representações citadas fica evidente a diferença principal entre a capoeira atual e a capoeiragem no século XIX. Esta era uma luta corporal violenta, uma briga com a presença de objetos cortantes que gerava muitas vezes ferimentos

³Conhecidos também como casas de angu, eram locais de abrigo para escravos e libertos. Lá serviam-se comidas de origem africana, havia batuques, bebidas, prostituição e amizade. Os zungus eram reprimidos pela polícia por serem considerados focos de rebelião e esconderijo para a fuga de ex-escravos (SOARES, 1998).

e até mortes. Os elementos como conhecemos hoje (a roda, os instrumentos musicais e o jogo) são mais encontrados no começo do século XX, em grande parte nos arredores de Salvador.

Soares (1994; 1998) comenta que na primeira metade do século XIX a principal vítima da capoeiragem era o próprio praticante, pelo menos baseado nos documentos da Casa de Detenção, onde vários africanos foram presos por brigarem utilizando exercícios de capoeiragem.

Ao questionar as raízes da luta em discussões com mestres e praticantes, é comum aparecer a localidade do Quilombo dos Palmares, localizada na Serra da Barriga, em Pernambuco, ou ainda o Recôncavo Baiano, com seus canaviais, senzalas e engenhos, como espaços de origem da capoeira no Brasil. A maioria dos antigos mestres defende a Bahia como o berço da arte. Outros indicam Pernambuco. Há ainda mestres que citam o Recife, e outros que os nativos já praticavam capoeira antes mesmo da chegada dos portugueses e do tráfico de africanos para o Brasil.

Nessas discussões, observa-se que grande parcela da comunidade capoeirística associa o Rio de Janeiro somente à prática recente da capoeira, com a chegada de Artur Emídio de Oliveira (1930-2011), mestre baiano que a difundiu na cidade em meados dos anos 1950, desconhecendo a prática da capoeiragem antes de sua chegada à capital.

A luta da capoeiragem, ainda discutida pelos pesquisadores se é ou não uma criação carioca, perdeu-se na memória dos antigos capoeiras e, desse modo, continua despertando espanto nos atuais que a descobrem e a compreendem. A visibilidade e importância da capoeiragem durante o império no Rio de Janeiro acabam modificando as representações desses praticantes sobre a história da capoeira no Brasil e mais profundamente na capital carioca.

Alguns intelectuais do Rio de Janeiro que viveram no período de transição do império para a república deixaram contribuições valiosas sobre a origem, as características e personagens da luta de seu tempo. Também descreveram o momento propício, o intervalo do trabalho de estiva e o espaço específico para a origem, o morro do castelo – o qual foi destruído no início do século XX para urbanização –, em seguida espalhando-se pela corte. Moura (2009) analisou as obras de diversos desses intelectuais. Um deles foi Adolfo Morales de Los Rios Filho

(1858-1928), escritor e arquiteto argentino radicado no Brasil, que expôs sua teoria a respeito do nascimento da capoeiragem carioca:

Nos momentos de folga, os negros estivadores – agilíssimos, gesticuladores e barulhentos – procuravam demonstrar, uns aos outros, habilidades superiores às já exibidas nas horas de serviço, e, assim, eram instintivamente criados outros passos, trejeitos, brincadeiras e rudes cumprimentos. Os visados por tais golpes tomavam atitudes e guardavam posições que os punham a salvo de quedas e de situações cômicas. E daí, do simulacro de uma luta, de destreza e de defesa pessoal, genuinamente nacional. Nascida na antiga Peaçava – sopé do morro do castelo –, no descanso das embarcações veleiras que ali existira, a brincadeira chamada dos capoeiros degenerou em capoeira e, portanto, em capoeiragem – exercício, luta, defesa dos capoeiras –, e se desenvolveu pelas praias, varadouros, embarcadouros, mercados e trapiches. Desses lugares, ela se estendeu pelos becos, travessas e largos próximos ao mar. Os corredores das casas de sobrado constituíam, por sua vez, recintos muito apreciados para ensaios e aprendizagem dos neófitos (*apud* MOURA, 2009, p.12).

Outro cronista citado por Moura (2009) é o jornalista, poeta e autor teatral Plácido de Abreu Moraes (1857-1894), que também era capoeira amador. Ele publicou sua hipótese em 1886, no romance documentário *Os capoeiras*:

Uns atribuem-na aos pretos africanos, o que julgo um erro pelo simples fato de que na África não é conhecida a nossa capoeiragem e sim algumas sortes de cabeça. Aos nossos índios também não se pode atribuir, porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, contudo, não conhecem os meios que estes empregam para o ataque ou defesa. O mais racional é que a capoeiragem criou-se, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se entre nós (*apud* MOURA, 2009, p.13).

Para o cronista, a capoeiragem era uma criação brasileira, provavelmente uma contribuição do mestiço, porém com elementos herdados dos africanos, como as “sortes de cabeça”⁴.

Hermeto Lima (1875-1947), poeta paraense, jornalista, historiador, graduado em Direito, defendia a hipótese de origem africana: “Do tempo do jogo da bola foi também a capoeiragem, que não deixava de ser um gênero de esporte. Trazida pelos negros que vinham da África, e talvez aqui aperfeiçoada” (*apud* MOURA,

⁴ Golpes primitivos utilizando a cabeça para atingir o oponente, mais tarde conhecido como soltas e hoje em dia como cabeçada, conforme demonstrado na figura 1, da obra de Rugendas.

2009, p.9). Esse “jogo da bola” aqui citado não deve ser confundido com o futebol, introduzido no Brasil em 1894 por Charles W. Miller. Ele era um jogo com o objetivo de aproximar uma bola de madeira ou ferro a um buraco no chão. Perdia o jogador que efetivamente acertasse o buraco.

Seguindo essa linha de pensamento, da origem africana para os primórdios da capoeiragem carioca, Pires de Almeida, teatrólogo e médico, publicou, “em *Ressurreições Literárias e Artísticas*, trabalho intercalado no Brasil – Álbum – 1.º Fascículo – Rio de Janeiro – 1908, [...] que a dança trazida nos primórdios, pelos negros do Congo, era tipicamente marcial” (*apud* MOURA, 2009, p.14).

A contribuição desses autores citados por Moura (2009) não difere muito da hipótese defendida por Cesar Câmara de Lima Campos (1862-1929), teatrólogo e contista que atribui aos cariocas e pernambucanos a invenção da luta:

Na transição, provavelmente, do reinado português para o primeiro império livre, pela necessidade do independente, fisicamente fraco, de se defender ou agredir o ex-possessor robusto, nos distúrbios, então frequentes, em tabernas e matulas, por atritos constantes de nacionalidades, tendo a sua gênese em dois pontos diversos: ao norte em Pernambuco, nos primeiros faquistas contra o marinheiro, como, em represália à antonomásia de cabritos, apelidavam os cafajestes o ex-possessor, apelido, aliás, honroso e, ao sul, aqui no Rio, nos primeiros capoeiras propriamente ditos (porque a capoeira, a legítima é por excelência carioca) contra o pé-de-chumbo, como igualmente, na época também apelidavam os independentes os indivíduos, de baixa classe, da nacionalidade que nos colonizara (*apud* MOURA, 2009, p.10).

Pode-se perceber, nos diferentes discursos, a dificuldade em precisar exatamente a origem da capoeiragem. O que fica claro é sua presença, em maior grau desde o início do século XIX, e a preocupação de tantos intelectuais em compreender o começo desse fenômeno que tanto participou do cotidiano do império.

Quanto à forma de prática da capoeiragem do século XIX no Rio, a qual já foi mencionada na descrição de viajantes como Rugendas, os autores pesquisados por Moura (2009) também deixaram importantes considerações:

A capoeiragem, no dizer de Melo Moraes, era nada mais nada menos do que um jogo de destreza, em que o jogador punha em contribuição a força muscular, a flexibilidade das articulações e a

rapidez dos movimentos – uma ginástica degenerada em poderosos recursos de agressões e pasmosos auxílios de desafronta (MOURA, 2009, p.9).

A luta na visão desses cronistas ganhava certo *status*, talvez pela plasticidade, eficiência e contundência dos golpes. Também é plausível imaginar tal admiração tendo em vista que outras formas de luta ainda não haviam se disseminado com tanta expressão como a capoeiragem.

Lima Campos, cronista supracitado, atribuiu relação entre as culturas dos nativos e africanos como produtora dos movimentos que compunham a luta. Ele justifica tal associação dizendo que a capoeiragem consistia em

alguns movimentos sambados e simiescos do africano, enfatizando também a agilidade, a levipedez felina e pasmosa do índio nos saltos rápidos, leves e imprevistos para um lado e outro, para avante e, surpreendentemente, como um tigrino real, para trás, dando sempre a frente ao inimigo (*apud* MOURA, 2009, p.14).

É possível constatar a influência do pensamento racista, ou pelo menos pejorativo, no discurso de Lima Campos, pois compara os movimentos humanos aos dos animais, enfatizando a relação entre o homem negro e o macaco, e entre o índio e um felino. Como a capoeira representava naquela época uma maneira eficaz de combate corporal, é recorrente encontrar seus vestígios em conflitos de rua e até mesmo em guerras.

O valor da capoeiragem como luta corporal e até arma de combate foi decisivo para compreender seu desenvolvimento durante todo o século XIX. Políticos, militares e policiais utilizaram a força dos capoeiras para os mais diversos interesses, e tal prestígio só viria a declinar com a repressão no início da república. Porém esse poder combativo gerava medo na população. Crimes e delitos foram, muitas vezes, associados aos capoeiras, já que suas ações com o uso de armas brancas como a navalha e a faca em geral terminavam em morte. Essa característica ocasionou, ao mesmo tempo, o emprego da capoeiragem para serviços escusos e uma forte repressão a ela, no Rio de Janeiro, desde seus primórdios pelas autoridades que,

por medo dos capoeiristas – que desde a segunda metade do século XVIII costumavam pôr a polícia carioca para correr –, Dom João tratara logo de criar uma Intendência Geral de Polícia, a partir da qual se organizou a Guarda Real de Polícia. Nesta última, tornou-se célebre o major Miguel Nunes Vidigal, que investia contra os capoeiras com seus milicianos, armados de longos chicotes para manter-se a distância das temidas pernas e mãos (SODRÉ, 2002, p.42).

Contudo essa ação funcionava à medida que a técnica da luta também se inseria nos próprios órgãos de controle da ordem:

O próprio Vidigal, que serviu a Dom Pedro I e Dom Pedro II, era notável capoeirista, assim descrito por Melo Barreto e Hermeto Lima em sua *História da Polícia do Rio de Janeiro*: era um homem alto, gordo, do calibre de um granadeiro, moleirão, de fala abemolada, mas um capoeira habilidoso, de um sangue-frio e de uma agilidade à toda prova, respeitado pelos mais temíveis capangas de sua época. Jogava maravilhosamente o pau, a faca, o murro e a navalha, sendo que nos golpes de cabeça e de pés era um todo inexcedível (SODRÉ, 2002, p.43).

Outra personagem desse período foi o conselheiro José Basson de Miranda Osório, último chefe de polícia do império, considerado “perito na arte da capoeiragem, destro e valente cacetista” (SODRÉ, 2002, p.44), inimigo dos capoeiras.

As perguntas que ficam são: Como os agentes aprendiam os movimentos da capoeiragem? Quem eram seus mestres? É plausível pensar em alguma forma de aliciamento por parte das autoridades com os capoeiras, caso contrário a capoeiragem seria uma exclusividade dos escravos no início do século XIX, como apontam os dados relativos às prisões de africanos capoeiras na obra de Soares (1994). Todavia muitos dos repressores pertenceram à comunidade da capoeira e, de certa maneira, auxiliaram na proliferação da luta na época.

Outro fato relevante foi a forma de organização dos capoeiras, em grande parte dos anos 1850 até os 1900, em maltas, ou grupos. As maltas de capoeiras no Rio de Janeiro são outro tema comum em pesquisas sobre a escravidão e a história do Brasil. Foram um fenômeno urbano que, desde o princípio do século XIX, já incomodava as autoridades da corte. Soares (1998, p.15) afirma que em “meados da década de 1810 assistem vigorosa escalada de atuação das maltas de capoeiras na

cidade, o que resultou em redobrada atividade repressiva do novo aparato policial recém-criado por Dom João VI”.

Os pequenos grupos do início do século XIX, em grande parte africanos de diferentes nações, aos poucos aglomeraram-se em grandes grupos, e as simples arruaças cometidas pelos capoeiras passaram a se transformar em crimes:

Andavam sempre aos bandos ou maltas de 20, 50 ou 100 homens, precedidos pelos caxinguelês, ou menores vagabundos: provocando conflitos e questões, incomodando pessoas, surrupiando cousas, espalhando outras pelo chão, abrindo caminho para as bandas de música militar, acompanhando enterros e obrigando, aos gritos, os trausentes a se descobrirem, praticando mil e outros delitos e rasgando, às vezes, o ventre de pacatos burgueses [...]. Tendo aperfeiçoado a sua técnica de ataque, os capoeiras empalmavam navalhas, empulhavam facas e deixavam cair, sobre cabeças e corpos pequenos, mas pesados, cacetes. Para eles, a vida de uma criatura era cousa de menos importância (MOURA, 2009, p.13).

Segundo Soares (1994), as maltas demarcavam seu território na cidade, que, geralmente, correspondia aos largos com igrejas, sendo comuns as seguintes denominações: Conceição da Marinha, Moura, Lapa, Carpinteiros de São José, Glória etc.

Tiveram destacada importância no cenário político do império, em maior grau a partir dos anos 1850, duas grandes maltas chamadas Guaiamus e Nagoas, que polarizaram suas diferenças mediante o apoio a políticos nas eleições da época, estando a primeira ligada ao Partido Conservador e a segunda ao Liberal (SOARES, 1994). Nesses casos, o nome utilizado pelos dois grupos fazia referência ao território dominado e a sua origem étnica. Assim, os guaiamus dominavam a parte antiga da cidade, próxima ao centro, local onde havia em abundância o crustáceo denominado guaiamum, e era a maioria composta por mestiços e/ou crioulos. Já entre os nagoas haviam, na maioria, negros, que dominavam o entorno da cidade. O termo nagô, de origem africana, identificava todos os negros que falavam e entendiam o idioma iorubá.

Nas eleições era comum a atuação dos fósforos, um tipo de falso eleitor das maltas que visava beneficiar um determinado partido. “O termo ‘fósforo’ designou durante o segundo reinado e a primeira república, o eleitor de encomenda, fruto da fraude ou do temor, geralmente provocado por valentes e capoeiras” (DIAS, 2001, p.118). Dias cita ainda um diálogo fictício entre dois fósforos numa eleição carioca

publicado na *Revista Ilustrada*, em 1878: “– Em quantas freguesias votaste? – Eu sou de segurança, só risco na Glória” (DIAS, 2001, p.118).

Os integrantes desses dois grandes grupos tinham sua identidade muito bem definida e distinta do outro grupo, como pelas roupas, por exemplo. Os nagoas usavam cinta com cor branca sobre a vermelha e chapéu de aba dobrada para frente, e os guaiamus, as cores ao contrário às de seus rivais e a aba do chapéu dobrada para cima, conforme figura 2 (CAMPOS, 1906).

A CAPOEIRA



Figura 2 – “Typos e uniformes dos antigos Nagoas e Guaiamus”

Fonte: Revista *Kosmos*, 1906. Ilustrador Kalixto. Disponível em: <<http://www.capoeira-palmares.fr>>.

Contudo, de acordo com Moura (2009), os integrantes das maltas eram arregimentados e profissionais em suas façanhas e utilizavam até certo código de ética⁵:

⁵ Sobre esse código de ética o questionamento é acerca do registro, pois Moura (2009) não deixa claro qual documento utilizou. Pode-se dizer que talvez esteja presente numa obra de Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro* (Edição do IV Centenário – Notícia histórica e descritiva da cidade). Livraria José Olympio – Editora – Rio, 1965, pois essa citação é a única que o autor faz antes da descrição do código de honra das maltas cariocas (MOURA, 2009, p. 16).

As regras predominantes [...] 1) não usar nunca arma de fogo, só se permitindo a navalha e o cacete; 2) não trabalhar na segunda-feira, sacrificando qualquer negócio pelo respeito a esse princípio; 3) vestir-se de maneira característica: calça larga, paletó sempre aberto, botina de bico bem fino, lenço no pescoço; 4) portar-se a caráter, isto é, andar gingando, apoiar-se numa perna flexionando a outra, palito no canto da boca, não falar de perto com ninguém (a não ser mulher bonita) e 5) usar o chapéu como arma de defesa, dobrando-o e mantendo-o na mão esquerda (MOURA, 2009, p.17).

Porém, paralelamente ao movimento das maltas, Moura (2009, p.7) destacou “a disseminação da capoeiragem nos setores mais elevados da sociedade, abrangendo políticos, militares, [e] homens de letras que a praticavam como exercício físico”, entre os quais o autor cita no, Rio de Janeiro do século XIX, José Elísio dos Reis (Juca Reis, irmão do conde de Matosinhos), Luis Morton Barreto Murat (poeta, jornalista e parlamentar), Alexandrino de Alencar (almirante e ministro da marinha), Leite Ribeiro (coronel do exército), Garcez Palha (oficial da marinha), Coelho Neto (escritor e parlamentar), Juca Paranhos (barão do Rio Branco) e o próprio marechal Floriano Peixoto.

Apesar da participação de algumas pessoas da elite fluminense da época na capoeiragem, a representação dominante nessa fase foi a ligação da capoeiragem com a marginalidade, a desvalorização e a transgressão, portanto passível de ser perseguida e extinta nos anos seguintes.

Esse processo, por exemplo, ocorre na sociedade carioca que busca compreender quem são e o que fazem os capoeiras, quando em meados do século XIX inúmeras reportagens, crônicas e ofícios policiais passam a retratar a prática da capoeiragem na então capital brasileira. Ao defrontar-se com esses novos fenômenos manifestados nas ruas da capital, denominados sob a alcunha da capoeiragem, os sujeitos e grupos sociais, no processo de tornar o não-familiar em familiar, ancoram as práticas dos capoeiras em sistemas representacionais anteriormente construídos, como, por exemplo, os relacionados ao malandro, ao gatuno e à condição escrava como um todo (MELÍCIO, 2009, p.32).

Segundo o autor, muitas vezes na construção histórica as representações sociais acerca dos capoeiras foram pautadas em sistemas discriminatórios e repressivos e que atualmente uma conduta ética, com base no construtivismo do conhecimento, pode representar e criar realidade sobre e com os capoeiras (MELÍCIO, 2009).

No fim do século XIX a capoeiragem estava bastante impregnada na cultura e no cotidiano carioca. Ela era de maneira majoritária dominada pelas classes mais baixas da população, em que se incluíam negros, mestiços, brancos, africanos, brasileiros e estrangeiros, além de alguns membros das classes dominantes. O fato é que, mesmo sob forte repressão do sistema vigente, ela resistiu e se desenvolveu na capital do império durante a segunda metade do século XIX até a proclamação da república, quando foi extremamente perseguida e dissipada, por meio do Código Penal de 1890 com os artigos 402, 403 e 404 e com as estratégias do primeiro chefe de polícia do Rio de Janeiro, Sampaio Ferraz, como já citado (SOARES, 1994; 1998).

O impacto de tal medida foi fatal para o crescimento e a evolução da capoeiragem no Rio de Janeiro. Sua representação como luta, as contribuições em conflitos armados e em guerras, seus famosos praticantes e suas façanhas apenas foram descobertos pela comunidade da capoeira em meados dos anos 1980 com pesquisas historiográficas quanto ao tema.

A república iniciava sua relação com a capoeira atingindo-a duramente:

As medidas repressivas, aludidas anteriormente, diminuíram o ímpeto, a virulência dos seus adeptos, dos seus praticantes, embora não tenham conseguido aniquilar, extirpar a capoeiragem, que, ressurgiu gradativamente tomou uma feição esportiva, quando os capoeiras deportados para Fernando de Noronha retornaram à capital. Não mais se arregimentaram, organizando, constituindo as temíveis maltas, que sobressaltaram à coletividade carioca. Porém foram mantidos, perduram, o jogo e a escola (MOURA, 2009, p.20).

Logo, é possível dizer que a alteração gerada na capoeiragem carioca por influência das estratégias de Sampaio Ferraz e dos ideais da república teve consequências que modificaram suas representações na sociedade fluminense, tornando-a algo mais brando, desarticulando o poder das maltas e de seus padrinhos políticos e, sobretudo, desestruturando ainda mais a relação entre a criminalidade e a luta, algo que não será mais tão recorrente no próximo período.

No decorrer da primeira metade do século XX, houve tentativas de tornar a capoeiragem algo parecido com um esporte, mentalidade vinda do exterior com o interesse das altas classes cariocas de civilizar e domesticar as massas. Alguns intelectuais lembravam as utilidades e conquistas da capoeiragem de outrora e seus recursos, como defesa pessoal, mas atribuíram a ela um caráter distinto de

suas origens na capital, visando transformá-la em uma prática de uma sociedade moderna (VASSALO, 2008).

Nessas representações, a ênfase não recai nos africanismos, mas sim na brasilidade desta luta. Os elementos que remetem à cultura afro-brasileira são minimizados ou negados, e a capoeira ganha ares de um esporte moderno e civilizado, como o boxe inglês de então. É nesse momento que a ideia de esporte, entendida como uma atividade de competição padronizada e normatizada, ganha corpo e encarna a própria expressão das noções de “modernidade” e “civilização”. Começam, então, as primeiras tentativas de se definir a capoeira como uma atividade esportiva, já que esta representaria o “nosso” esporte, num sentido positivo do termo (VASSALO, 2008, p.5).

Surgiram propostas de competição, regulamentação, metodização e treinamento da capoeiragem carioca e sua possível aplicação em exercícios militares e na Educação Física dos jovens, ações que são discutidas até hoje. Há pesquisadores que afirmam que a criação da luta regional baiana em 1918 pelo mestre Bimba, posteriormente denominada capoeira regional, tenha sofrido influências dessas iniciativas no Rio de Janeiro:

Já circulava, desde a primeira década do século XX, a ideia de aproveitamento da capoeira como ginástica nacional. Primeiro, junto a militares que a praticavam e entre os quais apareceu um GUIA DA CAPOEIRA OU GINÁSTICA BRASILEIRA, datado de 1907. Depois surgiu, em 1928, no Rio de Janeiro um MANUAL DE GYMNASICA NACIONAL (CAPOEIRAGEM) METHODIZADA E REGRADA, escrito por Annibal Burlamaqui, o Zuma nas rodas de capoeira (SODRÉ, 2002, p.62).

Contudo a desarticulação das malhas e o processo de civilização da luta não foram capazes de deter o capoeira ligado à criminalidade, que, mesmo sob a proibição do Código Penal de 1890, ainda perambulava pelos becos e por vielas da antiga corte, todavia não mais em grandes grupos:

Os capoeiras modernos não levam já a esses extremos o amor à arte; são mais, a bem dizer, masorqueiros, navalhistas, faquistas, enfim, estriladeiros avulsos, que própria, exclusiva, profissional e arregimentadamente capoeiras. Sabem, uns mais, outros menos, o jogo, mas, não fazem dele verdadeiramente uma arte, uma profissão, uma instituição (MOURA, 2009, p.12).

O processo de civilização e metodização do ensino da capoeiragem carioca teve o apoio de vários intelectuais e admiradores da luta, no entanto não impediu a continuidade dela, ainda que em menores proporções, entre as classes mais baixas da população e algumas personagens que entraram para a história do Rio de Janeiro. A região da Lapa, no centro do Rio, era temida pela presença de capoeiras “leão de chácara”, golpistas e criminosos. A boemia e a malandragem mantinham vivos os antigos movimentos da luta das maltas de outrora. Personagens como Madame Satã⁶ tornaram-se ícones dessa força ainda presente da capoeiragem carioca, mesmo com a lenta introdução de lutas estrangeiras no país.

Ficou famosa a luta de ringue, em 1909, entre o capoeirista Ciríaco e o japonês Sada Miako, campeão de jiu-jítsu, no Pavilhão Pascoal Segreto. Em questão de segundos, com um fortíssimo rabo-de-arraia, Ciríaco deixou Miako desacordado na lona. Depois, foi carregado pelos estudantes (SODRÉ, 2002, p.51).

A nova representação da luta e da sua eficiência em combates esportivos e situações de rua, aliada ao contexto social do período, permitiu a propagação do seu ensino em recinto fechado. Talvez um dos precursores dessa ação foi Agenor Moreira Sampaio, o Sinhozinho de Ipanema, “nascido em Santos oito anos antes de Bimba (1891), filho de um tenente-coronel e chefe político local, ele descendia de Francisco Manoel da Silva, autor do hino nacional brasileiro” (SODRÉ, 2002, p.62-64). Sinhozinho era membro de uma família de classe elevada e teve alunos famosos, como Rudolf Hermann (lutador de capoeira e campeão de judô) e o músico e compositor Tom Jobim em meados dos anos de 1940. Além de realizar trabalhos voltados somente para a luta, sem a presença dos instrumentos, da roda nem dos rituais, direcionados para jovens das classes média e alta, envolvendo-os em combates no estilo atual conhecido como MMA ou vale-tudo, Sinhozinho preocupou-se em metodizá-la, visando a sua inserção oficial nos treinamentos militares.

⁶ João Francisco dos Santos (1900-1976), pernambucano, radicado no Rio desde 1907, morador da região da Lapa, trabalhou como cozinheiro e ficou conhecido como o homossexual mais macho da capital carioca. Malandro e valente capoeira, envolveu-se em inúmeras brigas com a polícia, cometeu alguns crimes, ficou preso por pouco mais de 27 anos. Conhecia muita gente importante na sociedade da época por sua fama e presença nos recintos da boemia da Lapa (PASSOS NETO, 2001; ALTAMAN, *web*, 1995).

Foi dirigente da polícia especial, organismo criado durante a administração de Getúlio Vargas, contribuindo decisivamente para impedir a decadência acentuada da capoeiragem, quando nesta corporação militar instituiu um curso que visava ensinar, adestrar, os que pretendiam ingressar nas fileiras do setor capoeirístico (MOURA, 2009, p. 23).

A intenção entre as décadas de 1930 e 1940 era transformar a luta em algo apropriado e útil aos ideais de desenvolvimento e civilização do homem. A figura do malandro, presente no imaginário do carioca até os nossos dias, estava representada no capoeira desestruturado das maltas, assim como nos sambistas, que após a repressão e a criminalização da sua prática tende a estabelecer estratégias de permanência numa sociedade que o perseguia e que reconhecia sua periculosidade e seu valor nos combates corporais (PASSOS NETO, 2001).

Este já não era mais, pelo menos no imaginário coletivo, fabricado por jornais e pela opinião comum, o assecla de políticos importantes ou o desordeiro temido pela gente pacata. A transformação urbana e a repressão de Estado como que pacificaram, por culturalização, o perigoso jogo de corpo (SODRÉ, 2002, p. 52).

A capoeiragem seduzia alguns pensadores da estrutura da Educação Física na capital. A ideia era adaptá-la para se tornar a ginástica brasileira, assim como os métodos ginásticos importados da Europa executados nas instituições de ensino e militares na primeira metade do século XX.

Inezil Pena Marinho, autor renomado nas fileiras dos estudiosos da capoeiragem, também enviou esforços, para revitalizá-la no Rio de Janeiro, no seu substancial trabalho *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*, lançado pela Imprensa Nacional em 1945, e prefaciado pelo major João Barbosa Leite, que na sua introdução verbera o descaso a que foi relegada esta “luta corporal tipicamente brasileira que, sem nenhum favor, poderia inscrever-se entre os sistemas de ataque e defesa pessoal de maior prestígio do mundo, tantas e tão importantes são as qualidades físicas e morais que sua aprendizagem e sua prática desenvolvem” (MOURA, 2009, p.23).

A retomada da capoeira na cidade deu-se por meio da chegada de mestres da Bahia, como Artur Emídio, Paraná e Mário da Bonfim, no início dos anos 1950. Aos poucos a capoeiragem dos antigos malandros da Lapa e o trabalho que Sinhozinho desenvolvia eram suplantados pela representação da capoeira baiana no

Rio de Janeiro. A influência de mestre Artur Emídio (1950) e de outros mestres baianos em 1960 no eixo Rio-São Paulo cresceu e ganhou espaço, no sentido da profissionalização, diferentemente de como era praticada em Salvador (PASSOS NETO, 2011).

A característica da profissionalização da capoeira no Rio de Janeiro assumiu uma estrutura que viria a ser a base de muitas escolas e grupos de capoeira fundados entre os anos 1970 e 1980, não somente na capital carioca, mas em outras regiões do Brasil. Desse modo, o aperfeiçoamento da infra estrutura criada na Bahia pelos mestres Bimba, Pastinha, entre outros, foi o fator principal de desenvolvimento e ressurgimento da capoeira no local, proporcionando em poucos anos, para esses novos mestres, grande prestígio e recursos no trabalho com a capoeira.

Entre as décadas de 1980 e 1990 já havia muitos núcleos de ensino, desde a zona norte até a sul, envolvendo várias classes sociais e propagando a capoeira em academias, instituições de ensino, clubes, além das rodas de rua, que se tornariam lendárias para as futuras gerações de capoeiristas, como a roda da Penha, da Central do Brasil, do mestre Zé Pedro ou a de Caxias.

Nesse mesmo período ocorreram, de forma mais significativa, o reaparecimento e o reordenamento da capoeira angola, na figura de Pedro Moraes Trindade, aluno de mestre João Grande. Mestre Moraes promoveu, lentamente, uma alteração no modo de pensar e de fazer a capoeira angola no Rio de Janeiro, o que em seguida influenciaria uma geração de atuais angoleiros cariocas e, por conseguinte, representações.

Nesse sentido, acreditamos que mestre Moraes seja um dos principais agentes de transformação das representações dos capoeiras cariocas, principalmente no que tange a dicotomia entre angola e regional. Capaz de afetar capoeiras e não-capoeiras, mestre Moraes e seu jogo promoveram, segundo relato dos mestres entrevistados e outros capoeiras com que conversamos na observação participante, uma espécie de crise no entendimento das modalidades de capoeiras (MELICIO, 2009, p.135).

Na última década do século XX, o Rio de Janeiro tornou-se referência para a maioria dos grupos, das escolas e associações de capoeira de todo o Brasil. Os mestres que iniciaram seu aprendizado nas décadas de 1950 e 1960 gozaram nesse período de grande reconhecimento pela comunidade capoeirística e participaram de

maneira ativa da propagação da capoeira no exterior e de seu desenvolvimento no território nacional, por meio de aulas, encontros, batizados, competições e outras ações.

A profissionalização e o aumento da oferta de pontos de prática aumentaram a competitividade entre os grupos, gerando muitos casos de rivalidade e violência naquele período, fato que influenciaria, por consequência, as outras regiões com núcleos de capoeira no Brasil. Era a época do “quem pode mais chora menos” e das rodas do “entra quem quer, sai quem pode”⁷.

Em virtude desses e de outros fatores, inúmeras rupturas surgiram nos grupos formados nas décadas de 1960 e 1970 até a virada para o século XXI. A capoeira carioca estava bem diversificada, com trabalhos em todas as zonas da cidade e para um público muito variado: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades especiais (PNEs), de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Contudo ela manteve a representação de um modelo de desenvolvimento para capoeiristas do Brasil e do mundo, como é possível observar tanto na capoeira angola quanto na capoeira moderna, em competições, festivais culturais, aulas em espaços abertos, rodas de rua em locais de representação para a cultura afro-brasileira, entre outras ações inovadoras.

No período que compreende os anos 2000 até o presente (2012), a capoeira carioca ainda exerce grande influência na comunidade capoeirística em geral, seja no modelo de gestão dos grupos e das escolas, nas formas e possibilidades de realização de eventos, como campanhas para temas da atualidade, ou até mesmo em novas técnicas, métodos de ensino e movimentações para o jogo. A capoeira moderna, a regional e a angola do Rio de Janeiro continuam modificando as representações sobre a capoeira na cidade e no mundo, pois nos nossos dias é permeada pelas ferramentas oferecidas pela internet, como *sites*, *blogs*, vídeos e redes sociais.

⁷ Termos muito conhecidos pelos praticantes de capoeira, majoritariamente por praticantes da capoeira moderna ou regional contemporânea, nas quais a exigência por um bom preparo para a luta é maior do que na capoeira angola. Segundo Passos Neto (2011), essa filosofia é proveniente do modelo criado por mestre Bimba na década de 1930, em Salvador, e recriado pelos jovens mestres no Rio de Janeiro da década de 1960. Era a fase de que o aluno devia aprender apanhando para se tornar um bom capoeira (PASSOS NETO, 2011).

Esta década está proporcionando ampla visibilidade para os esportes olímpicos na cidade, por ter sido selecionada para sediar os jogos em 2016. Algumas lideranças da comunidade da capoeira carioca, sobretudo aquelas que a consideram um esporte, veem ali uma oportunidade única de tentar inserir, de alguma forma, a capoeira na programação dos jogos, justificando que todos os apoios estão direcionados aos esportes olímpicos. Entretanto parecem desconhecer os sistemas de apoio à cultura do município e do estado do Rio de Janeiro, sem mencionar o mecenato e a Lei Rouanet, do governo federal. Sabe-se que tais recursos demandam tempo, burocracia e bons projetos para serem acessados, mas eles permitem que se ampliem as formas de manutenção da capoeira, evitando a sua esportivização excessiva; basta saber como operá-los.

Contudo, o Rio de Janeiro continua sendo um importante polo da capoeira no mundo, seja pela relação histórica com a capoeira e sua vasta documentação em arquivos na cidade ou mesmo pela presença de grandes mestres, que continuam a ensinar a arte para várias classes sociais e diferentes regiões da capital fluminense.

2.2 SALVADOR

A capital do estado da Bahia é também a capital da capoeira, pelo menos no imaginário coletivo dos capoeiras e da população de modo geral. Isso implica considerar que o ser humano é movido também por emoções não conscientes, que fogem da sua cognição, portanto estaria englobando o sistema que gera as representações sociais. Desse modo, o conceito de imaginário social ou coletivo aplica-se para compreender a relação de Salvador com a capoeira. A interdisciplinaridade e a complexidade do conceito do imaginário podem ser sintetizadas da seguinte forma:

O campo clássico de estudo do imaginário social, segundo Backso (1985: 306s), é formado por três autores: Marx com a intenção desmistificante e utilizando o conceito de ideologia; Durkheim demonstrando a relação entre as estruturas sociais e as representações coletivas e o modo como estas estabelecem a coesão social e Weber mostrando a questão do sentido que os atores sociais atribuem às suas ações. O campo é ampliado com a

contribuição da psicanálise mostrando a imaginação como uma atividade necessária ao indivíduo, da antropologia estrutural mostrando como a cultura pode ser considerada como um sistema simbólico, pela história das mentalidades e por outras disciplinas (SERBENA, 2003, p.3).

Serbena (2003) relaciona o conceito de imaginário ao de representação social, propondo que este “representaria o fundamento não cognitivo da representação social, articulando sua causalidade figurativa e a sua face simbólica” (SERBENA, 2003, p.1), portanto uma base para que as representações sociais possam surgir entre as comunidades, equivalente aos mitos e símbolos da Antiguidade.

Em Salvador há imagens da capoeira em *shopping centers*, aeroporto, lojas, restaurantes, entre outros, reforçando sua intrínseca relação com tal manifestação. Ali é possível encontrar boas rodas, renomados mestres e pesquisadores, tradicionais escolas e academias e importantes eventos. Porém, apesar da representação de “meca da capoeira⁸”, mestre Moraes, da capoeira angola, afirma que “na Bahia, a capoeira vive, hoje, o seu pior momento⁹. Na roda de capoeira, quem joga o tempo todo com o mesmo parceiro não adquire experiência para outros jogos” (MORAES, *web*, 2010).

A capoeira pensada como manifestação cultural de origem afro-brasileira é peça fundamental para se compreender a cultura em Salvador. Seus grandes mestres, praticantes, homens e mulheres, jovens, crianças, adultos e idosos, na maioria são afrodescendentes, algo natural, tendo em vista que 79,4% da população da cidade declara-se preta ou parda com relação à cor da pele (IBGE, *web*, 2010).

⁸ Segundo Falcão e Saraiva (2007), a cidade tem essa representação por apresentar ampla diversidade de produtos para a capoeira ou focados nela em seus mercados e feiras, o que contribui para a sua valorização e para a transformação de seus elementos básicos, como o berimbau, em símbolo de Salvador. Concordo com os autores e acrescento que no universo que compõe o aprendizado da capoeira, tal como as cantigas, histórias e publicações, a capital baiana aparece como local obrigatório para a compreensão do fenômeno sociocultural no qual a capoeira se tornou. Lá é possível encontrar mestres tradicionais, locais onde funcionaram academias ou rodas históricas, e a cultura soteropolitana de modo geral colabora para que a cidade seja vista assim por praticantes e não praticantes.

⁹ Isso é fato. Nos anos de 2010 e 2011 tivemos a oportunidade de visitar as principais rodas em Salvador no mês de agosto e encontramos, em grande parte, as escolas e academias com poucos alunos. Havia mais capoeiristas estrangeiros e de outros estados do Brasil do que soteropolitanos. Certamente as causas desse baixo movimento são as mais variadas possíveis, mas em conversas informais com alguns mestres, pudemos perceber que a dificuldade maior está concentrada em obter recursos financeiros para a manutenção da atividade. Seja com despesas envolvendo aluguel, luz, água, telefone etc. ou aquelas pertinentes à realização de projetos sociais, como transporte, alimentação e vestimenta para os alunos e, sobretudo, a remuneração de mestres e professores.

Essa identidade soteropolitana é perceptível em todos os lugares, principalmente no centro histórico, conhecido como pelourinho. A presença dos afrodescendentes é maciça e explode em cores, sons, ritmos, artesanatos, compondo a cultura do local. Sobre a origem dos afrodescendentes em Salvador, Sodré (2002, p.37) revela:

Primeiro, [vieram] os povos do grupo linguístico banto, originários de Angola e do antigo reino do Congo. Deixaram suas marcas graças a irmandades religiosas católicas, a suas religiões tradicionais sintetizadas nos candomblés angola e congo, a sua presença nas festas populares e no Carnaval, à difusão da capoeira e do samba. Depois, a influência dita sudanesa, com supremacia dos jejes e dos nagôs. Foi tudo isso, em linhas gerais, que literalmente africanizou Salvador.

A capoeira nesse caldeirão cultural de Salvador tem importância singular. Mesmo sem haver consenso entre os pesquisadores se a manifestação se originou na Bahia, os documentos demonstram que, pelo menos desde o fim do século XIX e início do século XX, já havia a presença de instrumentos como o berimbau e o pandeiro e o jogo de dois capoeiras dentro de uma roda.

Naquele momento a capoeira era denominada de “vadiação” por seus praticantes, talvez pela intermitência do trabalho da época e por a prática ser realizada nesses intervalos no próprio local de trabalho. “Muitos dos embarcadiços do Mercado Modelo, dos carregadores de mercadorias, dos saveiristas eram cultores da capoeira. A esses se juntavam-se trapicheiros, carroceiros, estivadores e malandros” (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.33). Portanto, historicamente a presença da capoeira na cultura de Salvador é algo marcante e pode ser ainda mais valorizada tanto por seus habitantes quanto por turistas. Isso dependeria em grande parte de ações envolvendo gestão cultural e educação patrimonial¹⁰.

A cultura baiana funda e fundem-se, nas lutas, desejos opostos e necessidades de alianças, de composição de saberes múltiplos e devires diferentes. Nessa circunstância histórica e social, a cultura dominante europeia e as “culturas subalternas” negra e indígena se

¹⁰ A educação patrimonial é um tema ainda recente no Brasil. Segundo o Iphan, consiste em relacionar a construção de conhecimentos visando transformar a realidade com base no patrimônio cultural. Na prática o Iphan busca formas de implementar uma postura educativa, por meio de centros de diálogo e construção conjunta com a sociedade de políticas de identificação, reconhecimento, proteção e promoção do patrimônio cultural. O projeto Casas do Patrimônio é a principal iniciativa nesse sentido (IPHAN, web, 2009).

misturam nascendo uma cultura de ginga e manhas dos corpos-culturais (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.30).

Com relação às origens da capoeira em Salvador, é recorrente em pesquisas atribuir a arte à região do Recôncavo Baiano. A área reúne 23 municípios que entornam a Baía de Todos os Santos, como Santo Amaro da Purificação, local onde viveu o lendário e mítico capoeira Besouro Mangangá, Manoel Henrique Pereira, nascido aproximadamente em 1895.

Os capoeiristas falam [do Recôncavo Baiano] como anfiteatro de gênese e desenvolvimento da sua arte. “Os negros, sim, eram de Angola, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!”, sustentou Bimba certa vez, num debate pela imprensa com mestre Pastinha (SODRÉ, 2002, p.32).

O citado mestre Bimba, uma das referências históricas da capoeira de Salvador, aponta sua teoria sobre a origem da luta:

A capoeira de angola é a primitiva, conforme eu ainda não era nascido [antes de 1899] quando apareceu. Dentro do meu conhecimento, a capoeira nasceu nas senzalas, nos engenhos, onde os negros trabalhavam, e como surgiu o nome de capoeira porque foi criada dentro dos mato, quando apareceu e dos capitão dos mato iam pegar os negros, então que os senhores mandava, defendiam-se com pontapé, joelhada, murrada e cabeçada e sempre, constantemente, o nome demais conhecido: rabo-de-arraia (BIMBA, 2002).

Já Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha da capoeira angola, afiança que a capoeira que praticava era a segunda luta, sendo a primeira a praticada pelos caboclos e africanos, misturada com dança, batuque e candomblé, e que os mestres antigos não afirmavam sua origem. Sabia que ela era praticada em várias praias e freguesias (DECÂNIO FILHO, 1997).

Mais importante do que a origem nesse contexto é perceber que em vários aspectos dos discursos desses e de outros mestres antigos de Salvador é a inquestionável presença da capoeira no cotidiano, nos costumes, na cultura baiana há, no mínimo, 150 anos.

Acerca da sua prática, alguns pesquisadores concluíram que existia uma diferença entre a capoeira encontrada no Rio de Janeiro e a de Salvador no fim do século XIX. Em Salvador, a luta era mais branda do que a capoeiragem carioca.

Entretanto Abreu (2011) contesta essas declarações e demonstra, mediante suas pesquisas, que houve capoeiras tão violentos quanto os cariocas durante o século XIX na capital baiana. O autor apresenta a personagem Manuel Benício dos Passos, vulgo Macaco Beleza, que incitava a massa popular contra os ideais republicanos. Ele confrontava permanentemente com as autoridades. Tratava-se de um capadócio, membro da “elite da marginalidade das ruas”, responsável pelo “massacre do tabuão”, uma ação da Guarda Negra de Salvador que agrediu o republicano Silva Jardim e seus companheiros numa defesa aos ideais da monarquia (ABREU, 2011).

Em acordo com essas pesquisas está a formação da Companhia dos Zuavos Baianos, voluntários da pátria, que lutaram pela promessa de liberdade na Guerra do Paraguai (SOARES, 1994) e igualmente durante as guerras da independência, como neste trecho publicado por meio dos manuscritos de Daniel Coutinho, o mestre Noronha (1907-1977), o qual talvez tomou conhecimento por intermédio da oralidade das histórias passadas entre mestre e discípulo, nas gerações da capoeiristas da Bahia:

Na historia da independencia do Brasil que os escravos que hera mandigeiro foram comvocado no batalhão quebra pedra para espucar os portugueizes do territorio brasileiro muito capoeirista escravo não tinha arma de fogo brigava de ponta pé cabecada e rasteira e rabo de araña e joelhada e pedrada e cacetada foi quem deu a grande vitoria au brasileiro sobre o comando do General Labatú a batalha mais dura que teve foi em S Amaro – Cabrito e Pirajá e Cachoeira foi a maior batalha sangrenta que houve (*apud* COUTINHO, 1993, p.6).

Contudo é possível que o jogo da capoeira, também como meio de lazer e entretenimento, tenha surgido na Bahia, e haviam no término do século XIX e na primeira metade do século XX grandes mestres que o cultuaram.

Na revista *O Cruzeiro* de 10 de janeiro de 1948, Cláudio Tuiuti Tavares, no seu artigo “Capoeira mata um”, ao se reportar a Manuel Querido de Deus, assim se refere à capoeira do seu tempo: A “capoeira” era uma espécie de jogo atlético, que consistia em rápidos movimentos de mãos, pés e cabeças, em certas desarticulações do tronco, e particularmente na agilidade de saltos para frente e para trás, para os lados, tudo em defesa e ataque, corpo a corpo (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.19).

Conforme ocorria no Rio de Janeiro, a perseguição e o preconceito contra a capoeira eram proporcionais a sua utilidade em confrontos que beneficiavam as classes dominantes. Em virtude disso, as formas de repressão em Salvador não foram tão diferentes daquelas empregadas nas maltas cariocas.

Na Bahia, durante toda a década de 1920, o espírito dessa repressão decididamente baixou na figura do chefe de polícia Pedro Azevedo Gordilho, conhecido como Pedrito e famoso pelas perseguições a capoeiras, sambistas e praticantes dos cultos de origem africana (SODRÉ, 2002, p.52).

Nos discursos e nas memórias dos mestres que mais tarde reorganizariam a capoeira na cidade, a repressão também ficou registrada e à oralidade coube criar causos dessas histórias, cantigas de façanhas contra as autoridades e atitudes de defesa contra tais ações. Mestre Pastinha admitiria que parou de praticar capoeira nessa fase por motivo da perseguição – ficou cerca de 20 anos afastado (1920-1940). Mestre Bimba, famoso por ser exímio lutador de capoeira e conflitar com a polícia, também registrou esse momento em Salvador:

Um dos castigos que davam a capoeiristas que fossem presos brigando era amarrar um dos punhos num rabo de cavalo e outro em cavalo paralelo. Os dois cavalos eram soltos e postos a correr em disparada até o quartel. Comentavam até, por brincadeira, que era melhor brigar perto do quartel, pois houve muitos casos de morte. O indivíduo não aguentava ser arrastado em velocidade pelo chão e morria antes de chegar ao seu destino, o quartel de polícia (SODRÉ, 2002, p.34).

A perseguição à capoeira, e a outras manifestações culturais afro-brasileiras, foi comum no período pós-abolicionista. Em uma cidade dominada pela população negra, a capoeira inquietava as autoridades locais. Estas, por sua vez, num modo de contenção e domesticação daquela imensa massa humana, procuravam estratégias de dominação.

O papel e a função que naquela época (início do século XX) aguardavam o descendente de escravos e seus filhos eram aqueles correspondentes ao padrão tradicional de economia e sociedade do Recôncavo, ou seja, de trabalhador servil, resistente e dócil. A preguiça e a malandragem, formas negativas desse modelo, eram

estigmas fantasmáticos que rondavam a pessoa do negro, mesmo quando trabalhava, e muito (SODRÉ, 2002, p.33).

A manifestação estava incrustada nas mais variadas maneiras de expressão da cultura popular, fosse nas ruas, nas praças e nos largos, nos bairros mais afastados do centro, nas vendas ou nas diversas festas religiosas ou festas de largo¹¹, sem mencionar sua utilidade em combates como a Guerra do Paraguai, descrita minuciosamente por mestre Noronha em seus manuscritos (COUTINHO, 1993).

Ainda por volta da primeira metade do século XX, surgiu a figura de mestre Bimba, cujas ações alterariam de forma radical as estruturas e representações da capoeira praticada em Salvador e depois no Brasil e no mundo. A luta regional baiana visava resgatar e aperfeiçoar a capoeira como defesa pessoal, mas, fundamentalmente, adaptá-la ao contexto social do período, buscando fugir da repressão e do preconceito, ensinando-a para classes mais ricas em termos econômicos.

Foi esse tipo de jovem que Bimba buscou como clientela da sua academia, isto é, como alunos do seu novo estilo de luta, uma capoeira mais civilizada em termos desportivos, embora violenta em sua técnica – que ele chamou de regional (SODRÉ, 2002, p.62).

Mestre Bimba criou um método de ensino, horários e local determinado para as aulas; estipulou regras e regulamentos em sua luta; proibiu a participação de desocupados; incorporou elementos da academia, tais como curso, formatura, especialização, orador, paraninfo, entre outros. Todas essas estratégias objetivavam elevar a capoeira à condição de esporte, de Educação Física, o que ele considerava necessário para enfrentar a repressão e o preconceito.

Em 1936, desfilou no cortejo cívico do 2 de julho [data da independência da Bahia], aparecendo no dia seguinte uma fotografia sua no jornal *A Tarde*, com a legenda: “Mestre Bimba, famoso praxista da capoeira, numa demonstração de sua especialidade, com alguns discípulos”. Mas não era uma legenda de louvação. Logo depois, vinha o preconceito: “Mal colocada entre os números comemorativos ao 2 de julho este ano, a capoeira lamentavelmente

¹¹ Castro Júnior (2010) descreve diversas festas de largo que aconteciam e acontecem em Salvador, ligadas em sua maioria a alguma entidade religiosa, precedida de novena, e posteriormente as festividades nos respectivos largos das igrejas em que eram realizadas.

fará parte do programa cívico.” A crítica do jornal da elite baiana pautava-se não mais pelo racismo de segregação (esse que mantinha legalmente os negros a distância), e sim pelo racismo de dominação, definido pela distância territorial e cultural (SODRÉ, 2002, p.66).

Com o apoio de seus influentes alunos, realizou apresentações também para políticos e militares e sustentou a regional mediante lutas, abertas ao público, com outras modalidades recém-chegadas ao Brasil. Mestre Bimba conseguiu em 1937, na “Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública, o registro de diretor de curso de Educação Física, que o levou a redefinir o seu local de treinamento como Centro de Cultura Física Regional” (SODRÉ, 2002, p. 67).

Mais tarde ele ensinou sua capoeira no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do exército e fez várias apresentações em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em julho de 1953, apresentou-se no palácio do governo para o presidente Getúlio Vargas, o qual reconheceu que a capoeira era o único esporte verdadeiramente nacional. O posicionamento de Vargas estava atrelado às condutas do governo sobre a cultura na época; era a fase de construção de uma identidade nacional, e a capoeira, num contexto civilizatório e moderno, encaixava-se perfeitamente nos propósitos da sociedade de então, como já demonstrado.

No início de 1973 mestre Bimba mudou-se para Goiânia a convite de um aluno para ministrar aulas de capoeira em uma universidade. Foi para lá com 22 dependentes, entre mulheres (dona Nair e mãe Alice) e filhos, para ser valorizado em termos financeiros em outro estado. Todavia, após não se concretizarem as promessas realizadas, acabou adoecendo e vindo a falecer em 5 de fevereiro daquele ano, aos 74 anos de idade. Em 1996 a UFBA outorgou-lhe o título de *doutor honoris causa post mortem*, reconhecendo assim a contribuição do mestre para a educação e cultura na sociedade soteropolitana (SODRÉ, 2002).

As representações criadas pela capoeira regional espalharam-se muito rápido pelo país, num primeiro momento para o eixo Rio-São Paulo e depois para Minas Gerais e outros estados do Sudeste e Sul brasileiros. O modelo foi alterado e, cada vez mais, novas adaptações foram surgindo na capoeira de Bimba. Hoje em dia pouquíssimos mestres tentam preservar da forma mais fidedigna os ensinamentos, os métodos, as propostas e a filosofia de sua capoeira regional, em virtude das variações que sofreu o estilo ao se expandir fora de Salvador.

Paralelamente à criação da capoeira regional, houve a estruturação e até mesmo a “criação” da capoeira angola na capital da Bahia. Sobretudo os angoleiros, como ficaram conhecidos os praticantes, não formavam um grupo homogêneo; havia centros de prática variados espalhados pela cidade, como o caso da Gengibirra, local onde se desenvolvia uma roda com grandes mestres. Desse período permanecem como referência para a capoeira angola, até o presente, nomes como Samuel Querido de Deus, Totonho de Maré, Noronha, Levino Diogo, Cobrinha Verde, Aberrê, Amorzinho, entre outros (MENEZES, 2009).

Após a fase de extrema perseguição e percebendo a retomada cultural em Salvador com o apoio de intelectuais e membros da esquerda política, como Jorge Amado, Caribé e Edson Carneiro, mestre Pastinha retornou à prática da capoeira angola. Logo, havia capoeira angola na roda do barracão do mestre Waldemar, no centro dos mestres Noronha e Levino etc. A maioria dava-se na periferia da cidade, e os esforços eram destinados a organizar a vertente diante do crescimento da capoeira regional de Bimba, a preservar a sua identidade e filosofia e, também, a adaptar-se às transformações da sociedade soteropolitana:

Mestre Pastinha ainda defende que a capoeira deveria preparar o indivíduo, levando-o a alcançar um equilíbrio físico e psicológico. [...] Une a concepção esportiva à ludicidade. Para mestre Pastinha a capoeira também deve muito ao índio [...]. Elaborou hierarquias complexas para que ela fosse praticada de forma desportiva. [...] O angoleiro deveria ser calmo, calculista – exercitar-se mentalmente imaginando situações críticas, para ele a capoeira exige também um certo misticismo, lealdade com os companheiros de jogo e obediência absoluta às regras (MENEZES, 2009, p.17).

Com isso, mestre Pastinha e seus alunos reorganizaram o Ceca (Centro Esportivo de Capoeira Angola) na década de 1950, direcionando a sua prática a uma boa conduta e à educação social do cidadão, evitando o contato com a marginalidade, criminalidade e violência de outros tempos da capoeira baiana.

A cultura negra, historicamente abafada, por ser própria aos escravos, é “descoberta” no seu sentido socioantropológico em fins dos anos 40, quando artistas forâneos, como Pancetti, Caribé, Aldo Bonadei e Iberê Camargo encantaram-se com as particularidades baianas. Em forma de um “mundo paralelo”, a cultura popular negra foi marcando presença na cidade nos anos 50 e 60, seja no Carnaval, na capoeira ou no candomblé, frequentemente dados como “perigosos” pela sociedade branca (NUNES, 2011, p.7).

O Ceca passou, entre as décadas de 1950 até meados de 1970, por uma boa fase, com apresentações direcionadas aos turistas que visitavam o pelourinho, aulas todos os dias e muitos discípulos integrados. Em 1966 mestre Pastinha e seus principais discípulos foram convidados para uma apresentação no Festival de Artes Negras em Dakar, no Senegal. Assim, Pastinha realizou o sonho de conhecer a África, porém decepcionou-se ao saber que lá ninguém conhecia a capoeira. Além disso, sua saúde já estava debilitada e, em função de um problema na vista, o mestre nem jogaria naquela ocasião (MURICY, 1998).

Após 18 anos de atividades no referido local, as autoridades responsáveis retiraram o mestre do largo do pelourinho, prometendo uma reforma temporária, contudo depois dela entregaram o espaço ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), transformando-o em um restaurante, sobrando para o velho mestre uma pequena sala num lugar desvalorizado, situado na Ladeira do Ferrão, popularmente conhecida como “ladeira do mijo”. Com esse duro golpe, a saúde de mestre Pastinha piorou e, em 1981, aos 93 anos, veio a falecer em Salvador. Sua esposa, dona Romélia, revelou que lhe enviaram um caixão de indigente, o qual foi dispensado por ela, que por meio da venda de acarajés conseguiu dar-lhe um enterro digno (MURICY, 2008).

Tais fatos demonstram a forma de apoio dado aos mestres dos saberes populares vindos dos órgãos públicos da cultura naquele período em Salvador. Pode-se afirmar que algumas ações esparsas foram feitas como incentivo, mas não foram suficientes para que uma parcela de mestres da geração de Bimba e Pastinha não morresse em extrema miséria.

Paralelamente ao término da vida desses mestres, a capoeira na capital baiana começou a sofrer grandes alterações por causa da exploração do turismo. Novos mestres e suas apresentações performáticas competem com os mais antigos, num mercado onde o capital dita as regras, estabelece novos padrões e representações nas manifestações culturais, denominadas na época folclóricas.

A Bahia é caricaturada como “terra hospitaleira”; promovida pelas campanhas publicitárias e ostentada pelo povo baiano sob o estigma de receber o turista de “braços abertos”. Isso acaba sendo uma marca corporal que tem implicações seríssimas no nosso modo de agir e nos “controles das emoções dos corpos”, pois muitas vezes acabamos instituindo, forçosamente, uma certa fisionomia historicamente inserida do povo baiano, como aquele sujeito bom,

que está sempre sorrindo, é gentil, agradável, amável e cordial com os turistas (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.45).

Na década de 1980 a capoeira angola e até mesmo a capoeira regional, conforme criada por mestre Bimba, perderam espaço para a forma mais turística da prática. Em virtude disso, alguns mestres angoleiros afastaram-se do ensino, e a vertente perdeu adeptos na capital. Por volta dos anos de 1990 ocorreu um movimento de revitalização das matrizes de ambas as linhas de prática, fato que começaria a retomar a importância de Salvador para qualquer capoeirista preocupado com a memória e a identidade da arte que desenvolve.

Chegava-se ao término do século XX com a representação de meca da capoeira, porém inúmeros problemas estruturais na gestão da cultura dificultavam a valorização dos antigos mestres, em sua grande maioria incapazes de estruturar um trabalho voltado para os editais de fomento ou equivalentes à infraestrutura dos “megagrupos”¹².

Um exemplo é mestre João Grande, discípulo direto de mestre Pastinha, que naquele período conseguiu migrar para os Estados Unidos a fim de obter apoio e por lá viver dignamente ensinando sua arte. Já mestre João Pequeno, também discípulo de mestre Pastinha, passou por dificuldades com a capoeira entre os anos de 1970 e 1980. Apenas por volta da década de 1990 é que conseguiria, com a participação em eventos, cursos e viagens pelo Brasil, o reconhecimento e a valorização que merecia.

No início do século XXI ocorreram as principais alterações no reconhecimento das contribuições da capoeira por parte dos poderes públicos: os pontos de cultura, os editais do Capoeira Viva, a reforma e o lançamento do Forte de Santo Antônio Além do Carmo (Forte da Capoeira), a cerimônia do registro no Palácio Rio Branco como patrimônio cultural, a escolha do tema do Carnaval em 2008 e alguns eventos patrocinados pelo governo estadual, como a Festa da Capoeira. Porém essas ações, apesar de contribuírem, ainda não resolvem o problema, sobretudo a sustentação permanente dos antigos mestres, dos eventos e dos projetos socioculturais. O que se nota ao visitar as principais rodas e escolas de capoeira de Salvador na atualidade é a necessidade de mais esforços para apoiar e justificar a

¹² Termo utilizado por Falcão e Saraiva (2007) para identificar as grandes corporações de capoeira que extrapolaram o cenário regional e atualmente aglutinam milhares de capoeiristas espalhados por diversas filiais no mundo.

intensa relação entre a cidade e a história da capoeira. Desse modo, mestres, professores, alunos e gestores culturais públicos e privados têm o desafio na sustentabilidade e na salvaguarda do bem cultural.

As variações da capoeira encontradas em Salvador durante a pesquisa, tais como angola, regional, moderna, mundial¹³ e outras, revelam a pluralidade da manifestação na cidade. Cada uma das vertentes pode colaborar ainda mais para o desenvolvimento da capital nas áreas do turismo, da cultura, educação, cidadania e sustentabilidade, justificando e consolidando a representação de capital mundial da capoeira.

2.3 CURITIBA

A capital do estado do Paraná tem uma relação peculiar com a prática da capoeira se comparada com as outras capitais investigadas. Mesmo presente na cidade desde a década de 1970 e atualmente contando com 40 grupos, 120 professores e 214 locais de ensino, ela ainda não tem o merecido apoio nem o reconhecimento da sociedade curitibana, apesar de haver apontamentos de uma sensível melhora na sua imagem na cidade nos últimos anos (PORTO *et al.*, 2010).

Em Curitiba o trabalho foi facilitado pelo fato de ser o local de início do aprendizado da capoeira por parte do pesquisador. As respectivas memórias e experiências auxiliaram-no a compor o cenário para a investigação. A relação com a capoeira curitibana desde 1997 possibilitou uma visão mais apurada sobre as representações da manifestação na cidade modelo.

Na capital paranaense os meios de comunicação locais enfatizam de maneira sistemática a identidade cultural de uma população branca, descendente de europeus, católica, alfabetizada e urbana como se fosse a única. Ocorre, portanto, a invisibilidade dos negros na formação da sociedade curitibana. A cidade que tem a imagem de cidade modelo no país, fruto das estratégias de urbanização entre as décadas de 1960 e 1970, empurrou a população mais pobre para a periferia

¹³ Esse termo é talvez uma variação da capoeira contemporânea/moderna, pelo fato de seguir a estrutura utilizada por essa vertente para facilitar sua expansão e massificação no exterior.

enquanto os descendentes europeus se tornaram o centro, corroborando com a visão de uma cidade que “deu certo” (SOUZA, *web*, 2008).

Em minhas memórias, a presença do racismo, sutil ou declarado, como cidadão nascido e criado até os 21 anos de idade nessa cidade pode ajudar a exemplificar tal fato. Desde pequeno, perdi as contas de quantas vezes fui perguntado pelas minhas professoras: “Onde você nasceu?”; “Você é carioca?”; “É da Bahia?”, mesmo sendo considerado pelo sistema de referência à cor da pele do IBGE como pardo. Minha mãe é negra, e meu pai, branco. Esse é o exemplo sutil. Quando o racismo era declarado, em geral em momentos de brigas escolares, logo saía um “macaco”, “preto fedido”, entre outras piores.

Na adolescência a quantidade de piadinhas que o sujeito negro, mulato ou moreno, morador de Curitiba, fica conhecendo e é alvo dá para escrever um livro! Quando fazia algo errado em trabalhos em equipe, escutava aquela clássica: “Tinha que ser preto, mesmo!”, ou “Que serviço de preto é esse?”. Na universidade acontecia o “racismo à brasileira”, como sugere (DAMATTA, 1987, p.84):

Na conceituação social elaborada no Brasil, “raça” é algo que se confunde com etnia e assim tem uma dada “natureza”. Essa colocação, por seu turno, permite escapular ainda hoje de problemas muito mais complicados, como o ter que discutir o nosso “racismo” como uma ideologia racial às avessas, anti-ideológica, que se nega a si própria, mas que é uma imagem de espelho do racismo europeu e americano. Só que aqui situamos questões relativas aos pontos intermediários do sistema triangulado pelas três raças, ao mesmo tempo em que fazemos um elogio claro e aberto da mulataria (sobretudo no seu ângulo feminino) e ao mestiço.

Ou seja, o tratamento entre os colegas com diferentes cores de pele é igual, mas, se tiver um “escurinho” no meio, este invariavelmente vira motivo de apelidos e brincadeiras pejorativas, bem comuns em curitibanos retratados nesse modelo “hegemônico” de sociedade.

No entanto, segundo dados do IBGE (*web*, 2010), em 2005 Curitiba foi considerada a capital mais negra do Sul, com 19,7% das pessoas identificando-se como pretas e pardas em relação à cor da pele. Já em 2010, Porto Alegre assumiu essa posição, com 20,2%, seguida de Curitiba, com 19,6%, e Florianópolis, com 14,6%.

Souza (*web*, 2008) aponta “para a deficiência de construções de representações que possam mostrar uma identificação da população negra com a sua cidade”, refletindo com isso acerca dos monumentos, da arquitetura, dos portais, bosques e parques, que, até o ano de 2010, homenageavam todas as etnias e raças que colonizaram a metrópole, menos a população afrodescendente.

Mas em 2010 a prefeitura curitibana construiu o Portal Africano, o maior do mundo, e reformou a Praça Zumbi dos Palmares, localizada a quase 11 km do marco zero de Curitiba, local de onde, segundo a socióloga e pesquisadora sobre relações raciais no Paraná Marcilene Garcia de Souza (*web*, 2008), há cerca de 200 anos os negros escravizados partiam para uma longa caminhada de até cinco dias, percorrendo quase 100 km, carregando as sacas de erva-mate nas costas até o porto de Paranaguá, “colaborando” com o desenvolvimento da então Vila de Nossa Senhora da Luz.

Algumas memórias a respeito da capoeira, como o seu crescimento no fim da década de 1990, a rivalidade entre os grupos hegemônicos, a violência nas rodas, a expansão das aulas para o público infantil e em projetos sociais, o interesse da Educação Física pela modalidade, entre outras, são corroboradas com a obra de Porto *et al.* (2010, p.12), cujo trabalho visou identificar a presença da capoeira na cidade e as memórias dos seus principais mestres. Além disso, os autores esperam “contribuir com a produção de material didático sobre cultura afro-brasileira – fundamental para que professores das redes pública e privada possam implementar adequadamente a Lei 10.639/03”, apontando assim a capoeira como ferramenta de educação em Curitiba.

Ademais, podem-se citar as memórias de mestres, professores e praticantes com os quais foi possível aprender muito sobre a manifestação em Curitiba nesses últimos 15 anos. A história da modalidade na capital paranaense é essencialmente de luta e da resistência dos primeiros mestres, que, além do frio típico e da cultura “europeia”, enfrentaram muito preconceito e dificuldades financeiras para estabelecer tal manifestação cultural afro-brasileira no local.

Quanto ao começo da atividade, o primeiro a lecionar a capoeira ali foi Antonio Rodrigues dos Santos, o mestre Sergipe, que “chegou à cidade de Curitiba em dezembro de 1973, convidado a assumir uma turma de capoeira no Instituto Brasil de Karatê, Capoeira e Judô, situado na rua XV de Novembro (Centro)” (PORTO *et al.*, 2010, p.41). Em seguida, no término do ano de 1975 chegava a

Curitiba Antônio Carlos de Menezes, o mestre Burguês, iniciado no Rio de Janeiro pelos mestres Paulão, Mintirinha e Silas. Mestre Sergipe e mestre Burguês formaram a base de quase 90% dos capoeiristas atuais e foram responsáveis pela implantação e difusão da capoeira na cidade.

Em função da persistência desses mestres, o jogo pôde impregnar e penetrar na imagem “branca”, “moderna” e “europeia” da capital¹⁴, presente no imaginário coletivo curitibano, e aos poucos contribuir para que negros, mestiços e brancos pudessem vivenciar uma manifestação cultural tão importante na história do país. A capoeira pensada como manifestação cultural afro-brasileira na capital paranaense teve inúmeras dificuldades de expansão pela invisibilidade de tais manifestações no local.

No seu auge em academias nas décadas de 1980 e 1990, o público predominante era formado por adultos que procuravam alternativas de atividade física e encontravam na capoeira algo exótico e diferente das outras opções oferecidas na cidade (PORTO *et al.*, 2010). Conforme se davam o crescimento dos primeiros grupos e suas buscas por novos discípulos, o aumento da violência nas rodas também aumentava. Este, entre outros fatores, influenciou uma geração inteira de capoeiristas no município, polarizando entre seus dois principais mestres a rivalidade que alimentava a violência¹⁵.

A partir do início deste século (XXI), algumas mudanças aconteceram de modo mais perceptível na dinâmica da capoeira em Curitiba. Os projetos sociais em comunidades em risco social e as aulas para o público infantil em escolas particulares modificaram o padrão de comportamento e relacionamento entre os principais grupos da região. Com sua profissionalização, percebeu-se que a diminuição da violência acarretaria maior quantidade de alunos e, por causa disso, maior fonte de renda para os mestres e professores de capoeira.

¹⁴O desafio na década de 1970 era decodificar a arteluta para os curitibanos, afinal o que era aquela “coisa” que esses dois “malucos” estavam fazendo na rua XV e na Praça Rui Barbosa? Dança? Luta? Brincadeira? Coisa de circo? E esse “pedaço de pau”? Para que serve? É vara de pescar? Essas perguntas revelavam como as pessoas tinham dificuldades em tornar familiar algo tão distante de seus costumes culturais, já que anteriormente a esses mestres não se tem notícias sobre a prática da capoeira em Curitiba. Essas representações foram baseadas em conversas com capoeiristas mais antigos da cidade, moradores não praticantes e o próprio mestre Burguês.

¹⁵ Como iniciei o aprendizado da capoeira no fim dos anos de 1990, a representação de rivalidade entre os principais grupos em Curitiba já era menor, mas ainda presente. Era comum a “invasão” de rodas de rua ou em academias entre os rivais e, também, casos de agressão em sucessivos “toma lá dá cá”, nos quais muitas vezes os capoeiras brigavam sem motivo aparente, somente por pertencerem a escolas de capoeira diferentes na mesma cidade.

Nesse período alguns mestres se especializaram nessas fatias de mercado. Uns focaram em trabalhos sociais, contando com o apoio de instituições públicas municipais e estaduais, ganhando visibilidade e recursos para esse tipo de trabalho; e outros direcionaram seu empenho em aulas para o público infantil, conquistando espaço em instituições tradicionais voltadas para as classes dominantes de Curitiba. Hoje em dia a capoeira está muito diversificada e colabora com a formação de muitos alunos em escolas públicas e particulares, além dos projetos de inclusão social supracitados.

Em primeiro lugar, o quadro descrito nos faz identificar o público-alvo predominante da capoeira como infante juvenil. Esta seria uma situação muito distinta daquela narrada pelos mestres, referente às décadas de 1980 e 1990 [...], quando o espaço por excelência de aprendizado e prática da capoeira eram as academias, principalmente voltadas para jovens e adultos (PORTO *et al.*, 2010, p.19).

O crescimento da capoeira angola também é notório. Locais de grande articulação cultural na cidade, como a Feira do Largo da Ordem, que acontece aos domingos, são alguns dos principais pontos de encontro dos angoleiros. Alguns deles também são responsáveis pela organização de eventos diferenciados no contexto curitibano, como mostras de cinema com filmes de capoeira, festivais de cantiga e grupos de pesquisa ligados às universidades.

Todavia a representação de uma cidade pouco aberta à cultura afro-brasileira ainda é forte em Curitiba, e certos estereótipos relacionados ao tema necessitam ser mais bem trabalhados. Uma possibilidade é a efetiva aplicação da Lei n.º 10.639/03 nas escolas públicas e privadas da capital paranaense, assim como intervenções em universidades e faculdades, para que no futuro esse patrimônio cultural brasileiro possa ser valorizado e vivenciado por todos na cidade, particularmente em suas regiões periféricas, onde o poder de inclusão e transformação social, cidadania e cultura da capoeira é mais latente.

2.4 FLORIANÓPOLIS

A capital do estado de Santa Catarina apresenta grande diversidade de grupos de capoeira hoje em dia, os quais se identificam com a capoeira angola, regional e contemporânea. “Segundo os depoimentos, a primeira roda de capoeira em Florianópolis foi realizada no Dia da Consciência Negra, no ano de 1977, na Praça XV de Novembro, centro de Florianópolis, onde existe uma figueira centenária” (FONTOURA; GUIMARÃES, 2003, p.18). Portanto, semelhante ao que existe em Curitiba, a prática é relativamente recente no local se comparada com o Rio de Janeiro e Salvador.

Contudo, há neste trecho publicado no jornal *A Regeneração*, em 22 de fevereiro de 1880, talvez, evidências da presença de capoeiras durante o Carnaval, no século XIX, na então Desterro, antigo nome de Florianópolis.

A sátira não é o insulto, a grosseria e a insolência, a sátira não é o riso do bobo, a gargalhada do truão, não a umbigada do capoeira, não os cacos de garrafa dos moleques e dos garotos, não o bacalhau do feitor, não a faca do assassino (PEDRO *et al.*, 1988, p.43).

Domínguez (2010, p.13) descreve as diversas rodas que são realizadas na capital. De maneira curiosa, para uma cidade que não possui grande tradição histórica na capoeira, Florianópolis apresenta muitas rodas para seus praticantes:

No período em que se realizou o levantamento aqui apresentado, era possível listar, dentre as rodas de rua regulares de Florianópolis, 11 delas: a roda da Figueira, a do Mercado, a da Catedral, a do Calçadão, a da Escadaria do Rosário, a da Lagoa, a da Barra da Lagoa, a dos Ingleses, a da Igreja de Pedra e as da Universidade Federal de Santa Catarina.

Outro fator característico da capoeira em Florianópolis é a influência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre a comunidade da capoeira local. Desde 1993 já havia o interesse pela oferta da capoeira no curso de Educação Física da instituição. Ao longo desses anos, diversos trabalhos acadêmicos acerca do assunto foram produzidos na UFSC, alguns focando a historicidade local, outros

ampliando a arte para um contexto nacional e internacional (FREGOLÃO, 2008). Analisando essas publicações se expõe uma característica da capoeira no município: “Denomino esta prática como uma prática de cultura de consumo, no sentido em que visando lucro ou não, a expansão da capoeira se dá dentro do universo burguês da nossa conjuntura econômica e social” (FREGOLÃO, 2008, p.46). Portanto, para Fregolão (2008) a capoeira em Florianópolis, de maneira geral, é praticada de forma institucionalizada, ou seja, não há em proporções significativas para uma prática desestruturada do modelo de consumo.

A articulação entre meio acadêmico e meio cultural que ocorre em Florianópolis parece ter aprofundado as discussões a respeito da capoeira e contribuído para o seu desenvolvimento e o de ações na localidade. Exemplo disso é a realização constante, desde 1997, de eventos científicos temáticos com foco na capoeira, assim como a formação e produção de grupos de estudos. É possível citar “o Simpósio Nacional Universitário de Capoeira (Snuc), promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, e o Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira (Seneca), promovido pelo Grupo de Estudos da Capoeira (Geca)” (FALCÃO, 2006, p.8).

Outro exemplo é a Confraria Catarinense de Capoeira (Triplô-C), entidade criada em 2003 por praticantes do estado e que também desenvolve pesquisas. Essas ações tendem a colaborar com o desenvolvimento sociocultural da capoeira na sociedade florianopolitana, haja vista o registro de vários trabalhos voluntários e/ou projetos sociais e educativos na cidade (DOMÍNGUEZ, 2010).

O perfil dos profissionais de capoeira em Florianópolis foi investigado por Fontoura e Guimarães (2003), que concluíram que todos os mestres entrevistados possuíam tempo de prática acima de 17 anos e, para os professores, mais de quatro anos. Dois mestres e 13 professores formaram-se na cidade; as academias concentram a maior parte dos locais de prática, seguidas de ruas, praças, vielas e guetos; a maioria dos pesquisados não tem um estilo definido de capoeira (angola, regional, contemporânea); a discriminação social vem diminuindo; e os principais mestres do local são: Pop, Calunga, Alemão e Pinóquio.

A redução da discriminação social, citada pelas autoras do estudo a respeito da capoeira na cidade, parece estar sempre velada ou encoberta. Trabalhos citados por Fregolão (2008) apontam certa invisibilidade do negro na capoeira em Florianópolis, como também das manifestações culturais afro-brasileiras. Alguns

fatores mencionados pelo autor são as relações de consumo da cultura, como os custos para se aprender capoeira; a renda da maioria da população afrodescendente do local não permite arcar com mensalidades e outros insumos decorrentes desse produto cultural.

Não obstante, acredita-se que fatores culturais e representacionais, como os criados pela mídia, podem contribuir para essa discriminação social. Um exemplo foi o comentário feito pelo jornalista Luiz Carlos Prates durante um telejornal de propagação estadual sobre o tema capoeira e educação:

Nas imagens da televisão, “Projeto Educação em Favelas”, fiquei atento. [...] Guris e gurias batendo tambor, guris e gurias na capoeira, este é o Projeto Educação em Favelas. Mas aonde é que estas crianças vão chegar na vida batendo tambor? Isto é uma perda de tempo! Isto é de uma inutilidade magnífica, mas não falta quem diga ‘ah, é melhor isso do que estar na rua pedindo esmola ou assaltando’. Não! O melhor é educação, livros, literatura, ciência, tecnologia [...]. Qualificação! Isto é, melhorar a proficiência profissional das pessoas, ou então, iniciá-las numa jornada de trabalho, levá-las para descobrir uma arte, uma ciência, o que for, que conduza a pessoa para a independência futura e financeira. Não, bater tambor, levantar o pé, fazer capoeira, estas coisas que nos levam a nada [...]. A qualificação para os adultos, ela se torna uma especialização na medida que o sujeito gosta do que faz. Quanto mais gostamos do que fazemos, mais qualidade queremos acrescentar ao nosso trabalho. As demais, as crianças, aos desprovidos, economicamente, financeiramente, temos que ensinar a estas pessoas uma iniciação à qualidade. Temos que instruí-la, temos que fazê-la descobrir a [...] leitura. Isto pode nos garantir um futuro nacional, caso contrário, nós continuaremos a estar deitados sobre esta grandeza potencial do Brasil (*apud* PORTALSBTSC, *web*, 2012).

O caso repercutiu bastante nas redes sociais no ano de 2012, gerando centenas de comentários vindos de vários lugares do Brasil e de outros países. Foi realizada uma petição pública na internet com vistas a uma retratação da emissora e do jornalista, justificando a intenção preconceituosa e ofensiva do autor. Mais tarde fez-se uma manifestação pública com capoeiristas e outros agentes culturais de origem afro em Florianópolis, como forma de protesto à declaração. O vídeo desse comentário na televisão é o segundo mais visualizado do canal que o postou, contando com mais de 16 mil visualizações. As representações aqui observadas e propagadas pelo jornalista num veículo de comunicação tão poderoso como a televisão podem construir rapidamente uma imagem negativa a respeito da capoeira

como instrumento de educação. Quando Prates afirma que projetos dessa natureza são uma “perda de tempo”, desconhece a importância econômica da capoeira na vida de milhares de pessoas, pois ela gera renda por meio de aulas, produtos, instrumentos e do turismo interno e externo constante que proporciona com os eventos.

Ao mencionar “qualificação”, o jornalista não leva em consideração os valores que são trabalhados em projetos sociais e que levam, sim, a qualificação para crianças e adolescentes em várias comunidades no Brasil. Nas capitais investigadas por esta pesquisa, foram ouvidos diversos casos em que o estímulo para se cursar uma faculdade ou curso técnico veio de mestres e professores atuantes em projetos similares.

A capoeira contribui, e muito, para a geração de renda e emprego em nossa sociedade, pois está em mais de 150 países, com cerca de seis milhões de praticantes, o que não pode ser desconsiderado ou desvalorizado. Destarte, fica evidente que a discriminação social ainda é uma realidade no contexto da capoeira, e não é uma exclusividade de Florianópolis. No terceiro capítulo apresentam-se outras representações relacionadas à discriminação em todas as capitais examinadas.

Contudo, Florianópolis apresenta, aparentemente, uma comunidade de capoeira unida, engajada com questões sociopolíticas e ativa nas manifestações da cultura popular, tendo em vista suas várias rodas de rua, seus projetos sociais e poucos casos de violência relatados. É provável que o futuro desse patrimônio cultural na ilha de Santa Catarina e região seja a legitimidade da salvaguarda e a expansão da importância da capoeira na construção da cidadania, da identidade cultural e do combate a qualquer forma de preconceito.

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais pode ser entendida como um modo de leitura dos processos de construção do conhecimento humano. É uma teoria que visa fundamentalmente compreender as ações práticas que decorrem desses conhecimentos e também como as formas de comunicação – mídia, ciência, entre outros fatores – influenciam os diferentes grupos sociais que compõem determinada sociedade nesse processo.

A teoria das representações sociais, elaborada pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici em meados dos anos de 1960, foi um marco na psicologia social e nas ciências sociais, iniciando com estudos na Europa e posteriormente espalhando-se pelo mundo. Desde então a teoria vem sendo aplicada em estudos de psicologia social, mas também de ciências da área da saúde, educação, história, sociologia e outras que se destinam a investigar de maneira interdisciplinar as relações das construções simbólicas com a realidade social, focando as comunicações, as imagens, as construções do senso comum e as movimentações das culturas (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009).

Uma das definições da teoria é:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003, p.21).

Conforme Pedrinho Guareschi durante simpósio realizado na VII Jornada Internacional em Representações Sociais em 2011, ocorrida na cidade de Vitória/ES, faz-se necessário refletir muito sobre o conceito de Moscovici. Primeiramente representações são (re)apresentações, ou seja, quase materiais, tangíveis, a respeito da realidade que nos cerca, e sociais são para lembrar como são construídas, sob a forma de interação, comunicação, linguagem, encontro, cotidiano. Por meio dos indivíduos e de seus grupos se produzem os “tijolos” de conhecimento que nos permitem entender o mundo a nossa volta.

Numa compreensão sintética do conceito, representação social pode ser explicada pela

imagem simbólica que se faz do real a partir de experiências de vida, da realidade próxima e de informações obtidas, principalmente, da mídia e de discursos promovidos por grupos de pessoas que possuam algum interesse em divulgar ou preservar um determinado tipo de visão ou representação sobre um dado real (GUEDES; FINDLAY, 2003, p. 13).

As representações sociais são bastante utilizadas por cientistas sociais, que pretendem conhecer como os indivíduos, em um grupo social, e o próprio grupo constroem o conhecimento e, sobretudo, o que fazem com esse conhecimento na sua realidade social. É preocupação da teoria a construção do saber popular, do imaginário coletivo, do senso comum. Para isso, estuda-se o emprego dos símbolos, das linguagens e imagens utilizados para a percepção da realidade, enfim a comunicação entre indivíduos de diferentes grupos sociais e suas relações.

“O conceito de representação social ou coletiva nasceu na sociologia e na antropologia. Foi obra de Durkheim e de Lévy-Bruhl” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009, p.8). A noção de representação desenvolveu-se durante vários anos nas ciências sociais, e Moscovici, apoiado em diversos autores como Durkheim, Piaget, Lévy-Bruhl e Vygotsky, conseguiu sintetizar o conceito e testar sua aplicabilidade.

De acordo com Moscovici (2009), as representações sociais servem para familiarizar o não-familiar. Para isso, a tradição e a oralidade, muito presentes nas relações de ensino entre mestres e alunos de capoeira, fornecem os consensos a fim de que as representações sejam formadas. “Tudo o que é dito ou feito ali apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Desse modo, a aplicação da teoria das representações sociais sobre os fenômenos da capoeira pode evidenciar algumas condutas tomadas pelos grupos sociais que valorizem e atuem conforme o entendimento do patrimônio cultural:

Em seu todo, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a

dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a “realidade” (MOSCOVICI, 2003, p.55).

Tornar esse “não-familiar” em algo “familiar” é o cerne da construção de uma representação social e, para isso, existem dois processos: a ancoragem e a objetivação. “O primeiro mecanismo tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (MOSCOVICI, 2003, p. 60). Ora, ancorar na navegação é simplesmente amarrar a embarcação a alguma estrutura fixa, concreta, para que o barco não fique à deriva no mar, nesse caso no “mar” das ideias, do imaginário coletivo e social. A ancoragem possibilita ao indivíduo unir o objeto da representação a algo anteriormente conhecido, classificando-o com base no entendimento desse objeto, inserido no meio social (ALMEIDA *et al.*, 2011, p. 110).

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa ou um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada (MOSCOVICI, 2003, p. 61).

O segundo mecanismo, a objetivação, visa “transferir o que está em mente em algo que exista no mundo físico [...], reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar” (MOSCOVICI, 2003, p.61). Ou seja, após ancorar o “barco” em algo fixo parte-se para a ação, para o objetivo do pensamento, das ideias, da imaginação.

A objetivação das ideias une o conceito de não familiaridade com o de realidade, para tornar as ideias a verdadeira essência da realidade, ou seja, ainda materializa uma abstração, que “é uma das características mais misteriosas do pensamento e da fala”. Esse mecanismo é tão importante que “autoridades políticas e intelectuais, de toda espécie, a exploram com a finalidade de subjugar as massas” (MOSCOVICI, 2003, p.71). Portanto, na objetivação as ideias são transformadas em objetos concretos. Nesse processo as crenças e o conhecimento coexistem, dando sustentação para o senso comum.

Conforme Moscovici (2009), com a finalidade de objetivar, nossa mente tende a reproduzir um conceito em imagem comparando-o com algo já conhecido, por exemplo, comparando Deus com a imagem de um pai. De forma instantânea forma-

se uma figura visível em nossa mente. Porém nem sempre tal processo será facilmente gerado, porque as imagens podem não ser suficientes ou porque são tabu.

A respeito dessa construção, Moscovici explica que ela se dá mediante um núcleo figurativo, ou seja, “um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias” (MOSCOVICI, 2003, p. 72). O estudioso complementa dizendo que os termos representados são aqueles mais conhecidos e utilizados. É com base nesses dois processos, ancoragem e objetivação, que se criam representações sociais, e por eles existe a possibilidade de investigar símbolos, linguagens e imagens que geram essas representações.

Quando exemplificados numa situação prática, conforme relatada por Melício (2009), os conceitos de ancoragem e objetivação tornam-se mais facilmente assimilados. A iniciação no aprendizado da capoeira vivenciada pelo então discípulo Canjiquinha¹ é um desses exemplos. Ao receber um golpe inesperado do mestre Aberrê em frente ao banheiro de uma quitanda, desencadeou uma série de fatores que exprimiam sua forma de interação com o mundo e sua construção de novas representações diante da novidade:

Como agir e lidar com a situação quando se está abaixado e um pé inusitadamente vem em sua direção? Quais modos de agir, ser e estar no mundo, que o sujeito historicamente reinstaura, imprimem soluções para o golpe do homem de camisa azul e medalhas em frente ao banheiro da quitanda? Quais os conhecimentos que permitem ancorar esta presença estranha para que se crie um núcleo figurativo no qual o objeto não-familiar se torna familiar e passível de entendimento e ação? (MELÍCIO, 2009, p. 114).

O autor procurou explicar por analogia o mecanismo de construção de uma nova representação. Para mestre Canjiquinha, o fato de levar um golpe inesperado e ter de reagir rapidamente, tentando basear-se em algum gesto motor que ele já conhecia, foi um processo de ancoragem e objetivação. Essa forma de se aprender capoeira, descrita por Melício na citação anterior, era o antigo método utilizado na Bahia antes da criação da capoeira regional, denominado oitava, no qual o mestre colocava o discípulo em situações reais, dentro ou fora da roda, conduzindo o

¹Washington Bruno da Silva, ou mestre Canjiquinha (1925-1994), soteropolitano, aluno do mestre Aberrê, exímio capoeirista, contribuiu com os espetáculos de capoeira em meados da década de 1960, participou de filmes como *Barra vento*, *Capitães de areia* e *O pagador de promessas*.

aprendizado para uma forma menos técnica e mais instintiva de se familiarizar com o jogo da capoeira, baseada na oralidade e experiência (ABREU, 2003).

A linguagem nesse contexto tem papel fundamental, sendo o objeto de estudo uma manifestação popular de origem afro-brasileira que preza e valoriza a oralidade, o discurso, as cantigas e também a linguagem corporal. Logo, a teoria das representações sociais permite salientar as nuances presentes no conhecimento do senso comum e seu imaginário coletivo, visando estabelecer relação entre o imaginário coletivo e a linguagem.

A linguagem, sem dúvida, molda o pensamento de membros dessas sociedades de formas diferentes.[...] Governos dão forma ao pensamento de seus cidadãos por meio de escola pública; os meios de comunicação de massa, em diferentes sociedades, servem para criar suas “comunidades imaginadas” em oposição àquelas outras sociedades (MATHEWS, 2002, p.23).

Diversos estudos revelam a importância das representações sociais para o entendimento dos fenômenos relativos às ciências sociais e humanas, sob muitos aspectos, pois a teoria de Moscovici é ampla e flexível. Procurou-se investigar como se formam e funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos sociais, neste caso mestres, professores e alunos de capoeira, e também como interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana que envolve a capoeira, particularmente sob o aspecto de patrimônio cultural.

O problema é compreender quais são as representações mais salientes na familiarização que distintos grupos têm com a capoeira e, sobretudo, identificar as influências que geram as ações práticas dos envolvidos, tudo isso considerando a elevação da capoeira à categoria patrimônio cultural.

3.1 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O SENSO COMUM

A construção do conhecimento ocorre com base no “mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração” (MOSCOVICI, 2003, p.9). No cotidiano e na filosofia da capoeira o bem e o mal apresentam-se indissociáveis,

fazem parte do entendimento da malícia e malandragem da cultura afro-brasileira: “Capoeira é minha alegria e minha tristeza... capoeira, meu camarada, é o ar que eu respiro, é a minha filosofia de vida” (mestre Burguês *apud* MUZENZA, 2001). A capoeira destaca-se pelo fato de permitir interação entre seus praticantes, seja durante a rotina semanal de aulas ou treinamentos em um determinado grupo específico que convive com frequência, ou numa roda em algum evento esporádico em que o encontro se dá pela simples identificação entre os capoeiristas.

Nessas condições são formados os conhecimentos, são experimentadas as trocas ou, como dizem os próprios praticantes, adquire-se “bagagem”:

Em síntese, o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado; ao contrário, ele é sempre produto dum grupo específico de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos (BAUER; GASKELL, 1999 *apud* MOSCOVICI, 2003, p.9).

O poder e encantamento do senso comum presente na capoeira pode ser verificado, por exemplo, ao se visitar diferentes grupos e visualizar seus espaços de prática, seus discursos e suas ações, sua forma de ensino-aprendizagem e seus conhecimentos acerca da atividade. Os mestres antigos de Salvador, por exemplo, possuem muita experiência e conhecimento sobre os segredos, signos e mitos da capoeira; é uma maneira de conhecimento não formal com muito valor, sobretudo para praticantes e pesquisadores mais novos que os procuram.

O senso comum torna o conhecimento científico algo comum em nosso tempo e consiste também num campo de investigação e produção de informações. “Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum, esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o faz ao mesmo tempo compulsivo e fascinante” (MOSCOVICI, 2003, p.60).

Como o senso comum é formado de ideias e pensamentos baseados nas experiências vividas e na memória coletiva, é possível identificar as representações sociais inerentes desse campo, como por exemplo os benefícios da prática da capoeira relatados por praticantes de Florianópolis:

Um ponto sobre o qual os capoeiristas de vertentes distintas concordam é o fato de a capoeira representar um meio de autoconhecimento e do controle da agressividade ao fortalecimento da autoestima, passando pelo desenvolvimento das habilidades

poéticas, devido à improvisação. De positivo ainda é o desenvolvimento da musicalidade, por causa do canto e da execução de instrumentos, até a destreza física, o cuidado com a saúde, a experiência do pertencimento a um coletivo, o reconhecimento das hierarquias tradicionais e o respeito pelos mais velhos (DOMÍNGUEZ, 2010, p.38).

Contudo, percebe-se que existe uma comunhão de pensamento na comunidade de capoeira. Moscovici (2009) revela que, como pessoas comuns, tendemos a considerar e analisar o mundo de maneira semelhante, um senso comum, porque vivemos num mundo completamente social, construído pelas relações sociais.

A diversidade cultural presente nos grupos de capoeira no Brasil, constitui parte de um senso comum partilhado por seus praticantes, e a compreensão dessa diversidade incute em compreender os indivíduos conforme suas diferenças culturais, suas imagens, seus hábitos, suas linguagens e memórias, que formarão novas representações sobre determinado assunto, refazendo constantemente o senso comum.

Assim, os conhecimentos são construídos de modo social nas relações entre mestres e discípulos e tornam-se parte do senso comum por eles assumido. “Os corpos-capoeira, com suas ‘histórias locais’ e sob uma perspectiva da ‘colonialidade do poder’, rebelam-se e colocam no curso da história seus conhecimentos que se frutificam” (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.24).

De acordo com Moscovici (2009, p. 200), “as representações sociais diariamente e ‘espontaneamente’ se tornam senso comum, enquanto representações do senso comum se transformam em representações científicas e autônomas”. Isso aponta a relevância do senso comum na compreensão das representações sociais, como forma de ciência própria, essência da vida diária e real, que reconhece a complexidade da cultura e sua subjetividade.

Para tanto, investigar o senso comum, a atmosfera social e cultural, permite conhecer a formação das representações sociais nesses ambientes, que nessa perspectiva possuem duas funções:

Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a

esse modelo e se sintetizam nele. Assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação com o decréscimo do dinheiro (MOSCOVICI, 2003, p.34).

A convencionalização das representações pode ser observada ao deparar com as filosofias de cada escola, mestre ou vertente da capoeira. Seus modelos são desenvolvidos e partilhados entre os membros do grupo de forma que, com o passar dos anos, se tornam conceitos sólidos, como as diferentes formações de bateria, de cantigas em determinados toques, do que pode ou não ser executado em cada tipo de jogo etc.

Em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2003, p.36).

A prescrição, porém, dita como será a convencionalização das representações. Tal força é o que, talvez, influencia determinado mestre ou líder de capoeira a pensar e agir de forma específica. Portanto, as representações sociais sobre a capoeira, do ponto de vista de seus principais agentes, mestres, professores e alunos, são importantes para verificarmos as consequências da patrimonialização da capoeira no Brasil, pois tanto a função da teoria, que se encaixa no momento em que a capoeira passou a ser um bem cultural registrado, quanto as suas implicações, que dizem respeito às medidas de salvaguarda da capoeira, são fontes para a produção de dados que poderão servir de instrumento aos agentes que pretendem participar desse novo período de intervenção do Estado na manifestação.

No tocante às decorrências das representações sociais, Moscovici (2003) indica duas fundamentais: uma é a exclusão da ideia de pensamento ou percepção sem ancoragem, ou seja, todo sistema de classificação e suas relações exigem um ponto de vista baseado no consenso; a outra é que a ação de classificar e dar nome são formas de facilitar a interpretação de características, compreender os motivos que geram as ações das pessoas e, enfim, formar opiniões.

Destarte, ao procurar entender as representações referentes à capoeira na visão de mestres e praticantes, pretende-se tornar próximo um universo rico e diverso, que possui seu sistema de valores e de conhecimentos socialmente elaborados, e também auxiliar na compreensão desses conhecimentos permitindo

que, por meio da intencionalidade das ações dos agentes, um número maior de interessados possa verificar as possibilidades transformadoras desse bem cultural.

3.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURA E TEMPO PRESENTE

A cultura é um objeto de estudos para a teoria das representações sociais (TRS), na medida em que o senso comum compõe parte fundamental de qualquer contexto cultural nas sociedades, e percebê-lo é o cerne da compreensão da teoria.

Dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem. Em outras palavras, nestes pontos de clivagem há uma falta de sentido, um ponto onde o não-familiar aparece (MOSCOVICI, 2003, p.15).

O pensamento dos grupos sociais que compõem a capoeira, considerando-a um patrimônio cultural, é revelado por suas representações sociais. Estas, por sua vez, auxiliam na avaliação ou no julgamento desse conceito, assim como na definição dele, mas fundamentalmente no que será posto em prática mediante a utilização desse conceito, aqui a capoeira como patrimônio imaterial.

À TRS, então, permite desvendar as entranhas da cultura, perceber seus saberes, observar suas práticas e valorizar a sua ciência, contrapondo com o imaginário de que a cultura é sinônimo de formação acadêmica. A capoeira, nesse viés, vendo-a como manifestação cultural de origem afro-brasileira, está repleta de conhecimento, de construção cultural, o que no imaginário de uma parte da sociedade brasileira não serve para nada, formando preconceitos e representações negativas.

O esquecimento histórico e o recalçamento social ajudam o preconceito [...]. Por isso, os “escuros” ficaram relegados, nas representações conscientes e subconscientes do imaginário coletivo, à esfera do popular, do que em princípio dispensa letra (SODRÉ, 2002, p.17).

Com isso, a TRS pode admitir e demonstrar que não existe hierarquização de saberes nem um saber superior, mas sim saberes diferentes. O mais importante é conhecê-los e estabelecer meios de troca de informação entre eles, como a capoeira e a Educação Física, por exemplo.

Depois da patrimonialização da capoeira, em 2008, novos conceitos de apropriação foram lançados e, nas relações sociais, é perceptível que há certa pressão para que o indivíduo tome posicionamento sobre determinado assunto. Para tanto, a relação entre a TRS e as manifestações culturais, como no caso da capoeira, possibilitam verificar a formação de um novo conceito, de uma nova atitude no grupo social.

A noção de representação social é uma noção concebida para explicar o que une as pessoas a um grupo ou a uma sociedade, e os faz agir em conjunto. Com o objetivo de permanecerem unidas, as pessoas criam instituições e seguem um conjunto de regras, que demandam um sistema de crenças e de representações compartilhadas próprias de suas culturas (ALMEIDA *et al.*, 2011, p.317).

Uma das intenções deste trabalho é investigar se, conforme as representações sociais coletadas, haverá a influência do ato de definição da capoeira como patrimônio cultural, da sua relevância para a identidade e memória.

As representações sociais emergem não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (MOSCOVICI, 2003, p.20).

Sendo assim, analisa-se a cultura que produz conhecimento e saberes pela TRS, e neste trabalho seu foco é primordial para o entendimento das alterações da capoeira em nossos dias. Levando-se em consideração a fluidez e o dinamismo da cultura, além da velocidade das comunicações e alterações da nossa sociedade, faz-se necessário utilizar instrumentos que possibilitem acompanhar e descrever essas mudanças.

Nesse sentido, a TRS tem se mostrado como importante ferramenta metodológica para assuntos do tempo presente. “A dimensão do tempo de Moscovici é dialógica, onde o passado permanece e se reinventa (através do

processo de ancoragem) e o presente não se encerra em si mesmo” (ALMEIDA *et al.*, 2011, p.6).

A condição recente da capoeira como patrimônio cultural, por apenas quatro anos, já rendeu um edital específico—Viva Meu Mestre, de 2011 —, vários encontros nos estados (Pró-Capoeira) e desde o início de 2012 a realização do Cadastro Nacional da Capoeira (IPHAN, *web*, 2012). Pode-se constatar o começo de um processo de valorização do bem cultural por parte do Estado. Identificar como os agentes estão lidando com essas mudanças, como estão refazendo ou repensando suas ações ou não são os desafios da relação entre as TRS e o estudo do nosso tempo.

Passos Neto (2011) cita que está acompanhando pesquisas sobre a capoeira na internet, uma forte tendência no processo ensino-aprendizagem do jogo, e que os números são impressionantes. Ele também faz algumas previsões acerca da capoeira nos Estados Unidos relacionadas à facilidade do uso de ferramentas como *facebook*, canais de TV no *youtube*, etc. O autor afirma que a ferramenta se tornou uma alternativa de aprendizado para o capoeirista, que ironicamente considera a capoeira um saber corporal, e não virtual, porém essa tendência aos poucos chega também ao nosso país.

Durante esta pesquisa foi possível constatar a relevância desse tipo de comunicação na comunidade da capoeira brasileira, tanto que uma das decisões metodológicas aqui envolveu o uso de correio eletrônico, redes sociais, *blogs*, *sites* de vídeo e de escolas de capoeiras das quatro capitais. “A mudança dos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações” (MOSCOVICI, 2003, p.22).

As modalidades de comunicação influenciam bastante na formação de novas representações. A relação entre internet e capoeira no tempo presente está evidenciada nesta dissertação, e a aplicação da TRS pode facilitar o entendimento desse processo. Chega-se ao início da segunda década do século XXI com petições públicas, campanhas de arrecadação de recursos para a produção de vídeos, de espaços de prática (barracões) e apoio direto para capoeiristas com problemas de saúde, por exemplo, todos por meio da internet.

As representações sociais a respeito da capoeira no Brasil tendem a acompanhar as transformações sociais e as influências dos meios de comunicação e da mídia, mas também sofre influência da cultura, das instituições de ensino, do

governo, da família, da religião, do trabalho, entre outras, e disso surge a sua relevância no tempo presente, o qual permite a construção do passado pelos processos e pelas práticas sociais.

Sendo assim, percebendo a importância do senso comum na construção do conhecimento, reconhecendo a influência da cultura e das transformações do presente na elaboração de novas representações, restam os questionamentos: Quais são as representações sociais da capoeira para mestres e alunos em Florianópolis, Curitiba, Rio de Janeiro e Salvador? Como eles objetivam esse conhecimento? Em que ponto de vista ou consenso as representações estarão ancoradas? Quais as características das ações desses capoeiristas nas capitais averiguadas? Quais as opiniões sobre a capoeira, agora patrimônio cultural? Quais as ações práticas dos seus atores quanto à temática do patrimônio cultural? Essas questões são abordadas no quarto capítulo deste trabalho, e com elas pretende-se contribuir para que o registro dessa manifestação como bem cultural imaterial de relevância à memória e identidade da sociedade brasileira não fique apenas no papel.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA NO BRASIL

As representações sociais criam uma realidade, elas enriquecem a relação entre o sujeito e o objeto, interagem com o espaço, o tempo, a linguagem e a cultura, formando uma base para a memória social. Desse modo relacionar a TRS com a capoeira é permitir que os agentes deste bem cultural ganhem “voz” e identidade, considerando que suas diferenças sociais produzem diferentes representações sobre o mesmo tema.

Desse modo, a teoria das representações sociais possibilita o estudo da capoeiragem a partir dos códigos e valores utilizados pelos capoeiras para se organizar afetiva e intelectualmente perante a situação que os cerca. Isenta da preocupação em qualificar a validade dos conhecimentos em função das suas relações de causa e efeito observáveis, a teoria se interessa em apreender quais são as representações circulantes nos grupos dos capoeiras, e como elas se combinam e se transformam no viver cotidiano (MELICIO, 2009, p.28).

As observações realizadas no contexto da capoeira, os métodos da pesquisa, seus objetivos, a preparação para a coleta dos dados, as particularidades da coleta, os dados propriamente ditos com suas respectivas análises e discussões, serão apresentados neste capítulo.

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar as representações sociais, que fazem mestres e alunos sobre a capoeira em quatro capitais brasileiras, duas com forte influência cultural das manifestações afro-brasileiras e presença na memória e imaginário dos capoeiras (Rio de Janeiro e Salvador) e outras duas com menores proporções nestes quesitos (Curitiba e Florianópolis).

O estudo foi iniciado através de observações no campo da capoeira, sobretudo em eventos, encontros, batizados, apresentações, *shows*, palestras, *workshops*, revistas, músicas, *sites* ligados à capoeira, vídeos e redes sociais na *internet*. Nestas sondagens foi constatado que a maioria dos seus agentes, ou seja, grupos, associações, mestres, professores, praticantes e alunos no Brasil, não estavam permeando seus discursos e apropriando suas práticas com foco no tema do patrimônio cultural reconhecido pelo IPHAN em 2008.

A hipótese é de que há um desconhecimento de termos, significados, linguagens, peculiaridades e principalmente, a importância desse registro da capoeira como patrimônio cultural e do plano de salvaguarda, pela maioria dos capoeiristas. Essa situação pode acarretar em várias formas de manipulação por minorias do meio capoeirístico interessadas nos benefícios provenientes desse reconhecimento. Também vale ressaltar que ações governamentais de educação patrimonial¹ no país relacionadas à capoeira são ainda precárias, o que contribui para que a sociedade não conheça e valorize seus patrimônios culturais, dificultando uma maior visibilidade dela na mídia, como a televisão, por exemplo e, conseqüentemente, pouco apoio da iniciativa privada.

Nesse contexto, houve a necessidade de coletar e analisar a opinião desses atores da capoeira e compreender como estão lidando com a sua condição de patrimônio cultural. Para tanto o estudo da teoria das representações sociais se apresentou como uma ferramenta pertinente, no sentido de tentar elucidar a construção do conhecimento dos diferentes grupos sociais que compõem a capoeira nas quatro capitais em estudo.

Portanto o contato com a comunidade da capoeira, visando perceber o contexto social de cada grupo ou local, seria fundamental para a metodologia da pesquisa e a construção do objeto de estudo. Neste sentido, foram realizadas pesquisas de campo para que se pudesse atingir os objetivos propostos.

Em agosto de 2010, ocorreu o “5º Mundial Muzenza de Capoeira”, nas cidades do Rio de Janeiro-RJ e Salvador-BA. A partir deste evento foram iniciadas as observações e estratégias para a execução da pesquisa, onde se teve a oportunidade de conversar com mestres, praticantes e pesquisadores de capoeira sobre a temática do patrimônio cultural. Logo em seguida aconteceu o “I Roda Mundo-Festa da Capoeira” em Salvador-BA, no Forte da Capoeira.

Neste evento foi possível observar os esforços de legitimar a capoeira como patrimônio cultural na capital da Bahia, onde ocorreram várias oficinas, rodas e apresentações de grupos, escolas, associações de mestres e professores

¹ Em julho de 2011 foi realizado o II Encontro Nacional de Educação, em Ouro Preto, Minas Gerais, com objetivo de estruturar uma política nacional de educação patrimonial, visando à construção do Sistema Nacional do Patrimônio Cultural. O encontro teve a participação dos Ministérios da Cultura e da Educação, além de integrantes da sociedade civil que representavam 23 estados. Portanto, até o momento da finalização desta dissertação não se teve uma ação concreta de educação patrimonial envolvendo a capoeira no país (IPHAN, *web*, 2011).

soteropolitanos. A temática das políticas públicas para a capoeira foi discutida com ampla participação de capoeiristas de vários estados brasileiros, durante a roda de capoeira angola de mestre Moraes, ao final do citado evento. Desse modo, constatou-se o quanto a pesquisa pode contribuir para o aprofundamento neste tema atual. Ainda no mesmo período, foi realizado o “I Festival Infantil de Cantigas de Capoeira”, que contou com mestres da angola e regional, e a participação de várias crianças e adolescentes demonstrando a força da capoeira como instrumento de educação, socialização e cultura em Salvador.

Outro evento cuja participação colaborou na coleta de dados, foi a “II Roda de Estudos”, com o tema “diversidade da capoeira no Brasil”, realizado em agosto de 2010 na Universidade Federal do Paraná-UFPR, em Curitiba. O evento contou com a presença de integrantes do IPHAN e do Senado Federal, pesquisadores da capoeira e grande parcela de mestres e professores da capoeira curitibana. Foram discutidos conceitos de memória e identidade atrelados ao fazer cultural da capoeira, palestra sobre diáspora e África e suas relações com as origens da capoeira, a diversidade regional da capoeira no Brasil, as políticas públicas para a capoeira e alguns resultados da pesquisa de Porto et al. (2010).

Em novembro do mesmo ano o evento “Abolisom”, realizado também na UFPR em Curitiba, tratou das questões do Estatuto da Igualdade Racial e da aplicação da Lei 10.639/03 no Paraná para estudantes da rede pública de ensino e demais interessados. Contou com a colaboração de integrantes da capoeira angola articulados com esta universidade e pesquisadores do tema no Paraná.

Com base nestas observações, na revisão de literatura e com o apoio das disciplinas cursadas durante o MPCs, foi elaborado um formulário de pesquisa (Apêndice A), contendo vinte e nove questões fechadas e abertas, cujo objetivo primeiramente, foi identificar e classificar os participantes e posteriormente, compreender suas representações sobre a capoeira por meio da análise das respostas apresentadas.

Após a aplicação de um pré-teste e feitas as correções no formulário, delimitou-se o universo da pesquisa selecionando capoeiristas maiores de dezoito anos, de ambos os sexos, de qualquer graduação², nível ou título nos seus grupos,

² A graduação é o título e/ou posicionamento que o capoeirista detém perante o grupo ou associação. Ela estabelece a hierarquia, conforme moldes militares ou empresariais, e está associada em geral à

escolas, academias, institutos ou associações de capoeira, que residem e praticam capoeira nas capitais investigadas, divididos em duas categorias: profissionais³ e alunos⁴. A pesquisa teve caráter quali-quantitativo, tendo em vista que utilizou entrevistas emi-estruturada, enviada por *e-mail* para aproximadamente 2.000 indivíduos e, coletou dados de mestres⁵, contra-mestres⁶, professores e alunos de capoeira nas quatro capitais selecionadas.

Após a seleção desse universo, delimitou-se a amostragem da pesquisa, para isso utilizou-se três procedimentos: 1) o próprio conhecimento de campo do pesquisador: com quatorze anos de prática o capoeirista se envolve com uma grande parte da comunidade da capoeira e conhece os mais influentes mestres, professores, praticantes e pesquisadores do Brasil, seja da capoeira angola, capoeira regional ou capoeira “contemporânea”. Isso ocorre por meio de viagens a eventos, acesso à revistas especializadas, DVD’s e CD’s dos grupos e associações de capoeira, facilitando a identificação desses agentes; 2) Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a presença da capoeira nas quatro capitais, investigou-se o tema em livros, livretos, artigos científicos, teses, dissertações, revistas e jornais como forma de encontrar mestres, professores e praticantes não abarcados no primeiro procedimento e 3) Finalizou-se a delimitação da amostragem com uma pesquisa na *internet*, em *sites* específicos de grupos e associações de capoeira e também nas redes sociais.

O objetivo da seleção da amostra foi detectar os diferentes grupos e associações de capoeira de cada capital, seus principais mestres e professores, englobando praticantes de várias vertentes da capoeira e também diferentes níveis e relações com a atividade, como alunos iniciantes, intermediários e avançados, que ainda não haviam sido identificados pelos dois procedimentos iniciais.

cor de uma corda de algodão utilizada na cintura do praticante. Cada cor significa uma etapa ou fase do aprendizado do capoeirista, relacionada a alguma simbologia criada pelo grupo.

³ Por profissionais classificamos os capoeiristas que lecionam capoeira, ou seja, mestres, contramestres, mestrandos, professores, instrutores, formados, treinéis, monitores e graduados, assim denominados em seus grupos ou associações por sistemas de graduação e/ou hierarquia próprios.

⁴ Por alunos, classificamos os capoeiristas que não lecionam e/ou ainda estão abaixo da titulação de graduados, compreendendo alunos com, no mínimo, 30 dias de prática.

⁵ O mais alto título ou grau conferido ao professor de capoeira, conforme o sistema de graduação e/ou filosofia de cada escola. Na maioria dos casos, são pessoas com mais de 25 anos de prática de capoeira.

⁶ O grau ou título logo abaixo dos mestres. No meio da capoeira são como braço direito do mestre, professores com no mínimo 20 anos de capoeira em grande parte dos grupos entrevistados.

O Universo de pesquisa foi baseado nos dados obtidos na revisão de literatura, assim, Porto et al. (2010) indica o número de aproximadamente 100 profissionais de capoeira⁷ (Mestres, Contramestres e Professores) e cerca de 5.000 alunos⁸ em Curitiba; segundo Domínguez (2010), existem aproximadamente 60 profissionais e cerca de 3.000 alunos em Florianópolis e, segundo Dacosta (2006), cerca de 500 profissionais e aproximadamente 25.000 alunos no Rio de Janeiro e cerca de 700 profissionais de capoeira e aproximadamente 50.000 alunos em Salvador. Nossa amostra foi delimitada com o cuidado de atender a todas as vertentes da capoeira nas quatro capitais, para tanto foi composta da seguinte forma:

- Curitiba (PR): Na categoria de Mestres, Contramestres e Professores, delimitou-se um número de 25 **profissionais**. Na categoria **alunos** delimitou-se um número de 50 praticantes de capoeira;
- Florianópolis (SC): Na categoria de Mestres, Contramestres e Professores, delimitou-se um número de 15 **profissionais**. Na categoria **alunos** delimitou-se um número de 50 praticantes de capoeira;
- Rio de Janeiro (RJ): Na categoria de Mestres, Contramestres e Professores, delimitou-se um número de 50 **profissionais**. Na categoria **alunos** delimitou-se um número de 50 praticantes de capoeira;
- Salvador (BA): Na categoria de Mestres, Contramestres e Professores, delimitou-se um número de 50 **profissionais**. Na categoria **alunos** delimitou-se um número de 50 praticantes de capoeira.

O número de alunos limitados em 50 praticantes para cada capital foi uma escolha metodológica para facilitar a visualização das respostas e posteriormente a análise das representações sociais, mesmo considerando que o universo da amostra foi diferente em cada localidade, acredita-se que esta forma de abordagem pode auxiliar na comparação entre as cidades.

Com a delimitação da amostra realizada, 340 indivíduos divididos em 140 profissionais e 200 alunos das quatro capitais, efetuou-se o contato com os sujeitos da pesquisa. Este contato foi feito inicialmente utilizando-se uma lista de *e-mails*

⁷ Esses profissionais estão divididos nos mais variados grupos, associações e centros culturais que oferecem aulas de capoeira em academias, clubes, escolas públicas, escolas particulares, associações de bairros e universidades das quatro capitais analisadas.

⁸ Dados estimados com base em depoimentos de profissionais de capoeira dos diferentes grupos das quatro capitais, que afirmam atender em média 50 alunos cada.

própria do pesquisador e também de um colaborador⁹, em seguida foram enviadas mensagens aos praticantes de capoeira das quatro capitais em *sites* de redes sociais, por meio de um perfil específico, e de um vídeo¹⁰ que foi postado na *internet* para divulgação da pesquisa.

Na chamada da pesquisa, feita pelas redes sociais e pelo vídeo, foi indicada a participação do(a) capoeirista através do envio de mensagem eletrônica para o *e-mail* do pesquisador, no texto do *e-mail* continha uma explicação resumida das intenções da pesquisa, os dados de identificação do pesquisador, da orientadora, do curso e da instituição, propondo ao capoeirista a participação voluntária no preenchimento do formulário e, em seguida, as vinte e nove questões da pesquisa destinadas a amostra já citada. Anexo ao texto do *e-mail* vinha o Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TLCE¹¹, contendo detalhadamente todas as informações para a participação na pesquisa. Desse modo o participante respondia às questões e reenviava a mensagem eletrônica para o *e-mail* do pesquisador.

Contudo, devido à demora em obter as respostas e visando atingir o objetivo da pesquisa, optou-se por realizar, simultaneamente, uma coleta de dados em campo. Assim, foram visitadas academias, escolas, rodas, encontros e eventos de capoeira, nas quatro capitais durante o ano de 2011, para completar o número de participantes da pesquisa conforme a amostra selecionada e entrevistar os praticantes de capoeira que porventura não tivessem conhecimento do andamento da pesquisa pela *internet*, além de perceber com mais propriedade a relação entre discurso e prática dos agentes envolvidos.

A coleta de dados em campo começou em Maio de 2011. Foi visitada a cidade do Rio de Janeiro em 15 locais de prática diferentes entre academias, rodas e eventos de capoeira e entrevistados mais de 50 capoeiristas. Em seguida foram visitadas locais semelhantes em Curitiba, assim como os principais mestres e professores de capoeira que, ainda não haviam participado da pesquisa através da *internet*, foram entrevistados.

⁹ O primeiro colaborador foi mestre Burguês, do grupo Muzenza de capoeira, que auxiliou nossa pesquisa enviando a chamada para sua lista de *e-mails* de praticantes de capoeira.

¹⁰ O vídeo de chamada para a pesquisa foi utilizado na divulgação da pesquisa principalmente nas redes sociais. Para assistir a ele, acesse: <<http://www.youtube.com/watch?v=inoRkwJ-zEk>>.

¹¹ O TLCE, exigência do Comitê de Ética em Pesquisa da Univille, está disponível na íntegra no apêndice C.

Em julho retornou-se ao Rio de Janeiro, para participar do maior evento de capoeira de 2011, o “I Fórum Internacional de Capoeira”, a fim de coletar mais dados e vivenciar uma proposta diferente das mais recorrentes no contexto da atividade. Neste evento foi possível entrevistar vários mestres, professores e praticantes do Rio de Janeiro e Salvador, além de conversar com mestres e pesquisadores renomados como Nestor Capoeira, Frede Abreu e Carlos Eugênio Líbano Soares, discutindo as atualidades sobre o tema.

Em agosto de 2011 retornou-se à Salvador para participar do “II Roda Mundo-Festa da Capoeira”, evento realizado pela Secretaria Estadual de Turismo da Bahia e Conselho de Mestres de Capoeira da Bahia, que visa valorizar a capoeira em Salvador. Várias escolas e academias de capoeira foram visitadas, realizou-se entrevistas com mestres, professores e alunos da capital que ainda não haviam respondido o formulário pela *internet*, procurou-se estabelecer um equilíbrio entre praticantes da capoeira angola, regional e moderna. Em especial, pode-se salientar a participação na roda do mestre João Pequeno de Pastinha, que aos 93 anos de idade ainda comandava sua escola de Capoeira Angola no Forte de Santo Antônio de Além do Carmo, e que viria a falecer pouco tempo depois.

A coleta de dados realizada pela *internet* em Florianópolis surtiu pouco efeito, apenas seis indivíduos da categoria **alunos** e treze da categoria **profissionais** preencheram o formulário por *e-mail*, sendo três do gênero masculino e três do feminino para a primeira categoria, e quatro do gênero feminino contra nove do masculino na segunda. Tendo em vista este resultado, optou-se também para a pesquisa de campo nesta capital. Foram visitadas rodas em academias, na Praça XV de Novembro (Roda da figueira), no Mercado Público e oficina de capoeira na UFSC. Em novembro aconteceu o “II Festival de Capoeira Angola da Ilha”, realizado em Florianópolis, neste evento foram entrevistados os principais mestres, professores e praticantes que ainda não haviam participado nas ações anteriores.

A adesão dos capoeiristas à pesquisa foi outro ponto interessante a ser destacado. Na maioria dos locais por onde passamos, os mestres e professores foram bem receptivos e atenciosos e além de responderem ao formulário, incentivaram seus alunos a fazerem o mesmo.

Houve, no entanto, alguns mestres que se negaram a participar da pesquisa alegando que o sistema acadêmico esta cada vez mais interessado em seus conhecimentos e opiniões, porém quando são levantadas as questões sobre o

ensino da capoeira em escolas ou universidades, estes mestres são sumariamente descartados deste processo por não possuírem diploma de ensino superior. Ocorreu também a desistência de participação na pesquisa de um conhecido mestre, o qual afirmou que ao participar de outros trabalhos acadêmicos realizados por pesquisadores-capoeiristas, teve seu discurso deturpado, provavelmente, segundo esse mestre, pela falta de ética ou da “malandragem” de uma parcela dos capoeiristas. Porém, também é possível atribuir a este fato, a rivalidade e desunião dos diferentes grupos e segmentos da capoeira no Brasil, o que atinge, em menor escala, as pesquisas acadêmicas sobre o tema e já desperta, no século XXI, certa disputa na produção de conhecimento e pesquisas sobre a capoeira.

Essas ações possibilitaram a coleta de dados com todos os participantes planejados no projeto de pesquisa, 340 sujeitos. Foi por meio da pesquisa de campo que se pode perceber, de forma mais clara, como cada grupo, vertente, estilo ou mestre lida com a capoeira no seu contexto social. A proximidade com os sujeitos da pesquisa, a observação dos espaços de prática, as linguagens, os discursos e, principalmente, as atitudes por eles tomadas com relação à capoeira durante aulas, rodas e eventos, foram determinantes para a compreensão das suas representações durante a aplicação dos formulários. Portanto, o trabalho de campo foi fundamental para ampliar os conhecimentos sobre a manifestação cultural nessas capitais e auxiliar na visualização das representações coletadas por meio eletrônico.

Surgiram nesta pesquisa, representações muito diferenciadas, influenciadas por fatores tais como o conhecimento sobre a história da capoeira no Brasil, conhecimento sobre o tema do patrimônio cultural e manifestações culturais afro-brasileiras e ainda fatores sociais, culturais e de identificação distintos para cada local. A seguir apresenta-se as particularidades do formulário de pesquisa, os objetivos de cada questão e a análise dos dados coletados.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS: A CAPOEIRA EM QUATRO CAPITAIS

A seguir serão apresentados e discutidos os dados obtidos durante a pesquisa por meio eletrônico (*email*) e as entrevistas realizadas em campo. É

importante considerar as informações relatadas antes de cada tabela, a fim de compreender os objetivos e posicionamentos a cerca dos dados coletados.

Quanto ao formulário aplicado, (Apêndice A) pode-se afirmar que possui perguntas distintas para as metas propostas, as questões de número 1 a 5 serviram para identificar os sujeitos, afim de, posteriormente, delimitar os grupos sociais. Compreenderam dados relativos ao gênero, idade, naturalidade, renda mensal, escolaridade e ocupação profissional dos entrevistados. Tendo em vista essas informações, pode-se afirmar que com relação ao perfil dos entrevistados em todas as capitais predominou o gênero masculino na categoria **profissionais**, sendo que em Salvador-BA foi encontrado o maior percentual de professoras, como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Gênero dos entrevistados

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
Masculino	80	57,1	77,1	61,1	88,2	47,6	76	47,8
Feminino	20	42,9	22,9	38,9	11,8	52,4	24	52,2

Legenda: P) profissionais; A) alunos.

O universo da capoeira ainda é majoritariamente masculino, principalmente no que tange a ministrar aulas, comandar grandes grupos, rodas e eventos, tocar o berimbau gunga¹², cantar uma ladainha¹³ ou quadra¹⁴ em determinados momentos. Na literatura confirmamos a situação de predominância masculina, “Ainda são poucas as mulheres que ocupam posições hierárquicas neste universo. Dos 32 docentes entrevistados neste levantamento, somente duas mulheres são

¹² O gunga é o berimbau que comanda a roda de capoeira, sobretudo na capoeira angola e moderna. Seus toques e seu ritmo ditam o jogo durante o ritual e, em geral, é tocado pelo mestre mais antigo e/ou responsável pela roda. Dificilmente observam-se mulheres tocando esse berimbau em rodas de grandes eventos e encontros de capoeira. A capoeira regional, seguindo os princípios do mestre Bimba, não utiliza o gunga, mas sim um berimbau apenas, de tom menos grave, para caracterizar a afinação que o mestre utilizava, contudo também é raro ser manejado pelo gênero feminino.

¹³ Tipo específico de cantiga entoada com o toque da angola no berimbau. É utilizada no início das rodas de capoeira angola e tem como característica básica longas estrofes que contam histórias da capoeira, de seus mestres, ensinamentos e da filosofia da capoeira. É raro uma mulher cantar uma ladainha em rodas ou eventos de capoeira angola.

¹⁴ Tipo específico de cantiga entoada com o toque de São Bento Grande da Capoeira Regional. Assim como a ladainha, inicia a roda da capoeira regional, porém possui versos curtos, dificilmente executados por mulheres.

professoras e uma é mestra”, como este exemplo de Florianópolis (DOMÍNGUEZ, 2010, p.37). Na categoria **alunos** essa diferença é menor, sendo que no Rio de Janeiro e Salvador predominaram as participantes femininas, pode-se afirmar que a presença de manifestações culturais afro-brasileiras nestas capitais são, entre outros fatores, algo que atraí este público se comparado às outras duas capitais.

A presença das mulheres nos iniciantes em capoeira é perceptível em vários grupos/escolas e estilos de capoeira, porém no Brasil o trabalho voltado especificamente para este público ainda pode melhorar muito, já em vários países da Europa a capoeira conquista cada vez mais adeptas, e em alguns lugares, compõem a maioria dos alunos (PASSOS NETO, 2011). Contudo, os dados apontam que a situação está se modificando e a tendência é que ao longo dos anos a relação entre os gêneros, ministrando aulas de capoeira seja atenuada, tendo em vista o aumento do número de participantes mulheres entre os iniciantes.

Passos Neto (2011, p.760) aponta que “a maioria destas moças ressalta a atração devido à música, e à possibilidade de inserir elementos de dança no jogo. A capoeira seria menos "dura" que as demais artes marciais e práticas esportivas". Na Tabela 2 pode-se ter uma visão da distribuição das faixas etárias dos praticantes de capoeira entrevistados.

Tabela 2 – Idade dos entrevistados

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	20	35,7	20	22,2	17,6	42,9	14	30,4
2	26,7	42,9	48,6	47,2	31,4	33,3	32	39,1
3	33,3	21,4	20	30,6	13,7	11,9	20	8,7
4	13,3	–	5,71	–	11,8	4,76	14	4,35
5	–	–	5,71	–	21,6	2,38	12	4,35
6	6,67	–	–	–	3,92	4,76	6	8,7
7	–	–	–	–	–	–	2	4,35

Legenda: 1) de 18 a 25 anos; 2) de 26 a 33 anos; 3) de 34 a 41 anos; 4) de 42 a 49 anos; 5) de 50 a 57 anos; 6) de 58 a 65 anos; 7) 66 anos ou mais; P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **profissionais** a idade predominante dos entrevistados foi entre 26 a 33 anos, com destaque para Curitiba. Já em Florianópolis a amostra se concentrou em maior proporção na faixa dos 34 a 41 anos. É possível perceber a concentração, ainda que pequena se relacionada com o restante da amostra, de capoeiras com idade superior aos 50 anos, no Rio de Janeiro 25,53% e Salvador 20%, confirmando o aspecto de cidades com mestres mais antigos e tradicionais no contexto da capoeira no Brasil.

Na categoria **alunos** a idade predominante nas quatro capitais foi de 18 a 33 anos, sendo que na comparação, tanto Florianópolis quanto Curitiba, apresentaram praticantes com idades entre 18 e no máximo 41 anos. Já nas outras duas, Rio de Janeiro e Salvador, foram encontrados alunos em quase todas as faixas etárias, mas com uma concentração maior até os 33 anos de idade e, particularmente, em Salvador, capoeiristas alunos com 66 anos ou mais corroborando a imagem de capoeira para a vida, ou “Meca” da atividade.

Ao comparar Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador percebe-se, entre os **profissionais**, a predominância de jovens mestres ou professores atuando nas duas primeiras capitais, enquanto que nas outras duas encontram-se uma parcela significativa de mestres e profissionais com idades entre 42 e 65 anos, reforçando a representação de cidades “polos” da capoeira no país, com mestres e alunos que a praticam há muito tempo, contrapondo com as capitais do Sul com uma presença histórica mais recente da capoeira.

Na Tabela 3 pode-se visualizar a renda média dos participantes da pesquisa, sendo que na categoria **profissionais** a maior concentração dos participantes está entre três a cinco salários mínimos.

Tabela 3 – Renda mensal em salários mínimos

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	6,67	14,3	11,4	5,56	11,8	21,4	26	30,4
2	40	35,7	37,1	36,1	29,4	23,8	34	47,8
3	46,7	28,6	45,7	41,7	35,3	23,8	18	8,7
4	6,67	14,3	5,71	11,1	21,6	16,7	14	8,7
5	–	7,14	–	5,56	1,96	14,3	8	4,35

Legenda: 1) até um salário mínimo; 2) de um a dois salários mínimos; 3) de três a cinco salários mínimos; 4) de cinco a 10 salários mínimos; 5) mais de 10 salários mínimos; P) profissionais; A) alunos.

Observa-se, no entanto, que em Salvador a maior parcela dos profissionais de capoeira recebe até dois salários mínimos mensais. Por outro lado, é também em Salvador que se encontra o maior percentual de profissionais que recebem mais de dez salários mínimos mensais, 8%. Esta faixa de renda foi pouco encontrada nas demais capitais, demonstrando um certo limite de renda para estes profissionais de capoeira, com destaque para as duas do Sul onde nenhum deles declarou possuir este tipo de renda.

Na categoria **alunos** os maiores percentuais estão numa faixa de renda mais heterogênea, oscilando entre um a cinco salários mínimos mensais, com destaque para Curitiba 41,7% (de 3 a 5 mínimos) e Salvador 47,8% (de 1 a 2 mínimos). Isto pode revelar que a classe social predominante dos alunos se assemelha aos dos profissionais nestas capitais. O Rio de Janeiro destacou-se, com o dado correspondente a 14,3% dos **alunos** possuírem renda maior do que dez salários mensais.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador pode-se afirmar que grande parte dos capoeiristas das quatro capitais ganha de um a cinco salários mínimos por mês. Isto pode corroborar a representação da capoeira, como manifestação cultural popular, praticada majoritariamente pela população de renda mais baixa nessas capitais, sobretudo em Salvador, local que apresentou os maiores índices com capoeiristas de baixa renda, ou seja, até um salário mínimo mensal.

Com relação à escolaridade dos entrevistados a Tabela 4 demonstra, para a categoria **profissionais** que a maioria dos participantes das quatro capitais possui

formação entre o Ensino Médio e Superior. Em Florianópolis 40% da amostra são estudantes universitários, Curitiba e Rio de Janeiro concentraram os maiores valores no Ensino Médio completo e no Rio de Janeiro, capital com maior número de participantes já formados, 27,5%.

Tabela 4 – Escolaridade

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P (%) (50)	A (%) (50)
1	–	–	2,86	–	5,88	–	8	8,7
2	–	–	8,57	8,33	7,84	4,76	8	8,7
3	13,3	–	14,3	8,33	3,92	4,76	2	13
4	26,7	–	28,6	22,2	23,5	19	38	39,1
5	40	64,3	11,4	8,33	11,8	16,7	22	21,7
6	–	21,4	17,1	22,2	27,5	31	6	4,35
7	13,3	7,14	14,3	25	9,8	16,7	10	–
8	6,67	7,14	–	5,56	7,84	4,76	2	4,35
9	–	–	2,86	–	1,96	2,38	4	–

Legenda: 1) ensino fundamental incompleto; 2) ensino fundamental completo; 3) ensino médio incompleto; 4) ensino médio completo; 5) ensino superior incompleto; 6) ensino superior completo; 7) especialização; 8) mestrado; 9) doutorado; P) profissionais; A) alunos.

Os capoeiristas com escolaridade correspondente ao Ensino Fundamental incompleto foram encontrados, em maior percentual, em Salvador 8%, seguido de Rio de Janeiro com 5,88%, Curitiba com 2,86% e Florianópolis foi a capital que não apresentou nenhum participante com formação abaixo do Ensino Médio. Entretanto, Salvador foi a capital com maior percentual de capoeiristas com Doutorado 4%, seguido de Curitiba com 2,86%, Rio de Janeiro com 1,96% e Florianópolis com nenhuma ocorrência.

O segundo maior valor em percentual da amostra em todas as capitais ficou semelhante ao primeiro, ou seja, Ensino Médio completo e Ensino Superior Completo. Isto pode significar uma mudança na representação do profissional de capoeira perante a sociedade, haja vista que as gerações anteriores de mestres, em sua grande parte, possuíam pouca escolaridade, o que numa sociedade moderna e capitalista, dificultava a inserção da capoeira em espaços com maior valorização.

Na categoria **alunos**, semelhante ao ocorrido com os profissionais, os maiores percentuais concentraram-se entre o Ensino Médio e o Ensino Superior completos, com destaque para os 25% de Curitiba com nível de Especialização *Lato Sensu*. Em Florianópolis a maioria está cursando a faculdade, 64,3%, no Rio de Janeiro são 31% dos capoeiras que possuem alguma graduação superior e em Salvador 39,1% têm o Ensino Médio completo, e somente nesta capital houve participantes, 8,7%, com o Ensino Fundamental incompleto.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador ficou constatado que em ambas as categorias, o nível de escolaridade de grande parte dos capoeiras, está entre o Ensino Médio e o Ensino Superior completos, o que é um bom sinal para a comunidade da capoeira em geral.

Em Florianópolis e Curitiba os dados relativos ao nível de doutorado foram inferiores aos das outras duas capitais. O Rio de Janeiro destacou-se de todas as outras capitais, por apresentar uma concentração maior dos percentuais das duas categorias com Ensino Superior completo. A cidade de Salvador apresentou maior índice de capoeiras com Ensino Fundamental incompleto em ambas as categorias.

A ocupação profissional dos entrevistados está exposta na Tabela 5. Na categoria **profissionais** grande parte da amostra, exceto em Florianópolis, afirmam ter como profissão somente as aulas de capoeira, como em Curitiba com 48,6%, Rio de Janeiro 39,2% e Salvador 34%

Tabela 5 – Ocupação profissional

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	–	21,4	17,1	41,7	13,7	11,9	16	45,5
2	26,7	50	2,86	2,78	3,92	40,5	4	27,3
3	–	–	8,57	16,7	1,96	7,14	2	4,55
4	20	14,3	8,57	30,6	15,7	31	10	4,55
5	–	7,14	–	–	–	2,38	6	4,55
6	–	–	–	–	3,92	–	2	13,6
7	26,7	–	11,4	8,33	15,7	7,14	20	–
8	26,7	–	48,6	–	39,2	–	34	–
9	–	7,14	2,86	–	5,88	–	6	–

Legenda: 1) assalariado (a); 2) estudante; 3) empresário (a); 4) profissional liberal; 5) desempregado (a), 6) aposentado (a); 7) funcionário público; 8) mestre/professor (a) de capoeira; 9) outro; P) profissionais; A) alunos.

Como forma de compreender a relação entre profissão e renda, foram cruzados os dados da Tabela 3 (renda mensal) com os dados da Tabela 5, referente aos profissionais que declararam-se exclusivamente como professores de capoeira, nota-se que em Curitiba, 47,1% afirmam receber de três a cinco salários mínimos mensais; no Rio de Janeiro eles somaram 42,9% tanto para a faixa de renda de um a dois, quanto para a renda de cinco a dez salários mínimos, o que demonstra uma clara divisão econômica nos dois maiores grupos que trabalham somente com a capoeira.

Na capital baiana, a maioria dos profissionais que vive exclusivamente da capoeira, 52,9%, dizem receber entre um a dois salários mínimos por mês, dado que revela nesta amostra a desvalorização da atividade na cidade símbolo da capoeira. Em Florianópolis o percentual de 26,7% também se repetiu para os participantes funcionários públicos e estudantes, contudo, para efeitos de comparação, dos 26,7% dos entrevistados que trabalham somente com capoeira, 75% dizem ter uma renda variando entre um a dois salários mínimos por mês.

Portanto, com exceção de Curitiba e de um dos grupos do Rio de Janeiro, a pesquisa apontou que, os profissionais de capoeira recebem em torno de um a dois salários mínimos por mês. Isto pode ajudar a compreender o discurso de desvalorização e falta de apoio, muito presente entre aqueles que vivem exclusivamente da capoeira. Este dado pode também auxiliar na compreensão da migração de inúmeros exímios capoeiristas brasileiros para o exterior, na maioria das vezes, em busca de maior renda e reconhecimento social, porém isto necessita de pesquisas mais aprofundadas.

Na categoria **alunos**, em Florianópolis e Rio de Janeiro grande parte dos participantes é de estudantes, já em Curitiba e Salvador são profissionais assalariados. Do percentual de 50% de estudantes de Florianópolis, 28,6% estão divididos igualmente em três faixas de renda, oscilando entre menos de um a cinco salários mínimos mensais; no Rio de Janeiro 50% dos estudantes possuem uma renda de até um salário mínimo mensal, seguidos de 37,5% na faixa de um a dois mínimos.

Na capital paranaense dos 41,7% de alunos assalariados, 64,3% afirmam ter uma renda variando entre um a dois salários mínimos mensais, em Salvador dos 45,5% de alunos assalariados, 60% recebem essa mesma quantia. Portanto, ao considerar a somatória de Florianópolis para as duas primeiras faixas de renda (de um a dois salários mínimos) com os dados do Rio de Janeiro, juntamente com os dados de Curitiba e Salvador, é possível afirmar que a maioria dos praticantes de capoeira nestas capitais possui baixa renda.

Na comparação entre as capitais do Sul com as outras, é possível afirmar que grande parte dos profissionais entrevistados sobrevive somente com as aulas de capoeira, exceto em Florianópolis onde a amostra ficou bem distribuídas nas demais opções da questão. A renda mensal predominante desses profissionais ficou em torno de um a dois salários mínimos, faixa que se repetiu também entre os alunos, demonstrando certo perfil dos praticantes de capoeira nesta pesquisa, os quais se encontram majoritariamente na classe social D segundo a classificação do IBGE (IBGE, *web*, 2010).

As questões de número 6 a 10, visaram também, obter informações sobre a identificação do sujeito da pesquisa, mas como foco na sua condição de capoeirista, seja ele iniciante, ou até mesmo um mestre renomado. Foi identificada a capital na qual o participante pratica capoeira, o tempo de prática, a definição específica da sua vertente/estilo/escola e sua posição hierárquica ou de identificação dentro do grupo ou comunidade que pertence.

Com relação à definição da capoeira que o entrevistado pratica, foram selecionadas as vertentes mais conhecidas como a Capoeira Angola, a Capoeira Regional e a Capoeira Contemporânea/Moderna, porém ainda se optou por deixar livre uma alternativa para aqueles praticantes que não se identificassem com essas três possibilidades.

Ao considerarmos o tempo de prática de capoeira ao qual se dedicam os entrevistados, a Tabela 6 demonstra que a maioria dos profissionais de Florianópolis, Curitiba e Salvador afirmou praticar capoeira em torno 12 e 17 anos.

Tabela 6 – Tempo de prática

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	–	35,7	–	16,7	–	19	–	13
2	–	50	2,86	38,9	–	35,7	12,2	26,1
3	26,7	–	11,4	11,1	17,6	26,2	14,3	39,1
4	33,3	–	48,6	22,2	19,6	9,52	26,5	17,4
5	13,3	14,3	17,1	5,56	19,6	2,38	22,4	–
6	13,3	–	8,57	2,78	11,8	2,38	2,04	–
7	6,67	–	11,4	2,78	13,7	4,76	14,3	–
8	6,67	–	–	–	17,6	–	8,16	4,35

Legenda: 1) menos de um ano; 2) um a cinco anos; 3) seis a 11 anos; 4) 12 a 17 anos; 5) 18 a 23 anos; 6) 24 a 29 anos; 7) 30 a 35 anos; 8) 36 anos ou mais; P) profissionais; A) alunos.

No Rio de Janeiro, além dessa faixa, o mesmo percentual 19,6%, pratica entre 18 e 23 anos. Os capoeiristas com maior tempo de prática entre as capitais foram os do Rio de Janeiro que, se somados, pode-se encontrar 31,3% com mais de 30 anos de prática e Salvador com 22,46%, na somatória, nesta mesma condição.

Na categoria **alunos**, a maior concentração dos participantes das capitais analisadas afirma, praticar capoeira há no máximo cinco anos, exceto em Salvador onde a amostra foi maior na faixa de 6 a 11 anos de prática. Florianópolis apresentou o maior percentual de iniciantes 35,7%.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador, pode-se afirmar que nas primeiras duas capitais houve um padrão semelhante no tempo de prática das duas categorias. Os dados relacionados ao maior tempo de capoeira pertencem as duas capitais com a representação de tradicionais no contexto da capoeira, Salvador em ambas as categorias e Rio de Janeiro somente os **profissionais**.

Um questionamento foi importante para a compreensão dos grupos sociais que se formaram nesta pesquisa, haja vista que suas representações e ações sobre a capoeira são permeadas por suas vertentes e/ou filosofias. Assim, foi identificada a presença de três principais grupos, os praticantes de capoeira Angola, Regional e “Contemporânea” ou Moderna, tanto para a categoria de **profissionais** quanto para a categoria **alunos**.

Esses grupos constroem diferentes representações sobre a capoeira. Sua identificação possibilita a compreensão de como essas representações são formadas e que ações subsequentes são tomadas por esses grupos. Para Melício, (2009), o grupo influencia no sistema representacional do indivíduo a qual pertence, e o fator emocional e afetivo é preponderante nesses processos.

Os grupos sociais como os dos capoeiras e seus mecanismos de regulação e difusão de idéias passam a tecer um campo de forças, no qual as representações concorrem para construir a realidade a seu modo. A comunicação, as conversações e as trocas incessantes entre os sujeitos fazem retornar à superfície do diálogo verbal e gestual, modalidades de pensamentos que tornam reconhecível e inteligível o que está a sua volta (MELÍCIO, 2009, p. 35).

Portanto, ao serem perguntados sobre a definição de capoeira que praticam, os entrevistados apresentaram as seguintes respostas, constantes da tabela 7.

Tabela 7 – Capoeira praticada

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	40	60	7,89	13,9	23,5	31	30,6	30,4
2	–	20	18,4	36,1	13,7	31	42,9	39,1
3	53,3	13,3	68,4	47,2	41,2	31	20,4	26,1
4	6,67	6,67	5,26	2,78	21,6	7,14	6,12	4,35

Legenda: 1) angola; 2) regional; 3) contemporânea; 4) outra; P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **profissionais** a maioria dos participantes em Curitiba 68,4%, Florianópolis 53,3% afirmou ser praticante de capoeira “contemporânea”. No Rio de Janeiro 41,2% também utilizaram esta opção. Em Salvador 42,9%, afirmam praticar capoeira regional, outros 30,6% são angoleiros na capital baiana.

Com relação a outras formas de definir a capoeira o destaque ocorreu no Rio de Janeiro com 21,6% dos participantes, deste percentual os termos mais comuns foram, somente “capoeira”, “todas”, “carioca” e “angonal”. Entretanto a partir de uma leitura dos dados coletados, dos discursos e práticas observados na pesquisa de campo e na revisão de literatura, é possível aglutinar essas definições como capoeira “contemporânea”. Haja vista que, praticam a capoeira segundo os toques

de berimbau e tipos de jogos da capoeira angola e da capoeira regional, que por sua vez, caracterizam a vertente “contemporânea” da capoeira. Entre os **alunos** também surgiu a expressão somente “capoeira” como forma de definição de vertente/estilo, ficando condicionada à mesma interpretação que ocorreu na categoria **profissionais**, sendo incluída para análise, no grupo denominado capoeira “contemporânea”.

Portanto, não se distanciam dos grupos identificados e serão incorporados na classificação de capoeira “contemporânea”, por opção do pesquisador conforme já discutido no primeiro capítulo.

Na categoria **alunos** o perfil dos participantes foi bem variado, em Florianópolis predominou a capoeira angola com 60%, em Curitiba a capoeira “contemporânea” com 47,2%, no Rio de Janeiro um equilíbrio entre as três vertentes propostas, com 31% cada, e em Salvador predominou, com uma pequena diferença da capoeira angola, a regional com 39,1%.

Optou-se por analisar cada vertente isoladamente porque não houve um padrão semelhante entre as capitais. Em Florianópolis predominou a “contemporânea” entre os **profissionais** e a angola entre os **alunos**, em Curitiba nas duas categorias a maior concentração de participantes respondeu “contemporânea”, assim como os profissionais do Rio de Janeiro, porém os **alunos** ficaram divididos, de forma semelhante, nas três vertentes e em Salvador prevaleceu a dicotomia histórica entre capoeira regional e angola, ambas com percentuais muito próximos nas duas categorias, com pequena diferença favorecendo a regional.

Em Florianópolis, mesmo não havendo a participação de profissionais, ocorreu que 20% dos **alunos** declaram-se praticantes de capoeira regional. Este dado pode revelar a possível influência externa, as representações, que os alunos sofrem no contexto da capoeira. Quando estimulados a responder, no caso do formulário, por exemplo, optaram pela caracterização de capoeira regional, talvez por não perceber que estão inseridos num contexto da capoeira “contemporânea”, ou por grande parte da categoria desta capital, 50% possuírem no máximo cinco anos de prática e não estarem preocupados em compreender a vertente que praticam. Contudo, essas afirmações estão baseadas no fato, que a capoeira regional conforme criada pelo mestre Bimba, atualmente, tem poucos representantes no país.

A capoeira angola se mostrou majoritária entre os alunos de Florianópolis, com 60%, seguida de Salvador, Rio de Janeiro e Curitiba. Também ocorreu um maior percentual de **alunos** em relação aos **profissionais** em grande parte das cidades, exceto em Salvador. Porém, diferentemente do que pode acontecer com a capoeira regional ou “contemporânea”, os angoleiros têm maior facilidade de identificação, seja pela característica do jogo, dos toques, da filosofia, dos discursos dos mestres ou até da indumentária e da formação da bateria.

A capoeira “contemporânea”, assim conhecida pelos meios de comunicação da comunidade da capoeira, ficou em destaque na somatória de três capitais, confirmando a representação de vertente dominante no contexto global da capoeira, exceto em Salvador.

A presença minoritária da capoeira “contemporânea” em Salvador, aqui demonstrada pelos dados, foi percebida também durante a pesquisa de campo. Algumas frases ouvidas dos mestres durante as pesquisas auxiliam nesta compreensão: “aqui na Bahia é assim, o sujeito nasce angola e morre angola ou nasce regional e morre regional!”, ou “Meu mestre morreu com 93 anos dizendo que ainda estava aprendendo capoeira angola! E vocês dizem que jogam as duas”. Contudo a capoeira regional, mencionada como predominante nesta pesquisa em Salvador, também apresenta algumas características da capoeira “contemporânea”, como a utilização de atabaques, três berimbaus, cordéis, acrobacias complexas e alguns toques conhecidos e utilizados por praticantes da capoeira “contemporânea”, como o “São Bento Grande de Angola” em cadência acelerada.

A opção número quatro desta questão (outra capoeira) foi destaque somente na categoria **profissionais** no Rio de Janeiro, com 21,6%, que se somados ao percentual da capoeira “contemporânea” correspondem a 62,8% do total, caracterizando um predomínio da vertente na capital fluminense. Contudo, o local apresentou também um maior equilíbrio entre as vertentes na categoria **alunos**, 31% cada.

Portanto, com relação às definições de capoeira nas capitais, pode-se afirmar que a capoeira angola tem uma maior facilidade de identificação por meio de seus praticantes. A capoeira regional e “contemporânea” estão mais propensas à confusões, principalmente entre os alunos, por muitas vezes sentirem dificuldade em diferenciá-las. Outras denominações de capoeira apresentadas na alternativa de resposta aberta e que, segundo seus autores, não se encaixam nas definições

apresentadas, foram interpretadas pelo pesquisador como capoeira “contemporânea”.

A Tabela 8, trata da hierarquia presente na comunidade da capoeira. Os dados são referentes ao posicionamento do capoeirista perante seu grupo, escola, associação ou vertente. Na categoria **profissionais** a predominância ficou em torno da graduação de formado ou professor, exceto em Florianópolis que apresentou o mesmo percentual, 26,7%, para alunos graduados e para o nível de mestres. A participação de mestres nesta pesquisa correspondeu o segundo maior percentual no Rio de Janeiro e Salvador, 33,3% e 20,4%, respectivamente. Em Curitiba 17,1% da amostra é composta de mestres, mesmo percentual de monitores ou treinéis nesta capital.

Tabela 8 – Graduação, nível ou título na capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	–	85,7	–	38,9	1,96	61,4	8,16	52,2
2	26,7	–	14,3	41,7	9,8	25	18,4	17,4
3	20	–	17,1	–	7,84	6,82	6,12	17,4
4	20	14,3	45,7	13,9	35,3	–	38,8	8,7
5	6,67	–	5,71	5,56	11,8	4,55	8,16	–
6	26,7	–	17,1	–	33,3	2,27	20,4	4,35

Legenda: 1) aluno iniciante; 2) aluno graduado; 3) monitor ou treinel; 4) formado/professor; 5) contramestre/mestrando; 6) mestre; P) profissionais; A) alunos.

Na categoria alunos a maioria dos participantes respondeu ser aluno iniciante, seja no entendimento do sistema de graduação dos grupos de capoeira regional e “contemporânea” ou no reconhecimento da comunidade da capoeira angola, exceto em Curitiba, onde 41,7% afirmam serem alunos graduados. Para Melício (2009, p.142) “o aluno pode ser entendido, dentro desta distinção, como aquele que paga e vai embora, que ao tomar o banho deixa a água levar a capoeira pelo ralo, e o discípulo como aquele que segue mesmo o mestre” [...].

Houve a participação nesta pesquisa de vários monitores, treinéis, formados, professores, contramestres, mestrandos e até mestres que não ministram aulas, mas participam do contexto da capoeira, sejam em rodas, eventos, palestras, entre

outras. Um dado importante que pode auxiliar na compreensão dos motivos que levam capoeiristas já reconhecidos a não ministrarem aula.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador, estas últimas apresentaram o mesmo padrão dominante nas amostras, ou seja, a maior parcela dos profissionais são professores e dos alunos são iniciantes. Já em Curitiba e Florianópolis isto não ocorreu. Outro fator importante para a compreensão das representações sociais é a maior presença de mestres e contra-mestres/mestrandos, participantes da pesquisa, nas capitais tradicionais da capoeira, Rio de Janeiro e Salvador, com exceção de 26,7% serem mestres em Florianópolis.

As questões 11 e 12 foram elaboradas exclusivamente para os participantes que ministram aulas de capoeira, identificados neste trabalho como profissionais, mesmo aqueles que possuem outras profissões além das aulas de capoeira. A categoria de alunos, definidos neste trabalho como praticantes que não ministram aulas de capoeira, tiveram sua participação descartada nestas duas questões. Porém houve casos em que o participante identificou-se como mestre, contramestre e professor, mas que não atua em aulas, nestes casos os sujeitos também foram designados para a categoria de alunos.

O objetivo dessas questões foi o de verificar a quanto tempo o capoeira ministra aulas e quais são os principais espaços utilizados para este fim. Na questão seguinte, aberta para todos os participantes, procurou-se saber os espaços utilizados para a prática da capoeira, pensada em forma de treinamentos/aulas ou até mesmo as rodas.

No que diz respeito ao tempo que os profissionais entrevistados trabalham com a capoeira, a Tabela 9 demonstra que na capital catarinense predominou a presença de jovens profissionais, com experiência de um a cinco anos de docência. Em Curitiba 34,3% dos participantes ministram aulas há doze e dezessete anos, seguidos de 28,6% entre seis a onze anos. No Rio de Janeiro 23,5% responderam ministrar aulas entre um a cinco anos e também 23,5% para o tempo de seis a onze anos. Em Salvador o resultado mais heterogêneo, 28,6% com um a cinco anos, 24,5% com 12 a 17 anos e 22,4% com seis a onze anos de prática docente.

Tabela 9 – Tempo que ministra aulas

	Florianópolis	Curitiba	Rio de Janeiro	Salvador
	P (%) (15)	P (%) (25)	P (%) (50)	P (%) (50)
1	6,67	11,4	3,92	8,16
2	40	17,1	23,5	28,6
3	6,67	28,6	23,5	22,4
4	13,3	34,3	11,8	24,5
5	13,3	2,86	9,8	2,04
6	13,3	5,71	9,8	6,12
7	6,67	–	7,84	–
8	–	–	7,84	8,16

Legenda: 1) menos de um ano; 2) um a cinco anos; 3) seis a 11 anos; 4) 12 a 17 anos; 5) 18 a 23 anos; 6) 24 a 29 anos; 7) 30 a 35 anos; 8) 36 anos ou mais; P) profissionais.

Considerando estes dados é possível afirmar que grande parte da amostra correspondente à categoria **profissionais** é composta por jovens, que ministram aulas há no mínimo um ano e no máximo dezessete anos. Na faixa que compreende tempo de docência a partir de 36 anos Salvador e Rio de Janeiro foram as capitais que apresentaram participantes desta qualificação, com 8,16% e 7,84% respectivamente, confirmando a participação de mestres com muita experiência na docência da capoeira. Ao cruzar os dados da Tabela 2 (idade dos entrevistados) com os da Tabela 9, pode-se perceber que 47,8% desses profissionais têm entre 50 e 57 anos e 21,7% entre 58 e 65 anos nas duas capitais. Isto pode ser interpretado de duas maneiras: a primeira, que os profissionais de capoeira com mais de trinta anos de trabalho não apresentam condições financeiras de se aposentar como na maioria das profissões do mercado de trabalho e a segunda, que a valorização que se alcança com o tempo de capoeira é algo peculiar nesta manifestação, os mestres antigos são prestigiados pelos praticantes mais novos e, talvez por este motivo, continuam trabalhando com a capoeira em busca deste reconhecimento.

Na comparação entre as localidades pode-se afirmar que as capitais do Sul apresentam profissionais com no máximo 35 anos de experiência na docência e também o maior percentual de profissionais com menos de um ano ministrando aulas de capoeira, Curitiba com 11,4%.

Observa-se na Tabela 10, os locais onde as aulas de capoeira estão sendo ministradas nas quatro capitais investigadas. Dos **profissionais** participantes da pesquisa, a maior parte de Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro afirmam ministrar aulas de capoeira em escolas, sendo que as instituições particulares foram mais presentes na capital fluminense. Em Salvador, por outro lado, a maior parte dos professores lecionam em academias ou escola de capoeira.

Tabela 10 – Local onde ministra aulas

	Florianópolis	Curitiba	Rio de Janeiro	Salvador
	P (%) (15)	P (%) (25)	P (%) (50)	P (%) (50)
1	9,09	19	12,8	44,9
2	13,6	12,1	5,81	6,12
3	36,4	27,6	24,4	20,4
4	13,4	17,2	30,2	4,08
5	–	1,72	4,65	4,08
6	13,6	13,8	8,14	8,16
7	13,6	8,62	14	12,2

Legenda: 1) academia/escola de capoeira; 2) academia de ginástica/lutas; 3) escola pública; 4) escola particular; 5) condomínios; 6) associação de moradores; 7) outro; P) profissionais.

Isto demonstra a disseminação da capoeira como instrumento de educação e a adaptação das formas de ensino e aprendizagem para o ambiente escolar. Também é possível afirmar que o público alvo que sustenta esta parcela de profissionais de capoeira, é o público infanto-juvenil, exceto em Florianópolis, onde prevaleceu os estudantes universitários. Diferentemente do perfil de aluno, adulto e praticante de academia, predominante a partir da década de 1960 até a virada do século XXI. Em Salvador, provavelmente, o apoio do turismo ligado às manifestações culturais afro-brasileiras e a tradicionalidade deste ambiente de ensino, favoreceu o resultado para as academias e escolas de capoeira, com 44,9% da amostra.

Outro dado interessante é a presença da capoeira em todos os espaços ofertados pela pesquisa nas quatro capitais, com exceção de Florianópolis que não apresentou a existência da prática em condomínios pela amostra. Na opção aberta desta questão surgiram respostas como “espaço de artes”, “SESC”, “ONG”,

“domicílio”, “igreja”, “universidade”, “parque público”, “clube”, “espaço terapêutico”, “espaço cultural público”, “pousada” e “sítio”.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador pode-se afirmar que nas capitais do Sul não houve participantes que ministram aulas em espaços culturais públicos. Porém as instituições de ensino públicas e particulares de ensino básico são importantes espaços de prática em quase todas as capitais, todavia a capital soteropolitana continua hegemônica na capoeira em academias, mas com uma grande carência na oferta da capoeira em escolas particulares.

A questão número 13 do formulário de pesquisa, procurou saber quais os locais de prática, ou seja, onde os capoeiras são formados, em que locais ocorre o processo de ensino e aprendizagem para todos os níveis de praticantes. Observando-se os dados presentes na Tabela 11, relativos aos locais de treinamento ou prática, pode-se perceber que na categoria **profissionais** a predominância de respostas foi relativa à prática em academias e escolas de capoeira, com destaque para os 73,5% em Salvador.

Tabela 11 – Local onde pratica capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	33,3	17,6	52,9	61,1	39,6	33,3	73,5	69,6
2	19	11,8	14,7	27,8	1,89	11,9	6,12	–
3	9,52	23,5	8,82	–	15,1	7,14	6,12	13
4	4,76	–	–	–	11,3	2,38	–	4,35
5	4,76	–	–	–	1,89	9,52	–	–
6	19	5,88	23,5	5,56	3,77	2,38	4,08	4,35
7	9,52	41,2	–	5,56	26,4	33,3	10,2	8,7

Legenda: 1) academia/escola de capoeira; 2) academia de ginástica/lutas; 3) escola pública; 4) escola particular; 5) condomínios; 6) associação de moradores; 7) outro; P) profissionais; A) alunos.

Os dados demonstram que estes espaços representam importantes centros de formação profissional no contexto da capoeira, pois são neles que os professores se capacitam e aperfeiçoam sua didática e prática pedagógica. Tendo em vista que grande parte dos entrevistados, segundo dados da Tabela 10, ministram aulas em

escolas públicas e privadas, as academias podem ser consideradas espaços fundamentais neste processo.

São as academias/escolas de capoeira que permitem o treinamento, a prática diária, a transmissão dos conhecimentos, a construção da cultura e a manutenção desse bem cultural, portanto, preservá-los como patrimônio material é também uma ação para garantir a salvaguarda da capoeira. Inúmeras foram as escolas e academias tradicionais de capoeira, que já fecharam ou tiveram que mudar constantemente de local pela falta de recursos no Brasil, exemplo clássico são as academias dos mestres Bimba e Pastinha na Bahia e do mestre Zé Pedro da Silva no Rio de Janeiro (COSTA FILHO et. al., 2009).

Na categoria **alunos** a maioria respondeu praticar em academias ou escolas de capoeira, exceto em Florianópolis onde 41,2% responderam praticar em outro espaço, o que baseado nos dados referentes à escolaridade dessa amostra, é a universidade, que por sinal é muito representativa na capoeira da ilha. No Rio de Janeiro além das academias, outros 33,3% praticam em outros espaços, os mesmos citados nos dados da Tabela 10, a não ser por este: “*Rodas e eventos*”, ou seja, o entrevistado só pratica a capoeira diretamente na roda, não participa das aulas na academia ou escola de capoeira.

Na comparação entre as quatro capitais ocorreram algumas semelhanças, a prática em condomínios é insignificante em todas as capitais, com destaque para Curitiba e Salvador. Foi possível verificar que Rio de Janeiro e Salvador, apresentaram uma maior variação de espaços de prática do que as capitais do Sul, corroborando a noção de propagação da capoeira e familiarização na cultura destas cidades.

Somente no Rio de Janeiro houve respostas referentes a espaços culturais públicos, no item número 7 (outro), o que pode revelar a dificuldade de ambas as partes, capoeiristas e poder público, em explorar este tipo de espaço para a difusão da capoeira nas grandes capitais, principalmente para o público jovem e adulto. Também na capital carioca, ocorreu a prática em espaço terapêutico, um local que pode, a longo prazo, difundir a prática da capoeira como terapia, algo que já vem sendo discutido em alguns países da Europa, por exemplo (PASSOS NETO, 2011).

O termo “projeto social” citado nas respostas referentes a alternativa número sete da Tabela 10, como local de trabalho, e na Tabela 11, como local de prática, pode estar associado aos mais diversos espaços aqui apresentados. Contudo, sabe-

se que a maioria dos projetos sociais são realizados em escolas públicas, considerados pela grande parcela de mestres participantes, como o local ideal para a difusão da capoeira como manifestação cultural, seja pelo público alvo, crianças e adolescentes, ou pela própria proposta de articulação com o meio educacional, realizando assim uma ação relevante de educação patrimonial.

As questões 14 e 15 do formulário de pesquisa foram propositalmente elaboradas para estimular o sujeito a pensar de forma sintética, ou seja, marcando somente uma das alternativas apresentadas, para definir o que é a capoeira e qual a sua origem. Obviamente a pergunta não seria de fácil resposta, pois nem mesmo os mais relevantes mestres e pesquisadores brasileiros do tema, chegaram a um consenso, todavia, nossa intenção foi se aproximar da prática, das representações, do cotidiano desses sujeitos por meio da interpretação de suas respostas.

Foram apresentadas sete alternativas em relação às diferentes compreensões da capoeira no seu princípio: luta, jogo, manifestação cultural, esporte, dança, arte/*show*¹⁵ ou outra definição que o entrevistado(a) quisesse acrescentar.

Para que se pudesse interpretar e discutir os dados coletados através destas questões, optou-se por um posicionamento em cada definição apresentada. A Tabela 12 apresenta os dados pertinentes às respostas coletadas especificamente da questão 14 do formulário.

¹⁵ Essa classificação visou englobar aqueles que pensam a capoeira como *show*, com a utilização de figurinos especiais, movimentos acrobáticos, encenações artísticas, coreografiase outros atributos, os quais servem em geral para apresentações em teatros, restaurantes, hotéis, casas noturnas e/ou espaços similares. Contudo assumimos o erro em colocar o sinal de pontuação barra (/) estabelecendo a equivalência entre capoeira *show* e capoeira arte. Isso nos foi corrigido por um dos participantes, que não concordou com a definição, argumentando que os conceitos de *show* e arte não são sinônimos, o que compartilhamos e apresentamos esta nota para esclarecimento, pois já não havia tempo hábil para a correção da questão e reenvio dos formulários.

Tabela 12 – Principal definição

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	6,67	13,3	18,4	29,4	13	12,5	16	34,8
2	–	20	13,2	26,5	3,7	22,9	6	4,35
3	53,3	20	26,3	17,6	27,8	25	34	21,7
4	6,67	20	21,1	5,88	9,26	8,33	6	13
5	–	–	–	–	1,85	4,17	–	–
6	–	–	5,26	5,88	3,7	2,08	4	–
7	33,3	26,7	15,8	14,7	40,7	25	34	26,1

Legenda: 1) luta; 2) jogo; 3) manifestação cultural; 4) esporte; 5) dança; 6) arte/show; 7) outro; P) profissionais; A) alunos.

Desse modo, na categoria **profissionais** as quatro capitais apresentaram resultados bem distintos uma das outras, em Florianópolis a maioria 53,3%, concorda que a capoeira é principalmente uma manifestação cultural. Na capital da Bahia o percentual de 34% apontou esta mesma alternativa, contudo, outros 34% optaram por outra definição, tais como: “todas”, “religião” e “minha vida”. Em Curitiba foram encontradas 26,3% da amostra com resposta para a capoeira como manifestação cultural e no Rio de Janeiro, o segundo maior percentual 27,8% escolheu esta definição.

Na capital fluminense 40,7% dos entrevistados da categoria **profissionais**, atribuíram outra definição a capoeira, tais como “arte marcial mãe”, “arte marcial”, “esporte cultural”, “confraternização” e “várias artes”. Como resposta aberta desta questão, foi citado o termo “todas”, ou seja, a união das opções propostas, nas quatro capitais. Este dado pode revelar uma das características da capoeira “contemporânea”, praticada pela maior parte dos entrevistados conforme os dados anteriores, que procura englobar diversas formas de prática visando aumentar seu público alvo no competitivo mercado cultural moderno.

Na categoria **alunos** observa-se que em Salvador e Curitiba, houve uma parcela de 34,8% e 29,4%, entrevistados respectivamente, que definiram a capoeira como luta, contudo, percentuais próximos a estes, como 26,5% em Curitiba, definiram a capoeira como jogo e 26,1% atribuíram outras definições em Salvador tais como: “capoeira é a união das alternativas acima. É uma luta, pois nasce da

necessidade de defesa, em alguns momentos precisou driblar o opressor por isso se passou (se passa se ainda necessário for) por dança, é esporte pelo trabalho físico que desenvolve no praticante, é arte/show pela beleza de sua música e de seus movimentos, e é manifestação cultural, pois representa e marca um povo e sua contribuição para construção deste país e da cultura do povo brasileiro”, “arte: arte não é sinônimo de show”, “corpo em movimento, em sincronia com a alma e pensamento” e “construtora de pessoas”.

Em Florianópolis a amostra dos **alunos** ficou bem dividida nas opções apresentadas, o maior percentual encontrado foi relativo às outras formas de definição 26,7%, destes, os termos “cultura” e “filosofia” foram os mais presentes, entretanto, o percentual de 20% foi encontrado também para as respostas de jogo, manifestação cultural e esporte.

No Rio de Janeiro os entrevistados apresentaram respostas bem diversificadas, 25% afirmam que a capoeira é uma manifestação cultural, 25% atribuíram-na outra definição, tais como “estilo de vida”, “reflexo da vida” e “todas”, e 22,9% a consideram um jogo.

A partir dos dados da Tabela 12 da categoria **profissionais**, é possível afirmar que em todas as capitais a definição de manifestação cultural obteve a maior concentração de percentuais, isso considerando que nos casos onde os entrevistados optaram pela alternativa número sete, de resposta aberta, grande parte citou termos que foram interpretados como integrantes de uma concepção cultural, como por exemplo: “lazer cultural”, “filosofia de vida” e “religiosidade”.

Destacou-se entre as localidades, Florianópolis com 53,3% dos entrevistados, um dado interessante, pois o cenário cultural das cidades símbolo da capoeira no Brasil, Salvador e Rio, hipoteticamente seriam mais influentes se comparado aos das capitais do Sul, o que poderia influenciar neste resultado, contudo, percebeu-se, por meio da observação de discursos e práticas da maioria dos grupos de Florianópolis, que a capoeira caminha neste sentido de prática.

O entendimento da capoeira como manifestação cultural, segundo nossa interpretação, consiste em concordar que ela faz parte de um sistema que envolve símbolos, hábitos, filosofias, tradições, rituais, condutas, linguagens, códigos, saberes, identificações, memórias, enfim não se permite defini-la dissociada deste contexto, de acordo com o conteúdo abordado nos dois primeiros capítulos dessa dissertação. Sobretudo é valorizar e praticar os elementos que foram reconhecidos

como patrimônio cultural, os saberes e fazeres dos mestres e a roda de capoeira, conforme o entendimento da UNESCO sobre as culturas populares e tradicionais contido na Recomendação de Paris de 1989 (IPHAN, *web*).

Já em Curitiba, na categoria **profissionais** o segundo maior percentual encontrado 21,1% a consideram um esporte. Este dado pode corroborar o entendimento da capoeira também como luta em Curitiba, 18,4%, haja vista a propagação de valores esportivos como o desempenho, a disciplina e a competitividade, características inerentes ao contexto das lutas, mas que atualmente, vem sendo lentamente alterados na capoeira curitibana. Outro fator é a característica de dominância da capoeira “contemporânea” na cidade, o que pode contribuir para uma prática mais esportiva da modalidade.

Ao considerar a capoeira principalmente como esporte, estima-se que a estrutura do esporte em nossa sociedade, seja transposta para a capoeira, desse modo ele se fundamenta,

em sete aspectos: secularismo, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e recordes. O esporte surge no contexto da revolução industrial inglesa, no século XVIII, como passatempo dos *gentlemen-farmers*, mas torna-se institucionalizado com as escolas de elite do século XIX (*public schools*) e expande-se pelo mundo por ação do imperialismo. O esporte torna-se um meio de propaganda dos valores ocidentais (TERRET, 2007 *apud* FUNARI, 2010, p.200).

Um dos fatores de crescimento da capoeira, principalmente a Regional e a “Contemporânea” foi seu processo de esportivização. Foi demonstrado anteriormente que esta idéia não é nova, já houve tentativas de esportivizar a capoeira desde o início do século XX até os nossos dias.

É possível citar os Jogos Regionais do Estado de São Paulo como uma representação atual da capoeira esportiva. Já ocorrem posições contrárias e favoráveis ao modelo apresentado nesses jogos. A parcela a favor busca, basicamente, uma possibilidade de ganhos extras, viagem e cachês, além da visibilidade e reconhecimento de sua capacidade competitiva. A parcela contra, alega as descaracterizações no modelo de capoeira-esportiva, como a obrigatoriedade do jogo de Angola, por exemplo, entre outras reivindicações.

Outra característica relevante da Tabela 12 foi a concentração de respostas na alternativa número sete, (outra definição) em ambas as categorias de quase

todas as capitais, exacto em Curitiba. Dentro das respostas coletadas a mais frequente foi a palavra “todas”. Ao permitir que a capoeira seja considerada como a união de todas as alternativas: luta, jogo, manifestação cultural, esporte, dança, arte e *show*, o praticante tende a cometer equívocos, pois, ao aglutinar na mesma definição as características de esporte e manifestação cultural, por exemplo, ele incute num conflito de conceitos, gerando fundamentalmente, na visão dos antigos mestres, uma descaracterização da capoeira, o que concorda-se plenamente nesta pesquisa.

Esse cuidado deve ser tomado no entender da capoeira como patrimônio cultural, pois atualmente os órgãos que dão suporte e apoio para a capoeira estão ligados ao Ministério da Cultura e não ao Ministério dos Esportes, isto implica, que na orientação dos processos burocráticos para se fomentar a capoeira, os agentes devem priorizar suas ações e discursos sob a ótica cultural e não esportiva.

Para sedimentar esta discussão sobre as diferenças entre a visão da capoeira como manifestação cultural e esporte, concorda-se com Sodré (2002):

A filosofia ocidental do esporte faz força para convencer o indivíduo de que o treinamento esportivo reduz-se a uma técnica com um objetivo: o progresso das qualidades físicas. Admite-se que a mente possa contribuir para tal objetivo (a vontade e a inteligência submetendo o corpo e também que a cultura física influa na mental). Este é o sentido da fórmula *mens sana in corpore sano*. O problema é que essa fórmula mantém a separação entre corpo e espírito, ambos em uma mútua relação agressiva. Institucionalizado, o esporte termina imbuído do mesmo espírito competitivo vigente nas relações de produção dominantes. Os atletas têm um único objetivo comum: a vitória – do espírito sobre o corpo, ou do corpo sobre o adversário. A capoeira dos velhos mestres baianos jamais foi esporte, e sim jogo (SODRÉ, 2002, p.21-2).

Para o autor, o jogo citado é o elemento central da capoeira como manifestação cultural, diferente do jogo com caráter esportivo ou competitivo, com regras, tempo determinado, vencedores e vencidos. O jogo da capoeira citado por Sodré (2002) assemelha-se com esta definição de contra posição entre jogo e esporte, proposta por Bruhns (1996, p. 33):

Partir da premissa da similaridade entre esporte e jogo é colocar este último fenômeno dentro de certas restrições pré-determinadas, como imposição de regras, modelos, busca de rendimento, recordes, medalhas, juízes, capitães, etc., que, se por um lado caracterizam o

esporte, acabam descaracterizando o jogo, o qual apresenta componentes como a espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade, etc., com características culturais próprias. O jogo incorpora os elementos lúdicos, constituindo-se numa atividade lúdica por excelência.

Desse modo, a capoeira como jogo enfatiza os elementos lúdicos e simbólicos com o objetivo de fingir, enganar, entreter, envolver, desequilibrar, harmonizar, expressar corporalmente com o(a) outro(a) capoeirista na roda, facilitando a compreensão do ritual e o transe capoeirano¹⁶, este último observado em poucos casos, nos jogadores mais sensíveis e experientes. Bruhns (1996) também cita elementos de zombaria e provocações, os quais produzem situações cômicas no jogo, gerando euforia e felicidade em seus praticantes e no público envolvido. Isto se encaixa bem com o perfil do jogo de Angola, no qual os jogadores freqüentemente tentam enganar um ao outro através de provocações, encenações e brincadeiras, caracterizando o jogo.

Na categoria **alunos** em Curitiba e Salvador foram encontrados os maiores percentuais relativos a capoeira como luta. Deste modo, conforme demonstrado pelas pesquisas de Porto et al. (2010), no senso comum desses capoeiras, ainda predomina a capoeira como luta em Curitiba, provavelmente resultado do histórico na cidade e da construção das representações dos antigos e modernos capoeiras do local. Em Salvador, provavelmente por influência da predominância de praticantes da capoeira regional, a identificação com a luta ficou mais evidente, ainda que os outros percentuais sejam significativos.

A definição de luta no contexto educacional, previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de Educação Física, exprime que são

¹⁶ Esse conceito foi abordado por Angelo Augusto Decânio Filho, mestre Decânio, baiano, discípulo do mestre Bimba, médico e autor de diversas obras sobre capoeira. Acerca do transe na capoeira, ele assim o descreveu: "Sob a influência do campo energético desenvolvido pelo ritmo-melodia ijexá, cânticos e ritual da capoeira (conjunto orfeônico de efeito mântico, similar ao da música gregoriana), o seu praticante alcança um estado modificado de consciência em que o SER se comporta como parte integrante do conjunto harmonioso em que se encontra inserido naquele momento. O capoeirista deixa de perceber a si mesmo como individualidade consciente, fusionando-se ao ambiente em que se desenvolve o jogo de capoeira. Passa a agir como parte integrante do quadro ambiental e procede como se conhecesse ou apercebesse simultaneamente passado, presente e futuro (tudo que ocorreu, ocorre e ocorrerá a seguir), ajustando-se natural, insensível e instantaneamente ao processo atual" (DECÂNIO FILHO, 2002, p. 5).

disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade (BRASIL, 1998, p.37).

Desse modo, fica evidente a questão da regra evitando a violência, mas em diversas rodas de capoeira realizadas no Brasil, a luta é realizada de maneira desregrada e desleal, muitas vezes, gerando episódios de violência. Exemplos disso são aqueles capoeiras que agredem “adversários” de menor massa corporal ou habilidade para a luta da capoeira, ou ainda, quando ocorre um “revezamento” de dois ou mais capoeiras, geralmente, em cima de jogadores visitantes de grupos diferentes. Na *internet* é possível encontrar diversos vídeos com imagens chocantes de lutas desregradadas de capoeira, não condizentes com a filosofia da maioria das lutas conhecidas e praticadas no país.

Ao pensar a capoeira como luta o(a) praticante pode não concordar com alguns ou todos os aspectos que aqui se apresentam. Porém visando o nocaute, (do inglês *knockout*, também chamado de K.O.) que é um critério de vitória utilizado em várias modalidades de luta, o qual consiste em tornar impossível a continuidade do combate por meio de golpes, preferencialmente na região da cabeça do oponente, a capoeira-luta se encaixa nesses objetivos ao nosso entendimento.

A capoeira tratada como luta necessita de contato físico direto, com o objetivo de desnortear, ferir, agredir, imobilizar, finalizar, e/ou retirar o(a) outro(a) capoeirista da roda. Portanto, neste princípio, se assemelha a outras lutas bem conhecidas em nossa sociedade e amplamente divulgadas pela mídia, como o *muay thai*, o MMA (*Mixed Martial Arts*) ou outras similares, mas se difere, daquele contexto supracitado que visa à educação. O intuito desse enfoque, geralmente, é “marcar território”, afirmar identidades, filosofias, conquistar adeptos e gerar lucros provenientes de aulas e competições.

A definição de capoeira como dança, arte ou *show* foi insignificante em ambas as categorias de todas as capitais, com destaque para a definição de dança, a qual ao praticante é clara a sua importância, pois ao se movimentar pelo ritmo, pela cadência do berimbau e de seus toques, configuram-se os elementos que podem definir a capoeira como dança. No entanto, esta definição é mais recorrente entre

não praticantes, no senso comum de um modo geral, apresentando-se como uma das formas pejorativas de estigmatizá-la.

Para um conceito de dança foi utilizada a compreensão de Falcão e Saraiva (2007), que afirma que a dança é uma produção social efêmera, manifestação artística, movimentos humanamente organizados, representação de um povo, expressão corporal, cultura, entre outras. Desse modo, a capoeira tem em sua prática elementos da dança, a ginga, as “negaças”, o fingir, o representar, são características mais facilmente observadas na capoeira angola, por isso seu discurso de vertente “detentora da tradição”.

Porém a mescla da capoeira com seus elementos de luta e de jogo acabam por equilibrar a importância da dança na construção da prática, ficando esta mais evidente, em danças anexas ao contexto de muitos grupos de capoeira, como o maculelê e o samba de roda por exemplo.

Para a definição de capoeira como arte, considera-se o seguinte conceito:

A arte é questão de desejo, enquanto a cultura surge como resposta inevitável a uma necessidade: uma inevitabilidade. Aí está uma palavra que hoje permanece ocultada, reprimida: desejo. Arte é uma questão de liberdade — e essa é outra palavra ocultada ou reprimida hoje nas discussões sobre a cultura: liberdade (e ocultada no discurso sobre a sociedade, sobre o social, como se diz). De certa forma, é compreensível que seja assim: a cultura não se coloca a questão da liberdade (outro modo de dizer-se que na cultura não há liberdade ou há bem menos liberdade do que usualmente se considera). [...] Arte é liberdade, porém (COELHO, 2008, p.125).

Geralmente, em discussões sobre a capoeira como arte é comum associá-la somente à prática da capoeira Angola, justificando elementos como os rituais, tradições e a teatralidade característicos da vertente. Embora não ocorra uma total discordância destes fatores, é possível afirmar que a capoeira pensada como arte, deve assumir os princípios da arte, de acordo com Coelho (2008), como a liberdade. Tanto na capoeira angola como nas outras vertentes, a liberdade é, de certa forma, suprimida, no sentido que certos movimentos e atitudes não condizem com determinado tipo de jogo, isto caracteriza a regra, diferente do processo de arte.

Assim, assumir a capoeira, principalmente, como arte, incute em um posicionamento que não se rege pelas regras, mas sim pela liberdade. Talvez aquelas rodas de rua descompromissadas, entre amigos, sem a rigidez de uma apresentação, no clima da “vadiação”, possa representar a capoeira essencialmente

como arte. Contudo, existem variações desta percepção, tais como a capoeira arte-luta, que pode ser definida com a visão artística de um combate marcial o que, objetivamente, significa não acertar o outro capoeirista, mas sim, aproximar os golpes visando uma expressão artística da parte luta da capoeira, muito utilizada em apresentações de capoeira nos mais variados espaços: clubes, teatros, restaurantes, escolas, etc.

Como a forma de apresentação da capoeira como arte se assemelha a da capoeira como *show*, optou-se por reuni-las na mesma alternativa, porém, conforme explicado na nota 56, fica diferenciado aqui pela seguinte definição da capoeira *show ou espetáculo*, proposta por Farias e Goellner (2007): como uma manifestação cultural que rompe com a tradição para se manter no mercado, assumindo valores modernos como beleza, saúde, performance, estética, velocidade e narcisismo, mostrando-se como um produto, no qual o objetivo é atrair a atenção do público para ganhos financeiros.

A capoeira *show*, comum em pontos turísticos de Salvador, como o Mercado Modelo e o Terreiro de Jesus, também se desenvolveu nos últimos anos no exterior, pode-se até encontrar vídeos na *internet* de competições de capoeira *show* realizadas por capoeiristas brasileiros e estrangeiros. Contudo ao assumir a posição que a capoeira é principalmente um tipo de *show*, interpreta-se que o participante, concorde com as alterações feitas sobre o fazer cultural, pois esta variação da capoeira

participou, ativamente, das atividades caricaturadas do espetáculo (shows folclóricos) turístico construído a partir de um determinado modelo de apresentação, cujas características são diferentes daquelas praticadas anteriormente. Com isso, essa cultura sofre mudanças na sua forma de representação simbólica, transfiguram-se seus códigos ritualísticos e, conseqüentemente, ocorre uma modificação da gestualidade corporal do jogo [...] (CASTRO JÚNIOR, 2010, p.47).

Na comparação entre as capitais é possível afirmar que a capoeira como manifestação cultural foi uma das definições mais citadas em ambas as categorias, considerando também a interpretação dos dados obtidos com a alternativa número sete (outra definição) para esta questão. A definição da capoeira como a união de todas as alternativas propostas, foi amplamente citada em todas as capitais, o que

pode ser explicado pelo fato de que a maior concentração de praticantes está na vertente da capoeira “contemporânea”, e esta é uma de suas características.

Na questão número 15 do formulário de pesquisa, foi perguntado aos entrevistados sobre a origem da capoeira, se Africana, Brasileira, Afro-brasileira, Indígena ou outra opção aberta para aqueles que não concordassem com as definições anteriores. O objetivo desta questão foi verificar as relações entre as representações de origem da capoeira com a identificação dos praticantes, visando estabelecer parâmetros para a definição dos grupos sociais e seus respectivos discursos de apropriação e pertencimento relacionados com a origem da capoeira.

Os dados referentes podem ser visualizados na Tabela 13, sendo que em ambas as categorias a maior parte dos entrevistados, com exceção dos alunos de Curitiba, responderam que a origem da capoeira é afro-brasileira, com destaque para os **profissionais** de Florianópolis onde 86,7% da amostra fez esta afirmação.

Tabela 13 – Origem da capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	6,67	14,3	2,86	5,56	15,7	7,14	16	21,7
2	6,67	35,7	37,1	58,3	21,6	38,1	30	30,4
3	–	–	–	–	1,96	–	2	–
4	86,7	42,9	57,1	36,1	60,8	50	52	43,5
5	–	7,14	2,86	–	–	4,76	–	4,35

Legenda: 1) africana; 2) brasileira; 3) indígena; 4) afro-brasileira; 5) outra; P) profissionais; A)alunos.

Essa afirmação sobre a origem afro-brasileira da capoeira atualmente pode estar em maior evidência do que a origem somente brasileira, isto pode estar ocorrendo devido à popularização das últimas publicações sobre a história da capoeira no Brasil, e também, pelo discurso de renomados mestres que optam por manter o termo “afro” na construção de uma identidade positiva em memória dos africanos e suas contribuições para a formação da capoeira.

Na categoria **alunos** um dado relevante foi a origem brasileira para a capoeira em maior percentual encontrada em Curitiba com 58,3%. Este dado pode ser atribuído ao fato de que na capital paranaense a definição de capoeira como luta e esporte prevaleceu em relação às outras. O discurso da “luta brasileira” e do

“esporte genuinamente brasileiro”, como demonstrado anteriormente nesta pesquisa, ainda atua sobre aqueles que pensam a capoeira como esporte, condicionando sua origem somente ao Brasil, minimizando a contribuição africana.

A definição de origem africana da capoeira, basicamente afirmando que ela já existia na África antes da diáspora da escravização no Brasil, foi maior em Salvador e Rio de Janeiro, seguidas de Curitiba e Florianópolis. A este resultado é possível atribuir a influência do discurso de algumas lideranças da capoeira angola, que são agentes causadores de representações tanto em Salvador como no Rio de Janeiro.

Outro fator pode ser a própria presença de descendentes de africanos nas populações destas capitais em proporções muito maiores do que nas capitais do Sul, sendo que em Curitiba ocorreu o menor percentual, possivelmente por menor influência da capoeira angola e da cultura afro-brasileira no cotidiano da cidade. Portanto, mais do que estabelecer qual grupo detém a “propriedade” de origem, o intuito é perceber o que se realiza de concreto a partir dos diferentes posicionamentos relacionados a este quesito.

Por origem Africana concorda-se com o posicionamento apresentado por Vassalo (2008), que estabelece o consentimento de lideranças da capoeira angola como os mestres João Grande, João Pequeno, Moraes e Cobra Mansa.

Esta luta, nos dias de hoje, não se daria mais num plano físico, mas sim através da conscientização da importância da cultura negro-africana, bem como de seu passado, de sua história. A valorização do legado africano permitiria a elaboração de uma auto-imagem positiva e de uma consciência crítica, que conduziriam os afro-descendentes a lutarem por uma cidadania plena. Assim, esta leitura da capoeira conduz à questão da identidade (VASSALO, 2008, p.4).

Pela origem brasileira, apresentam-se aqueles que acreditam que ela foi criada por brasileiros, a figura do mestiço neste contexto ganha espaço, e assumem no discurso da capoeira regional e posteriormente, na capoeira “contemporânea”/moderna, seus maiores defensores.

Do ponto de vista dos capoeiristas da atualidade, a questão da brasilidade da capoeira se complexifica. De um modo geral, os praticantes de Capoeira Regional costumam privilegiar a tese de que a capoeira teria nascido no Brasil, fruto de diversas misturas de expressões culturais negras e, em certos casos, européias e até indígenas. Portanto, para estes, a capoeira é antes de tudo brasileira e mestiça, ainda que os seus grupos étnicos de origem, bem como a

localização exata do seu surgimento em solo brasileiro, sejam alvo de inúmeras controvérsias (VASSALO, 2009, p.7).

A origem indígena da capoeira é defendida por alguns mestres e pesquisadores que suportam a idéia de que a capoeira já era praticada pelo nativo antes mesmo da chegada dos portugueses e dos africanos escravizados. Segundo Costa Filho et al. (2009), em 1595, o padre José de Anchieta, no livro *A arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, referência que índios tupis guarani divertiam-se jogando capoeira, ainda cita a participação de indígenas lutando capoeira nas invasões holandesas em 1632 e em outras ocasiões relatadas por escritores viajantes estrangeiros e jesuítas. Contudo nesta pesquisa, os dados relativos à esta opção foram insignificantes em todas as capitais nas duas categorias investigadas.

Já na compreensão da origem afro-brasileira, procura-se, por meio da fusão, a hibridização cultural que gerou a capoeira no Brasil, admitindo que sem a presença dos Africanos, a capoeira jamais teria sido criada, e por isso, entre outros fatores, esta corrente possui grande número de adeptos (SOARES, 1994 e 1998; MOURA, 2009).

É seu passado, seja ele brasileiro ou africano, que lhe confere um valor no presente. Em ambos os casos, apesar das diferenças de pontos de vista, a capoeira parece encarnar valores essenciais, intimamente ligados às representações sobre a origem e a identidade dos que dela se apropriam. Daí as inúmeras disputas de que é alvo (VASSALO, 2008, p.14).

A opção que permitia resposta aberta para esta questão, alternativa número cinco, foi respondida de diferentes formas nas capitais, seguem alguns exemplos, em Florianópolis: “a capoeira tem sua origem no encontro cultural entre nativos brasileiros (índios); africanos; europeus; mestiços e crioulos de origem africana e europeia”. No Rio de Janeiro surgiu: “índioafrobrasileira” e em Salvador: “penso que ela tenha sido criada em solo brasileiro por negros africanos, mas também tem influência indígena e do brasileiro (negros nascidos aqui)”.

As respostas da maioria dos **alunos** foram semelhantes as dos **profissionais**, somente em Curitiba houve discrepância, isto reforça o entendimento da influência que o mestre ou professor tem no processo de construção de uma representação no âmbito da cultura.

Na comparação entre as capitais nesta questão não ocorreram diferenças significativas no geral, apenas em casos específicos, os quais já foram discutidos, sobretudo, a principal representação entre as duas categorias de todas as capitais é a afirmação da origem afro-brasileira da capoeira, um dado importante, porque a auxilia na justificativa da inserção da capoeira, cada vez mais, no contexto de educação patrimonial e valorização da identidade cultural, isto com base na Lei 10.639/03, no perfil dos profissionais e praticantes aqui analisados e principalmente na condição social que se encontra a maioria da população afrodescendente no Brasil, que segundo dados do IBGE compõem a maioria no país com 96,7 milhões de pessoas, ou seja 50,7% da população (IBGE, *web*, 2010).

As perguntas 16, 19, 20, 21, 23 e 25 do formulário de pesquisa, dizem respeito ao entendimento do registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial pelo sistema MinC/IPHAN, além disso, os seus desdobramentos, como uma espécie de “promessa” de apoio e fomento a esse bem cultural, por esse motivo, optou-se em concentrá-las nessa parte para a sua discussão, por tratarem do mesmo assunto, independente da ordem que foram dispostas no formulário aplicado com os capoeiristas.

Na questão número 16 foi perguntado aos entrevistados suas respectivas opiniões, sobre o registro da capoeira como patrimônio cultural. O objetivo principal desta pergunta foi identificar as opiniões dos participantes que estão familiarizados com as medidas inerentes ao registro de bens imateriais da cultura no país, haja vista a recente condição da capoeira e seus desdobramentos. Para facilitar essa compreensão, foi indicado que marcassem apenas uma das alternativas propostas. Os dados da Tabela 14 apresentam as opiniões dos participantes sobre esse tema.

Tabela 14 – Função do registro como patrimônio cultural

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	–	–	–	2,78	–	–	10	–
2	11,1	6,25	17,1	11,1	7,14	7,14	8	17,4
3	5,56	12,5	14,3	13,9	8,93	2,38	14	8,7
4	50	62,5	60	52,8	57,1	69	58	56,5
5	11,1	6,25	5,71	16,7	10,7	9,52	6	4,85
6	22,2	12,5	2,86	2,78	17,1	11,9	4	13

Legenda: 1) para nada; 2) para garantir que ela continue existindo; 3) para que os outros países saibam que ela é brasileira; 4) para valorizar a identidade cultural; 5) para manter as tradições da capoeira, impedir que ela mude; 6) outro; P) profissionais; A)alunos.

Nas duas categoria a maioria dos capoeiristas respondeu que a função é valorizar a identidade cultural, com destaque para os profissionais de Curitiba, 60% e os alunos do Rio de Janeiro com 69% nesta alternativa. Isto permite dizer que os agentes tem conhecimento sobre a função desse registro, pois nos documentos pertinentes ao registro de bens imateriais do IPHAN, esse é o principal argumento.

Que identidade cultural pretende-se preservar? Qual é a identidade cultural da capoeira no Brasil? Existe somente uma? Essas perguntas podem direcionar as ações que se darão no processo de implementação do plano de salvaguarda, e seus agentes, têm o poder de alterar constantemente esta identidade, num processo denominado por Hall (1992) como identificação.

A identidade é construída a partir da relação com o outro, é um processo constante e não estagnado, contém valor de memória e conexão com o passado e une indivíduos em torno de algo em comum. É possível pensar que o registro da capoeira como patrimônio cultural, gera uma valorização das diferentes identidades, ou melhor identificações presentes na comunidade, mas, principalmente, abre uma nova conexão entre Estado e manifestação cultural na busca da salvaguarda, expansão e uso do bem cultural (HALL, 1992).

Entre os **profissionais** somente em Salvador com 10% da amostra, apontam que este registro não serve para nada. Possivelmente esse dado ocorreu em Salvador pela descaso mais intenso dos poderes públicos com a capoeira na cidade, segundo alguns mestres entrevistados. Cabe aos capoeiras do presente cobrar seus

direitos, participar e acompanhar todas as medidas que devem ser implementadas para a salvaguarda do bem, pois para que este ato não sirva para nada, não deve haver omissão da comunidade da capoeira.

Para a alternativa número seis desta questão (outro), que permitia resposta aberta, surgiu em Florianópolis que a função do registro é o “reconhecimento e possibilitar incentivos”, semelhante a esta resposta foi encontrada no Rio de Janeiro, “para pleitear verbas do governo”. Em formato de críticas houve respostas como estas de Florianópolis: “acredito que só reconheceram o óbvio! Mas antes tarde do que nunca, tenho certeza que este é um grande passo para o avanço das políticas que regem a capoeira” e “para conveniência do governo”. E estas no Rio de Janeiro: “jogo político”, “para que a elite brasileira deixe um dia de puxar o saco dos mais ricos e acorde, investindo mais em nosso patrimônio” e “para tentar reparar as perseguições culturais realizadas pelo Estado brasileiro, aproveitando para que este mesmo Estado tenha sua imagem melhorada diante da sociedade e principalmente, diante de seus praticantes (apesar de já estarem ‘imunes’ às manobras políticas que o Estado brasileiro sempre fez diante da capoeira)”. Essas respostas demonstram como a articulação histórica entre política e capoeiras ainda está presente em nossos dias, porém os objetivos e interesses estão constantemente mudando, e no Estado democrático, a participação pública organizada pode interferir na construção das políticas públicas culturais, como é o caso.

Em Salvador surgiu uma resposta ligada aos objetivos do dossiê: “serve para identificar e tornar acessível à população em geral à produção de conhecimento relativo à capoeira, através da sua documentação e disponibilização”. O termo “todas” foi utilizado em respostas de participantes de Curitiba e Rio de Janeiro, e nesta última cidade a resposta, “ainda não sei”.

Na categoria **alunos** as respostas para esta alternativa foram semelhantes: Florianópolis; “principalmente para permitir o fomento de propostas e a captação de recursos para projetos envolvendo a capoeira”, em concordância com este pensamento foi a resposta dos participantes do Rio de Janeiro: “investimento cultural” e “para garantir sua identidade cultural, sua territorialidade e viabilizá-la institucionalmente através de políticas públicas” e Salvador: “o registro é requisito para que o Estado seja obrigado a financiar políticas de apoio”. Conforme ocorreu na categoria dos **profissionais**, as críticas se fizeram presentes também entre os **alunos**. Em Florianópolis: “para favorecer a credencial cultural brasileira em âmbito

nacional e internacional, favorecendo ações que gerem crescimento econômico à elite brasileira, principalmente ao turismo”. No Rio de Janeiro: “um pouco de cada, e ainda para o 'poder' institucionalizar uma manifestação de liberdade!” e em Salvador: “manipulada pelo sistema”. Também ocorreram respostas de desconhecimento: “não sei”, “não sabia disso” e “dúvidas”, em todas as capitais.

Dentre as opções ofertadas na elaboração desta questão, procurou-se enfatizar o discurso dos documentos do IPHAN referentes ao registro de bens imateriais da cultura brasileira. A primeira alternativa abria espaço para aqueles que pensam que o registro não serve para nada, reforçando um posicionamento pessimista sobre políticas públicas, fundamentalmente, aquelas voltadas para a área da cultura. Nosso posicionamento sobre esta afirmativa é que a construção de políticas públicas culturais depende, em grande parte, da participação popular e que o Estado ao realizar ações de registro do patrimônio cultural, assume um compromisso com os agentes que compõem estas manifestações, portanto, no caso específico da capoeira o plano de salvaguarda deve, obrigatoriamente, contemplar medidas práticas, efetivamente sair do papel.

Na alternativa número três foi sugerido que o motivo do registro seria para que outros países soubessem que a capoeira pertence ao Brasil. Neste contexto o enfoque é sobre as possíveis apropriações oficiais que países estrangeiros poderiam fazer sobre a capoeira, caso o governo não tivesse tomado essa atitude. Essa hipótese foi discutida por Vassalo (2008), quando indica a capoeira no contexto da globalização e do mercado internacional de bens culturais, citando o prêmio recebido pelo mestre João Grande em Nova York, no ano de 2001, “considerado o mais importante para os que lidam com artes folclóricas e nacionais nesse país” (VASSALO, 2008, p.12).

A quarta alternativa foi elaborada segundo os documentos de registro de bens imateriais do IPHAN, os quais indicam que a capoeira foi registrada como patrimônio cultural, para iniciar um processo de valorização da identidade cultural (IPHAN, *web*, 2007).

Na quinta opção foi proposto aos entrevistados que a função do registro da capoeira como patrimônio cultural, seria para manter as tradições da capoeira, impedir que ela mude. Contudo através do conhecimento sobre as formas de registro do patrimônio intangível da cultura, o objetivo não é “congelar” ou tombar como no caso dos bens imóveis, mas sim perceber as alterações e prover medidas

de salvaguarda mediante a participação e envolvimento dos agentes culturais. Segundo o decreto nº 3.551 de 2000, no seu artigo 7º:

O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de “Patrimônio Cultural do Brasil” (IPHAN, *web*, 2000).

E na última alternativa, optou-se por deixar livre para respostas abertas.

Na comparação entre as localidades não ocorreram dados que possam ser discutidos para diferenciar as cidades, mas sim, a opinião unânime de que este ato do Estado veio mais para auxiliar através do fomento, do que para institucionalizar a capoeira, isto é o que espera a comunidade.

Com base nos dados obtidos é possível afirmar que a comunidade dos praticantes de capoeira está ciente dos pontos positivos e negativos concernentes ao registro como patrimônio cultural. Contudo, para que haja a valorização legítima do bem e sua salvaguarda é necessária à participação efetiva dos capoeiristas durante este processo. A pressão e o interesse popular são as molas que impulsionam as iniciativas em políticas públicas, pois uma porta foi aberta pelo governo para a capoeira, cabe aos capoeiras saber como mantê-la aberta e, principalmente, como entrar, visando a sustentabilidade e desenvolvimento do bem cultural.

Na pergunta número 21 do formulário de pesquisa, foi abordado qual ou quais grupos tiveram maior influência para que ocorresse o registro da capoeira pelo IPHAN, como opções apresentaram-se as seguintes alternativas: influência dos políticos e/ou partidos; dos mestres e/ou praticantes de capoeira e os pesquisadores acadêmicos. O objetivo dessa questão foi verificar se dentro do senso comum, além obviamente da participação dos mestres e praticantes, os entrevistados iriam citar a contribuição das políticas públicas culturais dos últimos governos, assim como, as publicações e medidas propostas pelos pesquisadores acadêmicos. No que diz respeito a essa pergunta apresentam-se os dados da Tabela 15.

Tabela 15 – Grupos que tiveram maior influência no registro da capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	11,8	14,3	5,13	7,32	14,1	2,56	6	8,7
2	41,2	50	56,4	65,9	45,3	74,4	58	69,6
3	23,5	21,4	35,9	24,4	31,3	23,1	22	21,7
4	23,5	14,3	2,56	2,44	9,38	–	14	–

Legenda: 1) influência dos políticos/partidos; 2) influência dos mestres/praticantes; 3) influência dos pesquisadores acadêmicos; 4) outro; P) profissionais; A) alunos.

Com base nas leituras realizadas, nas pesquisas de campo e nos dados coletados, pode-se afirmar que ocorreu e deve continuar ocorrendo uma relação mútua entre essas três forças (políticos/pesquisadores/capoeiristas). Cada uma delas tem um papel fundamental no funcionamento desta engrenagem, e para que isto ocorra da melhor forma, os mestres e praticantes e os pesquisadores acadêmicos necessitam estar cada vez mais próximos e sintonizados, para perceber os interesses, as modificações e principalmente as ações do governo no processo de salvaguarda da capoeira.

Nesta questão, a resposta predominante de todos, foi que os mestres e praticantes constituíram o grupo mais influente para a ocorrência do registro da capoeira como patrimônio cultural.

Em todas as capitais para a alternativa número quatro (outro), com resposta aberta, participantes apontaram para uma união destes grupos e também outras possibilidades de influência. A resposta “todos” foi encontrada no Rio de Janeiro e Salvador, sobretudo com esses comentários em Florianópolis: “acredito que é resultado de muita batalha de todos, desde os que resistem jogando capoeira nas ruas, os que trabalham em instituições ensinando ou contribuindo com a capoeira e mestres que se reuniram em congressos e outros encontros, mas também acho que foi uma medida de precaução, antes que outro país o faça!”.

Ainda na capital catarinense: “na verdade não há um autor ou grupo que tenha influenciado mais ou menos, todos tiveram fundamental e indispensável papel no processo, tanto os pesquisadores acadêmicos em suas pesquisas, como os

mestres que se mobilizaram em congressos que antecederam o tombamento, bem como as intervenções políticas partidárias que resultam no registro da capoeira junto ao IPHAN” e “não tenho conhecimento, mas acredito que tivemos influência dos três grupos, uns por interesse pessoal, outros pelo interesse cultural.” Também nesta linha de raciocínio houve respostas no Rio de Janeiro: “um pouco de cada não conseguiria medir” e Salvador: “de vários setores da sociedade”.

Estas respostas são importantes pois se colocam em contraste ao pensamento da maior parcela. É natural que ao se realizar a pesquisa com capoeiristas, estes tomem posicionamento em defesa de sua comunidade, contudo, o contexto político e cultural foi muito influente neste processo.

Como forma de crítica envolvendo o processo de globalização que cerca a capoeira, participantes de Florianópolis responderam: “sutil pressão externa de países europeus e norte americanos, onde a capoeira há anos, é muito mais reconhecida e valorizada como esporte, arte e cultura brasileira, que dentro do próprio Brasil” e na capital baiana: “expansão da capoeira, justificar que a capoeira é brasileira”. Comentários envolvendo a política foram coletados no Rio de Janeiro: “Nesta questão, sou bem polêmica, pois, perceberam a poder que o Capoeira carrega, então, assim fizeram cooptação, juntando-se aos capoeiras. Em época de campanhas podemos ver vários políticos vendo e até jogando Capoeira. O nosso Governador fez isto no ano passado no evento Rio Zumbi 2010. Uma bela jogada política, que muitos capoeiras acabam caindo”; e em Salvador: “foi um jogo político, você sabe o real motivo que levou a capoeira a ser tombada?”.

Outras respostas seguem a linha apontada pelo sistema MinC/IPHAN no processo de registro, assim no Rio de Janeiro foi citado o nome do ex-Ministro da Cultura “Gilberto Gil” e em Salvador indicaram “a própria política do IPHAN que já tem registros do samba de roda, do acarajé, do pão de queijo mineiro”. Em Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro, alguns profissionais afirmaram não saber responder a esta questão.

Na categoria alunos predominou a resposta de desconhecimento da influência dos grupos apresentados na alternativa número sete da questão, com essa exceção, “fortalecimento dos movimentos culturais”.

Visando auxiliar na compreensão da formulação desta questão, serão apresentados o posicionamento com relação a cada item proposto. Para a influência dos políticos ou partidos levou-se em consideração a análise que Rubim (2007) fez

da atuação do governo Lula e da época do Ministro da Cultura Gilberto Gil, lançando as bases que viriam possibilitar o registro da capoeira como patrimônio cultural.

Isto focado nas ações características de Gil, como a abrangência, a busca por um conceito “antropológico” da cultura, (abrindo espaço para as culturas populares, dentre elas as de origem afro-brasileira), os seminários e conferências democráticos realizados no país, a implantação e desenvolvimento do Sistema Nacional de Cultura - SNC e do Plano Nacional de Cultura - PNC, os inúmeros projetos como os Pontos de Cultura, a descentralização na gestão, a ampliação de recursos financeiros para o Ministério e a permanência de Gil nos dois mandatos de Lula, tudo isto, segundo o autor, contribuiu para a superação do contexto dominante do Ministério da Cultura no Brasil: ausência, autoritarismo e instabilidade (RUBIM, 2007).

Para a interpretação das repostas como a principal influência sendo dos mestres e praticantes, foi utilizada a própria revisão bibliográfica deste trabalho, demonstrando a vital relevância dos capoeiristas na visibilidade que a manifestação galgou nos últimos anos. A opção da influência dos pesquisadores acadêmicos foi centrada nos apontamentos de Falcão (2006) e posteriormente do dossiê-inventário para o registro da capoeira (IPHAN, 2007).

Segundo Falcão (2006) a produção científica brasileira sobre a capoeira, que data desde 1984, juntamente com a realização de vários encontros científicos temáticos nos últimos anos, auxiliou no processo de reconhecimento e valorização da manifestação cultural no país. Já no caso do dossiê a equipe multidisciplinar que o realizou objetivou com a pesquisa, justificar a importância da capoeira como bem cultural e propor as consequentes medidas para sua salvaguarda (IPHAN, *web*, 2007).

Contudo, comparando as capitais investigadas não foi possível detectar uma disparidade entre os dados, pelo contrário, a maioria dos participantes das duas categorias forneceram respostas bem similares, sendo que os casos específicos foram abordados durante a análise.

O histórico demonstra que a ação do Estado exerce profunda influência, podendo alterar a capoeira em virtude de interesses políticos e eleitoreiros ou de mercado, contudo com o fortalecimento da comunidade capoeirística, é possível acompanhar as medidas do governo e orientá-las para benefício real dos praticantes, para tanto a qualificação, visando à compreensão dos discursos

burocráticos do Estado, e a união da comunidade, serão cruciais para que não ocorram injustiças.

Na questão número 23 do formulário de pesquisa, foi perguntado aos entrevistados como tiveram conhecimento sobre o registro da capoeira pelo IPHAN, com as seguintes opções: “Boca a boca” (comunicação interpessoal), televisão, rádio, jornal ou revista, *internet*, o desconhecimento sobre o registro e outra forma além das outras propostas. O objetivo desta questão foi identificar qual ou quais meios de comunicação atingiram os capoeiristas no tocante à recente condição de patrimônio cultural reconhecida pelo Estado brasileiro.

Nos dados expostos pela Tabela 16 é possível ver através de que meios os capoeiristas tomaram conhecimento ou não, sobre o registro de patrimônio cultural. Através da interpretação desses dados pode-se perceber se o processo de comunicação entre Estado e capoeiras está sendo eficiente, por exemplo.

Tabela 16 – Como os capoeiristas ficaram sabendo do registro

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	25	71,4	45	40,5	29,4	55,8	44	47,8
2	20,8	7,14	15	18,9	16,2	4,65	10	17,4
3	–	–	2,5	–	2,94	–	–	–
4	–	–	2,5	13,5	17,6	14	12	13
5	45,8	–	2,5	8,11	11,8	11,6	8	–
6	4,17	21,4	25	16,2	17,6	11,6	14	13
7	4,17	–	7,5	2,7	4,41	2,33	12	8,7

Legenda: 1) boca a boca; 2) televisão; 3) rádio; 4) jornal ou revista; 5) internet; 6) não fiquei sabendo; 7) outro; P) profissionais; A) alunos.

Nas duas categorias em todas as capitais, exceto em Florianópolis onde a *internet* foi o meio de comunicação mais utilizado, grande parte dos capoeiras investigados respondeu que foi por meio da comunicação interpessoal (“boca a boca”), que souberam a respeito do registro. Este dado pode demonstrar a força da oralidade dentro da comunidade da capoeira e possibilitar mudanças na forma de comunicação entre governo e capoeiristas.

A televisão foi pouco citada nesta pesquisa, em maior grau por apenas 20,8% da amostra em Florianópolis, por exemplo. Este dado não era esperado, tendo em vista que o registro foi noticiado por telejornais de canais abertos para todo o país em vários horários.

Sobretudo, o dado mais preocupante revelou que profissionais não souberam do registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo IPHAN, foi a segunda opção mais recorrente de Curitiba 25%, Rio de Janeiro 17,6% e Salvador 14%. Este dado pode demonstrar o posicionamento de uma parcela da comunidade da capoeira, que possivelmente não se envolve nas questões externas, neste caso, uma questão de ressignificação na relação Estado X Capoeira, que pode alterar e muito o seu futuro no país.

Entretanto, na somatória de todos os meios de comunicação indicados, pode-se afirmar que de algum modo a maioria dos capoeiristas entrevistados souberam do registro. A repercussão do registro foi consideravelmente grande, tendo por base que, raramente, a capoeira atinge grande parte dos meios de comunicação de massa do Brasil de forma positiva. Portanto o desconhecimento dessa ação por parte de quem trabalha com a capoeira é relevante.

No que diz respeito à alternativa com resposta aberta, houve entrevistados que reforçam a integração entre o meio acadêmico e a comunidade da capoeira, alguns responderam ter tomado conhecimento sobre o registro por “grupo de estudos”, “fui colaborador, cedendo minha dissertação de Mestrado (2002)” e “sou professor e escritor e me interesse pelas manifestações populares de uma forma geral e, em particular, pela capoeira”.

Como participante do dia da solenidade do registro em Salvador, houve esta resposta em Curitiba, Rio de Janeiro e Salvador, sendo que nesta última capital um capoeirista foi “convidado pelo IPHAN”. Entretanto, continuando a discussão sobre a inércia de alguns capoeiras, que será aprofundada com base nos dados da Tabela 17, no Rio de Janeiro ocorreu uma resposta, “não lembro”, considerando que o registro ocorreu há quatro anos.

Na categoria **alunos** o desconhecimento sobre o registro foi a segunda opção mais marcada somente em Florianópolis com 21,4%, nas outras capitais a amostra desta alternativa não passou dos 20% entre os alunos, o que é aceitável, pois pelo fato de não ministrarem aulas de capoeira, geralmente não têm uma

responsabilidade tão grande quanto a dos profissionais em participar das atualidades sobre ela.

Também houve capoeiras que participaram do evento, como este de Salvador, “pela escola, estive lá”, ou por ações correlatas, “palestra na academia”. Em Curitiba surgiu a resposta “pesquisa”, porém o autor não especificou em qual meio a realizou e no Rio de Janeiro, um capoeira disse ter tomado conhecimento do registro através de um “livro”, o que demonstra a preocupação dos pesquisadores em publicar os acontecimentos positivos que ocorrem na capoeira de forma rápida.

Na comparação entre as capitais pode-se afirmar que a variedade de meios de comunicação pelos quais os capoeiristas souberam do registro, foi maior nas cidades polo de capoeira. Todavia estas cidades por apresentarem uma maior proximidade com os trâmites do registro apresentaram alto índice de desconhecimento sobre o registro da capoeira como patrimônio cultural, o que possivelmente, pode dificultar as articulações na comunidade para as ações do plano de salvaguarda.

Ainda no grupo de questões relativas ao registro como patrimônio cultural, na de número 25, foi perguntado sobre o plano de salvaguarda do IPHAN para a capoeira. As opções envolviam o desconhecimento do plano, a opinião referente à sua aplicabilidade, afirmando ser bem completo e que atende às necessidades da comunidade da capoeira; outra opção, contrária à anterior, afirmava que o plano é incompleto e não atende às necessidades; e, ainda, uma alternativa para respostas abertas que não se encaixassem nas alternativas propostas. O objetivo desta questão foi verificar se os entrevistados estão familiarizados com a temática do plano de salvaguarda e quais suas respectivas opiniões sobre o mesmo.

O plano é o resultado de aproximadamente dois anos de pesquisas e visa melhorar as condições dos mestres e praticantes de capoeira para transmissão e manutenção da atividade no Brasil. O seu emprego depende muito da pressão, fiscalização e participação da comunidade da capoeira, inicialmente a partir dos encontros do Pró-capoeira, realizados em 2010 pelo MinC/IPHAN.

Atualmente a responsabilidade pela discussão e implementação do plano de salvaguarda passou do Grupo de Trabalho Pró Capoeira-GTPC, para a Fundação Palmares, órgão federal ligado ao MinC, com o objetivo de promover e preservar a cultura afro-brasileira. Esta ação, em teoria, contribui para a valorização da

identidade cultural da capoeira no Brasil, pois segundo Célia Corsino, diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial,

as superintendências estaduais já foram orientadas quanto à descentralização. Assim, cada estado passa a ter autonomia para discutir e sistematizar as próprias demandas. Esta e outras medidas foram o que motivaram a transferência da coordenação do GTPC para a Fundação Palmares. No entanto, o DPI/IpHAN continuará seu trabalho à Salvaguarda do Ofício de Mestres de Capoeira e da Roda de Capoeira, registrados como Patrimônio Cultural Nacional em 2008 (SOUZA, *web*, 2012).

O órgão continuará a realização do Cadastro Nacional da Capoeira iniciado pelo GTPC, uma forma de censo que visa identificar a comunidade da capoeira no país, além da realização junto ao IPHAN, da proposta para a inclusão da capoeira na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, promovida pela UNESCO, tendo em vista o desenvolvimento dela pelo mundo (SOUZA, *web*, 2012). Portanto, o envolvimento dos capoeiristas neste processo é fundamental, tanto para a valorização dos mestres mais tradicionais, quanto para a democratização no acesso aos recursos para a capoeira no Brasil.

A participação popular na construção de políticas públicas é um dos fatores a serem considerados, tendo em vista, que o plano de salvaguarda é a ação que norteia o registro de bens culturais imateriais pelo IPHAN. Sobre as conseqüências do registro e das soluções apontadas com o plano, mestre Curió, antigo angoleiro de Salvador e discípulo de mestre Pastinha, é enfático ao ser entrevistado no dia da solenidade na capital baiana:

Eu só espero que esse reconhecimento não fique só no papel, e que tenha um reconhecimento e que tenha um volume para vir ajudar os verdadeiros mestres de capoeira, e que não fique no papel e que não vá para o sistema dos filhos de doutorzinho e as pessoas dos guetos, das periferia fique abandonado do mesmo jeito (TVUFBA, *web*, 2008).

No entanto a resposta de grande parte dos entrevistados desta pesquisa demonstra um desconhecimento sobre esse assunto. Em Florianópolis 40%, Rio de Janeiro 49%, Curitiba 51,4% e Salvador, a “Meca” e local onde ocorreu a cerimônia do registro, foram 60% dos **profissionais**, que afirmaram não conhecer o plano de salvaguarda para a capoeira. Na categoria **alunos**, o índice de desconhecimento do

plano foi ainda maior, com destaque para os 92,9% da amostra no Rio de Janeiro, um dado preocupante, tendo em vista que se continuarem a praticar capoeira, esses serão os futuros professores e mestres que poderão usufruir das medidas apresentadas pelo plano de salvaguarda, conforme os dados da Tabela 17:

Tabela 17 – Plano de salvaguarda do Iphan para a capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	40	78,6	51,4	77,8	49	92,9	60	73,9
2	26,7	–	20	11,1	13,7	2,38	8	4,35
3	33,3	14,3	25,7	11,1	35,3	4,76	26	21,7
4	–	7,14	2,86	–	1,96	–	6	–

Legenda: 1) não conheço; 2) bem completo, atende às necessidades da capoeira; 3) incompleto, não atende às necessidades da capoeira; 4) outro; P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **profissionais** entre aqueles capoeiristas que conhecem as medidas propostas pelo plano, 35,3% no Rio de Janeiro, 33,3% em Florianópolis, 26% em Salvador e 25,7% em Curitiba, afirmam que ele é incompleto e não atende as necessidades da capoeira. Os capoeiras que julgaram ser o plano bem completo e que atende às necessidades da capoeira representam 26,7% da amostra em Florianópolis, 20% em Curitiba, 13,7% no Rio de Janeiro e apenas 8% em Salvador, ou seja, a capital baiana tem o maior índice de desconhecimento sobre o plano e o menor entre aqueles que o aprovam, justificando a necessidade de maior participação dos capoeiras soteropolitanos, por exemplo, neste processo.

Alguns **alunos** optaram pela alternativa número quatro desta questão, ou seja, “outro”, e opinaram sobre os objetivos do plano, contudo não se posicionaram em relação à sua função, como esse exemplo: “É um plano de proporções nacionais que pretende ser uma referência totalitária de suporte às práticas capoeiranas, desde a pesquisa e a formação de banco de dados, quanto à manutenção de baluartes, além de um constante fórum ‘participativo’ e ‘representativo’ de discussão da capoeira e da inclusão dela nas ações institucionais, sociais e educacionais, elevando a capoeira à categoria de ‘ideal cultural brasileiro’.”

Na comparação entre as capitais do Sul e as demais, é possível afirmar que todas apresentaram dados relativos ao desconhecimento sobre o plano de

salvaguarda em ambas as categorias, todavia a proporção em relação à amostra foi maior nas cidades com maior tradição na capoeira, Rio e Salvador, o que é preocupante, haja vista a concentração de importantes mestres e pesquisadores de capoeira que atuam nessas cidades, e podem contribuir muito no processo de salvaguarda da capoeira no Brasil.

O tema da questão número 20 do formulário de pesquisa, foi referente à importância da capoeira para a cultura local. Dentre as opções foram apresentadas graduações como, muito ou pouco importante, importante e, ainda, a não importância. O objetivo foi identificar como os capoeiristas das quatro capitais percebiam a representação da capoeira perante a cultura de suas cidades, perante o senso comum de suas realidades e cotidiano. Haja vista que a capoeira tem em sua história inúmeros casos de desvalorização por parte da sociedade e dos poderes constituídos, conforme aponta Sodré (2002) acerca do mestre Bimba.

De Bimba, primeiro quiseram cobrar impostos escorchantes. Ele disse à imprensa: “Os governos daqui nunca me deram um palito. Eu precisava ter um centro para ensinar e no entanto tive de fazer uma escola em Amaralina, à força do meu braço”. Algum tempo depois, sua construção seria desapropriada pela Prefeitura para a abertura de uma rua: jamais conseguiu receber a indenização devida (SODRÉ, 2002, p. 103).

E do contemporâneo mestre Pastinha:

Em 1973, já cego e tendo agravados os seus problemas de saúde, teve de entregar à Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado, para restauração, o prédio número 51 da Rua Gregório de Matos, no Pelourinho, onde mantinha a sua academia de capoeira, o Centro Esportivo de Angola. Jamais receberia o prédio de volta. Passou a viver de três salários mínimos que lhe dava a prefeitura (SODRÉ, 2002, p. 103).

Ainda que, segundo Muricy (1998), mestre Pastinha só viria a ter esta pensão por intermédio do escritor Jorge Amado, amigo e admirador do trabalho do velho angoleiro. Portanto, a relação entre capoeira e importância no cenário cultural destas capitais foi mais um ponto para a compreensão das representações. Os dados apresentados pela Tabela 18 visam demonstrar como os capoeiristas percebem essas representações.

Tabela 18 – Importância da capoeira para a cultura local

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	33,3	21,4	37,1	25	45,1	40,5	68	73,9
2	26,7	50	22,9	27,8	29,4	31	12	13
3	33,3	21,4	34,3	41,7	17,6	28,6	16	13
4	6,67	7,14	5,71	5,56	7,84	–	–	–

Legenda: 1) muito importante para a cultura local; 2) importante para a cultura local; 3) pouco importante para a cultura local; 4) não é importante para a cultura local; P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **profissionais** em Florianópolis o mesmo percentual 33,3%, respondeu que a capoeira é muito e pouco importante para a cultural local simultaneamente. Dados semelhantes foram observados em Curitiba, com 37,1% e 34,3%, respectivamente, para muito e pouco importante. Isto pode exprimir a diversidade na comunidade e sua representação com relação ao tema, fatores como o apoio às ações dos grupos de capoeira por parte da sociedade, podem ter relação com essa divisão de opiniões. No Rio de Janeiro e Salvador predominaram as respostas que consideram a capoeira muito importante pela cultura local, com destaque para Salvador 68%.

Na categoria **alunos** em Florianópolis 50% dos entrevistados afirmam que a capoeira é considerada importante. Em Curitiba 41,7% revelaram que ela é pouco importante. Já em Salvador 73,9%, afirmam que ela é considerada muito importante para a cultura local e no Rio de Janeiro 40,5%. Somente em Florianópolis e Curitiba ocorreu a resposta que a capoeira não é considerada importante, mas para apenas uma pequena parcela dos entrevistados.

Comparando as capitais com menor influência da cultura afro-brasileira, Florianópolis e Curitiba, com Rio de Janeiro e Salvador, que possuem grande influência, é possível afirmar que ambas as categorias destas duas últimas capitais afirmam que a capoeira é considerada muito importante para a cultura local em maior proporção do que as capitais do Sul.

Neste sentido encontram-se os dados daqueles que responderam, que a capoeira não é considerada importante para a cultura local, nas capitais do Sul a proporção dos percentuais é maior do que nas outras duas, o que pode corroborar com nossa intenção em comparar capitais com diferentes relações com a capoeira e

a cultura afro-brasileira, de modo geral, para verificar contextos distintos na formação das representações sociais.

No entanto, mesmo sendo considerada importante ou até mesmo muito importante pela maioria dos capoeiras entrevistados, o discurso da falta de apoio financeiro é bem presente na atividade. Mestre Sombra durante a solenidade do registro no Palácio Rio Branco em Salvador apontou essa realidade histórica na capoeira, “dentro da nossa consciência a gente já vem dando esse reconhecimento há muitos e muitos anos, não é a toa que ela está em mais de 150 países sem a mínima participação do governo, são os próprios capoeiristas” (TVUFBA, *web*, 2008).

Na questão número 19 do formulário de pesquisa foi abordado o apoio à capoeira, perguntando qual ou quais órgãos contribuía para o desenvolvimento da capoeira na sua respectiva capital. As opções eram as seguintes: órgãos públicos (secretaria ou fundação) ligados ao esporte, à educação e à cultura, empresas privadas, os próprios praticantes, ninguém apóia ou outros meios diferentes dos relacionados anteriormente. O objetivo desta pergunta foi identificar qual ou quais instituições, pessoas ou meios que apóiam a capoeira, fundamentalmente, considerando-a um patrimônio cultural, amparado pela legislação e passível de salvaguarda, principalmente, por órgãos públicos do setor cultural.

Com relação ao apoio financeiro dado à capoeira nas quatro capitais, seguem os dados da Tabela 19, nela pode-se perceber que os maiores percentuais, nas duas categorias, ficaram concentrados na resposta que indica os próprios praticantes, como os principais apoiadores da capoeira, com destaque para Florianópolis, 44% dos **profissionais** e Rio de Janeiro com 62% dos **alunos**.

Tabela 19 – Opiniões quanto ao apoio para a capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	4	5,56	20,3	12,5	13,9	4	12	13
2	8	27,8	15,3	12,5	13,9	4	4	4,35
3	8	11,1	10,2	10,4	12,7	14	14	21,7
4	16	5,56	13,6	4,17	15,2	4	2	–
5	–	–	–	4,17	1,27	–	2	–
6	44	38,9	33,9	50	35,4	62	42	39,1
7	4	11,1	5,08	2,08	6,33	8	22	8,7
8	16	–	1,69	4,17	1,27	4	2	13

Legenda: 1) órgão público do esporte (secretaria/fundação); 2) órgão público da educação (secretaria/fundação); 3) órgão público da cultura (secretaria/fundação); 4) empresas privadas; 5) ONGs; 6) próprios praticantes; 7) ninguém; 8) outros; P) profissionais; A) alunos.

Para a alternativa número oito desta questão, surgiu a informação sobre a falta de apoio, “financeiramente ninguém” e “não tenho apoio de nenhum órgão” em Florianópolis e Rio de Janeiro, respectivamente. Ainda com relação às outras formas de apoio, obteve-se, “políticos em época de eleição!... aparecem muitos!”, “pouco de todos” e “governo”, “pais de alunos”, “Marinha” e “vários órgãos”.

Através da análise dos dados pode-se perceber que os praticantes ainda representam o principal apoio para a manutenção da capoeira nas quatro capitais, em ambas as categorias, isto significa que, como forma de apoio financeiro, quem mais investe recursos para o desenvolvimento da atividade são os próprios capoeiras. Entretanto, ao somar as outras formas de apoio, pode-se perceber uma tendência de mudança, sobretudo os **profissionais** em Curitiba com 61%, que conta com o outras formas de apoio financeiro, além dos próprios praticantes.

Contudo deve-se ressaltar que as formas para se conseguir apoio financeiro nas demais alternativas propostas, geralmente, demandam de bons projetos, o que no contexto da capoeira, ainda é redigido por uma minoria, que acaba se beneficiando na utilização desses recursos, para tanto, é necessário que cada grupo, escola, associação de capoeira, busque pessoas qualificadas para a estruturação de projetos e captação desses recursos, como um mestre relatou na

pesquisa de campo, “dinheiro eles tem, só que a gente não sabe como pegar, e também demora muito!”.

A responsabilidade dos órgãos de Cultura na salvaguarda e valorização da capoeira nas quatro capitais, segundo esses dados ainda são irrelevantes, tendo em vista o título recebido de patrimônio cultural pelo governo federal, o maior percentual é de Salvador, 14%. Isto pode ser interpretado como descaso das autoridades ou ainda falta de procura e apresentação de projetos pelos capoeiras, para estes órgãos, ainda mais no atual cenário, onde a descentralização das ações sobre a salvaguarda da capoeira começa a ser realidade, e a autonomia desses órgãos da cultura, no âmbito estadual e municipal, torna-se maior a partir desse ano de 2012 (SOUZA, *web*, 2012).

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador foi observado que as organizações não governamentais – ONGs são as instituições que menos apoiam a capoeira. Os dados que se referem ao apoio dado pelos próprios praticantes e ninguém, interpretando este termo como nenhuma instituição, somados revelam que as cidades polo da capoeira dependem mais de seus agentes do que as capitais do Sul, que conseqüentemente, recebem maior apoio de instituições públicas e privadas, a não ser no Rio de Janeiro, onde os dados demonstram certo equilíbrio entre as alternativas.

Outro dado que corrobora com nossa intenção metodológica de comparar estas capitais, é o fato de que as capitais do Sul recebem menor apoio dos órgãos públicos ligados à área da Cultura do que as outras duas. Deste modo, a valorização da capoeira como patrimônio cultural no Sul, pode se direcionar mais sobre esses órgãos gestores da cultura, tendo em vista as necessidades da comunidade, a possibilidade de construção de uma identidade cultural afro-brasileira positiva, o combate ao racismo e a invisibilidade da cultura de matriz africana nessa região do Brasil.

As perguntas 17 e 18 do formulário de pesquisa, visaram estabelecer relações entre a prática da capoeira e a construção da identidade, ou processos de identificação como sugeriu Hall (1992), e como isso pode afetar a vida do praticante e realçar suas representações. Dentre as alternativas estavam as principais mudanças que a capoeira havia feito, ou não, na vida dos entrevistados, como passar a valorizar a história e a cultura do país; o respeito aos mais velhos e às tradições; a aquisição do “jogo de cintura” ou “gingado” na vida; a atribuição de uma

vida mais saudável, com um corpo atlético e ainda uma opção aberta para opiniões diversas.

O objetivo desta questão foi verificar, primeiramente, se houve mudanças com a prática, caso contrário o entrevistado(a) não responderia a questão seguinte. Para as respostas positivas na questão 17, as alternativas apresentadas na questão 18 procuraram abarcar as principais mudanças relacionadas aos diferentes discursos de identificação presentes na capoeira, segundo as leituras e a visão participante do pesquisador.

A contribuição da capoeira na construção de um processo de identificação com os valores da cultura afro-brasileira é uma das intenções desta pesquisa e, identificar as opiniões dos praticantes ligados ao “jeito de ser”, ou seja, como se percebem, e principalmente, como os outros os percebem, é o cerne da relação capoeira e identificação. Para tanto estão visíveis os dados da Tabela 20, que dizem respeito ao processo de identificação na prática da capoeira. A maioria dos entrevistados de todas as capitais das duas categorias, afirmou que a capoeira modificou o seu jeito de ser, com destaque para Florianópolis com 100% da amostra.

Tabela 20 – A capoeira modificou o seu jeito de ser?

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
sim	100	85,7	94,3	88,9	90,2	95,2	96	91,3
não	–	14,3	5,71	11,1	9,8	4,98	4	8,7

Legenda: P) profissionais; A)alunos.

Desse modo qual identificação estaria mais presente na mente dos capoeiras? Seriam as relativas ao discurso tradicional da capoeira? (história, cultura, velhos mestres, tradição), às opiniões pertinentes ao discurso filosófico da malandragem e da malícia? (“jogo de cintura”, “ginga na vida”) ou a uma visão mais pautada no discurso esportivo? (saúde, corpo atlético). Havia ainda uma opção para esclarecimentos que não se encaixassem nas propostas do pesquisador.

Com relação as principais mudanças, demonstra que Rio de Janeiro e Florianópolis apresentaram os maiores percentuais, 40,% e 36,8%, respectivamente, para a alternativa com resposta aberta, sendo elas as seguintes: “todas”, “sou mais

sábio”, “a capoeira me definiu a vida”, “me sinto uma pessoa mais equilibrada e confiante”, “fiz da capoeira meu ideal e sobrevivo dela”, “as mudanças não vieram após a capoeira, pois nasci capoeira. Porém, após 20 anos vivendo capoeira aprendi a ser como água, adapto-me facilmente às situações cotidianas”, “alimentar minha autoconfiança”, “me manteve e ratificou a educação que recebi” e “vida social mais harmoniosa”. Contudo, ao pensar de que forma essas mudanças ocorrem e a que estão relacionadas, podem ser observados os dados da Tabela 21.

Tabela 21 – Principais mudanças com a prática da capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	21,1	20	33,3	13,9	26,5	28,9	29,2	33,3
2	10,5	13,3	15,4	25	14,3	13,3	22,9	14,3
3	15,8	40	28,2	47,2	14,3	24,4	25	33,3
4	15,8	6,67	10,3	8,33	4,08	8,89	6,25	4,76
5	36,8	20	12,8	5,56	40,8	24,4	16,7	14,3

Legenda: 1) valorizo mais a história e cultura do país; 2) respeito os mais velhos e as tradições; 3) tenho mais “jogo de cintura”, “gingado” na vida; 4) tenho uma vida mais saudável, um corpo atlético; 5) outro; P) profissionais; A) alunos.

Os dados de Curitiba e Salvador demonstraram-se mais heterogêneos do que das outras cidades, sendo que 33,3% e 29,2%, respectivamente, afirmam que a principal mudança é a valorização da história e cultura do Brasil, todavia, 28,2% em Curitiba e 25% em Salvador, afirmam que obtiveram “jogo de cintura” ou “gingado na vida” como principal mudança.

Este dado é o que Passos Neto (2011) aponta ser a característica fundamental do capoeirista, a filosofia da capoeira, ou seja, a malandragem e a malícia para enfrentar as adversidades da vida. Mais um motivo para a valorização da capoeira no âmbito da educação e da cultura no nosso país, principalmente para as populações em situação de risco social, as quais necessitam de muito “jogo de cintura” para sobreviver no sistema.

Para a alternativa de resposta aberta desta questão, ou seja número cinco (outro), foram respondidas em Curitiba as seguintes mudanças: “todas”, “disciplina”, “convívio com a sociedade, a paciência aumentou”, “consciência corporal e sensibilização para o contexto social (classes menos favorecidas no Brasil)”. Em

Salvador os profissionais responderam nesta questão: “relacionamento e sobrevivência cultural e espiritual”, “físico, mental, financeiro, educação”, “pensar com lógica”, “filosofia de vida”, “tenho mais autonomia e certeza no que faço” e “muda seu modo de encarar diversas situações e sempre sorrir!”.

Na categoria **alunos** a principal mudança indicada em Curitiba e Florianópolis foi à aquisição de “jogo de cintura” e “gingado” na vida, do mesmo modo como 33,3% na capital baiana e 24,4% no Rio de Janeiro nesta mesma opção. Outros 33,3% em Salvador indicaram uma mudança em relação à valorização da história e cultura do país, seguidos de 28,9% na capital fluminense.

Para a alternativa de resposta aberta, ou seja alternativa número cinco (outro), foram encontrados apontamentos para a capoeira como instrumento de formação, “preparo adequado para a vida”, outras relacionadas ao sentimento de pertencimento e a filosofia de vida: “faço parte de uma família que busca a liberdade”, “minha visão de mundo é outra” e “outra relação com a realidade”. Respostas semelhantes, ligadas ao desenvolvimento de qualidades físicas ou da saúde: “tenho uma melhor consciência corporal” e “reflexos apurados e melhor velocidade de raciocínio” e “qualidade de vida”. Finalizando as respostas coletadas da categoria **alunos**, para a alternativa número cinco da questão, estão as opiniões de participantes do Rio de Janeiro que permitem outras possibilidades de interpretação, além das supracitadas, tais como: “maturidade”, “atenção”, “respeito e cultura” e “aprendi a me valorizar como negro e descendente de nordestino”. Alguns desses termos podem indicar a transformação nos valores do indivíduo (maturidade, respeito, atenção), já outras palavras demonstram a contribuição da capoeira na construção positiva da identidade cultural.

Na comparação entre Florianópolis e Curitiba com Rio de Janeiro e Salvador é possível afirmar que as cidades polo da capoeira no Brasil, possuem o maior percentual, nas duas categorias – **profissionais** e **alunos** - , relacionado com a modificação no jeito de ser (identificação), após o início da prática, fortalecendo ainda mais, a imagem de capitais com grande representatividade na comunidade da capoeira.

Outro dado que pode contribuir com esta representação é o fato de que na somatória dos percentuais, sobre a valorização da história e cultura do Brasil e do respeito aos mais velhos e às tradições, Rio de Janeiro e Salvador apresentaram valores maiores nas amostras das duas categorias do que Florianópolis e Curitiba.

No entanto, estas capitais, apresentaram dados com maiores percentuais na somatória, relacionados à aquisição de “jogo de cintura”, “gingado na vida”, “uma vida mais saudável e um corpo atlético”.

Para a alternativa aberta desta questão as capitais do Sul apresentaram menor percentual das duas categorias em relação às cidades polo, entretanto a característica predominante das representações em todas as capitais foi a união de todas as alternativas e a contribuição da capoeira para uma vida melhor, seja em aspectos filosóficos, psicológicos, sociais ou físicos.

As perguntas de números 22, 24, 26, 27, 28 e 29 do formulário de pesquisa, estão relacionadas com a imagem da capoeira e como ela, provavelmente, é formada e representada na sociedade. Na pergunta número 22, foi perguntado qual ou quais os meios de comunicação que melhor representam a capoeira, como alternativas foram propostas novamente a televisão, o rádio, os jornais e revistas, a *internet*, a opção por nenhum destes e uma aberta para outra forma que o entrevistado(a) julgasse melhor.

Uma das metas desta questão foi verificar se a *internet*, meio de comunicação mais utilizado pelo IPHAN para a divulgação dos assuntos pertinentes ao registro como patrimônio cultural, estaria entre as opções mais citadas pelos capoeiras brasileiros do século XXI.

A cultura é criada pela e através da comunicação; e os princípios organizacionais da comunicação refletem as relações sociais que estão implícitas neles. É por isso que nós devemos enfrentar a comunicação dentro de uma perspectiva nova e mais ampla. [...] a comunicação é importante para as representações – influencia e é influenciada (MOSCOVICI, 2009, p.155).

Para tanto, estão apresentados os dados da Tabela 22 obtidos com a aplicação do formulário entre os capoeiras das quatro localidades.

Tabela 22 – Meios de comunicação que melhor representam a capoeira

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	20	7,14	28,6	20	10,7	9,3	8	8,7
2	–	–	–	5	–	–	–	4,35
3	–	7,14	5,71	10	12,5	6,98	12	4,35
4	60	21,4	51,4	45	62,5	58,1	68	60,9
5	6,67	50	11,4	15	7,14	14	10	17,4
6	13,3	14,3	2,86	5	7,14	11,6	2	4,35

Legenda: 1) televisão; 2) rádio; 3) jornais e revistas; 4) internet; 5) nenhum; 6) outro; P) profissionais; A) alunos.

Sendo que a maioria dos capoeiristas entrevistados em todas as capitais e ambas categorias, respondeu que a *internet* é o meio de comunicação que melhor representa a capoeira atualmente, com destaque para os 68% dos **profissionais** de Salvador, com exceção dos **alunos** de Florianópolis, os quais 50% acham que nenhuma das opções apresentadas representa a capoeira.

Este dado é importante para a comunidade, haja vista que o governo está priorizando este meio de comunicação para se aproximar dos capoeiristas e divulgar ações concernentes aos assuntos do patrimônio cultural. Realmente a quantidade de *sites*, *blogs*, vídeos e arquivos relacionados à capoeira é enorme nos nossos dias, e deve aumentar ainda mais nos próximos anos.

Todavia, ao relacionar esse dado da Tabela 22, com os dados das Tabelas 16 (Como os capoeiristas ficaram sabendo sobre o registro) e Tabela 17 (Plano de salvaguarda do IPHAN para a capoeira), percebe-se que a *internet* não está sendo utilizada pelos capoeiras para assuntos pertinentes às medidas do sistema MinC/IPHAN para a modalidade, tendo em vista que, a maioria dos entrevistados soube do registro pela comunicação interpessoal (“boca a boca”) e desconhecem a existência do plano de salvaguarda.

A televisão foi citada como segunda melhor opção em Florianópolis e Curitiba, o rádio não foi citado pelos participantes. Para a alternativa com resposta aberta desta questão, ou seja número 6 (outro), foram coletadas as seguintes respostas em Florianópolis: “sei que em todos os meios de comunicação a capoeira é representada, porém não sei qual a pior ou a melhor” e “qualquer um deles podem

representar bem nossa arte, o problema da mídia é quem escreve ou faz a matéria. A veiculação de capoeira na mídia é sempre importante a todos nós desde que seja positiva”.

Em Curitiba e Rio de Janeiro foi respondido que a “roda de rua” é o meio de comunicação que melhor representa a capoeira. Na capital fluminense ainda surgiram respostas como “o próprio capoeira” e “evento”. Houve participantes que selecionaram esta opção, porém não especificaram qual o outro meio de comunicação possível.

A resposta que se repetiu em todas as capitais para a alternativa número seis foi o “boca a boca” ou “comunicação interpessoal”. Em Curitiba e Rio de Janeiro foi priorizada a roda como meio de comunicação: “jogar em lugares públicos”, “roda de rua”, “rodas” e “ela é um meio próprio”. Os “projetos” foram citados na capital paranaense e finalizando com esta resposta coletada em Florianópolis: “qualquer veículo de comunicação é bem vindo - só depende de quem e de que forma a informação será passada!”.

A utilização da *internet* pela comunidade da capoeira é de extrema importância para as novas gerações, dizer isso é desnecessário, porém os mestres mais antigos e/ou aqueles que não têm muito acesso à *internet* podem ficar excluídos neste processo de adaptação da cultura à tecnologia moderna, portanto, novamente, há uma necessidade de pessoas capacitadas na utilização destas ferramentas, para auxiliarem essas minorias, fundamentalmente, na comunicação entre agentes culturais do governo e capoeiristas.

Na questão número 24, foi abordada qual seria a ação mais indicada para representar a capoeira, optou-se por oferecer somente uma alternativa aos entrevistados, visando elencar qual ação estaria como primeira opção dentro de suas idéias de representação. Foram apresentadas as seguintes alternativas: a “roda de rua”, as palestras, as oficinas e aulões, as apresentações e *shows*, os campeonatos, os batizados e encontros e uma alternativa para respostas abertas.

O objetivo da pergunta foi identificar como algumas ações podem auxiliar na compreensão das representações dos diferentes grupos que compõem a capoeira nas capitais investigadas. Na medida em que estas ações são comuns no contexto da capoeira, elas reforçam algumas filosofias e identificações e fazem parte das representações dos capoeiras que as executam, principalmente, considerando as diferentes vertentes pesquisadas: Angola, Regional e “Contemporânea”. Portanto, as

formas práticas de representar a capoeira para a sociedade, foram abordadas na questão que gerou a Tabela 23.

Tabela 23 – Ações para representar a capoeira para a sociedade

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	55	57,1	20	27,8	37,3	52,4	14	21,7
2	10	–	11,4	8,33	17,6	2,38	16	21,7
3	5	14,3	11,4	–	17,6	9,52	12	26,1
4	5	7,14	8,57	8,33	1,96	2,38	16	–
5	–	–	5,71	5,56	–	2,38	–	–
6	25	21,4	40	50	13,7	23,8	30	26,1
7	–	–	2,86	–	11,8	7,14	12	4,35

Legenda: 1) roda de rua; 2) palestras; 3) oficinas e aulas; 4) apresentações e *shows*; 5) campeonatos; 6) eventos (batizados e encontros); 7) outra; P) profissionais; A) alunos.

Através da observação dos dados pode-se dizer que os campeonatos ou competições/jogos foi a ação menos citada entre os entrevistados como forma de representação da capoeira. Considerando que o Rio de Janeiro apresenta maior tradição e representatividade nesta ação, a ausência deste dado nesta capital é interessante. Provavelmente os capoeiras dessa amostra da capital carioca, e de todas as outras que participaram desta pesquisa, não veem maiores benefícios neste tipo de ação para representar a capoeira, mesmo com a iminente pressão da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil em 2016.

Outro dado que teve um relativo equilíbrio nas quatro capitais, com exceção dos profissionais de Salvador, foram as apresentações e *shows* de capoeira. Esta ação também foi pouco citada pelos entrevistados, entretanto, conforme demonstrado anteriormente, Salvador foi precursora neste tipo de produto cultural envolvendo a capoeira, o qual movimenta o turismo na cidade e gera renda para diversos capoeiristas, mas muitas vezes é criticado por alguns mestres, com a justificativa de descaracterização da capoeira.

Uma maior parcela dos **profissionais** responderam em Florianópolis e Rio de Janeiro, que a roda de rua¹⁷ é a melhor ação para representar a capoeira à sociedade, já em Curitiba e Salvador, a maior concentração dos percentuais, foi relacionada aos eventos (batizados e encontros). No caso deste dado uma interpretação plausível, baseada na literatura, nas observações e pesquisas de campo, pode sugerir que pelo fato de Curitiba e Salvador apresentarem rodas de rua que, geralmente, ocorrem casos de violência entre grupos diferentes, os participantes optaram pelos eventos, provavelmente os de grande porte, com a venda de ingressos, participação de mestres de vários estados do Brasil e países, envolvimento das famílias dos alunos e realização em espaços considerados nobres nas cidades, como teatros por exemplo.

O inverso pode ser dito à respeito de Florianópolis e Rio de Janeiro. Não significa que não haja violência em rodas de rua nestas cidades, nem que grandes eventos não sejam realizados, contudo, em relação às outras, o perfil dessas rodas é diferente, sendo escolhido pela maioria para uma representação eficaz da capoeira para a sociedade. Isto pode ser justificado por esses comentários feitos por participantes de Florianópolis e Curitiba, respectivamente: “a roda de rua leva a cultura do povo para o povo e de graça!” e “acho que é esta, quando a roda não é violenta”. Segundo Domínguez (2010, p.13), “além de representar um espaço fundamental para recriar uma arte baseada na improvisação, as rodas de rua são importantes também por contribuir para a divulgação da capoeira”.

Com relação às palestras o Rio de Janeiro apresentou o maior percentual, 17,6%, e Florianópolis o menor, 10%, dado intrigante tendo em vista a influência que a UFSC exerce sobre a comunidade da capoeira da ilha. Com relação às oficinas e aulões, pode ter explicação no fato de que a realização dessa ação no Rio de Janeiro já se tornou emblemática, devido a ações eficazes desse tipo já realizadas

¹⁷ A roda de rua é uma tradição mantida na capoeira atual, pois rememora o passado da manifestação, a qual era praticada majoritariamente nesses locais. Nelas é permitida a entrada de qualquer capoeira externo ao grupo. Também na maioria dos casos joga-se à paisana, ou seja, com a roupa do corpo, o que dificulta a identificação entre os participantes. Quando ocorre a entrada de um jogador desconhecido, em geral ele é “malhado” pelos integrantes do grupo de maior número, seja para manter a rivalidade ou por afirmação do ego, entre outros fatores. Porém as rodas de rua vêm constantemente diminuindo a violência, por representar uma forma de comunicação com o público-alvo e também com possíveis parceiros para o trabalho. Essa mudança de postura é observada em maior intensidade em grupos/escolas de capoeira angola, enquanto a violência é mais acentuada em rodas de rua de grupos/escolas de capoeira regional ou moderna.

lá. Em Florianópolis, tanto pela relação que a comunidade tem com a capoeira, tanto pela menor disponibilidade de espaços, esse dado é menos relevante.

Na categoria **profissionais**, para a alternativa com resposta aberta desta questão, ou seja número sete (outra), foram coletados dados como a aula de capoeira, citada por participantes de Curitiba e Rio de Janeiro, respectivamente: “a aula no dia a dia, muito trabalho” e “ministrar aulas de capoeira através dos agentes”. No Rio de Janeiro surgiram respostas que focaram na roda de capoeira e em “eventos educativos”; “Devemos mostrar a Capoeira de uma outra forma, Jogo, Roda, Shows e etc., as pessoas já conhecem, mostrar a Capoeira mais Pedagógica, com uma outra roupagem, mas é claro, sem descaracteriza-la. Assim, conseguimos abrir um maior campo”.

Na categoria **alunos** os resultados foram semelhantes aos dos profissionais, ou seja, roda de rua em Florianópolis e Rio de Janeiro e eventos (batizados e encontros) em Curitiba, exceto em Salvador, onde houve uma distribuição maior nos valores em torno de batizados/encontros, oficinas e aulões com 26,1% e roda de rua e palestras com 21,7%.

A roda de rua foi citada também como meio de comunicação eficiente para representar a capoeira na discussão da Tabela 22. Ela é muito importante, porém, baseado em observações de campo, não é muito eficaz para mudar as representações sociais do senso comum, ela depende muito do público que se quer atingir. Geralmente, quem observa as rodas de rua, são pessoas que já conhecem a capoeira ou tem alguma afinidade com manifestações culturais afro-brasileiras, formando um ciclo que dificilmente irá abranger novos grupos sociais.

As palestras foram pouco citadas pelos **alunos**, o maior percentual em foi 21,7% em Salvador, sendo que em Florianópolis ninguém escolheu esta opção. Levando em conta a necessidade de contexto histórico, social e cultural, acredita-se que esta é uma ação que pode alterar consideravelmente as representações sociais em determinada sociedade. Sobretudo, se as palestras forem incrementadas com o auxílio de oficinas e aulões, pois desta forma haverá espaço para explorar a riqueza da história da capoeira, seus grupos sociais, seus signos e símbolos, sua cultura e, posteriormente, experimentar pelo corpo uma aula envolvendo alguns movimentos básicos e um pouco do ritmo, das cantigas e dos rituais da capoeira. Desta forma, acredita-se que estará caracterizada uma ação de educação patrimonial, que poderá ser aplicada em escolas da rede pública e privada, mas também em Universidades e

Faculdades, que pelo seu efeito multiplicador, pode gerar novas representações sobre a capoeira no futuro.

A ação de utilizar apresentações e *shows* como forma de representar a capoeira para a sociedade curiosamente não foi citada pelos **alunos** de Salvador, a percepção da futura geração sobre a utilização dessas ações em Salvador, pode tornar-se completamente diferente da atual, num processo de resignificação do valor da apresentação e do *show* de capoeira na cidade, e isto pode promover uma nova objetivação no processo.

Semelhante ao dado discutido na categoria **profissionais**, o campeonato de capoeira somente foi pouco citado pelos **alunos**, corroborando a análise sobre o tema feita anteriormente, sobretudo com a adição do fato de que os alunos não lucram financeiramente com a realização destas competições, pelo contrário, na maioria das vezes, por característica essencial do esporte, onde a exclusão é a regra, para haver um campeão ou campeã, deve haver dezenas, e às vezes, centenas de “derrotados” para justificar estes eventos. Talvez o baixo percentual atribuído pelos alunos a este tipo de ação pode demonstrar a sua irrelevância no processo de valorização pela sociedade, se não por ela, pode ser pelos próprios praticantes.

Novamente em Curitiba os eventos (batizados/encontros) foram citados por grande parte dos **alunos**, 50%, isto pode se dar ao fato também da relação que o aluno tem com este tipo de atividade, por meio da memória, a participação numa boa roda, seja de capoeira angola, regional ou moderna, pode fixar lembranças que fidelizaram este aluno. Portanto a necessidade de sua realização se justifica pela demanda, isto é, o encontro permite troca de experiências, a transmissão do saber e a valorização dos mestres, e o principal, a união de bons capoeiristas proporcionando jogos memoráveis na roda de capoeira, condições ideais para a legitimação deste patrimônio cultural.

Para a alternativa número sete (outra) dessa questão, foram selecionadas as seguintes respostas: “acredito que falta uma organização e parcerias entre os grupos fazendo todos estes eventos em prol de uma coisa maior. A cultura existe por ser coletiva, e acredito que a união e organização garanta a existência e a propagação com qualidade”, coletada em Florianópolis. No Rio de Janeiro foi citada esta: “todas as anteriores acontecem, portanto na minha opinião faltam mais filmes e jogos do tema”.

Na comparação entre as capitais com relação às ações que melhor representam a capoeira para a sociedade, prevaleceram as características regionais, em Florianópolis e Rio de Janeiro, os entrevistados consideram a roda de rua a ação mais importante, já em Curitiba predominou a escolha pelos eventos (batizados e encontros), assim como entre os **profissionais** de Salvador, porém entre os **alunos**, as respostas ficaram divididas entre palestras, oficinas,aulões, roda de rua e eventos (batizados/encontros).

As representações sociais constituem a motivação e a direção das ações práticas dos grupos sociais sobre determinado assunto, desse modo, ao identificar as ações concretas que um grupo executa sobre algo, é conhecer seu universo representativo, por isso, a necessidade de se investigar cada ação mencionada pela comunidade da capoeira.

Na questão número 26 do formulário de pesquisa, foi perguntado se a capoeira tem uma boa imagem no Brasil, como opções apenas as alternativas “sim” ou “não”. O objetivo desta pergunta foi induzir os entrevistados a pensarem a capoeira no contexto do país e perceberem se é possível construir uma imagem da capoeira que se fixe como boa ou positiva no senso comum, considerando que a patrimonialização pelo IPHAN, elevou-a a um novo patamar dentro das manifestações culturais no país.

No que diz respeito à imagem da capoeira no Brasil, apresentam-se os dados da Tabela 24.

Tabela 24 – A capoeira tem uma boa imagem no Brasil?

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P (%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
Sim	80	85,7	71,4	72,2	62,7	90,5	60	69,6
Não	20	14,3	28,6	27,8	37,3	9,95	40	30,4

Legenda: P) profissionais; A) alunos.

A maioria dos participantes das duas categoria afirma que a capoeira tem uma boa imagem no país, com destaque para os **profissionais** de Florianópolis, 80% e **alunos** do Rio de Janeiro, 90,5%. Salvador apresentou o maior percentual para a resposta negativa em ambas as categorias, 40% dos **profissionais** e 30,4% dos **alunos**. Este comentário foi feito por um participante do Rio de Janeiro, e pode

auxiliar na compreensão dos resultados: “sim e não... depende do lugar do Brasil... aqui no Rio de Janeiro, na Zona Sul é bem vista, na norte nem tanto... no nordeste tem muito preconceito... no sul também. É difícil falar de Brasil como um todo”.

Os dados de Salvador, relativos a um maior percentual para a resposta negativa ligado à imagem da capoeira, principalmente dos **profissionais**, pode ter relação com os dados obtidos em outras tabelas, tais como, a Tabela 3 (Renda mensal em salários mínimos), a Tabela 5 (Ocupação profissional), a Tabela 18 (Importância para a cultura local), a Tabela 19 (Opiniões quanto ao apoio para a capoeira), ou seja, a imagem mais latente dos profissionais entrevistados em Salvador, é de desvalorização da capoeira, o que pode explicar em partes, os dados obtidos aqui na Tabela 24.

A quantidade de respostas positivas na categoria **profissionais** é menor do que na categoria **alunos**, esse dado pode ser interpretado pela experiência adquirida com anos de prática dos profissionais, estes, por sua vez, já viajaram para outros estados, capitais e cidades para encontros, eventos e rodas de capoeira, possuindo maior conhecimento para afirmar que a imagem dela no contexto geral da sociedade brasileira não é das melhores como responderam os alunos.

Com base na experiência e nas observações da pesquisa de campo, surge outra possibilidade de interpretação, o fato que os profissionais ao realizarem seus eventos, sejam eles da capoeira angola, regional ou “contemporânea”, encontram muitas dificuldades no apoio financeiro, tanto do poder público quanto do poder privado, como demonstrado na Tabela 19.

Esta dificuldade pode ser atribuída a uma imagem ainda negativa ou pelo menos desvalorizada da capoeira na sociedade brasileira, essa representação, muitas vezes, passa despercebida para os alunos, que tem acesso ao produto cultural final, mas sem o desgaste da produção e gestão necessárias para que a capoeira se desenvolva, é isso que em muitos casos desanima os profissionais de capoeira no Brasil de um modo geral. É também, entre outros fatores, um dos motivos pelo quais, cada vez mais, mestres e professores de qualidade deixam o país em busca de maior apoio e valorização em outros países, pois neste caso, a imagem que a capoeira está construindo lá fora é amplamente mais positiva do que a que temos em nosso território, conforme aponta Passos Neto, (2011).

A médio e longo prazo pode-se dizer que a capoeira será valorizada “de fora para dentro”, como foi o caso de outras manifestações e produtos culturais *made in*

Brazil. Tendo em vista que as classes dominantes, fundamentalmente, as que operam o incentivo cultural no país, como os grandes empresários através do mecanismo da Lei Rouanet, por exemplo, são pessoas que viajam muito pelo mundo.

Seus sistemas de referências sobre a capoeira, suas representações, provavelmente estão sendo lentamente alteradas ao se depararem com rodas em frente à Torre Eiffel em Paris, na *Time Square* em Nova York, na Praça São Marcos em Veneza e tantos outros pontos turísticos e culturais espalhados no globo onde a capoeira já chegou, e observarem a admiração, respeito e apoio que os estrangeiros estão prestando à nossa cultura, pois estes não possuem os preconceitos e estigmas que foram construídos no Brasil.

Já na questão seguinte, número 27, foi perguntado o que poderia ser feito para melhorar a imagem da capoeira no Brasil, isto independente da resposta anterior, porém, novamente optou-se por oferecer apenas uma alternativa válida para a resposta. Dentre elas foi indicado o apoio financeiro do governo e/ou empresas; uma maior união dos mestres, grupos e estilos; ações para melhorar a formação dos profissionais de capoeira e outra opção para respostas abertas.

Contudo, considerando que a maioria dos participantes acredita que a existe uma boa imagem da capoeira no Brasil em geral, optou-se por introduzir algumas ações que possam contribuir para que essa imagem torne-se ainda melhor. O objetivo desta pergunta foi identificar qual é o principal problema que a comunidade enfrenta para alterar a imagem da capoeira na sociedade de um modo geral. Estas alternativas foram propostas com base na revisão bibliográfica sobre a condição recente dela e suas limitações de desenvolvimento.

De um lado, os que são favoráveis à regulamentação da profissão de capoeirista entendem que seria uma forma de se aproximar de uma cidadania mais plena, com uma carteira de trabalho que não escamoteie o fato de que ele é um trabalhador na área da arte-educação. De outro lado, alguns entendem que a regulamentação da profissão e o registro no órgão profissional terminariam por estabelecer condições excludentes para muitos detentores desse saber, que tradicionalmente não se transmite por vias institucionais (DOMÍNGUEZ, 2010, p. 40)

Portanto, a Tabela 25 apresenta os dados referentes às ações que podem realizar essas melhorias, na visão dos capoeiras entrevistados.

Tabela 25 – Ações para melhorar a imagem da capoeira no Brasil

	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P(%) (15)	A (%) (50)	P(%) (25)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)	P(%) (50)	A (%) (50)
1	43,8	52,9	43,6	33,3	33,3	47,6	52	43,5
2	–	5,88	–	2,78	1,96	–	–	–
3	18,8	11,8	25,6	30,6	23,5	31	18	21,7
4	25	5,88	30,8	30,6	29,4	4,76	22	26,1
5	12,5	23,5	–	2,78	11,8	16,7	8	8,7

Legenda: 1) apoio financeiro de governo/empresas; 2) nada pode ser feito; 3) mais união dos mestres, grupos e estilos; 4) melhor formação dos profissionais de capoeira; 5) outro; P) profissionais; A) alunos.

Nas duas categorias grande parte dos entrevistados de todas as capitais, apontou que o apoio financeiro do governo e/ou empresas, é a ação que mais contribuirá para melhorar a imagem da capoeira no país, com destaque para os 52% dos **profissionais** de Salvador e os 52,9% dos alunos de Florianópolis. A segunda opção mais citada em todas as capitais na categoria **profissionais** foi, ações que priorizem uma melhor formação dos profissionais de capoeira, com destaque para os 30,8% dos capoeiras de Curitiba. Ações que possibilitem uma maior união entre os mestres, grupos e estilos de capoeira foi citada, em maior percentual, em Curitiba por 25,6% entre os **profissionais**.

Na alternativa número cinco (outro) desta questão, ocorreram respostas abertas sobre a falta de apoio da “mídia, “ser divulgado de forma positiva pela mídia”. Com relação a políticas públicas e a participação popular ocorreu esta indicação: “a criação de um programa bem estruturado, unindo os grandes mestres ainda vivos, que vise estabelecer conceitos de base e o desenvolvimento técnico na prática e no ensinamento da capoeira, de forma a classificar e diferenciar os praticantes amadores dos praticantes profissionais, para então sabermos onde e como apoiar financeiramente”.

De Salvador vieram duas respostas que indicam ações educacionais para a melhoria da imagem da capoeira no país, como a aplicação da “lei 10.639” e “a implementação de políticas públicas que priorizem a sua prática em todos os níveis de escolaridade”, fortalecendo a noção de educação patrimonial. Na categoria **alunos** também houve essa indicação: “todas as ações surtem bons efeitos, mas as mais importantes serão as ações que descriminalizam a capoeira no imaginário

conservador de ser uma ação violenta, criminalizante e deturpante da condição humana”, “valorização na educação formal - Educação Física”, “matéria obrigatória nas escolas” e “investimento na educação, aplicar as leis 10.639/03 e 11.645/08”.

Na comparação entre as capitais do Sul com as demais, se pode verificar que houve uma unanimidade da maioria dos capoeiristas, das duas categorias e das quatro capitais, na necessidade de maior investimento por parte do governo e empresas para melhorar a imagem da capoeira no país. Este discurso da falta de apoio, recursos financeiros, é bem comum no contexto da capoeira, se por um lado o Estado tem o dever de zelar pela salvaguarda dos bens culturais do seu povo, e assim, justificando investimentos, por outro, os profissionais de capoeira precisam conhecer os meios de obtenção desses recursos e conhecer os deveres para ter acesso a eles.

No caso da relação com as empresas privadas a dificuldade aumenta, pois o gestor cultural, o agente da capoeira, deve levar em consideração que a empresa visa lucrar com o apoio à manifestação cultural, ao mesmo tempo em que, a manifestação deve apresentar características que agreguem valor para ela e a marca da empresa. Nesse caso, pode-se utilizar como exemplo um evento no qual participou-se em caráter duplo, ora como capoeirista aluno, ora como pesquisador acadêmico. Foi realizado em 2011 um Fórum Internacional de capoeira, no Rio de Janeiro, com o objetivo de “reunir os grupos, mestres, professores, alunos e toda a comunidade da Capoeira. Serão ministradas oficinas, palestras, cursos e rodas” (GAZZETTA CITTÁ, web, 2011). O evento contou com a presença de renomados mestres e pesquisadores da capoeira na atualidade, de locais como o RJ, SP, BA, e mestres que atuam na Europa, EUA, entre outros. A estrutura do evento em quatro dias, basicamente contou com várias aulas, alternadas com os mestres presentes, para capoeiristas de ambos os sexos, várias idades, estilos e escolas, de diferentes locais do mundo, estes estavam divididos em categorias de aprendizado: iniciantes, intermediários e avançados. Ao final dessas aulas aconteceram boas rodas com a presença de todos, e neste momento pode-se ver o jogo entre mestres que raramente se encontram na atualidade. No último dia, ocorreram várias rodas nas quais os participantes puderam jogar, trocar experiências e se conhecerem num clima bem amigável, tirando algumas exceções.

Houve também palestras com renomados pesquisadores da capoeira no Brasil como Carlos Eugênio Líbano Soares, Frede Abreu e Nestor Capoeira (aqui

citado como Passos Neto), além é claro, das importantes falas e experiências compartilhadas pela maioria dos mestres que lecionaram durante o evento. Nestas palestras foram abordados temas como a diáspora africana e os elementos fundantes da capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, a presença da capoeira no cotidiano de Salvador, durante o século XIX e XX, e sua formação cultural neste período e as evoluções da capoeiragem no Rio de Janeiro, por meio da filosofia da malandragem, por exemplo.

Os mestres falaram sobre o jogo, o canto, os toques, os fundamentos da capoeira, o que está se perdendo, o que deve mudar, enfim, focaram em sua ampla experiência, passaram um pouco da tradição, do que aprenderam com seus mestres, do corpo do jogo para as futuras gerações.

A conclusão foi que o evento atingiu seus objetivos, e conseguiu reunir um bom número de participantes, na maioria estrangeiros, durante os quatro dias, e que, esta ação teve um caráter bem próximo do que sugere a valorização da capoeira como patrimônio cultural imaterial, tendo em vista que valorizou o saber dos mestres e sua transmissão e a realização da roda de capoeira, elemento fundamental e constituinte deste bem cultural.

Porém, em nenhum momento, pelo menos para a categoria dos avançados, foi mencionado ou discutido o tema da esportivização da capoeira, não foi falado sobre regras, formas de competição e nem da sua inserção e apoio para os jogos olímpicos de 2016. Mas a organização do evento, por investir em uma cobertura televisiva de rede fechada, optou por aproveitar a oportunidade e criar representações sobre a capoeira como esporte olímpico, deste modo, a matéria que foi ao ar apresentou este discurso:

Apresentação artística ou competição por lutas? O futuro mundial da capoeira está em discussão no Rio de Janeiro. Quando inventaram a capoeira os escravos brasileiros não podiam imaginar até onde ele iria chegar. Surgiu da necessidade de libertação, os negros queriam transformar o corpo em arma, mas hoje, essa arte já chegou a mais de 150 países. A capoeira está no mundo inteiro, ao longo dos seus séculos de história, ganhou respeito, superou preconceitos e hoje tem como um de seus maiores desafios, ser reconhecido como esporte olímpico. Capoeiristas de diversas nacionalidades estão no Rio de Janeiro discutindo o assunto. Só que para haver competição tem que haver regras definidas. As alternativas são competições de capoeira com contato físico ou então em formato de apresentação individual mesmo, nesse caso, a avaliação da técnica é feita por um júri, como na ginástica olímpica. O debate está só começando, mas

as gerações querem se unir, para dar futuro no esporte a quem já jogava capoeira mesmo antes de nascer (SPORTV, *web*, 2011).

Volta-se a reiterar que em nenhum momento coletivo do evento, foi mencionado sobre estas formas de competição, “artística ou luta”, pelo contrário, alguns mestres aproveitaram o momento para criticar a massificação dos métodos de ensino e alta esportivização que vem sofrendo a capoeira. A questão das “regras definidas”, “avaliação técnica” ou “júri”, são afirmações que foram, várias vezes contestadas durante o evento.

Mestre Nestor Capoeira abordou este assunto citando a ausência ou limitação de regras nas rodas de “vadiação” do barracão do mestre Waldemar, na década de 1960 em Salvador, quando ele mesmo viu ser servida bebida alcoólica na boca dos tocadores de berimbau durante as tardes de domingo da brincadeira popular neste período. O mestre revelou que em homenagem a esta prática cultural do barracão de Waldemar, realiza eventualmente a “sexta sem lei”, uma roda na qual participam capoeiras maiores de 18 anos, que consomem bebidas alcoólicas antes, durante e depois da roda, num clima de amizade, “vadiação”, lazer e descontração. Após citar esta ação o mestre foi muito procurado por vários jovens capoeiras cariocas que desconheciam esta prática e demonstraram interesse em participar, portanto, o cerne das discussões sobre a capoeira durante o evento passava longe daquelas apresentadas na matéria.

As “gerações” de capoeira, citadas pelo responsável da matéria, realmente se uniram durante o evento, todavia, em nenhum momento discutiram o futuro do “esporte”, mas sim trocaram experiências e vivências que, com certeza, ficarão na memória de todos. Outra leitura que pode ser feita sobre a opção dos organizadores do evento pela intenção do Fórum, está relacionada à falta de apoio que a capoeira, de um modo geral, sofre como manifestação cultural, assim, torná-la um “esporte olímpico” seria uma maneira “a La Bimba” de conquistar maior valorização para a prática, conforme indica o mestre Boneco, conhecido como Beto Simas no meio artístico:

Se nós não tivermos a organização de ser um esporte olímpico, a gente fica para trás, porque todo mundo hoje em dia tá patrocinando, ajudando e suportando os esportes olímpicos. [...] Só que a gente não pode perder a essência, porque senão fica uma coisa limitada,

não fica a capoeira, a arte, que ela é tudo isso junto (SPORTV, *web*, 2011).

Segundo o próprio mestre Boneco a realização do evento ficou comprometida dias antes pela perda de patrocinadores que não chegaram a apoiar a iniciativa, contudo os resultados obtidos com a realização deste evento podem apontar direções, condutas e ações para uma maior valorização da capoeira no futuro, principalmente a salvaguarda como patrimônio cultural.

Mestre Pinatti (Djamir Pinatti) mencionou este objetivo almejado da comunidade: “Esse fórum de hoje é exatamente pra tentar uma união psicológica da classe, pra que a gente possa resolver todas as questões problemáticas e variáveis da capoeira” (SPORTV, *web*, 2011).

Portanto, é possível perceber com esse exemplo que a capoeira ainda é desvalorizada pelas empresas em nossa sociedade, e a comunidade tenta, através de estratégias de cooptação com as mídias e classes dominantes, transformá-la em algo mais aceito. Urge a necessidade, porém, de encontrar meios de atingir este objetivo sem causar grandes alterações na sua constituição, afirmou mestre Boneco, desse modo, a gestão cultural deste patrimônio é de suma importância para os próximos anos, fundamentalmente, no Brasil, e isto perpassa pela forma como seus agentes a definem e representam perante a sociedade, ou seja, manifestação cultural ou esporte olímpico.

Considerando a somatória dos percentuais, foi constatado que Rio de Janeiro e Salvador apresentam maior índice respectivo à questão da união dos mestres, grupos e estilos. Talvez pelo maior número de grupos, associações, estilos e mestres renomados pertencerem a estas capitais, e que na atual conjuntura, ainda não se organizaram politicamente para representar a classe nestes assuntos.

Ações concernentes a uma melhor formação dos profissionais de capoeira foi mais citada em Florianópolis e Curitiba. Este dado pode revelar uma preocupação que aumenta na comunidade da capoeira, pois mesmo não havendo a necessidade de formação superior específica, como em Educação Física, por exemplo, sabe-se que grande parte de instituições de ensino, principalmente, tendem a selecionar os profissionais de capoeira deste modo. Domínguez (2010, p.40) corrobora:

O acesso à escola (particular) para ministrar aulas – tanto no caso de integrarem o currículo, quanto de serem extracurriculares – limita-se,

no entanto, aqueles capoeiristas que têm diploma em Educação Física ou são acadêmicos do curso.

Uma das medidas do plano de salvaguarda para a capoeira visa confrontar essa representação presente na sociedade, na busca da valorização do saber tradicional dos mestres, sobretudo os antigos, para que estes tenham as mesmas condições no mercado de trabalho, do que os jovens capoeiristas formados em Educação Física, por exemplo. Contudo, o crescimento da capoeira no contexto educacional abre e abrirá, cada vez, mais as portas para profissionais que tenham conhecimento prático adquirido no contexto da capoeira, mas também formação em Educação Física, a área do conhecimento que é responsável por essa disciplina no currículo escolar do ensino brasileiro. Portanto uma relação de simbiose entre Capoeira e Educação Física é necessária, para que ambas as partes se beneficiem de seus conhecimentos em favor dos seus agentes e da sociedade.

Os dados da Tabela 3 (Renda mensal em salários mínimos) e Tabela 5 (Ocupação profissional) discutidos anteriormente, auxiliam na compreensão desse problema tendo em vista que a nossa sociedade valoriza mais o conhecimento acadêmico do que o tradicional ou popular. Segundo esses dados das tabelas citadas, os participantes que afirmam possuir as maiores rendas entre os profissionais de capoeira das quatro capitais, ou seja, entre R\$ 3.110,00 e R\$ 6.222,00 mensais, possuem o Ensino Superior completo ou ainda cursando, em 42,9% dos casos para ambos, e 14,2% deles possuem o Ensino Médio completo. Já os participantes que afirmam receber, no máximo, um salário mínimo por mês, possuem o Ensino Fundamental incompleto ou completo, em 37,5% dos casos respectivamente, e 25% têm o Ensino Médio incompleto.

Portanto, fica claro que para aqueles profissionais que desejam melhorar suas rendas trabalhando somente com capoeira, é importante a qualificação, seja por meio de um curso superior em Educação Física, o mais representativo em instituições educacionais, visando ministrar aulas de capoeira em instituições de ensino públicas e privadas, ou outros cursos que possibilitem ao capoeirista tornar-se palestrante ou pesquisador, através das áreas de destaque nas publicações sobre capoeira nos últimos anos, como as Licenciaturas de um modo geral, História, Sociologia, Antropologia, Direito, Administração, entre outras (FALCÃO, 2006).

Contudo a mobilização para a concretização dessas ações investigadas na Tabela 25, que pretendem melhorar a imagem da capoeira no Brasil, visando modificar suas representações pela sociedade em busca da sua valorização como patrimônio cultural, é o maior desafio da comunidade da capoeira na atualidade, mesmo que grande parte dos participantes desta pesquisa considerem que ela tem uma boa imagem no país, sempre há o que melhorar.

A formulação das duas últimas perguntas foi baseada no entendimento das representações sociais como “produto do universo consensual de imagens e idéias difundidas no coletivo” (MOSCOVICI, 2009, p.53). Desse modo ao explorar a idéia proveniente da percepção da capoeira ligada aos termos “positivos” e “negativos”, visou identificar nos participantes as representações em apenas uma palavra nestas duas categorias antagônicas.

Uma vez que a sociedade tenha aceito tal paradigma (novo), ou núcleo figurativo, ela acha fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente (MOSCOVICI, 2009, p.73).

Portanto, através da aplicação do formulário e das entrevistas realizadas em vários contextos da capoeira nas quatro capitais, foram coletados e discutidos os dados, visando compreender não somente as representações sociais e como elas se formam, mas, fundamentalmente, que ações podem ser executadas a partir delas.

Os dados das Tabelas 26 e 27 apresentam as respostas dos profissionais e alunos das quatro capitais relativos às palavras positivas e negativas sobre a capoeira. Foi perguntado aos participantes quais eram as três principais palavras que lhes vinham à mente quando pensavam em capoeira, tanto de forma “positiva”, ou seja, aspectos benéficos pertinentes à prática, quanto de forma “negativa”, ou seja, aspectos maléficos pertinentes à prática. A análise e discussão desses dados pretende servir para sedimentar tudo o que já foi apresentado, auxiliando na identificação das representações sociais sobre a capoeira, pelos seus praticantes de quatro capitais brasileiras.

Como critério de interpretação desses dados, utilizou-se a condição que as palavras deveriam, obrigatoriamente, ser citadas em pelo menos uma das duas categorias em todas as capitais, porém, houve termos que foram bastante citados

em três capitais nas duas categorias e que ficaram fora da tabela, contudo esses dados serão analisados no decorrer do texto. Portanto, através da análise das palavras mais frequentes sobre a capoeira, seja em um contexto positivo ou negativo, pode-se permitir a identificação das principais representações dos entrevistados.

De acordo com Melicio (2009) a TRS é um importante recurso metodológico para compreender as ações de determinados agentes de diferentes manifestações culturais.

Nesse sentido, podemos instrumentalizar a apreensão das representações dos capoeiras, procurando pistas e articulações entre, de um lado, suas práticas e comunicações e, de outro, os conjuntos representacionais comuns que acionam para tornar possíveis as primeiras (MELICIO, 2009, p. 29).

Desse modo as palavras mais citadas pelas duas categorias das quatro capitais, podem ser observadas na Tabela 26. Na categoria **profissionais** em Florianópolis as palavras positivas mais citadas foram “alegria” e “respeito”, “amizade” e “saúde”. Em Curitiba foram “cultura”, “saúde” e “união”. No Rio de Janeiro as que mais se destacaram foram “amizade”, “saúde” e “união”. E em Salvador as principais foram “cultura”, “educação”, “saúde” e “vida”.

As três palavras mais citadas, na somatória, entre os **profissionais** foram “saúde”, “cultura” e “amizade”. Isto pode demonstrar como a maioria dos participantes percebe o valor da capoeira nas relações culturais e sociais, fundamentais, junto aos benefícios físicos, para que o ser humano tenha uma boa saúde. Todos os outros termos apresentados, de certa forma, podem ser agregados a estes três eixos fundamentais, o que demonstra que a capoeira é uma manifestação, segundo seus praticantes, que une as pessoas e proporciona melhor qualidade de vida.

Tabela 26 – Palavras positivas ao pensar em capoeira

Palavras positivas	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P (15)	A (50)	P (25)	A (50)	P (50)	A (50)	P (50)	A (50)
Alegria	6	1	5	8	3	13	5	3
Amizade	5	4	6	9	10	14	4	2
Arte	1	–	–	5	2	2	2	–
Autoestima	–	1	1	–	3	2	3	–
Axé	–	4	3	2	4	9	4	3
Cidadania	1	1	1	–	2	–	2	1
Conhecimento	–	1	3	–	3	3	1	2
Cultura	3	5	7	4	8	6	8	3
Disciplina	1	–	–	2	4	1	3	3
Educação	1	3	5	2	2	–	8	2
Esporte	–	2	1	3	2	1	–	2
Força	1	1	–	1	1	–	2	3
Harmonia	–	1	2	–	1	–	–	1
Liberdade	2	2	3	4	5	7	2	2
Jogo	–	1	1	3	1	2	1	–
Musicalidade	–	1	1	4	–	4	1	1
Respeito	6	2	5	3	6	2	6	6
Saúde	5	1	7	13	16	9	8	10
Socialização	2	4	6	1	4	2	2	2
Profissão	–	1	3	–	2	–	3	–
Tradição	–	1	1	2	4	5	3	2
União	2	1	7	9	11	7	6	7
Vida	1	–	1	1	3	2	9	3

Legenda: P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **alunos** as palavras positivas mais citadas em Florianópolis foram “cultura”, “amizade”, “axé”, e “socialização”. Em Curitiba foram “saúde”, “união”, “amizade” e “alegria”. No Rio de Janeiro as palavras mais lembradas foram “amizade”, “alegria”, “axé” e “saúde”. E as mais mencionadas em Salvador foram “saúde”, “união” e “respeito”. Entre os alunos percebe-se que a socialização e seus

possíveis benefícios, como a saúde, a alegria e o axé proporcionados, fundamentalmente, por uma boa roda de capoeira, foram as características mais mercantes dessas representações.

As três palavras mais citadas entre os **alunos**, pela soma das respostas nas quatro capitais foram, “saúde”, “amizade” e “alegria”. Este resultado permite afirmar que as representações dos profissionais se assemelham às de seus discípulos, ou ainda mais, elas se somam, influenciam, completam para que haja a formação de um conceito.

As três palavras positivas mais citadas, na soma das duas categorias, pelas quatro capitais foram: “saúde”, “união” e “amizade”. Estes termos podem dar uma ideia de como esses agentes representam a capoeira em seus respectivos grupos sociais. Os benefícios para a saúde, desde os aspectos físicos, psicológicos, sociais, até os culturais, formam, por meio da socialização, da união, a representação de uma imagem positiva da capoeira na mente da maioria dos participantes da pesquisa.

Isto significa que, para essa amostra, esses são os argumentos que agregam valor à capoeira, são eles que a justificam como patrimônio cultural e é por meio deles que as ações dos agentes devem estar pautadas, fruto da própria demanda e sem que haja a tão criticada descaracterização. Todavia, alguns termos comumente ligados à temática do patrimônio cultural foram pouco citados pelos participantes, é caso das palavras, “memória” e “patrimônio” ambas citadas somente uma vez por alunos de Salvador e a palavra “identidade”, a qual foi citada uma vez na categoria alunos do Rio de Janeiro e três vezes na categoria profissionais em Salvador. Em Curitiba e Florianópolis não foi encontrada nenhuma ocorrência dos termos ligados ao conceito de patrimônio cultural.

Isto pode auxiliar na comprovação da hipótese levantada pela pesquisa, de que termos ligados ao processo de patrimonialização da capoeira ainda não são utilizados e conhecidos pela maioria dos praticantes investigados. O que num futuro próximo pode ser alterado, tendo em vista o lançamento pelo MinC das metas do Plano Nacional de Cultura, entre elas a elaboração de projetos de duas leis que devem beneficiar a capoeira:

O primeiro projeto trata da “Política Nacional Griô”, para proteger e estimular a transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral. O segundo projeto é o “Programa de Proteção e Promoção dos Mestres e Mestras dos Saberes e Fazeres das Culturas Populares” (BRASIL, *web*, 2012, p.31).

Essas leis pretendem proteger esses conhecimentos e introduzi-los no sistema de ensino por meio da participação direta de seus mestres, e ainda conceder um benefício financeiro para aqueles que têm um reconhecimento da cultura popular, como o edital Viva Meu Mestre de 2010 (MINC, *web*, 2012). Portanto, quanto mais a comunidade da capoeira estiver familiarizada com esses conceitos, termos e processos, mais oportunidades poderão surgir na captação de recursos e na valorização do saber dos mestres. Essas medidas devem ampliar as possibilidades de trabalho para mestres de capoeira de todo o Brasil, pois a transmissão desses conhecimentos está sendo cada vez mais valorizada pelo meio acadêmico, prova disto é que alguns mestres de capoeira já foram reconhecidos Doutores *Honoris Causa* em Universidades no país.

A palavra “luta” curiosamente não foi encontrada de forma positiva na cidade do Rio de Janeiro, e foi pouco citada nas outras capitais, duas vezes pela categoria **alunos** de Curitiba e Salvador, e apenas uma vez, por **profissionais** exceto do Rio de Janeiro. Dado interessante, tendo em vista que no senso comum dos capoeiras brasileiros, esta capital é considerada expressiva na prática da capoeira como luta, o termo poderia ter sido mais presente.

Os termos “ancestralidade”, “filosofia” e “espiritualidade” foram interpretados e adicionados na tabela ao termo “cultura”, o que expressa, de certa forma, a intenção destas respostas pelos entrevistados. Estes três termos não foram encontrados nas duas categorias em Florianópolis, e também em Curitiba, exceto pela palavra “filosofia” citada uma vez por ambas às categorias. Neste sentido, de valorização da capoeira como manifestação cultural, o termo “mandinga”, amplamente utilizado pela comunidade da capoeira para designar a mística da prática, somente foi citado por um **profissional** de Salvador, e o termo “malandragem”, considerado a filosofia da capoeira, foi citado somente uma vez em Curitiba, Rio de Janeiro e Salvador.

Estes dados podem revelar como a essência da capoeira, ou filosofia, ainda não é predominante na amostra pesquisada, tendo em vista que a mandinga, segundo os mestres mais antigos, é o que caracteriza o bom jogador de capoeira, é o que difere a capoeira de uma simples luta ou esporte, é o que confere ao

praticante a visão da subjetividade, é a valorização da memória, identidade, oralidade e tradição nos processos de aprendizagem da capoeira, e a malandragem, é o que permite ao capoeirista portar-se com inteligência perante os desafios da vida, neste caso a falta de apoio, por exemplo (LIMA, 2004; PASSOS NETO, 2011).

Na comparação entre as capitais do Sul, com as outras se pode afirmar que as palavras positivas, “amizade” e “alegria” foram mais citadas nas primeiras capitais, pelas duas categorias, do que nas outras. Já os termos “cultura” e “união” foram mais recorrentes entre Rio de Janeiro e Salvador. A palavra “saúde” foi a mais citada na somatória das duas categorias em todas as capitais.

Uma possibilidade de interpretação surge a partir da palavra cultura, citada em maior número nas capitais polos da capoeira, o que pode indicar uma preocupação maior dos capoeiristas destas cidades em representar a capoeira positivamente deste modo. Já os termos “amizade”, “união” e “alegria”, acredita-se que são semelhantes, portanto não se diferem no contexto regional das capitais, e a palavra “saúde” é a que expressa a representação mais frequente entre os participantes analisados, demonstrando a importância da capoeira como atividade física, social e cultural.

A seguir estão disponíveis na Tabela 27, os dados referentes as repostas dos entrevistados, sobre os aspectos negativos do cotidiano dos capoeiras. Na categoria **profissionais** as palavras negativas mais citadas em Florianópolis foram “ vaidade”, “preconceito”, “violência”, “opressão” e “desunião”. Em Curitiba foram “violência”, “preconceito” e “desqualificação”. No Rio de Janeiro ocorreram com maior frequência os termos “preconceito”, “desunião”, “violência”, “desqualificação” e “ganância.” E em Salvador os capoeiristas citaram mais vezes as palavras “violência”, “desunião”, “desorganização” e “ganância”.

Tabela 27 – Palavras negativas ao pensar em capoeira

Palavras negativas	Florianópolis		Curitiba		Rio de Janeiro		Salvador	
	P (15)	A (50)	P (25)	A (50)	P (50)	A (50)	P (50)	A (50)
Esportivização	3	2	2	1	3	7	7	4
Desonestidade	3	3	8	11	9	5	13	6
Desorganização	1	1	5	6	1	2	2	1
Desqualificação	1	2	9	2	11	1	2	–
Desrespeito	2	–	5	–	6	3	8	6
Desunião	4	4	8	5	14	6	15	2
Desvalorização	3	2	8	4	8	10	8	3
Drogas	1	–	2	–	1	–	1	–
Espetacularização	–	1	–	–	1	1	5	–
Ganância	2	2	6	2	10	4	9	1
Lesão	–	3	1	5	–	10	–	2
Opressão	4	–	2	3	3	4	1	1
Preconceito	5	2	9	5	17	9	10	5
Vaidade	6	–	3	2	7	12	2	3
Violência	4	3	17	16	12	17	20	6

Legenda: P) profissionais; A) alunos.

Na categoria **alunos** em Florianópolis os termos negativos mais citados foram “desunião”, “lesão” e “violência”. Em Curitiba foram “violência”, “desonestidade” e “desorganização”. No Rio de Janeiro foram “violência”, “vaidade”, “lesão” e “desvalorização”. E em Salvador as palavras mais lembradas foram “violência”, “desonestidade”, “desrespeito” e “preconceito”.

As três palavras mais citadas pelas duas categorias em todas as capitais foram: “violência” (95), “preconceito” (62) e empatadas “desunião e desonestidade” (58). A violência na capoeira é um tema que vem sendo estudado por vários autores nos últimos anos. É uma característica que acompanha as feições da luta da capoeira, porém pode ser praticada de forma controlada e racional, conhecida como “jogo duro” pelos capoeiristas, ou até descambar em uma espécie de “capo-jítsu-tai-boxe-greco-romana”, amplamente analisada por Passos Neto (2011).

O autor define como “estratégia de violência” o meio como mestres de grupos do eixo Rio-São Paulo, no período entre 1970 até 1990, utilizaram para conquistar alunos e a hegemonia no mercado. Mestre Nestor Capoeira, como é conhecido no meio, é contemporâneo e participou desta fase da história da capoeira, por isso, tem conhecimento suficiente para realizar uma das análises mais completas sobre a violência, disponíveis na literatura.

Ele indica que o contexto histórico a partir de 1975 influenciou este processo, como a ditadura militar (1964-1984), a violência nas grandes cidades pela desterritorialização, o mercado capitalista e a comercialização da cultura. Contudo, explica que os mestres desse período, se justificavam através da “tradição”, citando mestre Bimba e ações semelhantes nos anos de 1930, ou com discursos de “nivelamento” e “competência”. Passos Neto, descreve como o ensino da capoeira nesta fase, voltou-se exclusivamente para a produção dos “porradeiros”, e como em consequência, o jogo e suas características foram minimizados, cita com detalhes as peculiaridades do fenômeno:

Faziam a cabeça dos alunos de mentalidade limitada, contra os “inimigos externos”;
– ensinavam técnicas de luta; ensinavam os alunos a brigar;
– alguns mestres davam força para que usassem anabolizantes e ficassem imensos;
– ao mesmo tempo, trabalhavam as inseguranças destes jovens alunos, jogando uns contra os outros para que treinassem mais, para que ficassem mais violentos (PASSOS NETO, 2011, p.228).

O final desse período, com a diminuição gradativa da violência a partir de 1990, foi decisivo para a configuração da capoeira nos outros países (mais jogo, menos luta), e a sua “Época de Ouro” no presente século. Finaliza sua análise reforçando que os mestres que criaram estas estratégias, os “porradeiros” ou “teleguiados”, a disputa entre grupos denominados de “inimigo externo”, e o excesso de violência, assim o fizeram de forma totalmente consciente, sendo que, neste mesmo período, essa não era a única alternativa (PASSOS NETO, 2011).

Entretanto, mesmo o autor afirmando que a violência está menor nos nossos dias nas rodas de capoeira, essa representação foi amplamente citada, revelando alguns resquícios daquela fase violenta citada pelo autor. As palavras “agressão”, “brigas” e até “morte” foram somadas à palavra “violência” dentro da Tabela 27. Sobre casos de morte na capoeira, já tiveram sua repercussão na mídia nos anos de

1990, chegando a ser veiculado em telejornais de TV aberta para todo o país, fato que, provavelmente, alterou as representações de muitos sobre os objetivos da capoeira na sociedade.

A violência pode ocorrer dentro do mesmo grupo ou escola, sendo mestres ou professores que agredem seus alunos nos treinos e rodas ou entre os próprios alunos, muitas vezes, estimulados pelos seus mestres. É possível observar claramente a relação entre rivalidade e violência em diversos tipos de eventos de capoeira, sendo mais freqüentes nas conhecidas “rodas de rua”, local onde, geralmente, os grupos se misturam e o fator violência ocorre com maior intensidade no jogo da capoeira.

As palavras “discriminação”, “macumba”, “embranquecimento”, “luta de negro” e “racismo” foram adicionadas como formas de “preconceito”. Essas palavras revelam representações ainda muito presentes em nossa sociedade. A maioria delas diz respeito do preconceito contra a cultura negra, porém o termo “embranquecimento” pode ser interpretado como um preconceito por parte de praticantes de capoeira, geralmente negros, aos praticantes não negros de capoeira.

Para entendermos a enxurrada dessas ofensas no presente devemos tê-las como heranças da hierarquização racial do Século XIX que, por sua vez, foram apropriadas pelo sistema simbólico da cultura brasileira. Para Geertz (1973), é na mente dos indivíduos que a cultura de determinado povo está localizada - um mapa público que orienta as condutas e ações. Geertz afirma ainda que as idéias, os valores e os atos são produtos simbólicos formados e informados pelos significados que fundam a cultura de determinado povo. Tais significados são construídos diacronicamente, isto é, as formas estereotipadas de representação da “raça negra” são oriundas de um sistema escravocrata, no qual os negros cativos viviam em condição inferior aos demais membros da sociedade (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p.268-9).

Uma das respostas foi seguida do seguinte comentário “não somos vândalos, ladrões e nem marginais”. Esta é uma preocupação histórica dentro da capoeira, principalmente em Salvador, onde a presença da cultura afro-brasileira é dominante.

Estes dados foram interpretados por meio da relação entre capoeira e a sociedade, pois dentro da própria comunidade é rara a ocorrência do racismo ou da discriminação pela cor de pele, pelo contrário, ocorre uma valorização da cultura, da imagem, do conhecimento e da História do negro no Brasil. O preconceito pode ser definido como “o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior

ponderação ou conhecimento dos fatos” (GUEDES e MORAES apud. BERND, 1994, p.9). Segundo Magnoli (2009, p. 21),

A cor da pele, a mais icônica das características ‘raciais’, é uma mera adaptação evolutiva a diferentes níveis da radiação ultravioleta, expressa em menos de dez dos cerca de 25 mil genes do genoma humano.

Esse racismo que dizem sofrer ainda os capoeiras está presente em toda nossa sociedade como forma de organização do sistema e no setor da cultura ele é ainda mais latente.

Em suma, a raça, como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e espaço), o racismo caracteriza todas as sociedades capitalistas multirraciais contemporâneas (HASENBALG, 2005, p.124).

Deste modo, a presença do termo “racismo” por parte de mestres, professores e alunos de capoeira, em maior parte no Rio de Janeiro e Salvador, é um dado importante para ser investigado. Na capital fluminense a população residente, segundo dados do IBGE (web, 2010) é de 6.320.446 pessoas, desses apenas 11,4% declaram-se como pretos ou pardos, classificação definida para “cor ou raça” pelo órgão de pesquisa. Contudo, considerando a entrada de africanos na cidade no período do Império, a expansão dos seus descendentes ao longo da história do local e observando a presença de negros por toda a cidade durante a pesquisa, é difícil aceitar que esse pequeno percentual da população residente seja negra ou descendente.

Em Salvador, onde a maioria da população, 79,4% dos 2.675.656 de habitantes segundo o IBGE (web, 2010), é negra ou descendente, é visível o orgulho e a identificação que a maioria da população possui com os elementos da cultura afro-brasileira. No entanto, se existe discriminação racial por parte das sociedades carioca e soteropolitana em relação aos capoeiras, o poder público, a iniciativa privada e as ONGs, através de políticas públicas culturais, ações de mecenato ou patrocínio, projetos sócio educacionais, têm o dever de reparar e extinguir esta incoerência que ainda persiste no Brasil.

O fator da violência na comunidade da capoeira, citado 95 vezes, é na maioria dos casos, o responsável também citada “desunião”, 58 vezes, desse modo, ao combater a violência nas rodas de capoeira, os agentes resolveriam, em grande parte, o problema da desunião, o qual enfraquece a atividade. Outras palavras como “rivalidade”, e “intriga” foram interpretadas como formas de “desunião” e assim, adicionadas nesta classe na Tabela 27, contudo, foram muito citadas pelos participantes de todas as capitais.

A “ganância” foi interpretada para aglutinar termos como “aulão”, “comercialização”, “cordéis”, “inveja” e “workshop”, no sentido de que estas ações, ou produtos e serviços, ocorrem no contexto da capoeira, majoritariamente, visando o lucro de seus organizadores e por meio delas, muitas vezes, podem ocorrer situações envolvendo dinheiro e a citada “desonestidade” (58 vezes). Sobre este tema de poder e contexto histórico na capoeira, Passos Neto afirma que:

Esta geração, que é a minha (Nestor), criou um modelo de infraestrutura de grupo e de academia, que já era um desenvolvimento dos modelos criados por Bimba, Pastinha e outros. Parte desta infra eram as relações de poder:

- as relações de poder entre mestre e alunos (que inicialmente eram quase da mesma idade), baseada numa hierarquia rígida, como nas Forças Armadas, ou nas artes marciais orientais;
- as relações, e jogos de poder, entre professores de um mesmo grupo que, a partir aproximadamente de 1975, começaram a ficar cada vez mais competitivas, semelhante aos relacionamentos dos altos executivos de uma grande empresa capitalista;
- e as relações de poder entre mestres de grupos diferentes, que se tornaram tão competitivas ao ponto de dificultar seriamente um relacionamento amistoso entre alunos de academias, ou de estilos, diferentes (PASSOS NETO, 2011, p.185).

As palavras a seguir foram interpretadas e adicionadas a questões de “desonestidade” amplamente citadas pelos participantes, são elas: “falsidade”, “falsos mestres”, “mestre de aeroporto”, “malandragem” e “malícia”. Durante as observações realizadas nas pesquisas de campo, foi possível constatar que outro importante motivo da desunião entre mestres/grupos/vertentes de capoeira é a “desonestidade”, citada negativamente nesta Tabela 27, 58 vezes na soma das categorias e capitais. Este é um fator que, segundo os mestres, atrasa o desenvolvimento da capoeira como profissão, tirando-lhe a credibilidade perante os alunos e a sociedade. Alguns podem dizer que isso tem relação com a malandragem

ou malícia, ou seja, a filosofia da capoeira, aqui também citadas negativamente. Porém Passos Neto (2011) deixa bem claro em sua complexa análise sobre esse assunto, que a malandragem não é sinônimo de desonestidade ou “pilantragem” como foi citado pelos participantes, mas sim um estado de “espírito”, um modo de viver a vida e encarar as situações boas e ruins que todos passamos.

Assim ao passo que a comunidade da capoeira se organiza e deseja à profissionalização, esse critério da desonestidade deve ser repensado e combatido, para que a manifestação possa atingir melhores níveis de valorização como bem cultural. Na comparação entre as capitais a característica mais evidente foi à citação da palavra violência em maior número por ambas as categorias em todos os locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira representa, entre tantas coisas, a resistência cultural dos africanos, mestiços, nativos, brasileiros e até estrangeiros durante tantos anos de obstáculos na história do nosso país. Sua presença no passado do Brasil assume contornos de alto valor para a construção da memória e identidade do povo brasileiro e é muito mais do que um esporte, dança ou jogo; representa uma antiga manifestação cultural afro-brasileira que contribuiu, modificou, afetou, construiu e participou de momentos importantes da nação, como nas esferas militar, política e cultural, ora se opondo ao sistema vigente, ora se aliando a ele para obter vantagens.

A defesa dessa manifestação passa invariavelmente pela ação dos mestres e discípulos em um momento importante da sua trajetória, pois mais uma vez o Estado entrou oficialmente no nosso “campo de mandinga”. Basta o tempo para saber se entrou para jogar junto, cantando, tocando, colocando axé ou se veio para tentar atrapalhar a roda.

As representações sociais quanto à capoeira nesta pesquisa foram influenciadas, em maior intensidade, pela filosofia da vertente praticada pelos capoeiristas, pelo contexto histórico de cada capital e pelos grupos sociais, atrelados a seus respectivos mestres. Encontraram-se diferentes perfis para a composição dos grupos sociais com relação à renda, à idade, a gênero, à escolaridade e à ocupação profissional, porém, segundo as respostas dos entrevistados, não foi possível determinar um grupo distinto do outro no que se refere aos dados coletados. A interferência dos mestres e professores sobre seus alunos e sua comunidade é de grande importância, já que as representações são construídas por intermédio dessa relação.

Essa afirmação pode ser corroborada com o entedimento de grande parte dos entrevistados na definição da capoeira como uma manifestação cultural de origem afro-brasileira, sobretudo por parte dos angoleiros, exceto pelos alunos de Curitiba, que opinaram, em maior grau, pela origem brasileira, talvez por influência do discurso da capoeira “contemporânea”, vertente mais citada na referida capital, onde a capoeira é um esporte nacional.

O registro da capoeira sob o aspecto de patrimônio cultural imaterial brasileiro levantou desconfiança por parte da comunidade capoeirística e ainda é encarado como algo irrelevante. Afinal, suas implicações ainda não estão bem claras para a maioria dos entrevistados, de forma mais visível no que diz respeito aos compromissos assumidos pelo sistema MinC/Iphan na salvaguarda do bem cultural, tendo em vista que grande parte dos pesquisados não conhece o plano de salvaguarda nem suas respectivas medidas.

Todavia, em todas as capitais os entrevistados, mestres e alunos, demonstraram amplo conhecimento sobre a importância da capoeira para a cultura, a identidade e a memória. Eles também evidenciaram sua relevância para a vida, educação, saúde e cidadania. No entanto, grande parte deles nas quatro capitais sente dificuldade em identificar a estrutura de apoio ao patrimônio cultural na sociedade, ao mesmo tempo que solicita maior apoio do governo e de empresas, embora continue buscando nos próprios praticantes o financiamento das atividades.

A *internet* foi citada como o meio de comunicação mais eficiente na representação da capoeira e, de fato, aparenta ser um veículo de rápida propagação dos acontecimentos e das novidades no mundo da capoeira. Sua utilização pode ser uma ferramenta para a divulgação da capoeira como patrimônio cultural, contudo o boca a boca foi a forma mais usada para se saber do registro, talvez fruto da tradição da oralidade presente nas manifestações culturais afro-brasileiras, ou porque a grande mídia, televisão, rádio, jornais e revistas, pouco ou quase nada influi sobre a comunidade da capoeira.

Como a melhor ação para se representar a capoeira para a sociedade, em Florianópolis e no Rio de Janeiro a roda de rua foi a escolhida entre os profissionais e alunos. Já em Curitiba e Salvador a resposta mais encontrada, em ambas as categorias, foram os eventos, como os batizados e encontros, com o detalhe do mesmo percentual, e 26,1% dos alunos em Salvador optaram pelas oficinas e pelos aulões. Isso indica como o contexto histórico das capitais, relacionado as suas vertentes e a seus mestres mais relevantes, influi nas representações desses capoeiras, conforme os dados exibidos na tabela 25 e o conteúdo do segundo capítulo desta dissertação.

É possível garantir que os grupos de capoeira angola estão, até o momento desta averiguação, mais familiarizados com o discurso da capoeira como patrimônio cultural, seja por meio de suas ações internas, seja de maneira especial por suas

ações externas, como as formas de buscar apoio nos órgãos gestores da cultura e as articulações sociopolíticas em movimentos sociais.

Entretanto, aos poucos se percebe que os grupos de capoeira regional e “contemporânea” também procuram incluir o termo cultura em suas ações e ampliar as possibilidades de transmissão dos conhecimentos no tocante à capoeira em seus eventos, ainda que isso seja menos evidente do que com os angoleiros. Os entrevistados da capoeira regional de Salvador mostraram-se preocupados em destacar o caráter cultural da respectiva vertente, porém em virtude das diversas variações que ela sofre nas quatro capitais, suas representações se assemelham às dos entrevistados praticantes da capoeira “contemporânea”. Já uma grande parcela da capoeira “contemporânea” preocupa-se com a organização e expansão da modalidade como esporte, haja vista a realização de competições cada vez maiores e os esforços visando à possível participação figurativa dela nos jogos olímpicos de 2016.

O preconceito e o racismo, historicamente atrelados às manifestações culturais de origem afro-brasileira, ainda estão presentes nas representações dos entrevistados, de modo específico considerando que foi a segunda palavra negativa mais citada na soma das duas categorias em todas as capitais, ou seja, 62 vezes.

Além disso, foi observado que a violência, a rivalidade e a desunião entre as lideranças e por conseguinte entre os alunos da capoeira nas capitais investigadas é um fator de limitação do crescimento e desenvolvimento da arte, pois a transmissão dos saberes e o encontro de diferentes linguagens e abordagens, assim como a frequência e o desenvolvimento das rodas, é fundamental para a salvaguarda do bem. Logo, ações que priorizam a organização da capoeira como uma manifestação cultural unida, não importando a filosofia, o estilo ou a vertente do praticante, são de extrema importância para o benefício de todos os envolvidos.

Nota-se que a conscientização sociopolítica de certos grupos e escolas de capoeira necessita ser ampliada para a grande comunidade, pois as medidas tomadas pelos governos envolvendo políticas públicas levam em consideração a pressão, o peso e a relevância do grupo solicitante. Um exemplo disso foi a realização dos encontros Pró-Capoeira para a discussão de temas importantes no tocante à salvaguarda. Uma mobilização política unificada pode ser a solução na cobrança dos benefícios adquiridos pela capoeira após o seu título de patrimônio cultural.

Como resultado desta pesquisa, pretende-se contribuir para que a comunidade da capoeira possa verificar suas representações sociais, seus conhecimentos e suas ações sobre a sua atividade e também, se possível, instrumentalizar os praticantes para melhor compreenderem os discursos e processos oriundos do Estado relacionados com a capoeira, principalmente acerca de medidas sobre a salvaguarda do patrimônio cultural.

O objetivo deste trabalho foi atingido. Esperamos dar continuidade ao processo de salvaguarda mediante a ligação entre o saber acadêmico, o saber cultural e popular existente na capoeira e as políticas públicas, para que um dia possamos viver num país que realmente valorize uma de suas mais importantes manifestações culturais e que as pessoas a conheçam e deem a ela o que ela merece, como disse o famoso mestre Pastinha.

Se a capoeira algum dia se tornará um esporte olímpico, ainda não se sabe. Fato é que ela consiste em um patrimônio cultural imaterial brasileiro e está amparada pela legislação vigente, além de sua prática efetiva ser constituída e registrada como roda de capoeira e sua transmissão ocorrer por conta do saber dos mestres. Isso não precisa mudar para ser chamada de capoeira. Portanto, merece mais apoio de instituições públicas e privadas e visibilidade na mídia no país.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. Ensaio. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 265-280, out./dez. 2011.

ABREU, Frederico José de. **Macaco Beleza e o Massacre do Tabuão**: Capoeiras, Bahia, século XIX. Salvador: Barabô, 2011. v. 2.

_____. **O barracão do mestre Waldemar**. Salvador: Zarabatana, 2003.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro. **Estudos Cebrap**. São Paulo: Cebrap, n. 21, p.17-50, jul. 1988.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo (Orgs.). **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Brasília: Tecnopolitck/Centro Moscovici, 2011.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; MANSA, Cobra (Cinésio Feliciano Peçanha). A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p.14-21, mar. 2008.

BARBIERI, Cesar Augustus S. (Org.). **Capoeira nos JEBs**. Brasília: Programa Nacional de Capoeira, Centro de Informação e Documentação Sobre a Capoeira, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Educação Física. Brasília: MEC, 1998. v. 3.

BRUHNS, Heloísa Turini. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Motrivivência**, p. 27-43, dez. 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: Unesco/Educarte, 2008.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana**: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985). Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

_____. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

CAVALCANTI, Nireu. Crônicas do Rio Colonial: o capoeira. **Jornal do Brasil**, caderno B, p.2, 13 nov. 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1989.

_____. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

COSTA FILHO, Geraldo (Mestre Gegê); SILVA, Paulo Sergio da (Mestre Paulão); MENEZES, Antônio Carlos de (Mestre Burguês). Cronologia da capoeira? **Revista Muzenza Grupo de Capoeira**, Rio de Janeiro, n. 4, 2009.

COUTINHO, Daniel. **O ABC da capoeira Angola: os manuscritos do Mestre Noronha**. Brasília: Defer/Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (Cidoca/DF), 1993.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DECANIO FILHO, Angelo Augusto. **A herança de Pastinha**. 2. ed. Salvador: Editoração do autor, 1997. v. 3. (Coleção São Salomão).

_____. **Transe capoeirano: um estudo sobre estrutura do ser humano e modificações de estado de consciência durante a prática da capoeira**. Salvador: Editoração do autor, 2002. v. 5. (Coleção São Salomão).

DIAS, Luiz Sérgio. **Quem tem medo da capoeira?** Rio de Janeiro, 1890-1904. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentário e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.

DOMÍNGUEZ, María Eugenia. **Rodas de capoeira: arte e patrimônio em Florianópolis**. Florianópolis: Contraponto, 2010.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo (Orgs.). **Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada**. Florianópolis: Lagoa, 2007.

FARIAS, Rodrigo da Costa; GOELLNER, Silvana Vilodre. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.2, p.143-55, abr./jun. 2007.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. A capoeira em Florianópolis: um resgate histórico. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.2, p. 13-18, jun. 2003.

FREGOLÃO, Mario Sergio. **A capoeira na história local: da velha Desterro à Florianópolis de nossos dias**. 2008. Monografia (Graduação em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, jul. 2008.

FUNARI, Pedro P. A.; PELEGRINI, Sandra de C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Resenha. História do esporte. TERRET, Thierry. Histoire du Sport. Paris: Presses Universitaires de France, 2007. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 8, n. 2, p.174-186, maio/ago. 2010.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUEDES, Sandra P. L. de C.; FINDLAY, Eleide A. G. **Hospital público é assim mesmo!** Representações sociais sobre um hospital público no final do século XX. Joinville: Editora Univille, 2003.

GUEDES, Sandra P. L. de C.; FINDLAY, Eleide A. G.; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs.). **Aula show história cantada: samba e escravidão**. Joinville: Editora Univille, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Luperj, 2005.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LOPES, André Luiz Lace. **A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermann**. Rio de Janeiro: Europa, 2002.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2009.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATHEWS, Gordon. **Cultura global e identidade individual**. Bauru: Edusc, 2002.

MELICIO, Thiago Benedito Livramento. **Mundos que a boca come:** representações e produção de modos de ser na alteridade do capoeira. 175 f. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MELLO, Diego Fernandes de; SILVA, Marcelo Moraes e. A capoeira no contexto do estado novo: civilização ou barbárie? **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, v.9, n.13, jul./dez. 2008.

MENEZES, Antônio Carlos de (Mestre Burguês). Capoeira Angola na visão do Mestre Burguês. **Revista Muzenza Grupo de Capoeira**, Rio de Janeiro, n. 4, p.16-18, 2009.

MOSCOVICI. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOURA, Jair. **A capoeiragem no Rio de Janeiro através dos séculos.** Salvador: JM, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia L. **Cultura é patrimônio:** um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PASSOS NETO, Nestor Sezefredo dos. **Capoeira:** a construção da malícia e a filosofia da malandragem – 1800-2010. Rio de Janeiro, 2011. No prelo.

_____. **Capoeira:** os fundamentos da malícia. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Jogo corporal e comunicultura:** a capoeira como fenômeno civilizatório com real aptidão comunicativa e transcultural. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PEDRO, Joana Maria *et al.* **Negro em terra de branco:** escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO, Liliana; NOVICKI, Miguel; MASCARELLO, Magda Luiza *et al.* **Curitiba entra na roda:** presença(s) e memória(s) da capoeira na capital paranaense. Curitiba: edição do autor, 2010.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora:** vultos e fatos populares. Salvador: Livraria Progresso, 1946. v. 3.(Coleção de Estudos Brasileiros, 1.)

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola ensaio sócio-etnográfico.** Salvador: Itapoan, 1968.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 52, p.1-12, dez. 2003.

SILVA, Bruno Emmanuel Santana da. **Menino qual é teu mestre?** Capoeira pernambucana e as representações sociais dos seus mestres. Dissertação

(Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D'África, o príncipe do povo**: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física: uma história que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 1, p. 131-145, set. 2001.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. 555 f. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. **“A negregada instituição”**: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994. (Coleção Biblioteca Carioca.)

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v.34, p. 81-121, 1998.

Artigos científicos e textos em meio eletrônico

ABIB, Pedro. **A postura política do capoeira**. 15 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.portalcapoeira.com>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

_____. **Capoeira baiana divulga manifesto**. 5 out. 2010. Disponível em: <<http://www.portalcapoeira.com>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

AÇÃO CULTURAL. **À comunidade capoeira e conhecedores do edital Capoeira Viva 2007**. Disponível em: <<http://consorcio-cultural.blogspot.com/2009/04/comunidade-de-capoeira-e-conhecedores.html>>. Acesso em: 20 set. 2010.

ALTMAN, Fábio. A arte da entrevista. São Paulo: Scritta, 1995. **Madame Satã**. Entrevistado por Sergio Cabral, Paulo Francis, Millôr Fernandes, Chico Júnior, Paulo Garcez, Jaguar e Fortuna. Originalmente publicado no jornal *O pasquim*, de 5 maio 1971. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/MadameSata.htm#>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

BRASIL, Ministério da Cultura. **As metas do Plano Nacional de Cultura**. jun. 2012. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

_____. Capoeira dá a volta por cima. **Correio da Bahia**, 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/07/14/capoeira-da-a-volta-por-cima/>>. Acesso em: 5 ago. 2010.

_____. **Edital Capoeira Viva 2006.** Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/03/capoeiraviva-2006_regulamento.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2010.

_____. **Edital Capoeira Viva 2007.** Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/04/02/edital-capoeira-viva-2007-2/>>. Acesso em: 5 ago. 2010.

DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Confef, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

DIAS, Adriana Albert. Os “fiéis” da navalha: Pedro mineiro, capoeiras, marinheiros e policiais em Salvador na República Velha. **Afro-ásia**, n. 32, p. 271-303. 2005. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia32_pp271_303_CapoeiraAdriana.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Contribuições dos grupos de pesquisa e dos eventos científicos para o registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial do Brasil.** 2006. Disponível em: <<http://www.laced.etc.br/pdfs/artigo%20Falc%E3o.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

GAZZETTA CITTÁ. **Rio Capoeira 2011.** Disponível em: <<http://citta-america.com/blog/rio-capoeira-2011/>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

_____. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Cadastro nacional da capoeira.** 26 abr. 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=16590&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em: 28 maio 2012.

_____. **Capoeira:** informações básicas visando a abertura de processo de registro. 19 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000.** 4 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Dossiê inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil.** Brasília, 2007. Disponível em <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Educação patrimonial.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **II Encontro de Educação Patrimonial discute diretrizes para criação de política nacional.** 18 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 12 maio 2012.

_____. **Patrimônio imaterial.** 12 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Recomendação Paris.** 15 nov. 1989. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

_____. **Resultado final do Prêmio Viva Meu Mestre.** Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 3 set. 2011.

LEMLE, Marina. Maestria reconhecida: mestres festejam o registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 21 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/maestria-reconhecida>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

MORAES, Mestre. **Caros malungos, acordemos!** Disponível em: <<http://mestremoraes-gcap.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

_____. **Sem bola de cristal.** Disponível em: <<http://mestremoraes-gcap.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

NUNES, Raquel Pereira Alberto. Barravento: um filme, duas histórias. Cine Brasileiro. **Razón y Palabra**, n. 76, maio/jul. 2011. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

PRÓ-CAPOEIRA. **Encontros pró-capoeira.** Disponível em: <<http://www.encontrosprocapoeira.org.br/>>. Acesso em: 20 out. 2010.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3. **Anais...** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br>>. Acesso em: 16 set. 2011.

SOUZA, Daiane. Fundação Cultural Palmares assume Grupo de Trabalho Pró-Capoeira. 2012. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/2012/05/fundacao-cultural-palmares-assume-grupo-de-trabalho-pro-capoeira/>>. Acesso em: 15 maio 2012.

SOUZA, Marcilene Lena Garcia. **Curitiba que poucos querem ver.** 17 maio 2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=766845>>. Acesso em: 15 out. 2010.

SPORTV. **Capoeira tenta mudar regras para se transformar em esporte olímpico.** Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2011/07/capoeira-tenta-mudar-regras-para-se-transformar-em-esporte-olimpico.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA (Unama), Núcleo de Educação a Distância. **Balas de estalo.** 14 mar. 1885. Disponível em:<<http://www.nead.unama.br>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

VASSALO, Simone Ponde. O registro da capoeira como patrimônio imaterial: novos desafios simbólicos e políticos. **Educação Física em Revista**, v.2, n.2, 2008. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewPDFInterstitial/977/841>>. Acesso em: 15 set. 2010.

Filmes, documentários e vídeos

GOULART, Luiz Fernando. **Mestre Bimba: a capoeira iluminada.** Direção: Luiz Fernando Goulart. Roteiro: Luiz Carlos Maciel. Documentário sobre Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba. Lumen Produções; Fernando Attayde; Publytape. 1 filme (78 min.), son., color., 35mm., 2005.

LIMA, Lucia Correia. **Mandinga em Manhattan.** DOCTV II, Bahia. Direção: Lázaro Faria. Consultoria: Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Coprodução: XFilmes, TVE Bahia, Fundação Padre Anchieta e TV Cultura de São Paulo. 1 filme (55 min.), 2004.

MURICY, Antônio Carlos. **Pastinha! Uma vida pela capoeira.** Direção: Antônio Carlos Muricy. Roteiro: Antônio Carlos Muricy, Maria Tereza Rocha, Emiliano Ribeiro. Documentário sobre Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha. Raccord Produções. 1 filme (56 min.), son., color., 35mm., 1998.

MUZENZA DVD. **Capoeira – Uma Arte disfarçada em Luta.** Grupo Muzenza de Capoeira. Curitiba. Produzido por: Editora DT, Revista Praticando Capoeira. Direção: Mestre Burguês. 2001.

PORTALSBTSC. **Batendo tambor (04/04/2012)** - Comentário de Luiz Carlos Prates. Categoria: Animais, Tags: SBT, scc, Prates, Licença: licença padrão do *You Tube*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=k9oXTgwtvi4>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

TVUFBA. **Especial Capoeira parte I.** Produzido em 2008. Disponível em: <<http://www2.tv.ufba.br/video/338-especial-capoeira-parte-i>>. Acesso em: 02 set. 2010.

CDs/DISCOS

BIMBA, Mestre. **Curso de Capoeira Regional.** Faixa 16, Salvador, Fundação Mestre Bimba- FUMEB, 2002. CD.

TRAIRA, Mestre. **Capoeira da Bahia.** Faixa 1, Salvador, produzido por Roberto Batalin, Ed. Xauã, 1963. LP.

ICONOGRAFIA

CAMPOS, César Câmara Lima. A capoeira: “typos e uniformes dos antigos Nagoas e Guayamús”. **Revista Artística, Científica e Literaria Kosmos**, Rio de Janeiro, ano 3, n.3, mar. 1906. Disponível em: <<http://www.capoeira-palmares.fr>>. Acesso em: 12 set. 2010.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Jogar capoëra ou danse de la guerre**: viagem pitoresca através do Brasil (1835). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&use=cso&rn=1&disp=card&sort=off&ss=22294503&arg=capoeira>. Acesso em: 2 set. 2010.